UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

Das Narrativas Verdadeiras, de Luciano de Samósata:

Tradução, Notas e Estudo

LUCIA SANO

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas

e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Letras

Clássicas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do

título de mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Adriane da Silva Duarte

São Paulo, julho de 2008

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Aos meus pais

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar o romance grego λληθῶν Διηγημάτων, Das

Narrativas Verdadeiras, de Luciano de Samósata (125-180 d.C.), considerando os objetivos

expostos pelo autor no proêmio do texto e sua composição por meio da alusão a outros gêneros

literários. Apresenta-se também uma tradução do texto em português.

Palavras-Chave: Luciano de Samósata; ficção; romance antigo; paródia; narrativa de viagem.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze the greek novel $\lambda \lambda \eta \theta \tilde{\omega} v \Delta \iota \eta \gamma \eta \mu \dot{\alpha} \tau \omega v$, True

Histories, by Lucian of Samosata (circa 125-180 AD), regarding the aims exposed by the author

in the prologue of the text, as well as its composition made by alluding to other literary genres. A

Portuguese translation of the novel is also provided.

Key-Words: Lucian of Samosata; fiction; ancient novel; parody; travel narrative.

2

AGRADECIMENTOS

À Fapesp, pelo auxílio concedido;

À Professora Dra. Adriane da Silva Duarte, minha orientadora desde que esta dissertação começou a despontar, ainda na graduação, quando eu mal conseguia reconhecer verbos e nomes em grego, pelas importantes sugestões e também pelo incentivo e compreensão, sobretudo;

À Professora Dra. Maria Celeste Consolin Dezotti, que esteve na banca de qualificação e fez observações cuidadosas sobre o texto; ao Professor Dr. Christian Werner, pelo mesmo motivo e pela valiosa amizade;

À Professora Dra. Elaine Sartorelli, à Professora Dra. Maria del Carmen Cabrero, ao Professor Dr. Jacyntho L. Brandão, ao Professor Dr. João Angelo Oliva Neto, ao Professor Casper de Jonge, ao Professor John Marincola, a Érica M. Angliker, a Alexandra Moraes e a André L. Lopes, por sua solicitude;

Por fim, à minha irmã Nara e aos amigos Alexandre Agnolon, Alisson A. Araújo, Camila Zanon, Lana Lim, Milena Faria, Renata Ribeiro, Roberto Luis Souto, Valéria Pereira e especialmente a Erika Werner, Flávia Vasconcellos Amaral e Izabella Lombardi. Por tudo - coisa demais para se dizer.

Índice

-	Tradução:
	Das Narrativas Verdadeiras: Primeiro Livro
	Das Narrativas Verdadeiras: Segundo Livro
_	Introdução p. 39
_	Estudo:
	Primeira Parte: O Proêmiop. 48
	1. Da oportuna utilidade de Das Narrativas Verdadeiras
	para o seu leitorp. 53
	2. Das características de <i>Das Narrativas Verdadeiras</i>
	3. Ctésias de Cnido e Iâmbulo: modelos literários condenáveis
	4. Transformando a Βωμολοχία
	Segunda Parte: A Narrativap. 85
	1. Viagem p. 89
	1.1 Etnografia
	1.2 Uma Viagem à Lua
	2. Odisseu, modelo heróicop. 11
	3. Guerra
	3.1. A formação dos exércitos
	3.2. A descrição da batalha
	3.3. O tratamento dos vencidos
	4. O Mundo dos Mortos p. 14
	4.1 As ilhas
	4.2 A bem-aventurança
	4.3 Os habitantes n. 15.

-	Conclusão	p. 163
_	Referência Bibliográfica	p. 165

Das Narrativas Verdadeiras

PRIMEIRO LIVRO

[1] Assim como para os atletas e para os que se ocupam do cuidado de seus corpos não há preocupação com a boa forma e com exercícios apenas, mas também com a justa medida do seu relaxamento – supondo-o, de certo, parte principal de sua prática –, da mesma forma, para os que se dedicam às palavras, eu acredito que após prolongada leitura dos mais sérios, convém relaxar o intelecto e deixá-lo mais arguto para o esforço futuro.

O repouso pode-lhes ser apropriado, caso tenham o hábito das leituras que oferecem não apenas o mero prazer de seu bom gosto e de sua graça, mas também apresentam uma visão refinada - algo que, suponho, também se pensará acerca destes escritos. Pois não apenas lhes será atraente o insólito da proposta ou a graça do projeto, nem que declaro mentiras variadas de maneira convincente e verossímil, mas que também cada uma das coisas relatadas alude não sem comicidade a alguns dos antigos poetas, historiadores e filósofos que muitas coisas prodigiosas e fabulosas escreveram, cujos nomes eu mencionaria, se não estivessem para aparecer para ti mesmo durante a leitura.

Ctésias de Cnido, o filho de Ctesioco, escreveu acerca do país dos indianos e do que existe lá, coisas que ele próprio não viu nem ouviu de alguém que dizia a verdade¹. Também lâmbulo escreveu muitos relatos extraordinários acerca do que há no grande mar, inventando a mentira conhecida de todos, ao desenvolver, contudo, uma proposta não desagradável². Também muitos outros, escolhendo como tema coisas desse tipo, teriam descrito suas próprias andanças e viagens, relatando o tamanho de feras, as crueldades dos homens e tipos inéditos de vida. O seu guia e mestre neste tipo de bufonaria é o Odisseu de Homero, que falou aos da corte de Alcínoo

¹ Historiador do final do século V a.C., autor de uma história da Pérsia, em vinte e três livros, e de uma obra sobre a Índia, a qual Luciano se refere, em apenas um livro. Foi também médico na corte de Artaxerxes, de cerca de 405 a 397 a.C. Cf. Fócio, cod.72 e Diodoro Sículo, II, 1-28.

² Essa obra é resumida por Diodoro Sículo, II, 55-60, e provavelmente data do século II ou I a.C.

sobre a escravidão dos ventos, seres de um olho só, comedores de carne crua, homens selvagens e ainda sobre animais de várias cabeças e as transformações sofridas por seus companheiros sob o efeito de poções; foi assim que ele contou muitos fatos prodigiosos para homens simples, os feácios.

- [4] Ao deparar-me então com esses todos, não foi em demasia que os reprovei por mentir, já tendo visto que isso é habitual até para aqueles que professam a filosofia. Mas admirei isso neles, se julgaram que passariam despercebidos ao escrever inverdades. É por esse motivo que também eu próprio, dedicando-me, pelo desejo da vanglória, a deixar algo à posteridade, a fim de que não fosse o único excluído da liberdade de efabular, já que nada verdadeiro podia relatar nada digno de menção havia experimentado me voltei para a mentira, em muito mais honesta que a dos demais, pois ao menos nisto direi a verdade: ao afirmar que minto. Assim, a mim me parece que também escaparia da acusação dos outros, eu próprio concordando que nada digo de verdadeiro. Escrevo, portanto, sobre coisas que nem vi, nem sofri, nem me informei por outros e ainda sobre seres que não existem em absoluto e nem por princípio podem existir. Por isso, aqueles que por acaso se depararem com estes escritos não devem de forma alguma acreditar neles.
- Partindo um dia das Colunas de Héracles e levado ao oceano ocidental por uma corrente de vento favorável, dei início à navegação. A causa e a proposta da viagem eram para mim a excessiva curiosidade do intelecto, o desejo de coisas novas e a vontade de conhecer qual é o fim do oceano e os homens que habitam o outro lado. Em razão disso, com provisões abundantes carreguei o navio, estoquei água suficiente, reuni cinqüenta companheiros que me eram iguais em disposição, ainda preparei uma quantidade numerosa de armas e, tendo convencido um capitão excelente com um grande pagamento, tomei-o ao meu lado e a nau era um navio ligeiro fortaleci para uma travessia longa e violenta.
- Depois de navegar um dia e uma noite com vento favorável a terra ainda estava visível -, sem esforço demasiado conduzíamos a nau, mas no dia seguinte, com o nascer do sol, a corrente de vento ficou mais forte, as ondas subiram, surgiu uma escuridão e não foi mais possível aprontar a vela. Então, abandonados ao vento e entregues a nós mesmos, estávamos no meio da tempestade há setenta e nove dias; no octagésimo dia, quando de súbito o sol resplandeceu, vemos não longe dali uma ilha alta e cerrada, cercada de ondas calmas, pois a borrasca também já estava diminuindo. Depois de atracar e de desembarcar, como se nos

livrássemos de uma grande fadiga, por muito tempo ficamos deitados sobre a terra; ao levantarmos, todavia, determinamos que trinta de nós permaneceriam vigias da nau e vinte entrariam comigo para investigação do que havia na ilha.

Quando tínhamos avançado, a partir do mar, cerca de quinhentos metros por meio da floresta, vemos uma estela feita de cobre, grafada com letras gregas, pouco distintas e gastas, que dizia "até aqui chegaram Héracles e Dioniso". Perto dali, havia também duas pegadas sobre uma pedra, uma de trinta metros de tamanho, outra menor – ao que me parece, uma de Dioniso, a pequena, e a outra, de Héracles. Então, depois de nos prosternar, prosseguimos. Não havíamos percorrido muito quando topamos com um rio em que fluia vinho muitíssimo semelhante ao de Quios. O fluxo era abundante e forte, de tal forma que em certos pontos era até navegável. Resultou-nos, então, crer muito mais no que estava inscrito na estela, vendo as marcas da passagem de Dioniso.

Decidi descobrir onde nascia o rio e subi seguindo seu fluxo; não descobri nenhuma fonte, mas muitas e enormes vinhas, cheias de cachos: junto a cada raiz escorria uma gota de vinho límpido, a partir das quais nascia o rio. Era possível ver nele muitos peixes, tanto na cor quanto no sabor bastante parecidos com vinho – ao menos nós nos embriagamos depois de pescar alguns deles e de devorá-los. Com efeito, dissecando-os, descobrimos que também eles estavam repletos de mosto. Mais tarde, entretanto, nos lembramos dos outros peixes, os da água, e, misturando-os, atenuávamos a força desse alimento vinhoso.

Então, depois de cruzar o rio onde era transponível, descobrimos sobre as vinhas algo portentoso: a parte que saía da terra, o tronco mesmo, era frondosa e grossa e, na parte de cima, eram mulheres que tinham a partir dos flancos tudo perfeito – tal qual, entre nós, pintam Dafne transformando-se em árvore logo após Apolo capturá-la. Das pontas dos seus dedos nasciam ramos e eles estavam repletos de cachos. Além disso, tinham nas cabeças longas cabeleiras de gravinhos, folhas e cachos. Saudavam-nos e estendiam a mão direita para nós, que tínhamos nos aproximado, umas falando em lídio, outras em indiano, a maior parte em grego, e beijavam-nos na boca. Aquele que era beijado imediatamente ficava bêbado e cambaleante. Não permitiam, entretanto, que colhêssemos o seu fruto, mas quando ele era arrancado, sofriam e gritavam. Umas também desejavam unir-se a nós. Dois dos nossos companheiros que mantiveram relações com elas não se soltavam mais, presos pelas partes pudentas. Cresceram

juntos e juntos criaram raízes. Já dos seus dedos haviam nascido ramos e, enlaçados por gravinhas, também eles em breve estariam prontos para dar frutos.

[9] Abandonando-os, fugimos para a nau, e nós que tínhamos ido narramos aos que lá foram deixados a união dos dois companheiros com as vinhas e o restante. Depois, pegando algumas ânforas, abastecemo-nos de água e também do vinho do rio e, depois de acampar próximo dele, à sua margem, zarpamos ao raiar do dia, quando um vento não muito forte soprava. Cerca de meio-dia, quando a ilha não estava mais visível, subitamente um tufão surgiu, fazendo rodopiar a nau e, elevando-a aos ares cerca de trezentos cinqüenta quilômetros, não mais a depôs no mar, mas suspensa no ar, o vento levava-a, ao bater no pano e inflar a vela.

Depois de percorrer os ares por sete dias e mesmo número de noites, no oitavo dia vemos no ar uma enorme terra como se fosse uma ilha, esplêndida, esférica, resplandecendo uma luz intensa. Após nos dirigir até ela e ancorar, desembarcamos e, ao investigar o país, descobrimos que era povoado e cultivado. Durante o dia, nada víamos dali, mas ao anoitecer, muitas outras ilhas próximas apareceram para nós, umas maiores, outras menores, de cor parecida com fogo, e abaixo havia ainda uma outra terra, com cidades, rios, oceanos, florestas e montanhas. Essa presumimos ser a que habitamos.

[11] Como nós havíamos decidido avançar um pouco mais, fomos todos presos, tendo ido de encontro aos que entre eles são chamados Cavalabutreiros. Esses Cavalabutreiros são homens que montam sobre enormes abutres e utilizam as aves como cavalos - pois os abutres são grandes e, em geral, tricéfalos. Seria possível compreender o seu tamanho a partir disto: maior e mais grossa do que o mastro de uma enorme nau mercante é cada uma de suas penas. É confiado a esses cavalabutreiros voar ao redor da terra e, se algum estrangeiro for encontrado, levá-lo até o rei. De fato, também nos levam presos até ele. Ele, ao que nos observou e pôde presumir pela vestimenta, perguntou: "estrangeiros, acaso sois gregos?" Quando confirmamos, ele disse: "Como então chegastes, tal distância atravessando nos ares?" Nós narramos-lhe tudo. Tomando a iniciativa, ele contou-nos a seu respeito que também ele próprio era um homem, cujo nome era Endímion; que um dia foi raptado de nossa terra quando dormia e que, ali chegado, tornou-se rei do país. Ele falou que aquela terra era a Lua, a que era visível para nós lá embaixo. Recomendava-nos, porém, que ficássemos confiantes e não receássemos nenhum perigo, pois tudo de que precisássemos estaria ao nosso dispor.

- "Se eu triunfar", disse, "na guerra que agora travo contra os habitantes do Sol, ao meu lado vivereis as vidas mais afortunadas de todas". Nós perguntamos quem eram os inimigos e a causa da discórdia. "Faetonte", disse, "o rei dos habitantes do Sol pois aquele é povoado como é a Lua por muito tempo já guerreia contra nós. Ele começou por tal causa: certa vez, reunindo os mais pobres do meu reino, quis enviar uma colônia para a Estrela-da-Manhã, sendo ela deserta e não habitada por ninguém. Assim, Faetonte, com inveja, impediu a colônia no meio do trajeto, depois de ir de encontro a ela, frente aos Cavaloformigueiros. Vencidos então pois não éramos adversários em equipamento -, recuamos. Agora quero de novo declarar a guerra e reenviar a colônia. Se desejardes, tomai parte na minha expedição. Eu fornecerei abutres reais a cada um de vós e algum outro armamento. Faremos nossa saída amanhã". "Que assim seja", eu disse, "se te parece bom".
- Permanecemos então ao seu lado, como hóspedes. Ao nos levantar com o [13] amanhecer, começamos a nos posicionar, pois os sentinelas assinalavam que os inimigos estavam próximos. O contigente da tropa fez-se cem mil, fora os carregadores, os engenheiros, a infantaria e os aliados estrangeiros. Destes, oitenta mil eram Cavalabutreiros e vinte mil os que estavam sobre os Asas-de-Alface. Também essa ave é enorme e, em vez de penas, é toda coberta de verduras e tem plumas muitíssimo parecidas com folhas de alface. Depois desses, posicionaramse os Lança-Milhos e os Bate-Alhos. Os aliados vieram também da Ursa, trinta mil Pulgarqueiros e cinquenta mil Pés-de-Vento. Desses, os Pulgarqueiros cavalgam sobre enormes pulgas, daí a sua denominação. O tamanho das pulgas era tão grande quanto o de doze elefantes. Os Pés-de-Vento são infantes e, mesmo não tendo asas, são levados pelo ar. Tal é o seu modo de locomoção: depois de arregaçar suas túnicas, que descem até os pés, e de inflá-las com vento como se fossem velas, são levados como embarcações. Na maioria das vezes, eles atuam como peltastes nas batalhas. Diziam que chegariam também em nome das estrelas da Capadócia setenta mil Pardais-Glandes e cinco mil Cavalgagrous. Eu não os observei, pois não chegaram. Por isso, não ouso escrever sobre as suas naturezas. Coisas portentosas e incríveis eram ditas sobre eles.
- [14] Essas eram as forças de Endímion. O equipamento de todos era o mesmo: elmos de favas lá as favas são enormes e resistentes e couraças todas cobertas de tremoços, pois fazem couraças ao costurar juntas as cascas das favas dos tremoços lá a casca da fava era inquebrável, como um chifre. Escudos e espadas eram tais quais as gregas.

- [15] No momento decisivo, posicionaram-se deste modo: os Cavalabutreiros e o rei, com os melhores em torno de si também nós estávamos entre eles –, ocupavam a ala direita; a esquerda, os Asas-de-Alface; o meio, os aliados, como cada um deles decidia. A infantaria contava com cerca de sessenta milhões, que foram ordenados assim: existem muitas e enormes aranhas entre eles, cada uma muito maior do que as ilhas Cícladas. A elas foi confiado urdir no espaço aéreo entre a Lua e a Estrela-da-Manhã. Tão logo terminaram de fazer o campo, a infantaria posicionou-se em fila sobre ele. Liderava-os Noturno, o terceiro chefe, filho do Comandante Sereno.
- Quanto aos inimigos, os Cavaloformigueiros ocupavam a ala esquerda e, entre [16] eles, estava Faetonte. Seus animais são enormes, alados, semelhantes às formigas da nossa terra, exceto pelo tamanho - pois a maior delas tinha até sessenta metros. Combatiam não somente montados, mas também elas próprias o faziam, sobretudo com os chifres. Diziam que eles eram aproximadamente cinquenta mil. À sua direita, foram posicionados os Aeromosquitos, sendo também eles em torno de cinquenta mil, todos arqueiros montados sobre enormes mosquitos. Depois deles, estavam os Aerodançarinos, que eram infantes e soldados ligeiros, mas também eles bons combatentes, pois de longe lançavam com a funda rabanetes imensos e aquele que era atingido não conseguia resistir nem um pouco - logo morria e sua ferida dava origem a um cheiro fétido. Diziam que eles ungiam os projéteis com veneno de malva. Ocupando a ala depois deles, estavam posicionados os Cogumetalos, que eram hoplitas e combatiam de perto, sendo milhares em quantidade. Foram chamados Cogumetalos porque utilizavam cogumelos como escudos e talos de aspargo como lanças. Perto deles, colocaram-se os Cães-Glandes, os que os habitantes de Sírio haviam enviado, cinco mil homens com cara de cães, combatendo sobre glandes aladas. Diziam que dentre os seus aliados atrasaram-se os fundeiros, que ele havia mandado buscar da Galáxia, e os Nuvocentauros. Estes chegaram com o combate já resolvido, como jamais deveriam ter feito! Os fundeiros não se apresentaram absolutamente, por isso, falam que mais tarde Faetonte, irritado com eles, devastou seu país com fogo.
- Faetonte atacava com tal preparação. Embatendo-se quando os sinais foram erguidos e os asnos de cada um dos lados zurraram pois utilizam-nos em vez trombetas -, começaram a lutar. A esquerda dos heliotas fugiu imediatamente, sequer se deixando cair nas mãos dos Cavalabutreiros, e nós íamos no seu encalço, matando-os. A direita deles dominava nossa esquerda e os Aeromosquitos, na perseguição, avançaram até nossos infantes. Eles então

começaram a fugir dos infantes que vinham em socorro, dispersando-se, sobretudo quando perceberam vencidos os da sua esquerda. Depois que houve uma debandada decisiva, muitos eram apanhados vivos, outros saíam carregados e muito sangue fluía sobre as nuvens, de forma a tingirem-se e aparecerem vermelhas, tal qual aparecem junto a nós quando o sol se põe; muito também gotejava na terra, de forma que eu presumo que, outrora algo desse tipo tendo ocorrido nas alturas, Homero supôs que Zeus fez chover sangue por causa da morte de Sarpédon.

[18] Depois de retornar da perseguição, erguemos dois troféus: um, sobre as teias de aranha, pelo combate da infantaria, outro, pelo combate aéreo, sobre as nuvens. Assim que isso se passou, os sentinelas anunciaram que os Nuvocentauros avançavam em nossa direção – aqueles que deveriam ter vindo até Faetonte antes do combate. Deram início ao ataque, espetáculo mais extraordinário, formados por cavalos alados e por homens. O tamanho dos homens era tão grande quanto o do Colosso de Rodes da metade para cima, o dos cavalos tão grande quanto de uma enorme nau mercante. Sua quantidade, entretanto, não anotei, para que não pareça incrível a alguém - tão grande era. Liderava-os o Arqueiro do Zodíaco. Quando perceberam que seus amigos haviam sido vencidos, enviaram a Faetonte a mensagem de que atacavam novamente; posicionados, caem sobre os perturbados Selenitas, desorganizadamente dispersos na perseguição e no espólio. Fazem todos se voltar, perseguem o próprio rei até a cidade e matam a maioria de suas aves. Tombaram também os troféus, percorreram todo o campo tecido pelas aranhas e fizeram prisioneiros a mim e dois de meus companheiros. Faetonte também já estava presente e de novo outros troféus eram por eles erguidos. Naquele mesmo dia, fomos conduzidos até o Sol, com as mãos amarradas para trás com um pedaço de teia de aranha.

Eles resolveram não sitiar a cidade e, quando retornaram, fortificaram o espaço aéreo intermediário, de forma que os raios do Sol não passavam mais em direção à Lua. A muralha era dupla, feita de nuvem, de tal forma que ocorreu um autêntico eclipse da Lua e ela foi toda encoberta por uma longa noite. Pressionado por esses fatos, Endímion enviou uma embaixada para suplicar que demolissem a construção e que eles não os vissem vivendo na escuridão com indiferença; comprometeu-se também a pagar impostos, a tornar-se um aliado e a não mais guerrear, e desejava entregar-lhes seus reféns. Os da corte de Faetonte fizeram duas assembléias; na primeira, não deram fim ao seu ressentimento, um dia depois, reconsideraram a decisão e fez-se a paz conforme as seguintes disposições:

- De acordo com elas, os Heliotas e seus aliados reconciliaram-se com os Selenitas e seus aliados, sob a condição de que os Heliotas dessem fim ao muro e não mais se lançassem contra a lua; que devolvessem os cativos, cada um por um valor combinado; que os Selenitas desistissem dos outros astros autônomos; que não portassem armas contra os Heliotas; que combatessem uns ao lado dos outros, caso alguém os atacasse; que o rei dos Selenitas pagasse todo ano ao rei dos Heliotas um imposto de dez mil ânforas de orvalho, desse dez mil de seus reféns e que fizessem em comum a colônia da Estrela-da-Manhã e com quem dos outros desejasse participar. Escreveriam os acordos em uma estela de âmbar e erigiriam-na no meio do ar, na fronteira. Dos Heliotas, Soalheiro, Estival e Braseiro fizeram o juramento e dos Selenitas, Noturno, Mensal e Fúlgido.
- Assim se fez a paz. Logo o muro foi demolido e devolveram-nos como cativos. Quando chegamos à Lua, nossos companheiros e o próprio Endímion foram ao nosso encontro e cumprimentaram-nos com lágrimas. Ele julgava-me digno de permanecer ao seu lado e de tomar parte na colônia, comprometendo-se a dar-me em casamento seu próprio filho, pois não há mulheres entre eles. Eu não me deixei convencer de modo algum, mas julguei conveniente ser enviado lá para baixo, ao mar. Como ele entendeu ser impossível me convencer, envia-nos depois de nos hospedar por sete dias.
- Quero agora falar sobre as coisas, novas e extraordinárias, que notei na Lua, nesse ínterim. Primeiro, o fato de que eles não nascem de mulheres, mas de varões, pois fazem casamentos entre homens e nem conhecem absolutamente o nome "mulher". Até os vinte e cinco anos, cada um é tomado como esposa; a partir dessa idade, ele próprio desposa alguém. Não concebem no ventre, mas na barriga da perna, pois toda vez que um feto é gerado, a panturrilha engrossa e, algum tempo depois, fazendo nela um corte, tiram-no morto de lá e tornam-no vivo ao expô-lo ao vento com a boca aberta. Parece-me que daí também para os gregos vem o nome barriga da perna, porque, entre eles, ela engravida no lugar da barriga. Mas narrarei algo ainda mais impressionante do que isso. Entre eles, os chamados Arvóritas são uma raça de homens e eles nascem do seguinte modo: depois de cortar fora o testículo direito de um homem, plantam-no na terra e dele brota uma árvore enorme de carne, que é igual a um falo; e ela tem galhos e folhas. Seus frutos são glandes, largas em tamanho. Ao amadurecer, depois de colhê-las, eles fazem eclodir os homens. Eles têm, por sua vez, partes pudentas postiças, alguns de marfim, mas os pobres têm as suas de madeira e, com elas, copulam e têm relações com seus esposos.

Quando um homem envelhece, não morre, mas como vapor ao dissolver-se, torna-se ar. A alimentação é a mesma para todos: sempre acendem o fogo e cozinham rãs sobre os carvões, pois há muitas entre eles voando no céu. Ao cozinhar, sentados tal como ao redor de uma mesa, sorvem o vapor exalante e ficam saciados. Alimentam-se com esse tipo de comida; por sua vez, a bebida deles é o ar que, espremido em uma taça e úmido, escorre como orvalho. Não urinam ou defecam e não têm orifícios como os nossos, nem os meninos nos quadris permitem o intercurso, mas nos jarretes, acima da barriga da perna, pois é lá que têm orifícios.

Entre eles, julga-se belo, eu acho, se alguém é calvo e não possui pêlo e têm horror a cabeludos. Nos cometas, ao contrário, julgam belos os cabeludos* – pois alguns lá estiveram presentes e contaram coisas sobre eles. Além disso, deixam crescer as barbas um pouco acima do joelho. Não têm unhas nos pés, mas todos são monodáctilos. Acima das nádegas de todos eles, uma grande couve nasce tal como uma cauda, que está sempre verde e que não se parte quando eles se deitam sobre ela.

Seu catarro é um mel azedo. Sempre que se esforçam ou se exercitam, suam leite no corpo todo, de tal forma que dele coalham queijos, pingando um pouco de mel. Fazem óleo muito brilhante de cebolas e cheiroso como perfume. Têm muitas vinhas carregadas de água, pois os grãos de uva dos cachos são como granizo e presumo que, quando bate um vento que balança essas vinhas, o granizo cai dos cachos que se despedaçam sobre nós. Sua barriga, por sua vez, utilizam tal qual uma bolsa, pondo nela tudo de quanto precisem, pois a deles pode ser aberta e de novo fechada. Parece não haver nenhum intestino nela, mas apenas que seu interior é todo felpudo e peludo, de forma que até os recém-nascidos são nele metidos quando têm frio.

A roupa dos ricos é de vidro macio, mas a dos pobres é tecida com cobre, pois as terras de lá são abundantes em cobre e trabalham-no tal como lã, molhando-o com água. Acerca dos olhos que têm, por sua vez, hesito em falar, temendo que alguém julgue que eu minto, por causa do que há de incrível na história. Contudo, também disso falarei: têm olhos removíveis e aquele que o deseja, retirando-os de si, guarda-os até que tenha necessidade de ver. Assim, quando os encaixa, vê. Muitos, depois de perder os seus, podem ver ao utilizar os de outros. Há também os que têm muitos de reserva, os ricos. Suas orelhas são folhas de plátano, exceto as daqueles oriundos das glandes, pois eles têm somente orelhas de madeira.

*

^{*} Jogo de palavras difícil de manter na tradução. Em grego, κομήτης é substantivo que designa aquele que tem cabelos longos, κομήτης ἀστήρ é o nosso cometa, que então não tinha cauda, mas cabelo.

- [26] Além disso, também observei outra coisa admirável na residência real. Um enorme espelho jaz acima de um poço não muito profundo. Sempre que alguém desce até o poço, ouve todos os que estão a falar entre nós, na terra; se olha para o espelho, vê todas as cidades, todos os povos tal como se estivesse diante deles. Então, também eu observei meus familiares e toda a minha pátria e se também eles me viam, ainda não posso dizer com segurança. Aquele que não crê que esses fatos assim se passaram, caso também ele próprio lá algum dia chegue, verá que digo a verdade.
- [27] Então, tendo saudado o rei e a sua corte, após embarcar, zarpamos. Endímion deume presentes: duas túnicas de vidro, cinco de cobre e uma armadura feita de tremoço tudo isso abandonei na baleia. Enviou conosco também mil Cavalabutreiros para nos acompanhar por cem quilômetros.
- [28] No trajeto, passamos por muitos outros países e atracamos na Estrela-da-Manhã, justamente quando estava sendo fundada em conjunto e, depois de desembarcar, abastecemo-nos de água. Embarcando em direção ao Zodíaco, passamos à esquerda do sol, costeando sua superfície. Não desembarcamos, embora a maioria de meus companheiros o desejasse, pois o vento não nos deixou. Observamos, entretanto, que o país tinha uma bela vegetação, era fértil, rico em água e repleto de muitas coisas boas. Quando os Nuvocentauros nos viram eles eram os mercenários de Faetonte -, sobrevoaram a nau e, tendo sabido que fazíamos parte do acordo, recuaram. Os Cavalabutreiros também já haviam partido.
- Depois de navegar a noite e o dia seguintes, ao cair da noite, chegamos à chamada Lampadapólis, quando já dirigíamos o barco para baixo. Essa cidade fica no espaço aéreo entre as Plêiades e as Hiades, localizada, entretanto, muito mais abaixo do Zodíaco. Após desembarcar, não encontramos homem nenhum, mas muitas lâmpadas correndo de um lado para outro e passando o tempo na ágora e ao redor do porto; umas, as pequenas, eram também pobres, outras poucas eram das grandes e poderosas, muito esplêndidas e bem visíveis. Haviam feito casas e depósitos de lâmpadas particulares para cada uma, tinham nomes próprios, como os homens, e ouvimos uma voz ser proferida; também não nos trataram mal, mas nos convidaram para os ritos de hospitalidade. Nós, entretanto, sentíamos medo e nenhum de nós ousou jantar ou dormir. A residência dos seus magistrados foi feita no meio da cidade, onde seu arconte se senta por uma noite inteira chamando cada um pelo nome; aquele que não responder é condenado à morte por abandonar seu posto a morte consiste em ser apagado. Parados ali, víamos o que acontecia e ao

mesmo tempo ouvíamos as lâmpadas defenderem-se e explicarem as causas pelas quais haviam se demorado. Aí reconheci também nossa lâmpada e, dirigindo-me a ela, informei-me sobre como estavam as coisas lá de casa. Ela contou-me tudo.

Permanecemos ali aquela noite; no dia seguinte, depois de levantar a âncora, passsamos a navegar já perto das nuvens. Aí, quando vimos também a cidade de Cuconuvolândia, ficamos admirados, sem entretanto a alcançarmos, pois o vento não permitiu. Dizem, entretanto, que Gralha, filho de Melro, é o seu rei. Então eu me lembrei do poeta Aristófanes, homem sábio e sincero que, sem ser acreditado, escreveu sobre eles em vão. No terceiro dia depois daquele, também o oceano já víamos claramente, mas terra em lugar nenhum, exceto aquelas dos que vivem no ar, e essas mostravam-se reluzentes e cintilantes. No quarto dia, por volta do meio-dia, o vento aumentou ligeiramente e, quando diminuiu, fomos depositados no mar.

Quando tocamos a água, muitíssimo nos deleitamos e nos alegramos e sentimos uma felicidade completa por aquilo que nos estava acontecendo; e, tendo nos atirado ao mar, nadamos, pois por acaso ele estava tranquilo e havia uma calmaria. Mas o início de males maiores muitas vezes aparenta ser uma mudança para a melhor. Depois de navegar somente dois dias com tempo bonançoso, quando o terceiro dia começou a raiar, com o nascer do sol nós de repente vemos animais e baleias, muitas e de vários tipos, sendo que uma, a maior de todas, tinha de tamanho cerca de duzentos e setenta quilômetros. Ela avançava com a boca aberta, agitando o mar por uma grande distância, banhando tudo ao seu redor com escuma e exibindo os dentes, muito maiores do que os nossos falos, todos pontudos como estacas e brancos como marfim. Então, depois de falar uns com os outros pela última vez e de nos abraçar, esperamos. Ela, que já estava próxima e mastigava com barulho, devorou-nos com a própria nau, sem, entretanto, destrui-la com os dentes, pois a nau esquivou-se para o seu interior pelos espacos entre eles.

Quando já estávamos lá dentro, havia primeiro uma escuridão e não víamos nada; mais tarde, tendo ela aberto a boca, vimos um grande cavidade, larga e alta em todas as partes, suficiente para abrigar uma cidade de dez mil homens. No meio dela, jaziam peixes pequenos, muitos outros animais despedaçados, velas e âncoras de navios, ossos humanos e mercadorias; e no meio havia até terra e colinas, ao que me parece, provenientes da lama que ela engoliu ao afundar. De fato, nela existia uma floresta, árvores haviam nascido em toda parte e também verduras haviam brotado e todas pareciam-se com as cultivadas. O perímetro de terra era de

quarenta quilômetros; era possível ver até aves marítimas, gaivotas e alcíones, que faziam ninhos sobre as árvores.

Então choramos durante muito tempo e, mais tarde, quando meus companheiros se levantaram, escoramos a nau, depois esfregamos dois gravetos um contra o outro, acendemos o fogo e fizemos um jantar com o que havia disponível. Carne abundante e de todos os tipos de peixes estava à nossa disposição e ainda tínhamos água da Estrela-da-Manhã. No dia seguinte, após nos levantar, se por acaso a baleia abrisse a boca, víamos ora montanhas, ora somente o céu e, muitas vezes, também ilhas - percebíamos que ela se deslocava rapidamente por todas as partes do mar. Quando já estávamos acostumados a passar assim o tempo, tomando sete de meus companheiros, caminhei até a floresta, com vontade de investigar tudo que havia ao redor. Quando ainda não tinha atravessado novecentos metros, descobri um santuário de Poseidon, como evidenciava a inscrição e, não muito depois, também muitas sepulturas sobre as quais havia estelas, perto de uma fonte de água límpida, e ainda ouvimos um latido de cachorro e uma fumaça aparecia distante, onde presumimos haver um acampamento.

[33] Caminhando com pressa, topamos com um ancião e com um jovem que trabalhavam com muita disposição em uma horta, que irrigavam com água da fonte. Alegres, mas ao mesmo tempo sentindo medo, ficamos imóveis. Eles, como era natural, sentindo o mesmo que nós, ficaram parados, mudos. Depois de algum tempo, o ancião disse: "Quem sois vós, estrangeiros? divindades marinhas ou homens infortunados, semelhantes a nós? Pois nós, que somos homens criados em terra, agora nos tornamos marinhos e nadamos com este animal que nos aprisiona, sem saber exatamente o que se passa conosco. Presumimos estar mortos, mas temos fé que estamos vivos". Diante disso, eu falei: "de certo também nós somos homens, recémchegados, meu senhor, devorados anteontem com nossa embarcação, e agora avançamos, desejando saber o que se passa na floresta, pois parece ser vasta e cerrada. Algum deus, ao que parece, conduziu-nos na tua direção para que te víssemos e soubéssemos que não estamos confinados sozinhos neste animal. Mas conta-nos tua sorte, quem és e como entraste aqui". Ele disse que não conversaria nem se informaria a nosso respeito antes de compartilhar os ritos de hospitalidade e, tomando-nos, conduziu-nos até sua casa – havia feito-a adaptada, construindo para si camas de folhas e provendo-se de outras coisas – e, tendo nos oferecido verduras, frutas, nozes, peixes e ainda servido vinho, depois de saciar-nos o suficiente, quis informar-se sobre o

que havíamos sofrido. Eu em seguida narrei-lhe tudo, a tempestade, o ocorrido na ilha, a navegação no ar, a guerra e o restante até a descida na baleia.

Ele próprio, extremamente admirado, por sua vez contou-nos a seu respeito, dizendo: "estrangeiros, eu sou cipriota de origem e, impelido, por motivo de comércio, para longe da pátria com meu filho, que vós vedes, e com outros parentes, navegava em direção à Itália, transportando mercadoria variada em uma enorme nau, que talvez tenhais visto destroçada na boca da baleia. Com sucesso navegamos até a Sicília. Lá, arrastados por um vento violento durante três dias, fomos levados até o oceano e então defrontados e devorados com homens e tudo pela baleia; apenas nós dois nos salvamos, pois os outros morreram. Depois de enterrar nossos companheiros e de edificar esse templo a Poseidon, vivemos nossa vida, cultivando verduras, alimentando-nos de peixes e nozes. Vasta é, como vedes, a floresta, além disso, tem muitas vinhas, das quais se produz o vinho mais doce. Talvez tenhais visto a fonte de água, a mais bela e gelada. Fazemos leito de folhas, queimamos fogo em abundância, caçamos as aves que voam para dentro e pescamos os peixes que entram vivos nas brânquias do animal, onde também nos lavamos sempre que desejamos. Além disso, não longe daqui há um lago de três quilômetros e meio de perímetro, com peixes de todo o tipo, no qual nadamos e navegamos em uma pequena embarcação, que eu construi. Faz vinte e sete anos que fomos engolidos.

Talvez pudéssemos suportar o resto, mas nossos vizinhos e os que moram por perto são excessivamente difíceis e grosseiros, pois são selvagens e não se misturam". "Há, então, alguns outros na baleia?", eu perguntei; "há muitos", ele disse, "inospitaleiros e estranhos na aparência. Na banda ocidental e nos extremos da floresta, vivem os Salmouros, raça dos que têm olhos de enguia e cara de lagosta, belicosa, audaz e comedora de carne crua. No outro lado, perto do muro direito, vivem os Tritãobodes, parecidos com homens na parte de cima, mas embaixo com peixes-espada; eles são, porém, menos injustos do que os outros. Na parte esquerda, vivem os Mãos-de-Caranguejo e os Cabeças-de-Atum, que mantém aliança e amizade entre si. Moram no interior os Sirinos e os Pés-de-Linguado, raça belicosa e excelente corredora; e a banda oriental, a que fica em frente à boca, é na maior parte deserta, banhada pelo mar. Eu, contudo, ocupo esta parte pagando um imposto de quinhentas ostras aos Pés-de-Linguado todo ano.

[36] "Assim é o país. É necessário que vejais como poderemos combater essas raças e como viveremos". "Quantos", eu perguntei, "são esses todos?". "Mais de mil", ele disse. "Quais

são suas armas?"; "nenhuma, exceto espinhas de peixes", ele respondeu. "Então", eu disse, "o melhor seria ir à luta contra eles, porque estão desarmados e nós estamos armados, pois se os dominarmos, viveremos o resto da vida sem medo". Assim foi decidido e, partindo para a nau, preparamo-nos. O não-pagamento do imposto, cuja data já estava estabelecida, estava para se tornar a causa da guerra. Logo eles enviaram uma embaixada, requisitando o tributo. Depois de responder com desdém, ele expulsou os mensageiros. Primeiro, os Pés-de-Linguado e os Sirinos, irritados com Cíntaro – assim ele se chamava -, atacaram com muito alvoroço.

Como nós suspeitávamos de um ataque, esperávamos armados, tendo posicionado vinte e cinco homens à frente, em uma emboscada. Preveniu os que estavam na tocaia para se erguer e atacar quando vissem que os inimigos haviam passado. E assim fizeram: ergueram-se e golpearam-nos por trás, enquanto nós, em número de vinte e cinco – pois Cíntaro e seu filho lutavam conosco -, marchávamos ao seu encontro e, no embate, com vigor e com coragem expunhamo-nos ao perigo. Por fim, os perseguimos até as cavernas, depois de pô-los em fuga. Morreram cento e setenta dos inimigos e, dos nossos, um só, nosso capitão, trespassado nas costas por um salmonete.

Passamos, então, aquele dia e também a noite no combate e erguemos um troféu, espetando a espinha seca de um golfinho. No dia seguinte, ao que também os outros perceberam o ocorrido, apresentaram-se: os Salmouros ocupando a ala direita – Serrajão liderava-os -, os Cabeça-de-Atum, a esquerda, e no meio, os Mãos-de-Caranguejo. Os Tritãobodes viviam tranqüilos, tendo preferido não se aliar nem a uns nem a outros. Nós fomos ao seu encontro e embatemo-nos perto do templo de Poseidon com grande grita, e a baleia ecoava como as cavernas. Depois de fazê-los se voltar, pois eram soldados ligeiros, e de persegui-los até a floresta, conquistamos o restante da terra.

Pouco tempo depois, tendo reenviado os arautos, passaram a recolher os mortos e a dialogar acerca de amizade. Não nos parecia bom fazer um acordo e, no dia seguinte, avançando contra eles, acabamos com todos completamente, exceto com os Tritãobodes. Eles, como viram o que aconteceu, lançaram-se ao mar, escapando pelas brânquias. Nós atravessamos o país quando já estava vazio de inimigos e destemidamente ali habitamos o resto do tempo, na maior parte dele praticando exercícios físicos e caça, cultivando vinhas e apanhando o fruto das árvores; em tudo nos assemelhávamos àqueles que, vivendo em uma grande e inexpugnável prisão, são boas-vidas e abastados. Passamos um ano e mais oito meses desse modo.

[40] No quinto dia do nono mês, por volta da segunda abertura da boca – pois a baleia fazia isso uma única vez a cada hora, de forma que marcávamos as horas pelas aberturas – então, por volta da segunda abertura, como eu dizia, de repente se ouviu grande grita e tumulto, como de exortações e remadas. Agitados, subimos rastejando até a boca do animal e, tendo nos posicionado um pouco antes dos dentes, passamos a observar tudo.

De todos os que vi este foi o mais extraordinário dos espetáculos: homens enormes, de cerca de noventa metros de estatura, navegando sobre ilhas enormes, tal como sobre trirremes. Sei que o que vou relatar parece inacreditável e, entretanto, falo: as ilhas eram extensas, mas não muito altas, e cada uma tinha cerca de dezoito quilômetros de perímetro. Sobre elas, cerca de vinte daqueles homens navegavam. Desses, os que se sentavam ao longo de cada ilha remavam com enormes ramos de ciprestes e com folhas, como se fossem remos e, em seguida, na popa, ao que me parece, o capitão tinha se colocado sobre uma alta colina, tendo um leme de cobre de novecentos metros de largura. Sobre a proa, cerca de quarenta deles combatiam armados, todos parecidos com homens, exceto pelo cabelo. Ele era de fogo e queimava, de modo que não precisavam de capacetes. No lugar de velas, o vento ao bater em uma floresta - pois havia uma vasta em cada ilha -, inflava-a e levava a ilha para onde o capitão desejasse. Um patrão tinha se colocado diante deles e com uma remada rapidamente moviam-se, tal como os navios grandes.

- Primeiro, víamos duas ou três, depois surgiram cerca de seiscentas e, distanciando-se, lutavam naquela batalha naval. Muitas batiam-se umas contra as outras proa-a-proa e muitas, depois de emborcar, submergiam; outras, emparelhadas, pelejavam com firmeza e não se soltavam facilmente, pois os que estavam posicionados na proa demonstravam todo ardor em atacar e destruir. Ninguém fez prisioneiros. No lugar de arpéus, atiravam enormes polvos encadeados uns aos outros que, amarrados à floresta, retinham a ilha. Atiravam e feriam, por sua vez, com ostras do tamanho de um carro e com esponjas de trinta metros.
- [42] Agilcentauro liderava uns e Beberrão-Marinho, os outros. A luta entre eles ocorreu, ao que parece, por causa de um butim. Pois diziam que Beberrão-Marinho havia roubado muitos rebanhos de golfinhos de Agilcentauro, pelo que se ouviu eles se acusarem e invocarem seus reis. Por fim, os de Agilcentauro vencem e submergem cerca de cento e cinqüenta ilhas dos inimigos. Tomam outras três, com os homens. O restante começou a fugir, dando a ré. Depois de persegui-los por algum tempo, quando já era noite, ao voltarem-se aos naufrágios, dominaram a

maioria das ilhas e recolheram as suas – pois não menos que oitenta das deles também haviam submergido. Ergueram um troféu pela batalha das ilhas sobre a cabeça da baleia, empalando uma única ilha dos inimigos. Aquela noite acamparam ao redor do animal, prendendo nele o cabo e lançando as âncoras ali perto - pois também utilizavam âncoras, enormes, de vidro resistente. No dia seguinte, depois de oferecer um sacrifício sobre a baleia e de nela enterrar seus homens, partiram pelo mar, alegres e como se cantassem peãs. Isso aconteceu durante a batalha das ilhas.

SEGUNDO LIVRO

[1] A partir daquele momento, não suportando mais a vida na baleia, enfadado com aquela estada, eu procurei algum artifício pelo qual se tornasse possível sair de lá. Primeiro, decidimos fugir cavando ao longo do lado direito de seu corpo e, tomando a iniciativa, nós a cortávamos. Mas paramos a escavação, já que nada conseguimos depois de avançar cerca de novecentos metros e resolvemos queimar a floresta, pois assim a baleia morreria. Se isso acontecesse, estaria-nos prestes a surgir uma fácil saída. Então a queimamos, começando pela cauda, e durante sete dias e mesmo número de noites ela não sentiu a queimadura, mas no oitavo e nono dias, notamos que ela começava a adoecer. De fato, tinha mais preguiça de abrir a boca e, se alguma vez a abria, fechava-a rapidamente. No décimo e décimo-primeiro dias, finalmente ela começou a morrer e a exalar um mau cheiro. No décimo-segundo dia, percebemos com pesar que se não sustentássemos seus molares quando ela estivesse de boca aberta, de tal forma que não mais a fechasse, correríamos o perigo de morrer aprisionados em seu cadáver. Assim, depois de apoiar a boca em grandes vigas, preparamos a nau, carregando-a de tanta água quanto possível e as demais coisas necessárias. Cíntaro estava prestes a se tornar nosso capitão.

[2] No dia seguinte, ela já estava morta e, depois de arrastar o barco, atravessando os espaços entre os seus dentes, deles nos deixamos cair, descendo suavemente até o mar. Tendo subido nas costas da baleia e lá realizado um sacrifício a Poseidon, após acampar três dias ali mesmo, junto ao troféu – pois havia uma calmaria-, de lá navegamos no quarto dia. Encontramos então muitos daqueles cadáveres da batalha naval, os levamos à terra e ficamos admirados ao medir seus corpos.

Alguns dias navegamos com vento moderado, quando ficou muito frio porque o Bóreas soprou com força e, por isso, todo o alto-mar congelou-se, não somente sua superfície, mas cerca de quinhentos metros em profundidade, de tal forma que, ao desembarcar, corremos sobre gelo. Persistindo o vento, sem que pudéssemos suportá-lo, pensamos em algo como cavar uma grande gruta na água – quem nos deu a idéia foi Cíntaro -, na qual permanecemos trinta dias, queimando fogo e alimentando-nos de peixes, os quais encontramos ao desenterrá-los. Quando já nos faltavam as coisas necessárias, avançando depois de puxar a nau congelada e de desdobrar a

vela, fomos arrastados como se navegássemos branda e suavemente, a escorregar sobre o gelo. No quinto dia fez calor, o gelo dissolveu-se e tornou-se todo água novamente .

[3] Quando tínhamos navegado cerca de cinqüenta quilômetros, rumamos em direção a uma ilha pequena e deserta, de onde apanhamos água, pois ela já nos faltava, e de lá navegamos depois de acertar com flechas dois touros selvagens. Esses touros tinham chifres não sobre a cabeça, mas embaixo dos olhos, tal como Momo julgava ser conveniente.

Não muito tempo depois, adentramos um mar, não de água, mas de leite. Nele surgiu uma ilha branca, cheia de vinhas. Na verdade, a ilha era um enorme queijo coalhado, como mais tarde soubemos ao comê-la, de quatro quilômetros e meio de perímetro. As vinhas estavam cheias de cachos de uva, porém, não vinho, mas leite bebíamos delas, ao espremê-las. O santuário construído no meio da ilha era da Nereida Galatéia*, como evidenciava a inscrição. Permanecemos lá algum tempo, pois a terra provia-nos de pão e comida e a nossa bebida era o leite das vinhas. Dizia-se que Tiró, filha de Salmoneu³, reinava naquelas terras, tendo recebido o posto de Poseidon, depois de sua partida.

Após permanecer cinco dias na ilha, partimos no sexto; uma brisa acompanhavanos e o mar estava calmo. No oitavo dia, não mais navegando pelo leite, mas já em água salgada e escura, observamos muitos homens correndo sobre o alto-mar, em tudo semelhantes a nós, tanto no corpo quanto no tamanho, exceto apenas pelos pés - pois os seus eram de cortiça e, por causa deles, creio eu, também se chamavam Pés-de-Cortiça. Admiramo-nos vendo que não afundavam, mas se mantinham sobre as ondas e viajavam destemidamente. Eles dirigiram-se até nós e saudaram-nos em grego; disseram que se apressuravam em direção à Cortiça, sua pátria. Até um determinado ponto, viajaram conosco, correndo ao nosso lado; mas depois, mudando de direção, começaram a caminhar, desejando-nos uma boa navegação. Pouco tempo depois, muitas ilhas começaram a surgir por ali, à esquerda de Cortiça, para onde eles se apressavam, cidade situada sobre uma enorme e redonda cortiça. Longe dali, mais à direita, havia cinco ilhas grandes e altíssimas, sobre as quais fogo abundante queimava. Na direção da proa havia uma única planície, baixa, distando não menos que noventa quilômetros.

^{*} Tanto Galatéia quanto Tiró são escolhidas por Luciano por causa de seus nomes; a primeira lembra γάλα, leite, e a segunda, τυρός, queijo.

³ Poseidon uniu-se a Tiró na forma do rio Enipeu, por quem ela estava apaixonada.

Quando já estávamos próximos da ilha, uma brisa admirável soprou a nossa volta, doce e perfumada, tal qual disse o historiador Heródoto exalar da Arábia feliz⁴. Pois de rosas, de narcisos, de jacintos, de lírios, de violetas e ainda do mirto, do loureiro e da flor da vinha, tal era a doçura que se lançava sobre nós. Deleitados com o aroma e com esperança de deixar grandes penas por coisas prestimosas, pouco tempo depois já estávamos perto da ilha. De lá, também observamos por toda parte muitos portos, grandes e não-inundados; rios límpidos que desagüavam suavemente no mar e ainda planícies, florestas e aves canoras, algumas sobre a costa e muitas sobre os ramos das árvores. Um ar leve e puro espalhava-se pelo país. Uma brisa doce, soprando suavamente, agitava a floresta, de tal forma que do movimento dos ramos silvavam-se cantos agradáveis e constantes, parecidos com o flauteio solo de flautas transversais. Além disso, também se ouvia uma vozearia confusa e emaranhada, não de tumulto, mas do tipo que ocorreria em um banquete, quando alguns tocam flauta, uns fazem elogios e outros marcam a batida da flauta ou da cítara.

Nós para lá fomos conduzidos, encantados com tudo aquilo e, tendo ancorado a nau, desembarcamos, deixando nela Cíntaro e dois de nossos companheiros. Quando avançávamos por meio de uma planície florida, topamos com vigias e guardas-fronteira, que após nos amarrar com coroas de rosas – pois isso era, entre eles, uma grande corrente -, levaram-nos até o seu arconte; deles também ouvimos durante o caminho que a ilha era chamada dos Bem-Aventurados e governava-a o cretense Radamanto. Levados até ele, ficamos em quarto lugar na fila dos julgados.

[7] O primeiro julgamento era o de Ájax Telamônio – para decidir se acaso se deveria deixá-lo ou não se reunir aos heróis. Era acusado de ter enlouquecido e de ter matado a si mesmo. No final, depois de muitos falarem, Radamanto deliberou que naquele momento ele beberia heléboro, dado por Hipócrates, o médico de Cós e, mais tarde, quando tivesse voltado a si, tomaria parte no banquete.

[8] O segundo julgamento era uma contenda amorosa entre Teseu e Menelau, que disputavam Helena, para decidir com qual dos dois ela deveria viver. Radamanto julgou que ela deveria viver com Menelau, uma vez que ele tanto penou e expôs-se ao perigo por seu casamento. Ademais, Teseu tinha outras mulheres, a Amazona e as filhas de Minos.

_

⁴ III.113.

[9] O terceiro caso julgado, acerca da preeminência, era entre Alexandre, filho de Filipe, e Aníbal, o Cartaginês; decidiu-se que ela pertencia a Alexandre e seu trono foi posto ao lado de Ciro da Pérsia, o Primeiro.

[10] Fomos apresentados em quarto lugar. Ele interrogou o que havíamos passado, desembarcando ainda vivos naquela terra sagrada e nós, em seguida, narramos-lhe tudo. Assim, após deixar-nos de lado por muito tempo, examinou e comunicou seus colegas da nossa situação. Deliberavam muitos outros, até mesmo o ateniense Aristides, o Justo⁶. Quando ele tomou sua decisão, anunciaram que nós prestaríamos contas de nossa intromissão e de nossa viagem quando morrêssemos e que daquele vez partiríamos dali depois de permanecer na ilha e de conviver com os heróis durante um determinado período de tempo. Ordenaram que o prazo de nossa estada não passasse de sete meses.

Nesse momento, automaticamente as coroas ao nosso redor escorregaram e fomos soltos, levados até a cidade e ao banquete dos Bem-Aventurados. A cidade mesma é toda de ouro e o muro que a cerca é de cor verde-esmeralda. Os portões são sete, inteiriços de pau-canela. O pavimento da cidade e a região no interior dos muros, por sua vez, são de marfim. Os templos de todos os deuses são construídos com berilo e seus altares são grandes monólitos de ametistas, sobre os quais fazem sacrifícios. Ao redor da cidade, corre um rio do melhor perfume, de cinqüenta quilômetros de largura e cinco de profundidade, de forma que nele se pode nadar com facilidade. Suas casas de banho são grandes casas de vidro, aquecidas com canela. No lugar de água, porém, há orvalho quente nas tinas.

Utilizam como vestimentas delicadas teias-de-aranha, de cor púrpura. Eles não têm corpos, são impalpáveis e descarnados; mostram apenas sua forma e aparência e, embora sejam incorpóreos, são bem constituídos, movem-se, pensam, falam e de todo a alma nua parece revolver-se envolvida pela semelhança do corpo. De fato, se ninguém os tocasse, não se poderia provar que não tinham corpo visível. Pois são como sombras eretas, não negras. Ninguém envelhece, mas permanece com a idade com que foi para lá.

Nem há noite, entre eles, ou dia muito claro - como o crepúsculo pouco antes da aurora, não tendo ainda nascido o sol: tal é a luz que espalha-se pela terra. Conhecem, entretanto,

_

⁶ Estadista e general ateniense (c. 520-467), responsável pela criação da Liga de Delos.

apenas uma estação do ano, pois entre eles é sempre primavera, e o Zéfiro é o único vento que sopra nessa terra.

O país é coberto de todas as flores e também de todas as plantas, as cultivadas e as umbrosas. As vinhas produzem doze vezes por ano e dão frutos a cada mês. Diziam que as romãzeiras, as macieiras e qualquer árvore frutífera produzia treze vezes por ano, pois entre eles, um único mês, o de Minos, dá frutos duas vezes. Em vez de trigo, lá as espigas dão pão pronto nas suas pontas como se fossem cogumelos. Há trezentas e sessenta e cinco fontes de água ao redor da cidade, outras tantas de mel, quinhentas de perfume - essas, por sua vez, são menores -, sete rios de leite e oito de vinho.

Faziam seu banquete fora da cidade, no chamado Campo Elíseo. Essa é uma planície belíssima e ao seu redor há uma floresta em toda a parte cerrada, que cobre de sombra aqueles que se sentam à mesa. Têm um leito de flores estirado sob si e são as correntes de vento que levam tudo à mesa e servem-lhes. Apenas não vertem o vinho, pois não precisam de ninguém para isso, mas há enormes árvores vidrinas ao redor do banquete, de vidro o mais límpido, e o fruto dessas árvores são taças de diversos tipos de tamanho e de constituição. Toda vez que alguém se junta ao banquete, depois de colher um ou dois copos, é servido e imediatamente o copo fica repleto de vinho. Bebem assim e, no lugar de coroas, rouxinóis e outras aves canoras colhem com suas bocas flores das planícies próximas e, voando e cantando, fazem-nas chover sobre eles. Além disso, perfumam-se deste modo: nuvens cerradas que se formam do perfume das fontes e do rio, encimando-se sobre o banquete, chovem suavemente perfume delicado como orvalho, quando as comprimem as correntes de vento.

Durante o jantar, entregam-se à música e aos cantos. São por eles cantados sobretudo os versos de Homero. Ele próprio lá está presente e banqueteia-se entre eles, sentado acima de Odisseu. Há coros de meninos e de meninas. Entoam e cantam juntos Eunômo, o Lócrio⁷, Árion, o Lésbio⁸, Anacreonte e Estesícoro. De fato, também este observei entre eles, já reconcilicado com Helena. Quando param de cantar, começa um segundo coro, de cisnes, andorinhas e rouxinóis. Sempre que eles cantam, toda a floresta flauteia, ao sinal dos ventos.

⁷ Eunômo é conhecido por testemunho de Clemente de Alexandria (*Protrept.*, 1, 2).

⁸ Poeta lírico talvez do VII a.C., de Metimna, em Lesbos. Apontado por Heródoto (I, 24) como o inventor do ditirambo, e no Suda, é citado como inventor da tragédia (τραγικοῦ τρόπου εὐρετής).

[16] Mas o que têm de maior para sua felicidade é isto: há duas fontes ao lado do banquete, uma de riso, outra de prazer. De cada uma delas, todos bebem no começo da festa e passam o resto do tempo deleitando-se e rindo.

Quero falar também dos célebres que observamos entre eles: todos os heróis e os que lutaram em Ílio, exceto Ájax Lócrio, que declararam ser o único punido no país dos Ímpios; dos bárbaros, ambos os Ciros, o cita Anacarsis⁹, Zamolxis da Trácia¹⁰, Numa da Itália¹¹ e, além deles, o Lacedemônio Licurgo¹², os atenienses Fócio¹³ e Telo¹⁴ e também os sábios, menos Periandro¹⁵. Vi também Sócrates, o filho de Sofronisco, tagarelando com Nestor e Palamedes. Ao seu redor, estavam Jacinto, o Lacedemônio, Narciso, o Tespiano, Hila¹⁶ e outros belos. A mim me pareceu que ele estava apaixonado por Jacinto. De fato, na maior parte das vezes o refutava. Diziam que Radamanto estava descontente com ele e ameaçava freqüentemente expulsá-lo da ilha, se ele continuasse com a tagarelice e não quisesse regalar-se, deixando sua ironia. Platão era o único que não estava presente, mas diziam que morava na cidade por ele modelada, valendo-se da República e das Leis que havia escrito.

Aristipo e Epicuro, que eram agradáveis, corteses e os melhores convivas, tornaram-se, por sua vez, os preferidos entre eles. Esopo, o Frígio, também está lá. Dele fazem algo como um bufão. Diógenes de Sinope¹⁷ a tal ponto mudou seus modos que se casou com a cortesã Laís¹⁸ e com freqüência, ao levantar-se, dançava e dizia incoveniências por causa da embriaguez. Dos estóicos, nenhum estava presente, pois diziam que eles ainda subiam o íngreme cume da virtude. Também ouvimos acerca de Crisipo¹⁹ que não lhe seria permitido entrar na ilha antes que tomasse heléboro quatro vezes. Diziam que os da Academia desejavam ir para lá, mas ainda detinham-se e examinavam a questão, pois dizia-se que nem ainda isto tinham concluído:

⁹ Filósofo cita do séc. VI a.C. Dá nome a um dos diálogos de Luciano, em que o filósofo conversa com Sólon, e no qual apresenta a visão bárbara acerca de um importante costume grego, o atletismo.

¹⁰ Heródoto (IV, 94-6) afirma que Zamolxis, escravo que serviu a Pitágoras em Samos por algum tempo, tornou-se posteriormente um deus dos Getas, da Trácia, ao realizar uma artimanha que os fez crer na sua imortalidade, durante a qual usufruiria para sempre de todas as coisas boas.

¹¹ Lendário segundo rei de Roma.

¹² Espartano a quem atribuem a constituição da cidade. Cf. Heródoto, I.65-6.

¹³ Estadista e general ateniense do século IV a.C.

¹⁴ Cidadão ateniense, que Sólon menciona (Heródoto, I.30-1) a Creso como o homem mais feliz que conheceu.

¹⁵ Um dos sete sábios, excluído por Luciano provavelmente por ter sido tirano em Corinto.

¹⁶ Personagem mítico, filho de Teódamas, o rei dos Dríopes morto por Héracles. De grande beleza, tornou-se amante do herói.

¹⁷ Filósofo cínico (c. 412-323).

¹⁸ Mencionada por Ateneu (*Deipn.*588c-f). Segundo o autor, foi amante de Aristipo, de Demóstenes e do cínico Diógenes.

¹⁹ Filósofo estóico (c. 290-207 a.C.).

se uma ilha como aquela existe. Por outro lado, creio, temiam o julgamento de Radamanto, já que eles haviam abolido os critérios de julgamento. Disseram que muitos, tendo se posto em movimento, seguindo os que lá chegavam, por causa de sua morosidade eram deixados para trás, sem nada entender, e voltavam no meio do caminho.

[19] Eram esses os mais dignos de menção entre os presentes; honram sobretudo Aquiles e, depois dele, Teseu.

Acerca dos relacionamentos e dos prazeres amorosos pensam o seguinte: as relações são em público, tanto com mulheres quanto com homens, às vistas de todos, e de modo algum isso parece-lhes torpe. Somente Sócrates fez um juramento de que se aproximaria dos jovens de modo puro. Todos, porém, percebiam que ele havia cometido perjúrio. De fato, muitas vezes Jacinto ou Narciso o confirmaram e ele negou. As mulheres são comuns a todos os homens e ninguém inveja o próximo, mas são a respeito disso platonicíssimos. Os meninos permitem o intercurso a quem quer que os desejem, sem se opor a nada.

[20] Ainda não haviam decorrido dois ou três dias quando me dirigi ao poeta Homero, quando ambos estávamos ociosos, e informei-me entre outras coisas de onde ele era, dizendo-lhe que isso entre nós é ainda agora o mais investigado. Ele declarou que nem ele ignorava que alguns julgavam que ele fosse de Quios, outros de Esmirna e muitos de Cólofon. Disse, entretanto, ser Babilônio e que, junto aos seus concidadãos, não de Homero, mas de Tigranes era chamado, mas que mais tarde tendo se tornado um refém entre gregos, trocou seu nome*. Ainda perguntei-lhe acerca dos versos espúrios, se por ele haviam sido escritos. Declarou que todos eram seus. Percebi então a grande tolice dos gramáticos seguidores de Zenódoto e Aristarco. Já que ele havia respondido de modo satisfatório a tais questões, perguntei-lhe por que havia feito da Ira o princípio e ele disse que daí havia partido ele próprio sem nenhum propósito. Além disso, eu desejava saber isto: se primeiro havia escrito a Odisséia, antes da Ilíada, como muitos dizem. Ele negou. Que nem cego era, algo que também dizem a seu respeito, soube imediatamente, pois eu o tinha visto, de tal forma que não tive necessidade de questionar. Com frequência fiz isso outras vezes, se acaso eu o visse em folga. Pois aproximando-me, interrogavao e ele de bom grando respondia tudo, sobretudo depois do processo, já que ele o venceu - pois houve uma acusação de hýbris contra ele, feita por Tersites por tê-lo ridicularizado em seu poema, que Homero venceu tendo Odisseu como advogado.

-

 $^{^*}$ jogo de palavras. Em grego, ὅμηρος pode significar refém.

[21] Nesse tempo chegou também Pitágoras, o Sâmio, depois de ter se transformado sete vezes, vivido entre tantos animais e finalizado os ciclos de sua alma. Sua metade direita era toda de ouro. Julgado, tornou-se um concidadão, mas ficou-se em dúvida se deveriam chamá-lo de Pitágoras ou de Euforbo. Empédocles, por sua vez, chegou também ele próprio, todo cozido e com o corpo tostado; não foi admitido, embora muito suplicasse.

Depois de algum tempo, começaram os seus jogos, a Tanatousía. Aquiles presidiu o quinto e Teseu, o sexto. Do resto, poder-se-ia falar demoradamente; narrarei os fatos principais: Capro, o sucessor de Héracles²⁰, venceu Odisseu na luta, disputando a coroa. No pugilato houve empate entre Ário, o Egípcio²¹, o que foi sepultado em Corinto, e Epeio²², que competiram. Não há, entre eles, prêmios para o pancrácio. Não me lembro mais, porém, quem venceu a corrida. Entre os poetas, na verdade Homero foi em muito superior, entretanto, foi Hesíodo quem venceu. Os prêmios de todos eram coroas feitas de penas de pavão entrelaçadas.

Assim que se encerraram os jogos, anunciou-se que os que eram punidos no país dos Ímpios haviam rompido as correntes e, tendo dominado a guarda, avançavam sobre a ilha. Lideravam-nos Faláris, o Agrigentino²³, Busíris, o Egípcio²⁴, Diomedes, o Trácio²⁵ e aqueles seguidores de Círon e Pitiocampte²⁶. Quando Radamanto ouviu isso, posicionou os heróis na costa. Lideravam-nos Teseu, Aquiles e Ájax Telamônio, que já havia voltado a si. Embatendo-se, lutaram, e os heróis venceram, com Aquiles triunfando a maior parte do combate. Sócrates, posicionado à direita, também foi um dos melhores, muito mais do que, quando vivo, lutou em Délion, pois quando quatro inimigos atacaram, não fugiu e sua expressão manteve-se inalterada. Por isso, depois também para ele foi construído um excelente, belo e grande jardim nos arredores da cidade, onde convidando amigos, dialogava, referindo-se ao local como Necracademia.

⁻

 $^{^{20}}$ Aqui adoto a solução aceita por Bompaire em sua edição do texto (Oeuvres, tome II, Paris, Les Belles Lettres, 2003), que entende como correção mais interessante a sugerida por Paulmier, que altera Κάρος, personagem totalmente desconhecido, para Κάπρος, nome do primeiro atleta, depois de Héracles, a vencer na luta e no pancrácio no mesmo dia, em 212 a.C. Macleod (Opera, tomus I, Oxford, Clarendon Press, 1987) adota a correção sugerida por Gronovius, Κάρανος, nome de um Heráclida.

²¹ Ário é provavelmente nome de um atleta que realmente existiu.

²² Homero o apresenta como grande pugilista (Il.23.653-699).

²³ Tirano de Ácraga, séc VI a.C. Notório por sua crueldade, é tema de dois textos de Luciano, *Faláris I e II*.

²⁴ Personagem da mitologia, rei do Egito, que costumava sacrificar os estrangeiros. Foi morto por Héracles.

²⁵ Rei da Trácia, dono das quatro éguas que se alimentavam de carne humana e que Héracles deveria levar a Euristeu como cumprimento de seu oitavo trabalho. Foi morto pelo herói.

²⁶ Dois famosos bandoleiros mortos por Teseu em seu caminho para Atenas.

- Então, depois de prender os vencidos e de amarrá-los, enviaram-nos para ser ainda mais castigados. Homero escreveu também essa guerra e, quando parti, deu-me os livros para trazê-los para os homens de nosso país. Mas mais tarde também eles, com outras coisas, perdi. O princípio do poema era este: "Agora canta-me, Musa, a guerra dos heróis mortos". Em seguida, cozendo favas, como é costume entre eles sempre que triunfam na guerra, celebraram a vitória e fizeram uma enorme festa. Somente Pitágoras não participou dela, mas sem comida, sentou-se longe, horrorizado com a comilança de favas.
- Quando já se tinham passado seis meses e estávamos na metade do sétimo, novos fatos sucederam-se. O filho de Cíntaro, o forte e belo Ciniras, há muito tempo já estava apaixonado por Helena e não era segredo que ela amava o jovem loucamente. De fato, com freqüência faziam sinais com a cabeça durante o banquete, bebiam à saude um do outro e, levantando-se, sozinhos vagueavam pela floresta. Um dia, por amor e por sua impossibilidade, Ciniras, depois de raptar também a ela isso pareceu boa idéia -, resolveu partir dali em direção a alguma das ilhas próximas, de certo para Cortiça ou para a Queijosa. Há pouco haviam tomado seu lado como cúmplices os três mais audaciosos entre meus companheiros. Ao seu pai, entretanto, isso não revelou, pois sabia que seria por ele impedido. Quando lhes pareceu ser um bom momento, executaram seu plano. Assim que caiu a noite eu mesmo não estava presente, pois por acaso repousava no banquete -, desapercebidos pelos outros, depois de tomar Helena, levaram-na apressadamente.
- Cerca de meia-noite, tendo despertado, quando percebeu a ausência de sua mulher no leito, Menelau deu um grito e, tomando ao seu lado o irmão, dirigiu-se até o rei Radamanto. Quando raiou o dia, os vigias disseram ter observado a nau muito afastada. Então Radamanto fez subir cinqüenta heróis em uma nau feita inteiramente de asfódelo e ordenou que os perseguissem. Cerca de meio-dia, aqueles que os perseguiam com ardor prenderam-nos no momento em que entravam em um local leitoso do oceano, perto de Queijosa. Chegaram até ali em fuga, mas depois de amarrar a nau com uma corrente de rosas, navegaram de volta. Então Helena chorou, envergonhou-se e escondeu-se e Radamanto, tendo interrogado primeiramente os seguidores de Ciniras se outros eram seus cúmplices, como disseram que não havia ninguém, depois de mandar amarrá-los pelas suas partes pudentas, enviou-os para a Ilha dos Ímpios mas antes foram açoitados com malva.

Votaram que também nós, que ainda estávamos dentro do nosso prazo, fôssemos [27] expulsos da ilha, podendo permanecer apenas até o dia seguinte. Ali mesmo eu invoquei os deuses e chorei por todas as coisas boas que eu estava prestes a deixar para trás, a vaguear novamente. Eles reconfortaram-me, entretanto, dizendo que não se passariam muitos anos até que eu chegasse de novo até eles, que meu já era o assento seguinte, e apontaram um leito perto dos melhores. Depois dirigi-me a Radamanto e muito supliquei para que ele falasse o que estava por vir e para que me indicasse o curso da navegação. Ele declarou que eu voltaria à minha pátria, mas que antes muito vaguearia e correria perigos. Não quis determinar o dia de meu retorno, mas mostrando as ilhas próximas - apareceram em número de cinco, mas havia uma sexta, distante -, declarou que essas, as próximas, eram as dos Ímpios. "Nelas", ele disse, "já consegues ver quanto fogo arde e aquela sexta é a cidade dos Sonhos. Depois dela, está a ilha de Calipso, mas ainda não é visível para ti. Quando tiveres costeado tais ilhas, chegarás ao enorme continente oposto ao que é habitado por vós. Aí, quando tiveres sofrido muitas coisas e encontrado raças variadas, residindo em um país de homens que não se misturam, depois de algum tempo voltarás para o outro continente".

Disse tais coisas e, ao retirar da terra uma raiz de malva, estendeu-a a mim, ordenando que com ela orasse quando dos maiores perigos. Deu-me o conselho, se acaso um dia chegasse à minha terra, de não atiçar o fogo com um cutelo, de não ingerir alimentos quentes nem de manter relações com meninos de mais de dezoito anos, pois esperava que ao lembrar dessas coisas, eu assegurasse minha chegada à ilha. Então fiz os preparativos da navegação e, como houve ocasião, com eles festejei. No dia seguinte, dirigindo-me ao poeta Homero, pedi que ele compusesse para mim um dístico epigramático. Quando o compôs, inscreveu-o sobre uma estela de pedra-berilo, erigindo-a próxima ao porto. Este era o epigrama:

"Luciano, querido dos deuses bem-aventurados, tudo isso viu e novamente se foi para a terra pátria querida".

[29] Depois de lá permanecer também aquele dia, no seguinte conduzi a nau, acompanhado pelos heróis. Então até mesmo Odisseu dirigiu-se a mim, escondido de Penélope, e deu-me uma carta para levar até Ogígia, a ilha de Calipso. Radamanto enviou comigo o barqueiro Náuplio²⁷, para que, se desembarcássemos nas ilhas, ninguém nos prendesse por estarmos navegando por motivo de comércio.

_

²⁷ Piloto na expedição dos Argonautas, pai de Palamedes.

Quando, ao avançar, passamos pelo ar perfumado, de imediato recebeu-nos um odor terrível, como de betume, enxofre e pez queimando ao mesmo tempo; além de uma fumaça ruim e insuportável, como se homens estivessem sendo queimados, e um ar sombrio e nublado, do qual gotejava orvalho pezenho. Também ouvíamos o barulho de chicotes e o gemido de muitos homens.

Das outras ilhas não nos aproximamos, mas aquela em que desembarcamos tinha o seguinte aspecto: ao redor, era toda íngreme e escarpada, ressecada por pedras e asperidades, e não havia nela nenhuma árvore nem água. Rastejando pelos precipícios, avançamos por meio de um caminho espinhoso e cheio de estacas, sendo um país de muita feiúra. Quando fomos à prisão e ao punitório, ficamos primeiro admirados com sua natureza. No próprio chão, floresciam navalhas e espinhos por toda parte e os rios corriam em círculo - um de lodo, outro de sangue. Um, de fogo, era muito alto e intransponível, corria como água, ondulava como o mar e tinha muitos peixes semelhantes a tições e, os menores, a carvões queimados. Chamavam-nos lampadazinhas.

No meio de tudo isso havia uma única entrada estreita e Tímon, o Ateniense²⁸, estava ali parado como seu guardião. Passamos por ela, entretanto, tendo Náuplio nos apontado a direção, e vimos muito reis e também muitos homens comuns sendo castigados, dos quais reconhecemos alguns. Vimos também Ciniras, coberto de fumaça, suspenso pelas partes pudentas. Os guias expunham as vidas de cada um deles e os erros pelos quais eram punidos. As maiores punições entre todas suportavam-nas os que de algum modo mentiram ao longo da vida e os que não escreveram a verdade, entre os quais estavam Ctésias de Cnido, Heródoto e muitos outros. Então, ao vê-los, eu tive boas expectativas para o porvir. Pois tinha consciência de que eu mesmo nenhuma mentira havia contado.

Rapidamente retornando para a nau – pois não era capaz sequer de suportar aquela visão -, após saudar Náuplio, de lá naveguei. Em pouco tempo, surgiu próxima a Ilha dos Sonhos, indistinta e pouco clara de se ver. Também ela era algo afetada pelos sonhos: ao nos aproximarmos, ela retirava-se, esquivava-se e para mais longe recolhia-se. Enfim a alcançamos e navegamos em direção ao chamado Porto do Sono, perto das portas de marfim, onde estava o Templo do Galo, e desembarcamos no fim da tarde. Passando pela cidade, vimos muitos e

_

²⁸ Célebre misântropo, que teria vivido na época da guerra do Peloponeso (Plutarco, *Anton*.70). É personagem de um diálogo de Luciano que leva o seu nome.

variados sonhos; mas quero primeiro falar sobre a cidade, já que nada foi escrito a seu respeito por ninguém mais; mencionou-a apenas Homero, que não a descreveu de modo muito preciso.

Em todo o seu entorno, há uma floresta cujas árvores são dormideiras altas e mandrágoras, sobre as quais havia uma grande quantidade de morcegos, pois na ilha há somente essa ave. Próximo dali corre um rio, o que era chamado por eles de Passagem Noturna, e há duas fontes ao lado das portas. Os nomes delas são, de uma, Desacordada e, de outra, Pernoite. O muro da cidade é alto e colorido, semelhante ao arco-íris na cor. As portas, porém, ali não são duas, como disse Homero, mas quatro: duas voltadas para a Planície da Indolência, uma feita de ferro, outra de argila, das quais dizem partir os sonhos amedrontadores, sanguinários e indecentes e duas voltadas para o porto e para o mar, uma de chifre e outra, pela qual nós passamos, feita de marfim. Ao entrar na cidade, à direita está o Templo da Noite - pois lá veneram dentre os deuses sobretudo a ela e ao Galo. Para ele, foi feito um santuário perto do porto. À esquerda fica o Palácio do Sono. Ele governa o país, tendo instituído dois sátrapas também governantes, Agitado, filho de Frivologênio e Rico, filho de Aparição. No meio da ágora, há uma fonte que chamam Soporal e perto dali há dois templos, um do Engano e um da Verdade. Lá, também está o ádito e o oráculo, que Antífon, o intérprete dos sonhos²⁹, preside sendo profeta, depois de obter o posto do rei Sono.

Com relação aos Sonhos, por sua vez, nem a sua natureza nem a sua aparência eram as mesmas, mas havia, de um lado, os grandes, belos e agradáveis, de outro, os pequenos e amorfos, e ainda os que me pareceram ser de ouro e os humildes e comuns. Entre eles, havia também alguns com asas e monstruosos e outros arrumados como para uma procissão: uns enfeitados como reis, uns como deuses e outros de maneiras diversas. Reconhecemos muitos deles, pois os tínhamos visto outrora entre nós; eles aproximaram-se e cumprimentaram-nos como se fossem nossos conhecidos e, tendo nos acolhido e nos feito dormir, hospedaram-nos muito esplêndida e gentilmente, preparando-nos uma recepção magnífica e prometendo nos tornar reis e sátrapas. Alguns até nos conduziram para a pátria, mostraram-nos nossos familiares e no mesmo dia trouxeram-nos de volta.

²⁹ Há controvérsia acerca da identidade de Antífon. Parece ter havido dois contemporâneos de mesmo nome, Antífon orador (c.480-411 a.C.), autor das *Tetralogias*, que pode ou não ser também o sofista Antífon, autor de *Da Intepretação dos Sonhos*.

- Trinta dias e mesmo número de noites permanecemos entre eles, recebendo muitas regalias ao dormir. Então, quando de repente estrondou um grande trovão, acordamos assustados e zarpamos, depois de nos ter aprovisionado. Após três dias, tendo atracado na Ilha de Ogígia, desembarcamos. Antes, abri a carta e li o que nela estava escrito. Era isto: "Odisseu saúda Calipso. Que tu saibas que tendo eu primeiramente partido de perto de ti navegando equipado de uma jangada, depois de sofrer um naufrágio, com dificuldade fui posto a salvo por Leucotéia no país dos Feácios, pelos quais fui enviado para casa, onde me deparei com muitos pretendentes de minha mulher vivendo como boas-vidas em nosso palácio. Depois de matá-los todos, pereci pela mão de Telêgono, o filho que tive com Circe e eu estou agora na Ilha dos Bem-Aventurados, lamentando muito ter deixado a vida ao teu lado e a imortalidade que me propuseste. Então, se me surgir a oportunidade, fugindo, irei ter contigo". Isso revelava a carta e, sobre nós, que fôssemos recebidos como hóspedes.
- Eu, tendo pouco avançado a partir do mar, descobri a gruta tal como Homero a descreveu e Calipso fiando a lã. Quando tomou a carta e leu-a, primeiro durante muito tempo chorou, depois convidou-nos para os ritos de hospitalidade e para uma festa esplêndida e quis informar-se acerca de Odisseu e Penélope, qual era a aparência dela e se era sensata como Odisseu outrora enfatizara a seu respeito. Nós respondemos aquilo que presumimos agradá-la. Certa hora, partimos e repousamos na costa, perto do navio.
- Ao amanhecer, zarpamos, com mais força soprando o vento. Depois de dois dias de tempestade, no terceiro, defrontamo-nos com os Aboboropiratas. Eles são homens selvagens das ilhas próximas que roubam os que estão a costeá-las. Têm enormes barcos de abóbora, de trinta metros de extensão; depois de secar uma abóbora, de cavá-la e de esvaziar o seu interior, navegam nela utilizando mastros de junco e, no lugar da vela, folha de abóbora. Então, avançando sobre nós em duas equipagens, começaram a atacar e a ferir muitos dos nossos, atirando semente de abóboras. Por muito tempo travamos a batalha naval quase em igualdade e, por volta de meio-dia, vimos navegando na direção dos Aboboropiratas os Noznautas. Eles são inimigos uns dos outros, como ficou claro. Uma vez que aqueles perceberam-nos avançar, pouco se importaram conoso e, voltando-se contra eles, travaram uma batalha naval.
- [38] Enquanto isso, depois de ajustar a vela, nós fugimos, deixando-os a lutar; era evidente que os Noznautas os dominariam, também porque eram em maior número pois tinham cinco equipagens e lutavam com naus mais fortes. Seus barcos eram metades vazias de cascas

de nozes e o tamanho de cada metade era de cinco metros em extensão. Já que tínhamos nos escondido deles, cuidamos das feridas e, posteriormente, ficamos armados quase todo o tempo, sempre aguardando alguma cilada. Não foi em vão.

[39] De fato, o sol ainda não havia se posto quando de uma ilha deserta avançaram em nossa direção cerca de vinte homens montados sobre enormes golfinhos e também eles eram piratas. Os golfinhos levavam-nos com firmeza e, saltando, relinchavam como cavalos. Quando se aproximaram, uns postos de um lado, uns do outro, atiraram em nós peixes secos e olhos de caranguejo. Nós usávamos arcos e lanças e, sem poder mais suportar a situação, feridos em sua maioria, fugiram para uma ilha.

[40] Cerca de meia-noite, quando havia uma calmaria, dirigindo-nos à terra, sem perceber atracamos em um enorme ninho de alcíone. Ele tinha ao menos uns dez quilômetros de perímetro. Então o alcíone avançou pelo mar, pois estava chocando os ovos, e não era muito menor do que o ninho. Ao voar, por pouco não fez submergir nossa nau com o vento que criou com as asas. Depois partiu, fugindo, a emitir um som lastimoso. Após desembarcar, quando o dia já começava a raiar, observamos o ninho, que era semelhante a uma enorme jangada, construída com árvores enormes. Sobre ele, havia quinhentos ovos, cada um deles mais largo do que um tonel de vinho de Quios. Os filhotes lá dentro, por sua vez, já começavam a surgir e a grasnar. Batendo com machados nos ovos, fizemos eclodir um filhote ainda sem penas, mais forte do que vinte abutres.

Quando, ao navegar, tínhamos nos afastado do ninho cerca trinta e cinco quilômetros, manifestaram-se para nós grandes e admiráveis portentos. O ganso de madeira que ornamentava o extremo da popa bateu asas acima de nós e grasnou; começou a crescer cabelo no nosso capitão Cíntaro, que já era calvo, e a coisa mais extraordinária de todas: o mastro da nau germinou, cresceram-lhe ramos, sobre a sua ponta nasceram frutos e os seus frutos eram figo e uva preta, ainda não maduros. Vendo isso, como era natural, ficamos agitados e oramos aos deuses por causa de tão estranha aparição.

Quando ainda não tínhamos percorrido noventa quilômetros, vimos uma floresta grande, coberta de pinheiros e ciprestes. Nós supusemos ser terra firme, mas era o alto-mar, profundo, que havia sido plantado com árvores sem raiz. As árvores, porém, ficavam imóveis, eretas como se navegassem. Após nos aproximar e examinar tudo, ficamos sem saber o que poderíamos fazer, pois nem era possível navegar pelo meio das árvores – pois eram grossas e

nasciam contíguas – nem parecia fácil retornar. Ao subir na maior árvore, observei como era a região adiante, vendo que a floresta ocupava nove quilômetros ou pouco mais e que, em seguida, havia novamente outro oceano. Decidimos, tendo colocado a nau sobre a copa das árvores – pois era espessa –, caso conseguíssemos, passar por cima até o outro mar. Assim fizemos. Atando-a com uma grande corda e subindo sobre as árvores, com dificuldade a puxamos e, postos sobre os ramos, depois de desdobrar a vela, como no mar navegamos, impulsionados pela corrente de vento. Lá ocorreu-me o verso do poeta Antímaco– pois ele diz em algum lugar: "Aos que vêm pela navegação florestal"³⁰.

Ao abrir caminho pela floresta, entretanto, alcançamos a água e, novamente descendo a nau do mesmo modo, navegamos pela água pura e límpida até que topamos com uma enorme fenda que surgiu quando a água se dividiu, como freqüentemente vemos surgirem rachaduras na terra por causa de tremores. Então, depois de abaixar a vela, não foi com facilidade que a nau se estabilizou e por pouco não despencou. Curvando-nos, vimos uma profundeza de cerca de cento e oitenta quilômetros, muito amedrontadora e extraordinária: a água lá ficava como que dividida. Olhando ao redor, vimos no lado direito, não muito distante, uma ponte atravessando a água, a qual visivelmente unia os mares, ao fluir de um para o outro. Avançando então com os remos, passamos correndo por ali e, com muita agonia, atravessamos, embora não tivéssemos nenhuma expectativa de consegui-lo.

Lá, fomos recebidos por um alto-mar tranquilo e uma ilha não muito grande, acessível e povoada. Habitavam-na homens selvagens, os Bucéfalos, que tinham chifres, como entre nós dão forma ao Minotauro. Desembarcando, avançamos para nos abastecer de água e recolher alimento, se em algum lugar o conseguíssemos, pois não mais os tínhamos. Encontramos água ali perto, mas nada mais apareceu, exceto um grande mugido, que foi ouvido de algum lugar não longe dali. Então, acreditando haver lá um rebanho de bois, pouco depois, quando prosseguíamos, topamos com homens. Eles, ao nos verem, perseguiram-nos e apanharam três de meus companheiros, enquanto o resto conseguiu fugir até o mar. Em seguida, entretanto, todos se armaram – pois decidimos não deixar nossos amigos sem vingança -, e atacamos os Bucéfalos, que dividiam entre si os corpos dos que tinham sido apanhados. Amendrontando-os, perseguimos todos, matamos cerca de cinqüenta e capturamos dois deles vivos e, em seguida, novamente retornamos com os cativos. Nenhum alimento, porém, encontramos. Então, os outros sugeriram

.

³⁰ Antímaco de Cólofon, poeta e crítico alexandrino, compôs poemas épicos e elegíacos. Frag.62.

degolar os prisioneiros. Eu, porém, não consenti, mas depois de amarrá-los, vigiei-os até que chegaram os embaixadores dos Bucéfalos, reclamando os prisioneiros em troca de um resgate. Nós nos reunimos com eles, que faziam sinais com a cabeça e mugiam de um jeito lamentoso como se suplicassem. Como resgate, havia muitos queijos, peixes desidratados, cebolas e quatro cervos, cada um com três patas, duas atrás, ao passo que as da frente nasciam juntas, como uma só. Em troca, devolvemos os prisioneiros e, depois de permanecer lá um único dia, zarpamos.

Logo apareceram peixes, aves voando e outros tantos sinais de que havia terra por perto surgiram. Pouco tempo depois, vimos também homens, que utilizavam um modo inovador de navegação, pois eles eram tanto nautas quanto naus. Falarei sobre o seu modo de navegação: de costas, deitados sobre a água, erguendo as partes pudentas – e as têm enormes –, nelas abrindo a vela e segurando os cabos com as mãos, navegam, quando bate o vento. Além deles, havia outros sentados sobre cortiças que, tendo jungido dois golfinhos, cavalgavam-nos e dirigiam-nos. Eles, ao avançarem, puxavam as cortiças. Não tentaram nos fazer mal nem fugiram, mas avançavam destemida e pacificamente, admirados com o aspecto de nossa navegação, em tudo a examinavam.

[46] À noite, aportamos em uma ilha não muito grande. Era habitada por mulheres - foi o que supusemos -, que falavam grego. Aproximaram-se, estenderam-nos a mão direita e cumprimentaram-nos, muito enfeitadas, como cortesãs, e todas eram belas e jovens, a arrastar túnicas que desciam até os seus pés. A ilha chamava-se Logro e a cidade, Aquápolis. Cada uma das mulheres encarregou-se de um de nós, conduziu-nos para sua casa e fez-nos seus hóspedes. Eu, porém, afastando-me um pouco - pois não tinha bons pressentimentos -, ao olhar em volta com mais cuidado, vi no chão ossos e crânios de muitos homens. Não julguei boa idéia gritar, convocar meus companheiros e correr às armas; mas antes, tomando em mãos a malva, com ela muito orei que pudesse fugir dos males que se apresentavam. Pouco tempo depois, tendo a estrangeira servido-me, vi não pernas de mulher, mas cascos de mula. Puxando a minha espada, prendi-a e, depois de amarrá-la, interroguei-a. Ela, ao me ouvir, contou que elas eram mulheres marinhas chamadas Pernas-de-Mula e que faziam de alimento os estrangeiros que ali chegavam. "Sempre", ela disse, "que os embebedamos, depois ter relações com eles, os atacamos quando dormem". Ouvindo isso, deixei-a para trás amarrada ali e, tendo subido no telhado, eu comecei a gritar e convoquei meus companheiros. Quando nos reunimos, revelei-lhes tudo, mostrei-lhes os

ossos e conduzi-os para fora, até aquela que estava amarrada. Ela imediatamente tornou-se água e ficou invisível. Então tentei cravar a espada na água e ela se transformou em sangue.

Rapidamente retornando à nau, de lá navegamos. Quando o dia começou a raiar, já avistávamos terra firme, que supusemos ser a que ficava do lado oposto à que habitamos. Então tendo nos prosternado e rezado, examinamos os fatos por vir: alguns achavam que após o desembarque deveríamos apenas retornar, outros que deveríamos deixar o barco ali e subir até o interior, para fazer uma tentativa com os habitantes. Enquanto discutíamos isso, caiu uma violenta tempestade, que ao fazer a embarcação se chocar contra a costa, partiu-a. Nós nadamos com dificuldade, cada um apanhando as armas e algo mais que conseguisse.

Esses, portanto, são os fatos que me sucederam no mar até o momento em que cheguei à outra terra, durante a navegação pelas ilhas e pelo ar e, depois disso, na baleia e quando saímos dela; entre os heróis e os sonhos e, por fim, entre os Bucéfalos e as Pernas-de-Mula. O que me sucedeu nessa terra narrarei em livros seguintes.

INTRODUÇÃO

Das Narrativas Verdadeiras é uma narrativa fantástica em primeira pessoa sobre os locais e povos que Luciano (autor, mas também narrador do texto) e seus companheiros encontram na viagem que empreendem para além do mundo conhecido, aventurando-se no Oceano em uma jornada repleta de aventuras, das quais se podem destacar: uma viagem à Lua, aonde chegam levados por um tufão e onde ele e seus companheiros tomam parte ao lado de seus habitantes em uma guerra contra os Heliotas, habitantes do Sol; o período em que vivem no interior de uma baleia, local povoado por criaturas fictícias onde o narrador encontra outros homens engolidos pelo animal assim como ele havia sido; e ainda, a visita à Ilha dos Bem-Aventurados e à Ilha dos Ímpios, nas quais Luciano encontra muitos gregos (e bárbaros) célebres, entre personagens históricos e mitológicos¹.

O texto *Das Narrativas Verdadeiras*, muito apreciado no Renascimento, período em que Luciano foi bastante traduzido e imitado, parece ter sido especialmente influente na literatura posterior, inserindo-se de forma paradigmática em uma tradição de utopias literárias e narrativas de viagem fictícias. Sua influência em célebres narrativas de viagem posteriores é mencionada com freqüência, como em *Utopia*, de Thomas Morus, *Pantagruel* de Rabelais, *Uma Viagem à Lua* de Cyrano de Bergerac e *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, embora a sua influência direta tenha sido bastante relativizada na análise de Robinson, que prefere observar uma "tradição luciânica"².

Ao narrar acontecimentos prodigiosos que acontecem com os viajantes em sua jornada para além das Colunas de Héracles, contudo, Luciano utiliza uma forma literária que pode ser reconhecida em gêneros diversos; com efeito, o paradigma por excelência da narrativa de viagem

¹ As Colunas de Héracles (primeiramente, ao que parece, identificadas com o hoje Estreito de Gibraltar) eram o último ponto familiar entre o conhecido Mediterrâneo e o desconhecido e perigoso Rio Oceano, que circundava a Terra. Para uma análise da questão, cf. J. Romm. *The Edges of the Earth in Ancient Thought: Geography, Exploration, and Fiction.* Princeton: Princeton University Press, 1994.

² Lucian and His Influence in Europe. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1979, p. 129-144. A essa tradição pertenceria também o nosso Machado de Assis, segundo análise de Sá Rego. Alguns dos aspectos comuns às narrativas passados de Luciano aos seus "seguidores" seriam, na análise do estudioso: a paródia, a fantasia, o ponto de vista irônico e distanciado, o caráter fragmentário e as alusões e citações de autores pertencentes à mesma tradição. Cf. E.S. Rego. O Calundu e a Panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

é o relato de Odisseu feito na corte dos féacios, o qual os historiadores antigos também parecem ter tomado como parâmetro³. O próprio Luciano indica, no proêmio de seu texto, o "Odisseu de Homero" como guia e mestre dos autores que mentiram ao narrar fatos prodigiosos, por ter mencionado aos incultos feácios coisas tão fantásticas como a escravidão dos ventos, animais de várias cabeças, seres de um olho só e as transformações sofridas por seus companheiros nas mãos de Circe.

Dessa forma, se a narrativa de viagem fabulosa não é uma forma literária de todo nova, algo que o próprio Luciano reconhece no proêmio de seu texto, que características peculiares possibilitam vê-lo como inaugurador de uma tradição?

O primeiro ponto a se observar é o fato de que Luciano constrói sua narrativa deliberadamente por meio da alusão. Assim, ao afirmar "cada uma das coisas relatadas alude não sem comicidade a alguns dos antigos poetas, historiadores e filósofos que muitas coisas prodigiosas e fabulosas escreveram" (I.2), Luciano escolhe a viagem como ocasião para narrar, sendo também a viagem a base da narrativa tanto na poesia épica, quando Odisseu descreve suas aventuras aos Feácios, quanto nos relatos dos historiadores, que pretendiam ser um registro do real. Entretanto, se a narrativa de Luciano possui caráter fabuloso, ela é, por outro lado, feita de acordo com os parâmetros de uma "história real". Nas palavras de Marsh, "ao fundir poesia e história, Luciano inventou uma forma nova e imprevisível de narração, marcada pelo acaso e pelas inesperadas vicissitudes de uma viagem de exploração".

A fantasia, tomada da poesia, e a utilização, na narrativa, de estratégias que visam a persuadir o leitor da veracidade dos fatos, emprestadas da historiografia, são dois pontos fundamentais em *Das Narrativas Verdadeiras*⁵. Porém, além dos aspectos tomados da poesia e da história, um elemento essencial às narrativas de viagem que se filiam à tradição luciânica é a

.

³ "As a man of travel and adventure, visitor of marvelous lands, and narrator of his own experiences, Odysseus can be seen as the prototype historian. (...) His wanderings, narrated at length at the court of the Phaiakians, are as much about the discoveries he made as the curious investigator, not only in his adventures (though this is more obvious) but also in his own home where he must 'learn the minds of his household' and test them out". J. Marincola. Odysseus and the Historians. Artigo Inédito. Por outro lado, "the nature of Odysseus, the cunning, versatile, eloquent and persuasive traveler, is very easy to assimilate to the role of the sophist himself". G. Anderson. The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the roman empire. London: Routledge, 1993, p.75.

⁴ Lucian and the Latins: Humor and Humanism in Early Renaissance. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2001, p.188.

⁵ Há quem considere o texto um exemplar primordial daquilo que veio a se chamar "ficção científica". Cf. *Lucian's Science Fiction Novel Verae Historiae*, Leiden: Brill, 1998 e S. C. Fredericks. "Lucian's True History as Science Fiction". Science Fiction Studies, n.8, vol.3, 1976.. R. Swanson. "The true, the false and the truly false: Lucian's philosophical science fiction". Science Fiction Studies, n.3, vol.10, 1976.

sátira. Esse é um aspecto que parece estar presente em todas as narrativas de viagem fantásticas consideradas "luciânicas". Entretanto, enquanto aqueles autores influenciados por ele valeram-se do gênero sobretudo tendo em vista a sátira política e social, o elemento satírico, fortemente presente no texto de Luciano, parece dizer respeito apenas à literatura.

Ao partir da alusão a "antigos poetas, historiadores e filósofos que muitas coisas prodigiosas e fabulosas escreveram" para compor seu texto, Luciano está observando o mesmo norte que orientava a diversos contemporâneos seus e é preciso entender também o contexto cultural do autor para compreender melhor qual o alvo da sátira que ele realiza em Das Narrativas Verdadeiras.

Luciano, que viveu de cerca de 125 a 180 d.C., é associado ao movimento conhecido como Segunda Sofística. O termo, cunhado por Filóstrato em seu *Vidas de Sofistas*, reúne um grupo de autores de características muito distintas entre si, que viveram sobretudo do início do período imperial, como Luciano. O termo aponta, porém, que neles há em comum a acentuada presença de treinamento retórico e a consciência de uma tradição helênica gloriosa, que lhes fornece temas e técnicas a tal ponto da contemporaneidade parecer lhes passar quase despercebida em seus textos⁶. Também como Luciano, um Sírio, muitos dos representantes da Segunda Sofística não eram gregos, mas estrangeiros "helenizados" por meio de sua educação e produção retórica. Nas palavras de Whitmarsh, "tornar-se grego (no sentido de construir uma identidade como pepaideumenos) era um processo árduo e demorado (...). Em termos literários, 'tornar-se grego' significava construir sua própria auto-representação por meio do e em constraste ao passado canônico"⁷.

Dessa forma, havia, na Segunda Sofística, que se voltar aos clássicos, imitá-los, recriá-los. Era necessário ser mais do que herdeiro: um continuador e mantenedor da tradição helênica. Esse caráter "tradicional" do movimento pode ser sobretudo observado na utilização desses autores do dialeto ático, em preterimento do *koiné* de sua época, e no uso difundido da *mímesis* como técnica de criação retórica e literária, que Bompaire e Reardon preferem entender não simplesmente como *imitação*, mas como "referência ao patrimônio literário, representado pelas

_

⁶ Para relação da obra de Luciano com questões de seu tempo, cf. B. Baldwin. *Studies in Lucian*. Edgar Kent Publisher, 1973 e C.P. Jones. *Culture and Society in Lucian*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

⁷ T. Whitmarsh. *Greek Literature and the Roman Empire. The Politics of Imitation*. Oxford University Press, 2004, p.23/27. A "helenização" de Luciano é analisada por S. Goldhill. "Becoming Greek, with Lucian". In: *Who needs greek?* Cambridge University Press, 2002, p.60-107.

grandes obras-primas"⁸. Embora não tenha seu nome incluído entre os autores biografados por Filóstrato em *Vidas de Sofistas*, Luciano compartilha dessas mesmas características⁹.

Um bom exemplo – e apenas um exemplo - da maneira como os autores do período buscaram retomar a tradição é, obviamente, Homero. O movimento encontra seu modo particular de se apropriar da matéria homérica e "em uma época em que a Épica estava menos em voga do que a prosa, era possível imitar seu mestre de um modo que era tanto erudito quanto inusitado ao reescrever a matéria canônica em prosa"10. Díon Crisóstomo, por exemplo, faz de Homero assunto de várias de suas orações (Or.11, Or.53. Or.55, Or.57), entre as quais aquela conhecida como Troiana (Or.11), na qual argumenta que muito daquilo que o poeta narrou não pode ser verdade e que Tróia de fato nunca foi tomada¹¹. Filóstrato, por sua vez, relata o encontro e a conversa de Apolônio de Tiana com o fantasma de Aquiles em A Vida de Apolônio de Tiana e, em Heroicus, é Protesilau, o primeiro dos gregos a perecer em Tróia, quem se torna seu personagem. Élio Aristides produz um discurso que retoma o livro IX da *Ilíada* e Libânio dá voz a Aquiles no momento em que o herói está junto ao cadáver de Patroclo (Ethop.3) e quando é privado de Briseida (Ethop.5). Como um último exemplo, pode-se mencionar o tratamento cômico dado por Luciano a episódios da Ilíada e da Odisséia nos seus Diálogos dos Mortos. Como se pode observar, Homero torna-se no período imperial, "um monumento a ser satirizado, negado e reinventado"12.

_

⁸ B. Reardon. Courants Littéraires Grecs des IIe e IIIe siècles après J.C. Paris: Les Belles-Lettres, 1971, p. 7. J. Bompaire. Lucien Écrivain. Paris: Boccard, 1958, p.63. O livro de Bompaire é o grande estudo sobre o uso da mímese no período; o autor classifica a criação em duas: retórica e literária. A segunda diferenciaria-se da primeira por "une application de la Mimésis plus subtile, un vrai raffinement de lettré. L' écrivain n'a plus devant l'héritage livresque un réflexe élémentaire de prise de possession – accompagné d'un minimum d'élaboration -, son esprit combine, transpose, parodie, prolonge des données littéraires sans cesser de leur être fidèle". p.158.

⁹ Um sofista tanto ensinava nas escolas de retórica como fazia apresentações públicas. Luciano parece ter se ocupado das duas atividades. Sobre as apresentações, cf. G. Anderson. "The pepaideumenos in action: sophists and their outlook in the Early Roman Empire". ANRW 33.I, 1989, p.79-208.

¹⁰ G. Anderson. *The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman empire*. London/New York: Routledge, 1993, p.174.

Díon ainda lida com a tradição homérica ao fazer de Criseida tema de uma de suas orações (Or.61), ao criar uma peça em que apresenta Aquiles ainda criança dialogando com seu tutor, o centauro Quiron (Or.58, no que talvez seja uma paráfrase de alguma composição dramática perdida) e ao apresentar Odisseu e Filoctetes no que por sua vez aparenta ser paráfrase do prólogo de *Filoctetes*, de Sófocles (Or.59).

¹² R. Hunter, "Homer and Greek Literature". In: R. Fowler (ed.), *The Cambridge Companion to Homer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p.250. Para uma análise da imagem de Homero no período, cf. F. Zeitlin. "Visions and revisions of Homer in the Second Sophistic". In: S. Goldhill (ed.). *Greek identity in the Second Sophistic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 195-266. As alusões a Homero permitem que se suponha como se dava o estudo do autor nas escolas de retórica: "we can make a good guess as to which books were read mosft often and studied most intensively. If we consider the number of different papyrus fragments containing passages from each book, we can arrange them in the following sequence: *Iliad*, 1, 2, 5, 4, 11, 3, 5, 6, 9, 13, 17, 12,

Assim, o fato da alusão ser um dos expedientes de criação literária preferidos de Luciano deve ser também compreendido dentro de um contexto cultural no qual se voltavam os olhos ao passado e à tradição literária gloriosa dos gregos, na imitação dos temas e técnicas encontrados nos autores canônicos. Nesse contexto, falar em originalidade no sentido romântico da palavra não faz muito sentido, uma vez que se buscava trabalhar a matéria tradicional dentro das convenções retóricas, o que por muito tempo condenou todo esse período ao menosprezo crítico¹³.

O fato de Luciano não apenas imitar os antigos, mas fazê-lo com comicidade, isto é, parodiar, torna-o distinto nesse contexto cultural. A declarada intenção de Luciano de "aludir não sem comicidade" em Das Narrativas Verdadeiras revela que o texto será construído como um "mosaico de referências paródicas", para usar a definição de Morgan¹⁴. Com efeito, para Bompaire, Luciano está ausente da biografia que Filóstrato faz dos sofistas de sua época "sem dúvida" por causa de seus ataques virulentos contra seus colegas sofistas, ao passo que outros autores acreditam, por sua vez, que Luciano não é biografado por Filóstrato porque o autor não o consideraria parte do movimento da Segunda Sofística¹⁵. Qualquer das causas que se alegue para explicar essa ausência, creio que se deva admitir, com Branham, que

A apresentação ambígua de Luciano e seu tom irônico fazem da sua obra uma resposta paródica às formas mais costumeiras do tradicionalismo contemporâneo, não apenas uma sátira sobre ele, mas uma reflexão paródica sobre seus valores e técnicas¹⁶.

Luciano afirma, no proêmio de *Das Narrativas Verdadeiras*, que muitos autores narraram coisas "prodigiosas e fantásticas" e o autor acusa-os de ter contado essas mentiras como se

Od.4, II.7, 22, 10, 18, 23, 15, 16, 21, 24, Od.11, 1, 3, 9, 10, 12, II.19, 14, Od.5, 18. Considering frequency in Lucian, we get the following order: *Iliad*.1, 2; Od.11, 9; II.3, 8, 5, 9, Od.12, 4, II.4, 6, Od.1, II.19". F.Householder. *Literary quotation and allusion in Lucian*. New York: King's Crown, 1941. p.57.

¹³ Cf. o sempre mencionado artigo amargo de Van Grönigen sobre o período: "General literary tendencies in the second century a.D." Mnemosyne, vol.18, 1965, p.41-56.

¹⁴ "Lucian's True histories and the Wonders beyond Thule of Antonius Diogenes". Classical Quartely, 35, 1985, 475-90.

¹⁵ J. Bompaire "Comment lire les Histoires Vraies de Lucien?" In: D. Porte & J-P. Néraudau. Hommages à Henri Le Bonniec. Latomus, vol.201, 1988. Para uma visão diferente, cf. J. Brandão. *A Poética do Hipocentauro*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p.16.

¹⁶ R. Branham. *Unruly Eloquence: Lucian and the comedy of traditions*. Cambridge/London: Harvard University Press, 1989, p.5.

fossem verdade, acreditando que, ao fazê-lo, poderiam passar despercebidos. Luciano então faz questão de se diferenciar deles afirmando que, por não ter nada verdadeiro para contar (I.4),

Voltei-me para a mentira, em muito mais honesta que a dos demais, pois ao menos nisto direi a verdade: ao afirmar que minto. Assim, a mim me parece que também escaparia da acusação dos outros, eu próprio concordando que nada digo de verdadeiro. Escrevo, portanto, sobre coisas que nem vi, nem sofri, nem me informei por outros, e ainda sobre seres que não existem em absoluto e nem por princípio podem existir. Por isso, aqueles que por acaso se depararem com estes escritos não devem de forma alguma crer neles.

Ainda que as questões debatidas por Branham sejam outras, *Das Narrativas Verdadeiras* oferece também, por meio da paródia, uma reflexão acerca do contexto literário no qual Luciano se encontrava. Assumir a ficção da narrativa, ainda que hoje pareça trivial ao leitor moderno, tinha todo um outro efeito na Antigüidade. Tome-se, apenas como um exemplo, ainda no tratamento dado aos poemas homéricos, os dois textos em prosa narrados em primeira pessoa atribuídos ao grego Dictis (*Ephemeris belli Troiani*) e ao frígio Dario (*Acta diurna belli Troiani*), que foram apresentados na forma de relatos de duas testemunhas oculares da Guerra de Tróia e que, ainda posteriormente, no período Bizantino e na Idade Média, foram tidos como fonte confiável de informações, oferecendo o leitor a *verdade* por detrás dos fatos fabulosos narrados por Homero¹⁷. De fato, a verdade e a ficção por muito tempo entrelaçaram-se nos textos em prosa, de modo a não se distinguirem, não apenas, como no caso das narrativas de Dictis e Dares, quando a ficção assume as feições de historiografia, mas também no seu contrário: quando a historiografia toma da poesia a liberdade de inventar o que bem quiser.

Assim, Luciano está em *Das Narrativas Verdadeiras* lidando com a oposição entre verdade e mentira (ψευδός, ou *ficção*), inserindo-se ao seu modo no debate teórico iniciado na *Poética* de Aristóteles, em que o filósofo observa que não é em metrificar ou não que diferem historiador e poeta (1451b). Ao declarar ao leitor, antes de iniciar sua narrativa, que nada do que escreve é verdade, Luciano assume uma postura que, segundo Brandão, define um estatuto

¹⁷ Os dois textos supérstites são traduções latinas (ambos os textos iniciam-se com cartas, nas quais se diz que os textos originais foram traduzidos para o latim). As versões latinas datam, provavelmente, do século IV, no caso de Dictis, e do século V, no caso de Dares. Em 1907 e em 1966, publicaram-se dois fragmentos da versão grega do texto de Dictis – da versão original do texto de Dares nada se conhece -, cuja datação é dada entre os anos 66 e 200 d.C. Cf. S. Merkle. "The truth and nothing but the truth: Dictys and Dares". In: G. Schmeling (ed.). *The Novel in the Ancient World*. Leiden, Brill, 2003, p.563-80.

próprio para ficção, em oposição àqueles que narravam e deleitavam-se com relatos fantásticos sem, no entanto, esclarecê-los como fictícios¹⁸. Exemplos em Heródoto e em Ctésias de Cnido, dois historiadores que Luciano menciona como condenáveis no texto, são muitos; basta mencionar as raças que Ctésias, autor do século IV a.C., afirma existir na Índia. Entre as quatro raças de homens que ele descreve, a mais fantástica talvez seja aquela em que as crianças nasciam com pêlos e cabelos brancos, que começavam a escurecer a partir dos trinta anos; além disso, os homens dessa raça tinham oito dedos nas mãos e nos pés e suas orelhas eram compridas, cobrindo ombros, costas e braços.

Dessa forma, a sátira de Luciano se constrói por meio da alusão cômica àqueles autores que garantem a veracidade de suas narrativas, em conjunto com a ressalva de que tudo o que ele mesmo narra é falso e não merece crédito. Luciano denuncia, assim, o que há de mentiroso ou fictício nas obras desses autores, expondo-os não apenas ao riso de seus leitores, mas desmascarando-os. Um exemplo reconhecido de alusão é a passagem em que Luciano se depara com as marcas das passagens de Héracles e Dioniso pela Ilha das Vinhas (I.7):

A região não possui maravilhas, exceto pelos rios, que de longe são os maiores e, em número, os mais abundantes. Apresenta também coisa digna de maravilhar-se, além dos rios e do tamanho de sua planície: mostram, ao lado do rio Tire, uma pegada de Héracles que está em uma pedra, semelhante aos passos de um homem, mas seu tamanho é de noventa centimetros.¹⁹

(Heródoto, IV.82)

Quando tínhamos avançado, a partir do mar, cerca de quinhentos e quarenta metros meio por meio da floresta, vemos uma estela feita de cobre, grafada com letras gregas, pouco distintas e gastas, que dizia "até aqui chegaram Héracles e Dioniso". Perto dali, havia também duas pegadas sobre uma pedra, uma de trinta metros de tamanho, outra menor – ao que me parece, uma de Dioniso, a pequena, e a outra, de Héracles.²⁰

 19 Θωμάσια δ 1 ή χώρη αὕτη οὐκ ἔχει, χωρὶς ἢ ὅτι ποταμούς τε πολλῷ μεγίστους καὶ ἀριθμὸν πλείστους. Τὸ δ ἀποθωμάσαι ἄξιον καὶ πάρεξ τῶν ποταμῶν καὶ τοῦ μεγάθεος τοῦ πεδίου παρέχεται, εἰρήσεταιρ ἴχνος Ηρακλέος φαίνουσι ἐν πέτρῃ ἐνεόν, τὸ ἔοικε μ ν βήματι ἀνδρός, ἔστι δ τὸ μέγαθος δίπηχυ, παρὰ τὸν Τύρην ποταμόν.

¹⁸ A Poética do Hipocentauro. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

 $^{^{20}}$ προελθόντες δ σσον σταδίους τρεῖς ἀπὸ τῆς θαλάττης δι' ὕλης ὁρῶμέν τινα στήλην χαλκοῦ πεποιημένην, Ἑλληνικοῖς γράμμασιν καταγεγραμμένην, ἀμυδροῖς δ καὶ ἐκτετριμμένοις, λέγουσαν

Nesse caso, creio que a alusão possa não ser apenas a Heródoto, uma vez que a descrição de tais "marcas" da presença de deuses deveriam ser feitas com alguma freqüência, mas o historiador fornece um bom exemplo com o qual se pode comparar a maneira pela qual Luciano se apropria desse motivo, tornando o que é grande – noventa centímetros - hiperbólico – trinta metros -, e demonstrando o absurdo que é admiti-lo como sinal concreto da passagem de um deus - sobretudo a marca de uma pegada em uma pedra! Trata-se, sim, de provocar o riso, mas também de expôr uma prática literária que Luciano julga condenável: a de inserir o fabuloso na história, gênero que deveria tratar apenas da verdade.

Ao aludir aos autores que narraram coisas fantásticas sem, como ele mesmo faz, assumir seu caráter fictício, Luciano empreende realizar mais uma vez uma apropriação da tradição, mas com uma diferença de tom; é assim que *Das Narrativas Verdadeiras* realiza-se como paródia e como sátira de uma técnica narrativa de "antigos poetas, historiadores e filósofos" que, ao seu ver, não deve ser imitada de modo ingênuo, garantindo assim que ficção e verdade mantenham-se em lugares distintos e reconhecíveis para o leitor.

Esta dissertação é composta de três partes: da tradução de ' Αληθών Διηγμάτων, *Das Narrativas Verdadeiras*, de Luciano de Samósata, da análise do prôemio do texto e do estudo da narrativa.

Embora a maior parte do tempo em que esta dissertação foi produzida tenha sido dispendida na elaboração do estudo do texto, tive especial interesse na tradução de *Das Narrativas Verdadeiras*, uma obra que ainda não havia sido traduzida no país, não obstante sua importância, sua graça e sua influência na literatura posterior. Foi sobretudo essa falta que me instigou, ainda na graduação, a voltar-me para tal texto. Ainda que o objetivo tenha sido realizar uma tradução acadêmica, a declarada comicidade do texto exigiu que se fizessem algumas

[&]quot;Αχρι τούτων Ήρακλης καὶ Διόνυσος ἀφίκοντο. ην δ καὶ ἴχνη δύο πλησίον ἐπὶ πέτρας, τὸ μ ν πλεθριαῖον, τὸ δ ἔλαττον " ἐμοὶ δοκεῖν, τὸ μ ν τοῦ Διονύσου, τὸ μικρότερον, θάτερον δ Ήρακλέους.

tentativas a fim de manter o humor no texto em português, como por exemplo a modernização das medidas e a tradução (e não transliteração) dos nomes próprios.

A Primeira Parte do estudo de *Das Narrativas Verdadeiras* trata do seu proêmio, que se alonga durante os primeiros quatro parágrafos do texto e tem caráter programático, indicando ao leitor de que modo se deve dar a leitura. Observou-se nele uma grande quantidade de termos emprestados do vocabulário técnico, para os quais se buscou chamar atenção e relacioná-los com textos teóricos de retórica e/ou filosofia.

A Segunda Parte do estudo tratou propriamente da narrativa e da apropriação da parte de Luciano da tradição literária na composição de *Das Narrativas Verdadeiras*, que é construída, de acordo com o próprio autor, pela alusão a antigos poetas, historiadores e filósofos. Não era intenção, de forma alguma, tentar dar conta de todos os aspectos alusivos do texto, ao contrário, tentou-se lidar com a paródia de Luciano naquilo que ela influencia na estrutura do texto, sendo a épica e a historiografia os dois gêneros dos quais Luciano mais empresta elementos na estruturação narrativa. Assim, ainda que alusões pontuais sejam feitas à tragédia ou à comédia, por exemplo, sua ausência no estudo justifica-se pela menor relevância do gênero aos alicerces narrativos.

PRIMEIRA PARTE

O Proêmio

Em *Das Narrativas Verdadeiras*, antes de dar início à narrativa propriamente dita, Luciano expõe em um prôemio os objetivos de sua obra, sua motivação ao escrevê-la, o seu tema, e seu propósito²¹. Trata-se de uma apresentação essencial e de caráter programático, que indica ao leitor como se deve dar a recepção o texto, e que tem início com uma comparação entre o treinamento dos atletas e daqueles que "se dedicam às palavras": é para esses que Luciano escreve *Das Narrativas Verdadeiras*, com o propósito de oferecer relaxamento, que julga ser conveniente após prolongada leitura dos autores mais sérios.

O que se segue, no entanto, é uma discussão acerca dos limites entre o que é ψεῦδος e aquilo que é verdadeiro, com a condenação de "poetas, historiadores e filósofos" que teriam escrito coisas fabulosas e extraordinárias julgando que suas mentiras passariam despercebidas. Além do Odisseu de Homero, são nomeados apenas dois desses autores, Iâmbulo e Ctésias de Cnido, porque Luciano supõe que seus leitores poderiam perceber os demais a partir das alusões feitas ao longo da narrativa.

Reconhecendo, contudo, que sua proposta, apesar de se desenvolver como mentira, é interessante, Luciano afirma que ele próprio decidiu se aproveitar da "liberdade de contar histórias", motivado pelo desejo vão de deixar algo aos vindouros. Sua mentira, no entanto, se constrói de forma muito mais honesta, pois Luciano declara aos leitores, antes mesmo de dar início à sua narrativa, que nada daquilo que diz é verdadeiro e que os leitores não devem, portanto, acreditar em absoluto naquilo que ele narra.

Diferentemente de Odisseu, o "guia e mestre" dos autores que escreveram inverdades acreditando que passariam despercebidos, e que contou muitas mentiras aos incultos (ιδιώτας) féacios, Luciano supõe escrever a homens letrados (τοῖς περὶ τοὺς λόγους ἐσπουδακόσιν) e, para fazer sua crítica e ao mesmo tempo deleitar o público culto a quem se dirige, opta, em vez de

²¹ Acerca da melhor maneira de se nomear a introdução feita por Luciano em *Das Narrativas Verdadeiras*, M. Cabrero, *La ficcionalidad fantástica de las Narrativas Verdaderas de Luciano de Samósata*, Baía Blanca, Universidad del Sur, tese de doutoramento, 2004, p. 84-87.

simplesmente inventar uma narrativa repleta de fatos fabulosos, por criar um jogo cômico de alusões a "antigos poetas, historiadores e filósofos" (οὐκ ἀκωμωδήτως ἤνικται πρός τινας τῶν παλαιῶν ποιητῶν τε καὶ συγγραφέων καὶ φιλοσόφων).

Nesse sentido, já o título do texto parece anunciar do que se trata o seu conteúdo. O título Αληθῶν Διηγημάτων é comumente traduzido como "Histórias Verdadeiras". A decisão de traduzi-la por *Das Narrativas Verdadeiras* justifica-se pelo fato de a primeira opção apresentar uma simplificação do seu sentido²². Como observa Brandão²³

O título da obra, literalmente, não é *Histórias Verdadeiras*, nem *Uma História Verídica*, como se costuma traduzir, mas *Das Narrativas Verdadeiras* (Alethôn diegemáton), no genitivo, o que abarca tanto o sentido de que se pretende fazer um discurso *sobre as narrativas verdadeiras*, quanto a acepção de que se faz esse mesmo discurso *a partir das narrativas verdadeiras* dos antigos poetas, historiadores e filósofos. Isso supõe que, compondo um texto aparentemente idêntico aos de autores referidos, Luciano não escreve apenas mais uma narrativa que se pretende verdadeira, mas discorre sobre tais narrativas.

Diferentemente do que afirmam Georgiadou & Larmour, citando Políbio (I.14.6), não me parece que o termo διήγημα se refira a uma "história sem verdade", o que produziria, portanto, um oxímoro no título²⁴. No trecho por eles mencionado, Políbio afirma que dará atenção ao primeiro conflito entre Roma e Cartago pela Sicília porque Filino e Fábio faltaram com imparcialidade nos seus relatos e que a história (ιστορία), quando dela se retira a verdade, é um διήγημα, mas acrescido do adjetivo ἀνωφελές, inútil²⁵. Nessa passagem, é o adjetivo "inútil" que parece dizer respeito à falta de verdade da narrativa e não o termo διήγημα por si só. Com efeito, a relação entre "verdade" e "διήγημα" mostra-se bastante complexa.

Em seu tratado sobre os *Progymnasmata*, Hermógenes diferencia de modo semelhante διήγημα (narrativa) de διήγησις (narração), comparando a última à ποίησις, enquanto a primeira

²² L. Castellanus, autor da primeira tradução do texto para o latim, publicada em 1475, entitulou-a *De Ueribus Narrationibus*.

²³ A Poética do Hipocentauro. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p.141.

²⁴ Lucian's Science Fiction Novel Verae Historiae, Leiden: Brill, 1998, p.1. Cabrero entende que há antífrase no título, La ficcionalidad fantástica de las Narrativas Verdaderas de Luciano de Samósata, Baía Blanca, Universidad del Sur, tese de doutoramento, 2004, p. 81ss.

²⁵ ώσπερ γὰρ ζώου τῶν ὁψεων ἀφαιρεθεῖσων ἀχρειοῦται τὸ ὅλον, οὕτως ἐξ ἱστορίας ἀναιρεθείσης τῆς ἀληθείας τὸ καταλειπόμενον αὐτῆς ἀνωφελὲς γίνεται διήγημα.

relacionaria-se com os chamados ποιήματα, cujos exemplos poderiam ser a neciomancia e o massacre dos pretendentes na *Odisséia* que, no seu conjunto, é considerada uma ποίησις²⁶. Nessa acepção, o διήγημα é entendido, portanto, como um recorte da narração, e diz respeito a um único fato, enquanto a poesia e a narração tratam de muitos.

Assim, a narrativa, διήγημα ou *narratio*, é definida por retores como "exposição de um fato acontecido ou dado como tal". É assim que a definem Hermógenes e Téon²⁷ (διήγημα ἐστιν ἔκθεσις πράγματος γεγονότος ἤ ὡς γεγονότος) e definição semelhante pode ser encontrada em Cícero (*De Inuentione*, 1.27), na *Retórica a Herênio* (1.4) e em Quintiliano (IV.2.31ss, "narratio est rei factae aut ut factae utilis ad persuadem expositio", "a narrativa é exposição de um fato realizado ou exatamente como se tivesse sido feito, com a intenção de persuadir").

Como *progymnasma*, no entanto, a narrativa não é apenas uma preparação para o discurso forense²⁸. Tem-se, de fato, uma tipologia do διήγημα que pode ser, segundo Hermógenes (*Progymn*.2.11ss), μυθικόν, πλασματικόν, ἱστορικόν e πολιτικόν²⁹. Da narrativa πλασματικόν, fictícia, o retor aponta como exemplo a poesia dramática. Já Quintiliano, além da *narratio* que faz parte do discurso forense, aponta outros três tipos de narrativa, apresentando-as de acordo com sua relação com a verdade: primeiramente, tem-se a *fabula*, que não apenas não é verdadeira, mas também distante da verdade, como a tragédia e obras feitas em verso; em seguida, o *argumentum*, que é falso, mas verossímil, do qual é exemplo a comédia e, por último, a *historia*, que faz a exposição de um fato acontecido³⁰.

Ο próprio Luciano discorre muito brevemente acerca da διήγησις em *Como se deve* escrever a História, depois de afirmar que, após o proêmio, a história nada mais é do que uma longa narração (55.4-5): ἄπαν γὰρ ἀτέχνῶς τὸ λοιπὸν σῶμα τῆς ἱστορίας διήγησις μακρὰ

٠

 $^{^{26}}$ Διαφέρει δ διήγημα διηγήσεως, ώς ποίημα ποιήσεως ποίημα μ ν γὰρ καὶ διήγημα περὶ πρᾶγμα ἕν, ποίησις δ καὶ διήγησις περὶ πλείονα, οἶον ποίησις ἡ Ἰλιὰς καὶ ποίησις ἡ ἸΟδύσσεια, ποιήματα δ ἀσπιδοποιία, νεκυομαντεία, μνηστηροφονία. Hermógenes, Progym., II, 4-8. 27 Hermógenes, 2.1; Téon, 78.16.

²⁸ διήγησις ou narratio é uma das partes que compõem o discurso forense. cf. Aristóteles, Retórica, 1416, Cícero, *Retórica a Herênio*, I.12ss; Quintiliano, *Inst.Or.* 4.31ss.

²⁹ É, afinal, διήγησις o termo de que Platão se vale (392d-394b) no livro terceiro da *República* quando classifica os tipos de narrativa como simples, mimética e feita por ambos os meios, dando como seus exemplos, respectivamente, os ditirambos, a tragédia e a comédia e, por último, a poesia épica. Ainda em Platão, pode-se observar que o termo διήγησις é utilizado para designar um discurso de certa extensão, por oposição a βραχύς λόγος, *Górgias*, 465e.

³⁰ Inst.Or. 2.4.2: Et quia narrationum, excepta qua in causis utimur, tris accepimus species, fabulam, quae uersatur in tragoediis atque carminibus non a ueritate modo sed etiam a forma ueritatis remota, argumentum, quod falsum sed uero simile comoediae fingunt, historiam, in qua est gestae rei expositio, grammaticis autem poeticas dedimus: apud rhetorem initium sit historica, tanto robustior quanto uerior.

εστιν. Desse modo, o autor afirma, ela deve possuir as virtudes (ἀρετή) da narração, progredindo de modo suave e uniforme (λείως τε καὶ ὁμαλῶς προϊοῦσα), com clareza (τὸ σαφές) tanto no estilo (λέξει) quanto no entrelaçar dos acontecimentos (τῆ συμπεριπλοκῆ τῶν πραγμάτων), pois os fatos devem ser apresentados de modo encadeado e a introdução de um segundo deve ser iniciada somente após a conclusão do primeiro³¹. Em seguida, aconselha-se a rapidez (τάχος) na narração e indica-se sucintamente como se deve fazer uso, na narrativa histórica, de descrições, de discursos, de louvores, de censuras e de mitos (μῦθος). Segundo Luciano, caso um mito surja na narrativa, o historiador pode contá-lo, mas não acreditar nele (λεκτέος μέν, οὐ μὴν πιστωτέος), cabendo somente à audiência julgar por ela mesma se deve ou não tê-lo como digno de credibilidade.

Da tipologia apresentada pelos retores, pode-se inferir, portanto, que por si só o termo διήγημα não especifica de que tipo de narrativa Luciano parte para fazer a sua própria, abrangendo gêneros diversos, não só as já mencionadas poesia e história, como também a filosofia. Téon, ao elencar exemplos do uso de cada um dos *progymnasmata* pelos antigos (66-67), aponta como os mais belos exemplos de narrativa mítica: a do anel de Giges no décimo livro da *República*, a do nascimento de Eros no *Banquete*, aquelas sobre o Hades no *Fédon*, no *Górgias* e no décimo livro da *República*, e a narrativa sobre Sileno nas *Filípicas*, de Teopompo³².

A presença de um historiador ao lado de um filósofo como autores de narrativas míticas é significativa. Ela evidencia, por um lado, que o uso dos διηγήματα oferece diversas possibilidades de combinação na διήγησις - cuja relação com a verdade é, portanto, também variável - e, por outro lado, que o διήγημα pode inserir-se em gêneros não totalmente narrativos, como é o caso do diálogo platônico. É para garantir a manutenção do caráter verídico de uma obra histórica que Luciano aconselha que nela a narrativa de um μῦθος se faça sem que o seu autor endosse a sua veracidade, embora ele atente para o fato de que tal μῦθος possa ser recebido como algo verdadeiro pela audiência (*Como se deve escrever a história*, 60).

³¹ As qualidades que Luciano aponta estão de acordo com a tradição retórica. As virtudes da narrativa como progymnasma descritas por seus teóricos possuem estreita relação com a διήγησις judiciária (cf. Aristóteles, Retórica, 1416b30ss). Para Téon (Progymn, 70.20ss), clareza (σαφήνεια), concisão (συντομία) e verossimilhança (πιθανότης) são as ἀρέται da narrativa. Aftônio acrescenta uma quarta virtude, ὁ τῶν ὁνομάτων ελλενισμός (Progymn., 10.3.3ss) Às quatro, Nicolau ajunta ἡδονή e μεγαλοπρέπεια (Progymn., 14.4ss).

³² Téon classifica a narrativa apenas em μυθική e πραγματική.

Além disso, a própria definição de διήγημα como "exposição de um fato acontecido ou dado como tal" já expõe seu caráter dúbio, pois não se trata de uma oposição simples entre o que é verdadeiro e o que é falso, mas entre aquilo que é verdadeiro e o que não é, mas se aceita como tal³³. Um escólio dos *Progymnasmata* de Téon -, observa acerca da definição de διήγημα que³⁴

Ειδέναι χρή ὅτι πραγμάτων γεγονότων εἶπε διὰ τὰ ἱστορικὰ καὶ ἀληθῆ. ἡ ὡς γεγονότων πάλιν εἶπε διὰ τὰ πλασματικὰ καὶ ψευδῆ. Καὶ γὰρ τὸ διήγημα ἀφήγησίς ἐστι πραγμάτων ἀληθῶς γενομένων ἡ γεγενῆσθαι δοκούντων. Τῶν γὰρ πραγμάτων τὰ μέν εστι φύσει ἀληθῆ, τὰ δὲ ψευδῆ· τὸ δὲ ἀληθές ὁ þήτωρ οὐ μόνον κρίνει πρὸς τὴν φύσιν τῶν πραγμάτων ὁρῶν, ἀλλὰ καὶ πρὸς τὸ τῶν εἰπόντων ἔνδοξον προσώπων. Τὸ γὰρ ὁμολογούμενον ἀληθὲς ἐν δυσὶ θεωρεῖται τούτοις· ἡ ὅταν δοκῆ πασι τοῦθὶ οὕτως ἔχειν, ἡ ὅταν οὕτως ἀρέσκῃ τοῖς ἐνδόξοις τῶν παλαιῶν φιλοσόφων ἡ ποητῶν. Οὕτω γοῦν τὰ μυθικὰ διηγήματα, εἰ καὶ ψευδῆ φύσει τυγχάνει, ἀλλά, διά τὸ σοφοὺς ἀνδρας εἶναι τοὺς μνησθέντας αὐτῶν ὡς ἀληθῶν, καὶ ἡμεῖς τὰ τοιαῦτα ὡς ἀληθῆ λαμβάνομεν, ἐκ τῶν μνησθέντων τὴν κρίσιν τῆς ἀληθείας δεχόμενοι.

É necessário que se saiba que ele fala, por um lado, de fatos acontecidos por causa dos históricos e verdadeiros e, por outro lado, de dados como acontecidos por causa dos fictícios e falsos. Pois a narrativa é a relação dos fatos acontecidos verdadeiramente ou que acontecem de assim parecer. Quanto aos fatos, eles são por natureza verdadeiros ou falsos. Mas o retor não julga a verdade apenas observando a natureza dos fatos, mas também a reputação das pessoas que os contaram. Pois convenciona-se (um fato) como verdadeiro ao se observar duas coisas: ou que todos o têm como tal, ou que assim se está de acordo com reputados antigos filósofos ou poetas. Desse modo, as narrativas míticas, se acaso são falsas por natureza, porque os que as mencionaram como verdadeiras eram homem sábios, também nós as entendemos como verdadeiras, tomando o juízo de verdade daqueles que as mencionaram.

³³ M. Patillon afirma que "pour le fonctionemment du discours et pour sa production, cela ne change rien que les faits soient réels ou non, et il est significatif de trouver l'historien Théopompoe à côté de Platon dans les exemples de récits légendaires". In: Aelius Théon, *Progymnasmata*, Belles-Lettres, Paris, 1997. n.56, p.10.

³⁴ Na verdade uma retomada dos comentários de João Sardo aos *Progymnasmata* de Aftônio. Meu acesso aos escólios se deu por meio da edição de M. Patillon dos *Progymnasmata* de Téon. Paris: Belles-Lettres, 1997.

A autoridade dos antigos poetas e filósofos garante a fatos falsos e mentirosos, ψευδή, o estatuto de verdadeiros, embora se reconheça que eles não o são. A "antigos poetas e filosofos", que garantem veracidade a narrativas míticas, caso se acrescente também o historiador, tem-se a relação de autores apresentados no proêmio de *Das Narrativas Verdadeiras* como aqueles a quem Luciano fará alusões em sua própria narrativa. Nela, ele rompe com a afirmação do escólio de que "porque os que as mencionaram como verdadeiras eram homem sábios, também nós as entendemos como verdadeiras, tomando o juízo de verdade daqueles que as mencionaram". Se para os retores tais mentiras puderam e podem passar despercebidas, o mesmo não se dá com Luciano, que não aceita como critério de verdade a autoridade dos antigos, cujas "narrativas verdadeiras" são, de fato, como ele declara no proêmio, mentirosas por natureza.

O título do texto, portanto, não contém em si um oxímoro, como sugerem Georgiadou & Larmour, ou uma antífrase, como defende Cabrero, pois não há relação de oposição entre διήγημα e ἀλήθεια. Há de certo ironia no fato de que o título já sugere aquilo que Luciano vai anunciar no proêmio: que se aos antigos foi possível escrever tantas inverdades que passaram como verdades, também ele se renderá à liberdade de contar histórias fictícias como se fossem verídicas e mais, que sua obra tomará ela mesma a autoridade dos antigos, pois é a partir das narrativas deles que ela se compõe. Assim como Odisseu, também Luciano visitará Ogígia, e conhecerá a Ilha dos Sonhos na viagem literária que é *Das Narrativas Verdadeiras*³⁵.

1. Da oportuna utilidade de Das Narrativas Verdadeiras para o seu leitor

[1] "Ωσπερ τοῖς ἀθλητικοῖς καὶ περὶ τὴν τῶν σωμάτων ἐπιμέλειαν ἀσχολουμένοις οὐ τῆς εὐεξίας μόνον οὐδ τῶν γυμνασίων φροντίς ἐστιν, ἀλλὰ καὶ τῆς κατὰ καιρὸν γινομένης ἀνέσεως—μέρος γοῦν τῆς ἀσκήσεως τὸ μέγιστον αὐτὴν ὑπολαμβάνουσιν—οὕτω δὴ καὶ τοῖς περὶ τοὺς λόγους ἐσπουδακόσιν ἡγοῦμαι προσήκειν μετὰ τὴν πολλὴν τῶν σπουδαιοτέρων ἀνάγνωσιν ἀνιέναι τε τὴν διάνοιαν καὶ πρὸς τὸν ἔπειτα κάματον ἀκμαιοτέραν παρασκευάζειν.

[2] γένοιτο δ' ἂν ἐμμελὴς ἡ ἀνάπαυσις αὐτοῖς, εἰ τοῖς τοιούτοις τῶν ἀναγνωσμάτων ὁμιλοῖεν, ἃ μὴ μόνον ἐκ τοῦ ἀστείου τε καὶ χαρίεντος ψιλὴν

_

³⁵ Odisséia, xix.562ss.

παρέξει τὴν ψυχαγωγίαν, ἀλλά τινα καὶ θεωρίαν οὐκ ἄμουσον ἐπιδείξεται, οἶόν τι καὶ περὶ τῶνδε τῶν συγγραμμάτων φρονήσειν ὑπολαμβάνω-

[1] Assim como para os atletas e para os que se ocupam do cuidado de seus corpos não há preocupação com a boa forma e com exercícios apenas, mas também com a justa medida do seu relaxamento – supondo-o, de certo, parte principal de sua prática –, da mesma forma, para os que se dedicam às palavras, eu acredito que após prolongada leitura dos mais sérios, convém relaxar o intelecto e deixá-lo mais arguto para o esforço futuro.

[2] O repouso pode-lhes ser apropriado, caso tenham o hábito das leituras que oferecem não apenas o mero prazer de seu bom gosto e de sua graça, mas também apresentam uma visão refinada - algo que, suponho, também se pensará acerca destes escritos.

Luciano dá início ao proêmio de *Das narrativas Verdadeiras* com uma aproximação entre atletas e aqueles que se dedicam aos *lógoi*, ao equiparar a importância que o relaxamento (ἄνεσις) possui no seu treinamento (ἄσκησις). Tal comparação não é fortuita e importa na caracterização do leitor ideal de *Das Narrativas Verdadeiras*, ou seja, daquele que poderá ler o texto e compreendê-lo da maneira como Luciano indica no proêmio. Não se trata de um ιδιώτης, como dirá a seguir, mas de alguém que mantém com seu intelecto (διάνοια) a mesma relação que um atleta possui com seu corpo: este entrega-se aos exercícios com a intenção de aprimorar sua forma física, aquele dedica-se com seriedade aos λόγοι, sendo, portanto, capaz de reconhecer as alusões do texto, apreciar o seu refinamento e perceber a sua postura crítica.

Luciano insiste ao longo do proêmio no caráter escrito de seu texto e não é, portanto, como força de expressão que me refiro a um *leitor ideal* de *Das Narrativas Verdadeiras*, pois sua narração é direcionada àquele que tem a leitura como hábito (τῶν ἀναγνωσμάτων ὁμιλοεῖν) ³⁶. É levando em consideração esse público que Luciano se apropria de um *tópos* do proêmio de obras do gênero histórico: a da defesa da oportuna utilidade do texto para o seu leitor. No entanto, como se admite em seguida que os fatos narrados não são de nenhuma forma verídicos, não se poderia afirmar a utilidade da narrativa pelo conhecimento ou aprendizado dos fatos acontecidos, como é comum entre os historiadores³⁷ e, por isso, o que Luciano faz é apresentar a utilidade do

-

³⁶ Cf. γράφω I, 2.12; I.4.11; τὸ ἀνάγνωσμα, I, 2.2.

³⁷ Cf. Políbio, *Histórias*, 1.4.8; 2.56.12; Salústio, *A guerra de Jugarta*, 4.1; Tito-Lívio, *Ad urbe condita*, 10.

relaxamento na prática desses "doutos", seguindo filósofos e retores na afirmação de que o repouso (ἀνάπαυσις) é útil porque também ele serve ao aprendizado, ao garantir melhor disposição aos estudos. É o que afirma Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1176b34ss), quando defende o "divertir-se para ser sério" (παίζειν δ' ὅπως σπουδάζη), comparando o divertimento ao descanso (ἀνάπαυσις) que, por sua vez, não é um fim em si mesmo, mas garante que se tenha disposição para a realização de atividades (ἐνέργεια).

O descanso (remissio) é aconselhado também por Quintiliano, que o considera como algo importante no treinamento de seus jovens alunos, que dele voltam mais dispostos para o estudo³⁸. Com efeito, tanto Luciano quanto Quintiliano (*Instituições Oratórias*, 1.3.8-9) declaram que o relaxamento possibilita maior agudeza ao intelecto (ἀκμαιοτέραν διάνοιαν, acriorem animum):

Algum relaxamento deve ser dado a todos, não só porque coisa nenhuma há que possa suportar esforço contínuo – e até para os que carecem de razão e alma dão-se intervalos de descanso, a fim de que possam conservar o seu vigor -, mas também porque o estudo depende da vontade do aluno, que não pode ser coagida. Assim, renovados e frescos, tanto mais vigor trazem ao aprendizado quanto um espírito mais arguto, que em geral resiste às necessidades. ³⁹

Desse modo, não é por acaso que Luciano indica como ocasião de leitura do seu texto o descanso após prolongada leitura dos escritores mais sérios (σπουδαιοτέροι)⁴⁰, pois ele reconhece que o relaxamento é útil apenas se feito na medida (κατὰ καιρόν)⁴¹, e se for do tipo apropriado. Com efeito, se Quintiliano indica o divertimento (*lusus*) como forma de relaxamento, Cícero, por sua vez, também admite a utilidade de "ludus" e "iocus" para o homem livre, mas somente os do tipo conveniente (i.e. *ingenuum et facetum esse debet*), e após a realização satisfatória de tarefas graves e sérias (*Dos Deveres*, I.104.1-12):

³

³⁸ Cf. Platão, *Leis*, 724a-b.

³⁹ Danda est tamen omnibus aliqua remissio, non solum quia nulla res est quae perferre possit continuum laborem, atque ea quoque quae sensu et anima carent ut seruare uim suam possint uelut quiete alterna retenduntur, sed quod studium discendi uoluntate, quae cogi non potest, constat. Itaque et uirium plus adferunt ad discendum renouati ac recentes et acriorem animum, qui fere necessitatibus repugnat.

⁴⁰ Em Luciano, σπουδαῖος aparece relacionado sobretudo à filosofia, como evidenciam as passagens *De mercede conductis potentium familiaribus*, 4.1-7 e *Revivescentes sive piscator*, 25. Na primeira, a filosofia é considerada σπουδαιότεραν, em relação à retórica, à gramática e à música, e, na segunda, afirma-se que a filosofia trata da matéria a mais séria, τὰ σπουδαιότατα.

⁴¹ Cf. Quintiliano, *Inst. Or*.1.3.11.

São dois os tipos de diversão: a ignóbil, petulante, vergonhosa e obscena; a elegante, urbana, inteligente e graciosa. Desta estão repletos não só o nosso Plauto e a antiga comédia dos áticos, mas também os livros de filosofia socrática. Muitas de suas tiradas que se denominam *apophthégmata*, são verdadeiramente espirituosas, como as recolhidas pelo velho Catão. Nada mais fácil, portanto, que distinguir a diversão recatada da dissoluta. Uma, se praticada no momento certo e com espírito calmo, é digna do mais sério dos humanos; a outra, uma vez que a obscenidade das palavras reveste a torpeza das coisas, sequer é aceitável no homem livre⁴².

Luciano esclarece que esse é o tipo de leitura que *Das Narrativas Verdadeiras* oferecerá para o relaxamento de seus leitores, i.e. sua narração é "*elegans, urbanum, ingeniosum, facetum*". Assim, ao apresentar que tipo de prazer seu texto fornece, o advindo daquilo que é refinado e gracioso (ψυχαγωγία εκ τοῦ ἀστείου τε καὶ χαρίεντος), Luciano continua a defender a adequação do seu texto à leitura dos homens letrados. De fato, trata-se de oferecer relaxamento aos seus leitores, e da maneira apropriada.

O termo ψυχαγωγία (de ψυχάς ἄγειν, conduzir almas), originalmente relacionado com a necromancia e com a evocação dos mortos dos ínferos para a terra por meio de preces⁴³, parece ter se tornado parte do vocabulário "técnico" quando Platão, no *Fedro*, primeiramente chamou a retórica de ψυχαγωγία (261a), e em seguida apontou-a também como o próprio objetivo da

⁴

⁴² Duplex omnino est iocandi genus, unum inliberale, petulans, flagitiosum, obscenum, alterum elegans, urbanum, ingeniosum, facetum, quo genere non modo Plautus noster et Atticorum antiqua comoedia, sed etiam philosophorum Socraticorum libri referti sunt, multaque multorum facete dicta, ut ea, quae a sene Catone collecta sunt, quae vocantur ἀποφθέγματα. Facilis igitur est distinctio ingenui et inliberalis ioci. alter est, si tempore fit, ut si remisso animo, <vel severissimo> homine dignus, alter ne libero quidem, si rerum turpitudo adhibetur et verborum obscenitas.

Tradução de A. Chiappetta, com alterações. *Dos Deveres*, Sáo Paulo, Martins Fontes, 1999. A aparente contradição entre o proêmio de *Das Narrativas Verdadeiras*, que se propõe ser uma alternativa à leitura dos mais sérios, e o trecho citado de Cícero, que recomenda como diversão, ao lado da comédia antiga e de Plauto, um tipo filosófico de literatura - os diálogos socráticos -, pode ser explicada pelo prazer que a ironia (dissimulatio, ironia) proporciona, sendo ela também uma espécie de *ludus*, que Cícero classifica como "*urbana*" e na qual, segundo sua opinião, Sócrates superou todos os outros (Catão também é mencionado, *De Oratore*, II, 269-71). A ironia "urbana" apresenta-se, de acordo com Cícero, "*cum toto genere orationis seuere ludas, cum aliter sentias ac loquare*". Não é outra coisa que faz Luciano em *Das Narrativas Verdadeiras*, na oposição que há entre o relato ao qual o seu narrador quer garantir veracidade, e aquilo que diz o autor no proêmio, ou seja, que tudo o que se seguirá é falso e não merece crédito. Cf. Aristóteles, *Retórica*, 1419b.

⁴³ Cf. Ésquilo, *Os Persas*, v. 687

retórica (271c), com um sentindo próximo de "sedução" ⁴⁴. Lucas aponta que, na *Poética* de Aristóteles, ψυχαγωγία funciona como termo técnico e, tendo perdido a relação com seu primeiro sentido, significa pouco mais do que "atrair" ⁴⁵. Em Eratóstenes (apud Estrabão, I.2.3), por sua vez, que defende que a ψυχαγωγία, em contraposição à διδασκαλία, era o único objetivo da poesia, a palavra já parece ter sentido mais próximo daquele que tem em Luciano, o de "prazer", acepção essa bem estabelecida na Antigüidade tardia.

Em Nigrino (18.3), ao comparar-se com um espectador no teatro, é significativo que Luciano diga que a observação dos acontecimentos pode provocar prazer (ψυχαγωγία) ou riso (γέλως), pois o último termo diz respeito ao abertamente cômico (algo que Luciano também pretende oferecer ao leitor, cf. I.2.9), enquanto a ψυχαγωγία refere-se a uma outra espécie de prazer e que, no proêmio de Das Narrativas Verdadeiras, está relacionada diretamente com as qualidades estilísticas do texto.

São as palavras ἀστεῖον ε χαρίεις que dizem respeito ao estilo adotado por Luciano em Das Narrativas Verdadeiras, que o qualificam como algo vivaz e espirituoso. Aστεῖον tem seu correspondente no latino "urbanum" e primeiramente distinguia os modos dos da cidade dos modos rústicos daqueles do campo (cf. Plutarco, Mario 3.1.5), tendo se desenvolvido a partir daí o sentido de "refinado", "elegante", "esperto", "engenhoso" Em Aristóteles (Retórica, 1410b6ss), τὰ αστεῖα designam ditos espirituosos e vivazes 47, que tornam o aprendizado mais fácil (τὸ μανθανεῖν ἡαδίως) porque, nas palavras Grant: "aprende-se sem dificuldade, e aprender sem dificuldade é sempre prazeroso" 48.

-

⁴⁴ De início, o termo parece estar ligado a efeitos causados pelo uso da palavra, mas já em Xenofonte (Mem.3.10.6), ele não diz respeito ao discurso, mas a estátuas.

⁴⁵ Quando Aristóteles afirma que são as peripécias e os reconhecimentos as partes da tragédia que mais conseguem ψυχαγωγεῖν (*Poética*, 1450^a 33). *Poetics*. Introduction, commentary and appendixes by D.W. Lucas. Oxford: Claredon Press, 1972...

⁴⁶ Sobre o uso de ἀστεῖος como termo crítico em geral, foi bastante útil a leitura do texo de C. de Jonge. "Demosthenes: asteios or agroikos? Ancient rhetoricians and literary critics on Demosthenes' (lack of) 'urbanity'". Artigo inédito.

⁴⁷ Obtidos sobretudo pela metáfora, antítese, e vivacidade (εναργεία). Cope (apud Grant, M. Ancient Rhetorical Theories of the Laughable, Madison: University of Wiscosin Studies, 1924, p.124) observa sobre τὰ αστεῖα: "it seems to signify not 'wit' merely, nor 'grace' nor 'ornament' but rather 'pungency', 'point', 'liveliness', 'sprightliness of style' which keeps up the interest of an audience and relieves the weariness of longe sustained attention".

⁴⁸ Ancient Rhetorical Theories of the Laughable. Madison: University of Wiscosin Studies, 1924, p.124.

' Αστείον, entretanto, relaciona-se também com outro tipo de prazer: o provocado por uma espécie refinada de humor⁴⁹. No tratado *Sobre o Sublime*, de Pseudo-Longino, comenta-se a inabilidade de Demóstenes em se mostrar ἀστεῖος (34.3):

> ό δ Δημοσθένης ἀνηθοποίητος, ἀδιάχυτος, ἥκιστα ὑγρὸς ἢ ἐπιδεικτικός, ἁπάντων έξης των προειρημένων κατὰ τὸ πλέον ἄμοιρος· ἔνθα μέντοι γελοῖος ε ναι βιάζεται καὶ ἀστεῖος οὐ γέλωτα κινεῖ μᾶλλον ἢ καταγελᾶται, ὅταν δ ἐγγίζειν θέλῃ τῷ ἐπίχαρις ε ναι, τότε πλέον ἀφίσταται.

> Demóstenes, ao contrário, não faz descrição do caráter, não se esparrama, não é nada flexível nem demonstrativo, privado que é, o mais frequentemente, de todas as qualidades que acabamos de citar; mas aí onde ele força o riso e a urbanidade provoca menos o riso que se torna objeto de riso, quando quer se aproximar da graça, então mais se afasta⁵⁰.

Ao diferir γελοίος de ἀστείος, Pseudo-Longino parece não se referir a qualquer tipo de humor com a palavra ἀστείος mas especificamente àquele refinado e espirituoso, que não provoca um riso aberto, mas que com alguma freqüência contém ironia. É de ἀστεϊσμός que Pseudo-Demétrio, em Sobre o Estilo (128-30), nomeia a "tirada" do Ciclope Polifemo, quando ele diz a Odisseu que, como presente de hospitalidade, seria o último a ser devorado. Como observa Ramage acerca da *urbanitas* latina, de fato não há uma divisão clara entre o que designa o refinado e o bem-humorado, pois há sempre um elemento de bom gosto nesse tipo de humor, sendo o último apenas uma manifestação do primeiro⁵¹.

A qualidade de χάρις, por sua vez, é bastante valorizada por Luciano. Em Como se deve escrever a História (15.4), Luciano elogia o estilo de Tucídides, afirmando que o proêmio de sua obra é o mais gracioso entre todos (χαριεστάτην ἀρχῶν ἀπασῶν). Em Tu és um Prometeu em teus discursos (3), Luciano declara que não lhe satisfaz apenas o fato de que o caráter inovador de seu diálogo cômico seja notado, pois se ele não for considerado também χαρίεις, ele se envergonhará, uma vez que a originalidade não impede que algo seja feio (ἄμορφον). O que é verdadeiramente admirável, segundo Luciano, é o fato de que junção (μίξις) do diálogo

⁴⁹ Também em Luciano. Cf. Demônax, 50.1; Saturnálias, 13.14 e O Parasita, 32.2.

⁵⁰ Tradução de F. Hirata. *Do Sublime*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

⁵¹ Ramage, E.S. "Urbanitas: Cicero and Quintilian, a contrast in attitudes". American Journal of Philology, vol.84, n.4, 1963. p. 390-414.

filosófico e da comédia resulte harmoniosa (ἐναρμόνιος) e em simetria (κατὰ τὸ σύμμετρον). Já em *Zêuxis*, enumerando as qualidades que gostaria de ver apreciadas pelo público em sua obra, Luciano refere-se especificamente à "graça ática" (χάριτος ' Αττικῆς) do seu discurso.

É essa, portanto, a questão inicial apresentada pelo proêmio: Luciano conhece as qualidades da sua obra, por isso a defesa do seu texto como adequado para leitura de homens letrados, porque só eles constituem público certo para admirá-lo por completo, uma vez que eles terão a oportunidade de deleitar-se com o humor e a graça de sua escrita, para Luciano qualidades não menos relevantes do que a engenhosidade da proposta de *Das Narrativas Verdadeiras*.

Depois de afirmar a utilidade do relaxamento e ressaltar que *Das Narrativas Verdadeiras* constitui leitura apropriada, Luciano, contudo, declara que seu texto não oferece aos leitores apenas ψυχαγωγία, mas apresenta também uma θεωρία οὐκ ἄμουσον. Ο termo θεωρία apresenta grande complexidade e causa estranhamento que tenha sido ignorado no comentário de Georgiadou & Larmour para o texto, sobretudo porque os autores pretendem aproximá-lo da filosofia⁵². Θεωρία diz respeito, primeiramente, à visão, com o significado de "observação", mas derivaram-se a partir daí sentidos diversos e não é sem dificuldade que se tenta compreender a que Luciano se refere na passagem.

Tome-se, por exemplo, o desenvolvimento semântico do termo quando limitado apenas à religião, da qual parece se originar sua relação com a idéia de viagem. Rutherford distingue nada menos do que nove possibilidades de sentido para θεωρία quando utilizada em contexto religioso, podendo o termo se referir: i) a um festival; ii) ao ato de ser espectador em um festival; iii) a uma delegação sagrada enviada a um santuário; iv) à ação de uma delegação sagrada de ir e vir de um santuário; v) à consulta ao oráculo; vi) à delegação enviada de um santuário para anunciar os festivais⁵³. Rutherford indica como nona possibilidade de sentido, nesse caso não propriamente religiosa, aquela em que θ εωρός pode designar um representante do Estado. As possibilidades numeradas como sete e oito, contudo, devem ser melhor descritas.

⁵² Recentemente tem se mostrado forte a leitura que aproxima *Das Narrativas Verdadeiras* da filosofia. O próprio uso do termo θεωρία e ψυχαγωγία no prólogo tem sido interpretado como referência a Platão. A. Laird, "Fiction as a discourse of Philosophy in Lucian's Verae Historiae", In: S. Panayotakis, M.Zimmerman, W. Kuelen (eds.), *The Ancient Novel and Beyond*, Leiden/Boston: Brill, 2003 e B. Cassin, *O Efeito Sofístico*, Sáo Paulo, Editora 34, 2005,

p. 421. ⁵³ "Theoria and Darsan: Pilgrimage and Vision in Greece and India", Classical Quarterly, vol.50, n.1, 2000, p.133-146.

Segundo Rutherford, "the expression κατὰ θεωρίαν can mean by way of sightseeing", isto é, θεωρία pode se referir também à observação possível a um viajante em visita a uma terra estrangeira à sua. Aqui Rutherford acredita que se tratem de visitas a locais sagrados e que, portanto, uma tradução adequada ao termo poderia ser "sacred sightseeing". Como exemplo, é citada uma passagem em Isócrates (*Trapezitico*, 4.5), em que um jovem de Bósporo afirma que havia sido enviado por seu pai a Atenas "κατ" εμπορίαν καὶ κατὰ θεωρίαν", para comércio e para visitação sagrada.

Dessa "observação sagrada" distinguiria-se um sentido com ele relacionado, o de *exploração*. É essa que se pode observar em Heródoto (I.29-31) quando ele diz que Sólon "deixou sua terra para ver o mundo" (θεωρίης είνεκεν ἐκδημεῖν) ⁵⁴ e é também θεωρεῖν o verbo por ele utilizado quando do relato da viagem do cita Anacarsis a Grécia, em que se diz que ele viu grande parte da terra (γῆν πολλὴν θεωρήσας) ⁵⁵. Há ainda uma ocorrência em Tucídides que pode ser incluída neste caso, na qual ele indica θεωρία como uma das motivações pelas quais os jovens desejavam partir na expedição para a Sicília (VI.24.5).

Como ressalta Redfield, "viajar e observar é algo caracteristicamente grego; o protótipo é Odisseu, 'que muito vagou... que viu as cidades de muitos homens e conheceu a sua mente'. Para um grego, há três grandes razões para viagem: comércio, guerra, e conhecer lugares (seeing the sights); a palavra grega para a última é theoria"⁵⁶. O termo θεωρία, dessa forma, no proêmio de Das Narrativas Verdadeiras pode remeter à observação do mundo, possível àquele que parte do próprio país para conhecer outros – algo significativo, uma vez que o texto Das Narrativas Verdadeiras é um relato de viagem, cujas causas o narrador aponta ser "a excessiva curiosidade do intelecto e o desejo de coisas novas" (I.5). Tal como Odisseu e Heródoto, o narrador de Luciano visitará e descreverá em seu relato terras e costumes estrangeiros. Contudo, embora a passagem possa, de modo deliberado, remeter à essa acepção, o termo θεωρία aqui não se limita a ele.

_

⁵⁶ J. Redfield. "Herodotus the tourist", p.98. Classical Philology, vol. 80, n.2, 1985, p.97-118.

⁵⁴ Aristóteles na *Constituição de Atenas* (11.1), além de θεωρία, menciona também o comércio como razão da viagem de Sólon.

⁵⁵ Histórias, 4.76: Τοῦτο μὰρ ᾿Ανάχαρσις, ἐπείτε γῆν πολλὴν θεωρήσας καὶ ἀποδεξάμενος κατ' αὐτὴν σοφίην πολλὴν ἐκομίζετο ἐς ἤθεα τὰ Σκυθέων, πλέων δι' Ἑλλησπόντου προσίσχει ἐς Κύζικον·

O próprio Rutherford observa que às vezes é não fácil optar por um único sentido de θεωρία em uma passagem⁵⁷ e a conclusão a que se chega ao se analisar as outras poucas ocorrências do termo em Luciano não parece permitir que se defina qual a melhor maneira de traduzir a palavra no trecho em questão⁵⁸. Em *Hípias* (2.14), quando Luciano fala daqueles engenheiros (μηχάνικοι) que foram "brilhantes em θεωρία" (εν τῆ θεωρία λαμπροί) mas igualmente deixaram à posteridade "monumentos de sua arte e realizações" (καὶ μνημόσυνα ὅμως τῆς τέχνης καὶ πράγματα), θεωρία parece dizer respeito a um conhecimento "teórico" no sentido de que é oposto à prática. Já em *Hípias* (3.18), quando Luciano discorre acerca dos conhecimentos de Hípias em várias áreas, o termo se aproxima da acepção que possui hoje de "conjunto de preceitos sobre determinada área de conhecimento", pois ele inclui, entre as ciências dominadas por Hípias, a θεωρία dos raios, reflexos e espelhos (ἀκτίνων καὶ ἀνακλάσεων καὶ κατόπτρων θεωρίαν). Mesmo sentido ela parece ter também em *Leilão de Filósofos* (21.12), quando o filósofo estóico menciona sua τὴν λογικὴν θεωρίαν. A palavra, nas passagens citadas, diz respeito ao conhecimento acerca de uma área específica e poderia ser traduzida, em todos esses casos, como "teoria".

Embora um pouco distante, uma possibilidade de sentido para o termo em *Das Narrativas Verdadeiras* guarda alguma relação com o sentido de θεωρία em outros textos de Luciano: é a da palavra dizer respeito ao fato de que o objetivo de *Das Narrativas Verdadeiras* é tanto criar um momento de relaxamento quanto suscitar uma reflexão em seus leitores — daí mais uma "utilidade" da leitura para os homens letrados. Parte dos tradutores acata esta última idéia e toma os sentidos de θεωρία que se desenvolvem a partir da *contemplação filosófica* de Aristóteles, entendendo que Luciano de fato faz no trecho uma oposição entre ψυχαγωγία e θεωρία, que estaria, por sua vez, relacionada de alguma forma com a διδασκαλία: a leitura de seu texto, portanto, não seria apenas agradável (τέρπνον), mas também útil (χρήσιμον). Magueijo, na edição portuguesa do texto, traduz o termo como "motivos de reflexão que não desconvém às *Musas*" ⁵⁹; Alarcón, na tradução espanhola da Gredos, opta por traduzir θεωρία οὐκ ἄμουσον por

_

⁵⁷ Cf. Isócrates, *Panegírico*, 182. S. Usher observa que não há consenso quanto ao sentido de θεωρία nesta passagem, alguns entendendo-a como "sacred mission", outros como "sightseeing". *Isocrates' Panegyricus and To Nicocles*. Aris & Phillips: Warminster, 1990.

 $^{^{58}}$ Os verbos relacionados a θεωρία são utilizados por Luciano sempre com os primeiros sentidos de "ver" e "fazer parte de uma embaixada".

⁵⁹ *Uma História Verídica*. Lisboa: Editorial Inquérito, s/d.

"contenido no ajeno a las Musas"⁶⁰; Reardon, na coletânea de romances antigos por ele editada, por sua vez, traduz a passagem como "some degree of cultured reflection"⁶¹; Harmon, na edição da Loeb, a traduz como "a little food for thought that the Muses would not altogether spurn"⁶²; e Bompaire, em sua recente edição e tradução do texto para a Societé Les Belles-Lettres, decide-se por "une sorte de vision non dépourvue d'art", naquela que aparenta ser a melhor maneira de se traduzir a expressão, por oferecer maiores possibilidades semânticas⁶³.

Finalmente, acredito que ainda há um último sentido possível, que acaba por se assemelhar, pelo contexto, ao uso acima exposto. Políbio, ao estabelecer (I.5.3), como ponto de partida (ἀρχή) do primeiro livro de suas Histórias a primeira vez em que os romanos cruzaram o mar a partir da Itália, afirma que o motivo que os levou a fazê-lo deve ser exposto sem explicação (ψιλῶς), pois "μὴ τῆς ἀιτίας αἰτίαν ἐπιζητούσης ἀνυπόστατος ἡ τῆς ὅλης ὑποθέσεως ἀρχή γένηται καὶ θεωρία" (se a causa buscar a sua causa, fica mal estabelecido o início de todo o meu tema, e sua θεωρία). Segundo o léxico de Mauersberger, θεωρία tem neste trecho o sentido de Behandlung, ou seja, refere-se ao tratamento que dá Políbio ao seu tema, à forma por meio da qual ele constrói a sua narrativa histórica 64 .

Assim, parece-me também plausível que Luciano esteja com θεωρία οὐκ ἄμουσον chamando atenção não só para o refinamento do seu estilo, mas também para a *abordagem* que ele faz do seu tema em *Das Narrativas Verdadeiras*. Isto é, creio que ele possa dizer respeito ao caráter alusivo do texto, para o qual Luciano chamará atenção novamente mais adiante no proêmio e que, antes de demandar um leitor capaz de reconhecer as paródias feitas ao longo da narrativa, reflete o refinamento e o conhecimento literário do próprio autor do texto, dando-lhe autoridade. De fato, no segundo parágrafo, Luciano parece primeiro expôr as virtudes de seu texto e, em seguida, descrevê-las. Assim, "prazer de seu bom gosto e de sua graça" aparentemente concretizam-se no *insólito da proposta e a graça do projeto* e a "θεωρία refinada", nas *mentiras convincentes e verossímeis que aludem a antigos poetas, historiadores e filósofos*.

-

 $^{^{60}}$ Luciano, $\it Obras.$ Traducción y notas por A. E. Alarcón. Madrid: Editorial Gredos, 1981 (v.I).

⁶¹ Collected Ancient Greek Novels. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1989.

⁶² Lucian with an english translation by A.M. Harmon. London: The Loeb Classical Library, 1927, vol. I.

⁶³ Lucien, *Oeuvres*. Paris: Les Belles-Lettres, 2003, tome II.

⁶⁴ A. Mauersberger. *Polybios-Lexikon*. Berlin, Akademie-Verlag, 1956. Considerando-se que tal tratamento refira-se à apresentação dos preceitos da *história univeral* feita por Políbio (I.4.1-11), nesta passagem o termo tambem poderia ser traduzido como "teoria".

Não se trata somente de escrever com habilidade sobre coisas que nunca foram vistas e sequer podem existir, como ele próprio anuncia (I.4), ou de criticar abertamente uma prática literária, como ele o faz em *Como se Deve Escrever a História*, mas de fazê-lo de um jeito novo (τὸ ξένον τῆς ὑποθέσεως): Luciano mostra-se aqui consciente de que a engenhosidade de *Das Narrativas Verdadeiras* está na maneira como foi deliberadamente elaborada a sua composição.

2. Das características de Das Narrativas Verdadeiras

[2.6] οὐ γὰρ μόνον τὸ ξένον τῆς ὑποθέσεως οὐδ τὸ χαρίεν τῆς προαιρέσεως ἐπαγωγὸν ἔσται αὐτοῖς οὐδ' ὅτι ψεύσματα ποικίλα πιθανῶς τε καὶ ἐναλήθως ἐξενηνόχαμεν, ἀλλ' ὅτι καὶ τῶν ἱστορουμένων ἕκαστον οὐκ ἀκωμῳδήτως ἤνικται πρός τινας τῶν παλαιῶν ποιητῶν τε καὶ συγγραφέων καὶ φιλοσόφων πολλὰ τεράστια καὶ μυθώδη συγγεγραφότων, οῦς καὶ ὀνομαστὶ ἂν ἔγραφον, εἰ μὴ καὶ αὐτῷ σοι ἐκ τῆς ἀναγνώσεως φανεῖσθαι ἔμελλον.

[2.6] Pois não apenas lhes será atraente o insólito da proposta ou a graça do projeto, nem que declaro mentiras variadas de maneira convincente e verossímil, mas que também cada uma das coisas relatadas alude não sem comicidade a alguns dos antigos poetas, historiadores e filósofos que muitas coisas prodigiosas e fabulosas escreveram, cujos nomes eu mencionaria, se não estivessem para aparecer para ti mesmo durante a a leitura.

Há algo relevante no fato de Luciano chamar de "insólita" a proposta de *Das Narrativas Verdadeiras* ("τὸ ξένον τῆς ὑποθέσεως"). O autor declara-se responsável pela criação do gênero diálogo cômico, que parece ter sido recebido com alvoroço pelo público devido ao seu caráter inovador, a ponto de sua recepção e forma tornarem-se tema de três obras de Luciano: *Tu és um Prometeu em teus Discursos*, *Zêuxis* e *A Dupla Acusação*. Ao discorrer acerca do modo como esse gênero foi concebido e recebido, o autor relaciona o aspecto ξένον do diálogo cômico com o seu ineditismo nas três obras.

Em Zêuxis, Luciano mostra-se contrariado com o fato das demais qualidades do seu diálogo cômico passarem despercebidas ao público, que só tinha olhos para o seu aspecto

inovador. Nesse texto, Luciano compara a recepção de um quadro do célebre pintor, cujo nome dá título à obra, com o acolhimento do seu novo gênero, louvado apenas pelo que há nele de "καινόν" e "ξενικόν" (2.11). No quadro de Zêuxis, havia uma família de centauros; segundo a descrição de Luciano, a mãe centaura amamentava dois filhotes, um no seio humano, outro em uma teta, como um animal e, na parte superior do quadro, encontrava-se o hipocentauro pai das duas crianças, não completamente visível, que ria e segurava um filhote de leão para assustá-las. Luciano afirma que Zêuxis buscava sempre fazer algo inédito (καινοποῖεν), evitando os temas comuns, e que, quando ele imaginava algo "estranho" (ξένον), melhor demonstrava toda a sua técnica, mas que também esse quadro, assim como o diálogo cômico, foi louvado graças ao estranho da idéia (τῆς ἐπινοίας τὸ ξένον) e à proposta inovadora da pintura (τὴν γνώμην τῆς γραφῆς ὡς νέαν). Em A Dupla Acusação, por sua vez, diálogo no qual o "Retor Sírio" é chamado em julgamento, acusado, de um lado, pela Retórica, de outro, pelo Diálogo Filosófico, este último reclama que o cruzamento do diálogo com outros gêneros transformou-o em uma "estranha aparição" (ξένον φάσμα, 33.37)⁶⁵.

Dessa forma, ao chamar sua proposta de "estranha", Luciano está reconhecendo que propõe algo novo em *Das Narrativas Verdadeiras*. Diferentemente do que ocorre com o diálogo cômico, porém, Luciano não esclarece de que forma a inovação aqui se apresenta. Estaria ela no fato de que o autor assume o caráter fictício de sua obra, ao afirmar que narrará "mentiras variadas, de modo convincente e verossímil"? Ou ainda no fato de seu texto apresentar-se como um jogo alusivo a antigos autores, apresentando maravilhas dignas da poesia, mas contadas com as técnicas que garantem credibilidade à narrativa histórica?

De fato, a mistura de gêneros, que resulta no inovador diálogo cômico, não parece ter se limitado apenas a essa criação, mas é antes característica da obra de Luciano. Para Camerotto, mais do que a simples mistura de gêneros, também a de prosa e verso, de autores, de imagens, de filosofias - que formam um aspecto da paródia a que chama de "mixis"-, constitui o procedimento poético que está na base de criação de todos os seus textos: "A mixis confere à criação de Luciano um caráter de kainotes que, todavia, não é totalmente livre – pois os textos sempre estão em relação dialética com a tradição – e incontrolada – o controle formal preside

_

⁶⁵ A relação entre a novidade do gênero e seu aspecto "ξένον" também está presente em *Tu és um Prometeu em teus Discursos* (3).

sempre a composição do novo texto"⁶⁶. A mesma característica é ressaltada por Branham, que afirma que os textos de Luciano são melhor abordados como "reciclagem de formas literárias pré-existentes, emprestando-se uma estratégia aqui, polindo-se ou descartando-se um estilo ali, recombinando artisticamente elementos de uma série de fontes distintas".⁶⁷

O fato de que Luciano se vale dessa mistura de gêneros e estilos também em *Das Narrativas Verdadeiras* parece estar enunciado explicitamente na expressão "οὐκ ἀκωμφδήτως ἡνίκται", i.e. na alusão cômica que o autor faz a antigos poetas, historiadores e filósofos. O verbo utilizado nessa passagem, αἰνίσσομαι, tem mesma origem que αῖνιγμα e Chantraine define o sentido do verbo como "dizer palavras significativas, portanto difíceis de se compreender, finalmente 'falar por enigmas".68.

É esse talvez o trecho em que se apresenta mais acentuadamente o caráter programático do proêmio de *Das Narrativas Verdadeiras*. Ao usar o verbo κίντσσομαι, Luciano indica ao seu leitor que há, ao longo de todas a sua narrativa, algo que está subentendido e que pode se revelar na leitura, em níveis diversos, dependendo da competência do leitor. Assim, afirma Luciano, com o episódio das sereias, Homero sugere (ἢηνίξατο) que não se deve ouvir homens afetados por uma paixão, mas que se deve antes usar a razão para julgar o que é dito, a fim de se distinguir aquilo que é valioso do que não tem valor⁶⁹. Ou seja, o poeta pretende com o episódio das sereias dizer algo que só se torna apreensível caso se faça uma (correta) interpretação da passagem. Em *Sobre a Dança*, no entanto, o verbo sequer é utilizado em caráter, digamos, literário. Ao argumentar que

⁶⁶ Le Metamorfosi della Parola. Pisa/Roma: Instituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 1998, p.75.

⁶⁷ Unruly Eloquence: Lucian and the comedy of traditions. Cambridge/London: Harvard University Press, 1989, p.54-5. Cf. J. Bompaire. Lucien Écrivain, Paris, Boccard, 1958, e B. P. Reardon. Courants Littéraires Grecs des IIe e IIIe siècles après J.C., Paris: Les Belles-Lettres, 1971, p.176ss. De fato, o próprio Luciano esclarece que a criação do diálogo cômico não se deu apenas com a junção harmônica entre diálogo filosófico e comédia. A Dupla Acusação, 33.16-26: καὶ τὰ πτερὰ συντρίψας ἰσοδίαιτον τοῖς πολλοῖς ἐποίησεν, καὶ τὸ μ ν τραγικὸν ἐκεῖνο καὶ σωφρονικὸν προσωπεῖον ἀφεῖλέ μου, κωμικὸν δ καὶ σατυρικὸν ἄλλο ἐπέθηκέ μοι καὶ μικροῦ δεῖν γελοῖον. ε τά μοι εἰς τὸ αὐτὸ φέρων συγκαθεῖρξεν τὸ σκῶμμα καὶ τὸν ἴαμβον καὶ κυνισμὸν καὶ τὸν Εὕπολιν καὶ τὸν ᾿Αριστοφάνη, δεινοὺς ἄνδρας ἐπικερτομῆσαι τὰ σεμνὰ καὶ χλευάσαι τὰ ὀρθῶς ἔχοντα. (Ao quebrar minhas asas, fez-me de modos iguais aos da maioria, tomou-me aquela máscara trágica e moderada, e pôs-me outra, cômica e satírica, quase ridícula. Em seguida, levando-me, encerrou-me junto com o escárnio, com o jambo, com o cinismo, e com Êupolis e Aristófanes, homens terríveis que zombam do que é sagrado e escarnecem do que é correto).

⁶⁸ Dictionnaire Etymologique de la Langue Grècque. Paris: Klincsieck, 1968, p.36. Para Verdenius, "to speak in covert terms", "AINOΣ", Mnemosyne, IV, 15, 1962, p.389.

⁶⁹ Calumn.30: "Ομηρος ἐν τῷ περὶ Σειρήνων μύθῳ ἠνίξατο παραπλεῖν κελεύσας τὰς ὀλεθρίους ταύτας τῶν ἀκουσμάτων ἡδονὰς καὶ ἀποφράττειν τὰ ὧτα καὶ μὴ ἀνέδην αὐτὰ ἀναπεταννύειν τοῖς πάθει προειλημμένοις, ἀλλὶ ἐπιστήσαντα ἀκριβῆ θυρωρὸν τὸν λογισμὸν ἄπασι τοῖς λεγομένοις τὰ μ ν ἄξια προσίεσθαι καὶ παραβάλλεσθαι, τὰ φαῦλα δ ἀποκλείειν καὶ ἀπωθεῖν.

a dança reúne atividades da alma e do corpo, Luciano diz que ouvira um homem afirmar que o silêncio dos que dançam remete (ἀινίττεται) a um preceito pitagórico⁷⁰.

Em ambos os casos, porém, há remissão a algo que está fora do contexto imediato do que é dito e que só pode ser percebido caso haja interpretação, feita por aqueles que constituem o público: eles passam a ter papel ativo no sucesso (ou fracasso) da obra apresentada, que é medido não por meio de sua apreciação positiva, mas pelo correto entendimento do texto. Assim como Zêuxis, que queria ver apreciados em sua pintura a precisão do traço, o uso das cores, a correção das sombras, e a sua proporção e harmonia, é para cada uma das partes que compõem o seu texto que Luciano deseja voltar a atenção do seu leitor: seu refinamento (ἀστεῖον), sua graça (χαρίεις), o insólito (ξένον) de sua proposta e, por fim, suas mentiras (ψεύσματα) variadas e verossímeis, as quais devem ser encaradas como enigmas. Daí também o fato de que o seu título é plural e traduzi-lo como *Uma História Verdadeira* sugere uma leitura inadequada.

3. Ctésias de Cnido e Iâmbulo: Modelos Literários Condenáveis

[3] < «ον» Κτησίας ὁ Κτησιόχου ὁ Κνίδιος, ὃς συνέγραψεν περὶ τῆς Ἰνδῶν χώρας καὶ τῶν παρ' αὐτοῖς ἃ μήτε αὐτὸς ε δεν μήτε ἄλλου ἀληθεύοντος ἤκουσεν. ἔγραψε δ καὶ Ἰαμβοῦλος περὶ τῶν ἐν τῆ μεγάλη θαλάττη πολλὰ παράδοξα, γνώριμον μ ν ἄπασι τὸ ψεῦδος πλασάμενος, οὐκ ἀτερπῆ δ ὅμως συνθεὶς τὴν ὑπόθεσιν. πολλοὶ δ καὶ ἄλλοι τὰ αὐτὰ τούτοις προελόμενοι συνέγραψαν ὡς δή τινας ἑαυτῶν πλάνας τε καὶ ἀποδημίας, θηρίων τε μεγέθη ἱστοροῦντες καὶ ἀνθρώπων ὡμότητας καὶ βίων καινότητας.

[3] Ctésias de Cnido, o filho de Ctesioco, escreveu acerca do país dos indianos e do que existe lá, coisas que ele próprio não viu nem ouviu de alguém que dizia a verdade. Também Iâmbulo escreveu muitos relatos extraordinários acerca do que há no grande mar, inventando a mentira conhecida de todos, ao desenvolver, contudo, uma proposta não desagradável. Também muitos outros, escolhendo como tema coisas desse tipo, teriam

_

⁷⁰ Sobre a Dança, 70: ἤκουσα δέ τινος καὶ περιττότερόν τι νεανιευομένου \dot{v} π ρ τῆς τῶν ὀρχηστικῶν προσωπείων σιωπῆς, ὅτι καὶ αὕτη Πυθαγορικόν τι δόγμα αἰνίττεται.

descrito suas próprias andanças e viagens, relatando o tamanho de feras, as crueldades dos homens e tipos inéditos de vida.

O <ών> que antecede o nome de Ctésias no texto é uma emenda proposta por Bekker, adotada tanto por M.D. Macleod em sua edição para Oxford quanto por J. Bompaire em sua recente edição para a Societé Les Belles-Lettres. Romm, contudo, argumenta contra tal solução para esse problema textual, preferindo a correção sugerida por Jerram (Oxford, 1879), que exclui o pronome relativo "ος" após Cnidos⁷¹. Para ele, o fato de Ctésias e Iâmbulo serem citados como autores a quem se fará alusão arruinaria o propósito do jogo criado por Luciano, segundo o qual seria possível perceber suas fontes a partir da leitura do texto. Mais plausível, argumenta Romm, seria entender que Luciano não está "dando nome aos bois", mas indicando os modelos literários seguidos pelos autores que condena.

Outro argumento pode reforçar a tese de Romm, caso se leve em conta o paralelismo que existe entre *Das Narrativas Verdadeiras* e *Como se Deve Escrever a História*, apontada por diversos críticos – o autor estaria valendo-se das técnicas que condena neste texto para compor aquele. Ao criticar estratégias narrativas historiográficas em *Como se Deve Escrever a História*, Luciano elege Tucídides como o paradigma a ser seguido pelos historiadores, mas os alvos de sua crítica são seus contemporâneos, a quem ele também não nomeia, uma vez que são eles todos autores que escreveram a respeito da Guerra dos Partos (162-165 d.C.), conflito que não havia sequer se encerrado quando Luciano compôs o seu texto. Assim, creio que se possa supôr que ao aludir a *antigos* autores em *Das Narrativas Verdadeiras*, Luciano esteja, na verdade, condenando aqueles que de alguma forma continuavam a se valer de suas "charlatanices".

A leitura de Romm parece bastante plausível e, se for seguida, é possível concluir que Ctésias e Iâmbulo são ambos mencionados porque suas obras trataram paradigmaticamente de temas literários distintos. Sobre Ctésias, Luciano ainda diz que seu relato tinha como tema a Índia, mas sobre a proposta "não desinteressante" de Iâmbulo, o autor só menciona o fato de que ele mentiu sobre o que existe no "grande mar". Ambas as obras foram perdidas, mas Fócio (cod.72) fornece um resumo da Ἰνδικά e Diodoro Sículo, da obra de Iâmbulo (II.55-60). A

⁷¹ The Edges of the Earth in Ancient Thought: Geography, Exploration, and Fiction. Princeton: Princeton University Press, 1994, p.212.

comparação entre os dois talvez permita que se tire algumas conclusões a respeito das tradições literárias condenadas por Luciano, que ele parodia em *Das Narrativas Verdadeiras*.

Ctésias de Cnido, historiador do final do século V a.C., foi também médico, tendo feito parte da corte de Artaxerxes entre aproximadamente 405-397 a. C. É autor, informa Fócio, de uma *História Persa*, em vinte e três livros, que ele resume extensamente. Embora alguns autores acreditem no caráter sério dessa obra histórica, a presença de elementos característicos do romance é forte o bastante para Cizek concluir que Ctésias não buscava representar Ciro veridicamente, mas que ao declarar que sua narrativa revelava a versão verdadeira dos fatos, diferente da apresentada pelo "mentiroso" Heródoto (35b), ele estaria apenas seguindo uma convenção literária⁷². Holzberg observa que um fragmento dessa obra (P.Oxy.2330) "contém o relato de um caso amoroso, e tanto os seus motivos quanto o estilo simples da obra de Ctésias possuem forte semelhança com o tipo de escrita que se encontra no romance típico grego". Para Holzberg, a abordagem de Ctésias ao seu tema pode indicar que o seu círculo de leitores era menos "culto" do que os leitores de, por exemplo, Tucídides, e que esse mesmo público teria vindo a ser o dos primeiros romances gregos. Essa extensa obra, portanto, parece inscrever-se no limite entre narrativa histórica e narrativa fictícia.

Além da *História Persa*, Fócio diz que Ctésias é autor de obra sobre a Índia, feita em um único livro. Ele é considerado por Romm fundador de uma tradição literária que descreve as "maravilhas da Índia"⁷⁴ e, ainda que alguns dos fatos que relata encontrem antecedentes no folclore indiano, a maior parte deles não aparenta advir de qualquer fonte⁷⁵. O resumo feito por Fócio de sua obra sobre a Índia é uma apresentação confusa do que haveria no país, indo e vindo de descrições de animais, de observações sobre clima, costumes, vegetação e riquezas – Ctésias afirma ter visto no país, por exemplo, uma fonte não de água, mas de ouro líquido. O confuso arranjo dos fatos, porém, pode ser resultado da compilação de Fócio, que talvez tenha eliminado o contexto em que cada uma das coisas descritas foi apresentada a Ctésias.

O que mais chama atenção nesse resumo, contudo, são as raças híbridas e monstruosas que Ctésias diz ter encontrado na Índia. Ao criar uma espécie de *monde à l'envers*, Ctésias

-

⁷² "From the historical truth to the literary convention: The life of Cyrus the Great viewed by Herodotus, Ctesias and Xenophon". L'Antiquité Classique 44, 1975.

^{73 &}quot;Ctesias". In: G. Schmeling (ed.). The Novel in the Ancient World. Leiden, Brill, 2003. p.629-632.

⁷⁴ Tradição essa que parece remontar a Cilax de Carianda. Cf. Heródoto, 4.44; Tzetzes, *Chilrades*, 7.629-36.

⁷⁵ Romm, "Belief and Other Worlds: Ktesias and the Founding of the 'Indian Wonders'". In: G.Slusser & E. Rabkin (eds.). *Mindscapes: The Geographies of Imagined Worlds*. Carbondale: Southern Illinois University, 1989. p.121-135.

apresenta os costumes de cada uma das raças, ainda que bizarros e estranhos aos gregos, como coerentes ao seu modo de vida. Nesse relato etnográfico descrevem-se quatro raças distintas que viviam entre os indianos - eles próprios bastante "normais", distiguindo-se dos gregos apenas pela cor da pele. Os primeiros a ser descritos são os Pigmeus (46a): segundo Ctésias, eles falavam a língua dos indianos, eram muito pequenos, tinham cabelos até os joelhos (ou ainda mais longos) e barbas compridas que chegavam até os pés, de modo que isso lhes permitia dispensar as roupas (embora seu membro viril descesse até os tornozelos). Em seguida, são apresentados os Cabeças-de-Cão (Κυνοκέφαλοι, 47a-48a): esses homens não possuíam um idioma, mas uivavam como cães e comunicavam-se desse modo; eram negros e justos, como os outros indianos, cuja língua podiam compreender, embora não a falassem. Pelo resumo de Fócio, Ctésias parece alongar-se na descrição de seu modo de vida e costumes mais do que faz com as outras raças. A raça descrita por ele em seguida (48b) tinha a peculiaridade de não possuir ânus e seu modo de vida, portanto, refletia sua necessidade de evitar a defecação. Por último, o autor menciona uma raça (49b) de cerca de trinta mil homens que viviam nas montanhas: suas mulheres davam à luz uma única vez; as crianças nasciam com pêlos e cabelos brancos, que começavam a escurecer a partir dos trinta anos; além disso, eles tinham outras peculiaridades: oito dedos nas mãos e nos pés e orelhas compridas, que cobriam ombros, costas e braços.

Fócio também diz que "escrevendo essas coisas e efabulando, Ctésias afirma que escreve apenas o que é de máxima verdade, acrescentando que ou ele próprio viu as coisas sobre as quais escreve, ou soube por aqueles que as viram, e que deixou de lado outros fatos ainda mais admiráveis por não lhe parecer certo escrever sobre coisas incríveis aos que não as viram"⁷⁶. A estratégia principal de Ctésias para garantir a credibilidade de sua narrativa parece ser a de assumir sua responsabilidade por aquilo que relata, afirmando que viu ou ouviu de fonte confiável tudo aquilo que descreve.

Romm defende a credibilidade que um relato tão maravilhoso como o de Ctésias poderia ter em sua época, uma vez que a Índia era então uma região remota e desconhecida, sobre a qual pouco se sabia de fato⁷⁷. Como o desconhecido cria expectativa de algo maravilhoso, diferente do que se aceita como "normal", o relato de Ctésias atenderia a expectativa do seu leitor. Tal

 $^{^{76}}$ 49b-50a: Ταῦτα γράφων καὶ μυθολογῶν Κτησίας λέγει τἀληθέστατα γράφειν, ἐπάγων ὡς τὰ μ ν αὐτὸς ἰδὼν γράφει, τὰ δ παρ' αὐτῶν μαθὼν τῶν ἰδόντων, πολλὰ δ τούτων καὶ ἄλλα θαυμασιώτερα παραλιπεῖν διὰ τὸ μὴ δόξαι τοῖς μὴ τεθεαμένοις ἄπιστα συγγράφειν.
⁷⁷ "Belief and Other Worlds: Ktesias and the Founding of the 'Indian Wonders'". In: G. Slusser & E. Rabkin (eds.).

Mindscapes: The Geographies of Imagined Worlds. Carbondale: Southern Illinois University, 1989. p.121-135.

argumento parece encontrar apoio na afirmação de Aristóteles de que Ctésias "não merece confiança", o que indica que ao menos por alguns sua narrativa era até então entendida como verídica⁷⁸.

O mesmo, contudo, não parece acontecer na época de Luciano, pois a autoridade de Ctésias como autor confiável já havia sido definitivamente desmerecida. Estrabão, autor do fim do século I a.C., critica Heródoto, Ctésias e os demais autores que escreveram sobre a Índia por misturarem história e $\mu \hat{\upsilon} \theta o \varsigma^{79}$:

Parece que sem reserva incluem os mitos propositadamente, não por ignorância dos fatos, mas para inventar coisas impossíveis tendo em vista o maravilhoso e prazeroso. Aparentam, porém, fazê-lo por ignorância, de modo que contem ao máximo e de maneira convincente os seus mitos sobre fatos incertos e desconhecidos. Teopompo reconhece, ao afirmá-lo, que também conta mitos em sua história - o que é melhor do que aquilo que fazem Heródoto, Ctésias, Helânico e os que escreveram sobre a Índia.

Anteriormente, Estrabão havia afirmado que aqueles que os autores de obras sobre a Índia revelaram-se, na maior parte, ψευδολόγοι, citando quatro deles, na ordem crescente da veracidade de suas narrativas: Deímaco, Megastenes, Onesicrito e Nearco. A estranha ausência de Ctésias dessa lista talvez indique que a questão da veracidade de seu relato sobre o país estivesse já encerrada, com a conclusão de que ele era falso.

A crítica de Estrabão parece ser exatamente a mesma de Luciano: ambos condenam o uso do *pseudos* por parte dos autores que escrevem na forma de História (εν ὑστορίας σχήματι, 1.2.35.30), gênero que possui compromisso com a verdade. Com efeito, não há problema com a narrativa maravilhosa; ele só passa a existir caso se queira iludir os leitores com a afirmação de que é verdadeira. Para evitar que isso ocorra, existem maneiras apropriadas de se incluir o μῦθος na narrativa histórica: um deles é aquele apontado por Luciano e já comentado anteriormente,

⁷⁸ História dos Animais, 606a8: οὐκ ὤν ἀξίοπιστος. Cf. Hist.Anim.501a25, 523a26, De Gen.Anim.736a2. A expedição de Alexandre à Índia e, posteriormente, a maior facilidade com que as viagens entre Egito e Índia começaram a ser feitas provocaram uma mudança na idéia que os gregos possuíam do país. Romm, idem, p. 130.

⁷⁹ 2.35.32.-9: φαίνεται γὰρ εὐθὺς ὅτι μύθους παραπλέκουσιν ἑκόντες οὐκ ἀγνοία τῶν ὄντων, ἀλλὰ πλάσει τῶν ἀδυνάτων τερατείας καὶ τέρψεως χάριν. δοκοῦσι δ κατ' ἄγνοιαν, ὅτι μάλιστα καὶ πιθανῶς τὰ τοιαῦτα μυθεύουσι περὶ τῶν ἀδήλων καὶ τῶν ἀγνοουμένων. Θεόπομπος δ ἐξομολογεῖται φήσας ὅτι καὶ μύθους ἐν ταῖς ἱστορίαις ἐρεῖ, κρεῖττον ἢ ὡς Ἡρόδοτος καὶ Κτησίας καὶ Ἑλλάνικος καὶ οἱ τὰ Ἰνδικὰ συγγράψαντες.

quando o autor afirma em *Como se Deve Escrever a História*, que narração de um mito pode ser feita, contanto que historiador não acredite nele; o outro é o utilizado por Teopompo. Como o historiador, Luciano faz sua narrativa fabulosa admitindo que vai se valer do $\mu \hat{\nu} \theta o \varsigma$, com a diferença de que se Teopompo pretendia igualmente falar a verdade, a Luciano, nesse texto, só interessa a mentira, que também ele, como os outros, utiliza com o único propósito de provocar prazer.

Sobre Iâmbulo, por sua vez, resta apenas o resumo de sua obra apresentado por Diodoro Sículo (II.55-60) e não há consenso sequer se "Iâmbulo" seria o nome do autor ou do narrador do relato que ficou conhecido como *A Ilha do Sol*. Diodoro diz que esse Iâmbulo, raptado por etíopes com um companheiro, foi por eles enviado para purificar a sua terra, da maneira como um oráculo lhes havia ordenado: colocaram-nos em um barco com comida suficiente para alimentar dois homens durante seis meses, lançaram-nos ao mar e, como havia indicado o oráculo, mandaram-nos navegar em direção ao sul, onde encontrariam uma ilha habitada por homens bons, ao lado dos quais teriam uma existência feliz. Se acaso Iâmbulo e seu companheiro os encontrassem, isso garantiria o bem-estar para os etíopes, caso contrário, eles sofreriam as grandes penas. Os dois então navegaram pelo mar, enfrentando tempestades por quatro meses, até encontrarem a ilha – na verdade, um arquipélago de sete ilhas. Lá, descobriram que os seus habitantes não eram humanos, mas criaturas que tinham ossos flexíveis, força extraordinária, nenhum pêlo, exceto na cabeça, nas sobrancelhas, nos cílios e nos queixo, e ainda que possuíam uma língua "dupla", a qual não só lhes permitia produzir qualquer tipo de som, como manter duas conversas ao mesmo tempo.

Embora Iâmbulo, como Ctésias, valha-se do fantástico na descrição do povo que habita a ilha, pelo relato de Diodoro, fica claro que a pergunta a se fazer é: o que faz desse lugar uma ilha feliz, cujos habitantes, antes de constituírem uma raça híbrida, parecem ser uma "versão melhorada" dos humanos? Por um lado, há as características naturais da ilha, que tornam a vida de seus habitantes bastante agradável; não se trata, contudo, de riqueza (como a que Ctésias observa na Índia): o clima é temperado, nem quente nem frio, e os dias e noites têm durações iguais; a caça é fácil; o cultivo não é necessário porque a terra provém os alimentos por si só; as árvores dão frutos o ano todo e há fontes abundantes de água pela ilha, algumas delas quentes. Por outro lado, o modo de vida dos habitantes da Ilha do Sol é peculiar: a começar que são todos

pepaideumenoi, sobretudo em astrologia; apesar da comida abundante, praticam a frugalidade e têm dieta regulada; são extremamente longevos; quase não adoecem e, se adoecem, concordam em abrir mão de sua vida; cada um deles vive apenas um número de anos pré-estabelecido e, quando o momento de sua morte se aproxima, deitam-se sobre uma planta específica, adormecem e morrem. Quanto à sua organização social, eles não se casam e as crianças são criadas em comum, sem que as mães reconheçam quem são os seus filhos. Eles vivem em grupos, cujo líder é sempre o mais velho que, ao atingir os 150 anos, morre e é substituído por aquele de mais idade.

Rohde sugeriu que a narrativa de Iâmbulo tenha sido uma espécie de "romance utópico" – assim como a de Evêmero (Diodoro Sículo, 5.41-46) -, e que Iâmbulo nele apresentaria um modelo alternativo de constituição política, que julgaria viável⁸⁰. Holzberg, contudo, argumenta contra essa idéia, afirmando que o resumo de Diodoro não permite que se identifique exatamente o propósito da obra de Iâmbulo e que, mesmo assim, suas idéias não parecem ter a base sólida que se espera de um programa político, aproximando-se mais do tipo de literatura escapista representado pelos primeiros romances gregos. No entanto, Diodoro Sículo nos diz que Iâmbulo e seu companheiro acabam sendo expulsos da ilha, contra a sua vontade, "por serem malfeitores e por terem sido educados para terem maus hábitos"⁸¹. Holzberg acredita que Iâmbulo possa ter feito algo considerado sacrílego durante um dos festivais religiosos realizados na ilha, daí a sua expulsão, mas outro não poderia ser o destino dos dois companheiros – uma vez que acho possível que a obra tivesse caráter satírico -, pois eram "elementos estranhos" àquela ilha perfeita, meros humanos acostumados a hábitos muito menos regulares do que aqueles dos habitantes da Ilha do Sol⁸².

Diodoro, por fim, informa que, partindo dali, é na Índia que aportam Iâmbulo e seu companheiro, que acaba por falecer. Na Índia, agora sozinho, Iâmbulo é recebido cordialmente e acrescenta ao seu relato "fatos sobre a Índia até então desconhecidos", que Diodoro não

-

⁸⁰ Apud N. Holzberg, "Utopias and Fantastic Travel: Euhemerus, Iambulus". In: G. Schmeling (ed.). *The Novel in the Ancient World*. Leiden, Brill, 2003. p.621-8.

⁸¹ Έπτὰ δ' ἔτη μείναντας παρ' αὐτοῖς τοὺς περὶτὸν Ἰαμβοῦλον ἐκβληθῆναι ἄκοντας, ὡς κακούργους καὶ πονηροῖς ἐθισμοῖς συντεθραμμένους.

⁸² Holzberg menciona também a tese de Weinreich (*Der grieschische Liebesroman*, Zurique, 1962), para quem é possível que Iâmbulo tenha relatado uma aventura erótica, omitida por Diodoro, que resultou na sua expulsão. Algo semelhante acontece em *Das Narrativas Verdadeiras*, quando Luciano é expulso da Ilha dos Bem-Aventurados porque Ciniras rapta Helena, com a divertida diferença de que não é o próprio Luciano quem provoca sua expulsão.

reproduz. Como se pode observar, é provável que Iâmbulo também tenha se inserido na tradição das maravilhas da Índia, iniciada por Ctésias.

O que torna a obra de Iâmbulo particular e a diferencia do relato "etnográfico" maravilhoso de Ctésias, portanto, é essa espécie de utopia que ele contrói em sua narrativa. O tema da ilha feliz, se já fazia parte da épica, é retomado de modo a que os motivos pelos quais ela é feliz sejam explorados, sobretudo no que diz respeito à organização social e política dos habitantes da ilha. A alusão a Platão, presente na descrição de suas relações sociais, que excluem o casamento e estabelecem que as crianças sejam criadas em comum, é também já um importante indício de como temas de obras filosóficas podem ser retomadas em gêneros fictícios – pois é assim que Luciano define a obra de Iâmbulo, ao dizer que ele "τὸ ψεῦδος πλασάμενος", inventou uma mentira⁸³.

4. Transformando a Βωμολοχία

[3.8] ἀρχηγὸς δ αὐτοῖς καὶ διδάσκαλος τῆς τοιαύτης βωμολοχίας ὁ τοῦ Ὁμήρου Ὀδυσσεύς, τοῖς περὶ τὸν Ἀλκίνουν διηγούμενος ἀνέμων τε δουλείαν καὶ μονοφθάλμους καὶ ἀμοφάγους καὶ ἀγρίους τινὰς ἀνθρώπους, ἔτι δ πολυκέφαλα ζῷα καὶ τὰς ὑπὸ φαρμάκων τῶν ἑταίρων μεταβολάς, οἷς πολλὰ ἐκεῖνος πρὸς ἰδιώτας ἀνθρώπους τοὺς Φαίακας ἐτερατεύσατο.

[4] τούτοις οὖν ἐντυχὼν ἄπασιν, τοῦ ψεύσασθαι μ ν οὐ σφόδρα τοὺς ἄνδρας ἐμεμψάμην, ὁρῶν ἤδη σύνηθες ὂν τοῦτο καὶ τοῖς φιλοσοφεῖν ὑπισχνουμένοις· ἐκεῖνο δ αὐτῶν ἐθαύμασα, εἰ ἐνόμιζον λήσειν οὐκ ἀληθῆ συγγράφοντες. διόπερ καὶ αὐτὸς ὑπὸ κενοδοξίας ἀπολιπεῖν τι σπουδάσας τοῖς μεθ' ἡμᾶς, ἵνα μὴ μόνος ἄμοιρος ὧ τῆς ἐν τῷ μυθολογεῖν ἐλευθερίας, ἐπεὶ μηδ ν ἀληθ ς ἱστορεῖν ε χονοὐδ ν γὰρ ἐπεπόνθειν ἀξιόλογον–ἐπὶ τὸ ψεῦδος ἐτραπόμην πολὸ τῶν ἄλλων εὐγνωμονέστερον· κἂν εν γὰρ δὴ τοῦτο ἀληθεύσω λέγων ὅτι ψεύδομαι. οὕτω δ' ἄν μοι δοκῶ καὶ τὴν παρὰ τῶν ἄλλων κατηγορίαν ἐκφυγεῖν αὐτὸς ὁμολογῶν μηδ ν ἀληθ ς λέγειν. γράφω τοίνυν περὶ ὧν μήτε ε δον μήτε ἔπαθον μήτε παρ' ἄλλων

⁸³ πλάσμα é o termo comumente utilizado na Retórica com referência à obra fictícia. A própria tipologia do διήγημα, como comentado anteriormente, inclui ο διήγημα πλασματικόν, por oposição ao μυθικόν, πολιτικόν ε ιστορικόν.

έπυθόμην, ἔτι δ μήτε ὅλως ὄντων μήτε τὴν ἀρχὴν γενέσθαι δυναμένων. διὸ δεῖ τοὺς ἐντυγχάνοντας μηδαμῶς πιστεύειν αὐτοῖς.

- [3.8] O seu guia e mestre neste tipo de bufonaria é o Odisseu de Homero, que falou aos da corte de Alcínoo sobre a escravidão dos ventos, seres de um olho só, comedores de carne crua, homens selvagens e ainda sobre animais de várias cabeças e as transformações sofridas por seus companheiros sob o efeito de poções; foi assim que ele contou muitos fatos prodigiosos para homens simples, os feácios.
- [4] Ao deparar-me então com esses todos, não foi em demasia que os reprovei por mentir, já tendo visto que isso é habitual até para aqueles que professam a filosofia. Mas admirei isso neles, se julgaram que passariam despercebidos ao escrever inverdades. É por esse motivo que também eu próprio, dedicando-me, pelo desejo da vanglória, a deixar algo à posteridade, a fim de que não fosse o único excluído da liberdade de efabular, já que nada verdadeiro podia relatar nada digno de menção havia experimentado voltei-me para a mentira, em muito mais honesta que a dos demais, pois ao menos nisto direi a verdade: ao afirmar que minto. Assim, a mim me parece que também escaparia da acusação dos outros, eu próprio concordando que nada digo de verdadeiro. Escrevo, portanto, sobre coisas que nem vi, nem sofri, nem me informei por outros e ainda sobre seres que não existem em absoluto e nem por princípio podem existir. Por isso, aqueles que por acaso se depararem com estes escritos não devem de forma alguma crer neles.

Em *O Amante das Mentiras*, Ticíades pergunta ao seu amigo Filócles por que os homens gostam tanto de mentiras, a ponto de se deleitar ao contá-las e ao ouvi-las. Filócles responde-lhe que muitas vezes os homens são forçados a mentir, tendo em vista o que é útil. Não é esse tipo de mentiroso que Ticíades condena, todavia; para ele, esses, que mentem pela necessidade (χρεία), são dignos de louvor (επαίνου τινές αὐτῶν ἄξιοι), pois utilizam a mentira para enganar inimigos ou como remédio para sua salvação, tal como o fez muitas vezes Odisseu para salvar sua vida ou a de seus companheiros. São os que mentem sem qualquer necessidade que o deixam curioso: muitos homens sensatos e de juízo admirável foram amantes de mentiras (φιλοψευδεῖς),

entre os quais Ticíades menciona Heródoto e Ctésias de Cnido e, antes deles, Homero, autores que conservaram suas mentiras, graças à beleza de suas palavras, de geração em geração⁸⁴.

O mesmo herói que merece ser louvado por ter utilizado a mentira como um φάρμακον, porém, é em Das Narrativas Verdadeiras chamado de guia e mestre dos autores que Luciano condena, por ter narrado aos incultos feácios fatos fabulosos de sua viagem (e também verdadeiros, na economia interna da *Odisséia*). O forte aspecto maravilhoso das narrativas feitas por Odisseu entre os feácios, porém, parece ser o motivo pelo qual a audiência externa dos poemas homéricos não os aceita facilmente como verídicos, o que tem desde a Antigüidade gerado leituras alegóricas e simbólicas da passagem. Tome-se, por exemplo, a discussão, iniciada entre os alexandrinos, do que há de verdadeiro no aspecto "geográfico" dos apólogoi - nesse caso, obviamente, o foco do debate não é a questão Odisseu inventou os contos feácios?, mas Homero inventou os contos feácios? Eratóstenes dá resposta positiva para a pergunta, recusando interpretações simbólicas e afirmando que Homero situou as aventuras de Odisseu no Oceano porque essa era uma região "εὐκατάψευστον", i.e. sobre a qual poderia-se facilmente criar ψεύδεα (ficções)⁸⁵. Essa afirmativa não é, contudo, feita como crítica, mas antes como observação de um recurso poético, da qual Homero se vale porque o objetivo de sua poesia é oferecer ψυχαγωγία (prazer) aos seus ouvintes⁸⁶. A essa visão, no entanto, contrapõe-se o estóico Estrabão, que busca estabelecer como verídicos e didáticos os contos feácios. Embora argumentando fortemente contra Eratóstenes, Estrabão admite que Homero, de fato, valeu-se do ψεῦδος, de modo a melhor atrair seus ouvintes (1.2.9), mas tendo a διδασκαλία como objetivo principal, acima da ψυχαγωγία (prazer).

Não falta quem declare, como Luciano, Odisseu seu próprio guia, mas por razões muito diferentes das do autor: o herói é acatado como modelo do homem de conhecimento, que por ter muito vagado, "viu as cidades de muitos homens e conheceu a sua mente". É com esse paradigma que Luciano parece dialogar em *Das Narrativas Verdadeiras*.

A relação entre Odisseu e Heródoto, por exemplo, se não é explicitamente enunciada, foi reconhecida por diversos críticos. Heródoto apresenta-se em suas *Histórias* como um novo

٠

⁸⁴ Para uma interpretação dos tipos de mentira elencados por Ticíades, cf. J.L.Brandão, *A Poética do Hipocentauro*. Belo Horizonte: UMFG, 2001, p.45-50.

⁸⁵ Apud Estrabão 1.2.19.

⁸⁶ Sobre a discussão acerca da veracidade dos contos feácios em seu aspecto geográfico, cf. J. Romm, *The Edges of the Earth in Ancient Thought: Geography, Exploration, and Fiction*. Princeton: Princeton University Press, 1994, p. 183-196.

Odisseu, passando em sua narrativa por "cidades grandes e pequenas dos homens". Marincola observa na expressão uma redundância (ἀνθρώπων seria desnecessário), que acaba por aproximála do homérico "πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἁστεα". A influência da figura de Odisseu não se limita, aliás, à *persona* do historiador, mas parece ter sido também determinante na seleção da matéria apropriada à narrativa histórica⁸⁷. A própria declaração de Heródoto, feita no proêmio, de que narrará fatos grandiosos e maravilhosos (ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά) pode indicar que parte de sua matéria será fabulosa, de fato contos fantásticos sobre lugares distantes, tal qual os narrados na *Odisséia*⁸⁸.

Outra maneira de se reconhecer como positivo o paradigma de Odisseu em Heródoto é observar o quanto a θεωρία, o ato de ver o mundo, que se torna possível pela viagem, é relacionada pelo historiador ao conhecimento⁸⁹. Na célebre passagem em que se narra o encontro de Sólon (I.29-33) com Creso, o rei da Lídia recebe o sábio grego dizendo: "hóspede ateniense, entre nós é grande tua reputação, tanto por tua sabedoria quanto pela tua viagem, como amando o conhecimento, viajaste pela vontade de ver grande parte da terra"⁹⁰. Para Montiglio, Sólon é precisamente o inaugurador de uma tradição de filósofos que partem em viagem em busca do conhecimento, expandido por meio do contato com outras sociedades⁹¹.

Se a relação entre Heródoto e Odisseu desenvolve-se na narrativa de maneira sutil, Políbio declara abertamente sua escolha de Odisseu como modelo a ser seguido, na passagem em que

.

⁸⁷ J. Marincola. "Odysseus and the historians". Artigo inédito. Diz Marincola que a imaginação histórica grega parece ter primeiro se dirigido ao estudo de terras e costumes estrangeiros, e que na *Odisséia* já se mostra grande interesse em descrever e avaliar os povos estrangeiros.

⁸⁸ J. Moles. "Truth and Untruth in Herodotus and Thucydides". In: C. Gill & T.P. Wiseman. *Lies and Fiction in the Ancient World*. Austin, University of Texas Press, 1993, pp.88-121.

⁸⁹ Sobre a construção da *persona* de Heródoto como viajante e suas implicações, cf. R. Friedman. "Location and Dislocation". In: C. Dewald & J. Marincola. *The Cambridge Companion to Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

⁹⁰ Ξεῖνε ᾿Αθηναῖε, παρ᾽ ἡμέας γὰρ περὶ σέο λόγος ἀπῖκται πολλὸς καὶ σοφίης [εἴνεκεν] τῆς σῆς καὶ πλάνης, ὡς φιλοσοφέων γῆν πολλὴν θεωρίης εἴνεκεν ἐπελήλυθας. A mesma relação entre σοφίη e e θεωρία apresenta-se na figura do cita Anarcásis. Her.4.76: Τοῦτο μ ν γὰρ ᾿Ανάχαρσις, ἐπείτε γῆν πολλὴν θεωρήσας καὶ ἀποδεξάμενος κατ' αὐτὴν σοφίην πολλὴν ἐκομίζετο ἐς ἤθεα τὰ Σκυθέων, πλέων δι' Ἑλλησπόντου προσίσγει ἐς Κύζικον-

⁹¹ S. Montiglio, p. 88. "Wandering Philosophers in Classical Greece". Journal of Hellenic Studies, vol. 120, 2000, pp.86-105. Para Montiglio, que analisa um trecho de Epiteto (Arr.Epict.3.24.12-14), o Odisseu do filósofo "travels not only 'because of some necessity', in keeping with the homeric picture of the hero, but also for the sake of the spectacle itself". (...) Epictetus' Odysseus, who goes about to contemplate the world, resembles Horace's, an example of Stoic uirtus and sapientia". A relação entre viagem e conhecimento é feita também pelos pré-socráticos, como no Poema de Parmênides e Demócrito, DK 68 B299: ἐγὼ δ τῶν κατ' ἐμαυτὸν ἀνθρώπων γῆν πλείστην ἐπεπλανησάμην ἱστορέων τὰ μήκιστα καὶ ἀέρας τε καὶ γέας πλείστας ε δον καὶ λογίων ἀνδρῶν πλείστων ἐπήκουσα καὶ γραμμέων συνθέσιος μετὰ ἀποδείξεως οὐδείς κώ με παρήλλαξεν οὐδ' οἱ Αἰγυπτίων καλεόμενοι 'Αρπεδονάπται.

critica severamente os métodos de Timeu, que teria desprezado a investigação por meio dos olhos, baseando sua escrita da História somente no que leu e ouviu (12.27.1-28.6). Para Políbio, é fácil compreender a opção de Timeu: por meio dos livros, pode-se investigar os fatos sem correr riscos e sem sofrimentos, enquanto o conhecimento direto dos fatos acarreta muita fadiga. Políbio ainda o critica por ter vivido toda vida em um mesmo lugar, privando-se das possibilidades oferecidas pela viagem e pela observação. É de um historiador como Timeu que Políbio deseja se distinguir, evocando Odisseu; o herói é para ele não só modelo do homem que conhece por ter visto, mas também o homem de ação que todo o historiador deve ser (XII.27.10-28)⁹²:

Έτι δὲ τούτων ἐμφατικώτερον ὁ ποιητής εἴρηκε περὶ τούτου τοῦ μέρους. Ἐκεῖνος γὰρ βουλόμενος ὑποδεικνύειν ἡμῖν οῖον δεῖ τὸν ἄνδρα τὸν πραγματικὸν εῖναι, προθέμενος τὸ τοῦ Ὁδύσσέως πρόσωπον λέγει πως οὕτως.

άνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα, πολύτροπον, ός μάλα πολλὰ πλάγχθη.

Καὶ προβάς,

Πολλών δ' ἀνθρώπων ίδεν ἄστεα καὶ νοόν ἐγνω,

Πολλά δ' ὁ γ' ἐν πόντω πάθεν ἄλγεα ὅν κατὰ θυμόν,

Καὶ ἔτι·

άνδρων τε πτολέμους άλεγεινά τε κύματα πείρων.

Δοκεῖ δὲ μοι καὶ τὸ τῆς ἱστορίας πρόσχημα τοιοῦτον ἄνδρα ζητεῖν. Ο μὲν οῦν Πλάτων φησὶ τότε τἀνθρώπεια καλῶς ἔξειν, ὅταν ἡ οἱ φιλόσοφοι βασιλεύσωσιν ἡ οἱ βασιλεῖς φιλοσοφήσωσιν. κἀγῶ δὶ ἄν εἴποιμι διότι τὰ τῆς ἱστορίας ἔξει τότε καλῶς ὅταν ἡ οἱ πραγματικοὶ τῶν ἀνδρῶν γράφειν Ἐπιχειρησῶσι τὰς ἱστορίας.

Ainda de modo mais claro falou o poeta: querendo mostrar-nos o que deve ser o homem de ação, apresenta a personagem de Ulisses nestes termos:

'O homem diz-me, Musa, multiforme, que muitíssimo vagueou" (...)

e prossegue:

'E de muitos homens viu as cidades e o espírito conheceu,

E muitas dores ele, no mar, em seu ânimo sofreu"

E ainda

'Os combates dos homens e as dolorosas ondas atravessando'.

⁹² Tradução de J.L.Brandão. F. Hartog. A História de Homero a Santo Agostinho. Belo Horizonte, UFMG, 2001, p. 121ss.

77

Parece-me, é também o princípio da história que tal homem busca. Com efeito, Platão diz que assuntos humanos só irão bem quando os filósofos reinarem ou os reis filosofarem.

Estrabão, por sua vez, ao defender que Homero era um conhecedor da geografia, das estratégias militares, da agricultura e da retórica, justifica-se pela demonstração de que o poeta ao menos a Odisseu, o herói que mais do que os outros ele adorna com toda a excelência (ὅν τῶν πάντων μάλιστα ἀρετῆ πάση), são atribuídos todos esses conhecimentos: Odisseu é o homem que "viu as cidades de muitos homens e conheceu sua mente", mas também o "saqueador de cidades", alguém que se orgulha de ser agricultor e que demonstra ser um excelente orador em toda a *Ilíada* (I.2.3-5). A declaração de Estrabão (I.2.9) justifica-se pelo fato de que, para o autor, Homero foi, ele próprio, o principiador (ἀρχηγέτην) da ciência geográfica (I.I.2).

ἕλαβεν οὖν παρὰ τῆς ἱστορίας τὰς ἀρχάς. καὶ γὰρ τὸν Αἰόλον δυναστεῦσαί φασι τῶν περὶ τὴν Λιπάραν νήσων καὶ τῶν περὶ τὴν Αἴτνην καὶ Λεοντίνην Κύκλωπας καὶ Λαιστρυγόνας ἀξένους τινάς· διὸ καὶ τὰ περὶ τὸν πορθμὸν ἀπροσπέλαστα ε ναι τοῖς τότε καὶ τὴν Χάρυβδιν καὶ τὸ Σκύλλαιον ὑπὸ λῃστῶν κατέχεσθαι. οὕτω δ καὶ τοὺς ἄλλους τῶν ὑπὸ Ὁμήρου λεγομένων ἐν ἄλλοις τόποις ἱστοροῦμενοὕτω δ καὶ τοὺς Κιμμερίους εἰδὼς οἰκοῦντας τὸν Κιμμερικὸν Βόσπορον πρὸς βορρᾶν καὶ ζοφώδη μετήγαγεν οἰκείως εἰς σκοτεινόν τινα τόπον τὸν καθ' ἄδην, χρήσιμον ὄντα πρὸς τὴν μυθοποιίαν τὴν ἐν τῇ πλάνη.

(Homero) toma, portanto, da história o seu princípio. Pois, por exemplo, dizem que Éolo foi o senhor das ilhas ao redor de Lípara, e que alguns inospitaleiros Ciclopes e Lestrigões o foram das ilhas ao redor de Etna e Leontine; por isso também a região próxima do estreito era inabordável para os homens daquela época, e dizem que Caribde e Cila eram ocupados por piratas. Assim examinamos que também os outros povos mencionados por Homero viviam em outros locais. Assim, sabendo que os Cimérios viviam no Bósporo Cimério, região caliginosa ao norte, convenientemente transferiu-a para um local obscuro próximo ao Hades, pois isso era útil para a *mythopoiia* da viagem.

Por defender que a poesia de Homero não é totalmente fictícia, Estrabão faz também a defesa da veracidade das narrativas de Odisseu, contrapondo-se a Eratóstenes e diversas vezes citando interpretações das aventuras feitas por Políbio. Para ambos os autores de influência

estóica, Homero teria nos chamados Αλκίνου ἀπόλογοι falado apenas a verdade, mas de maneira fabulosa, de modo a melhor atrair e dar prazer à sua audiência (ψυχαγωγία), com o objetivo principal de oferecer-lhe instrução (διδασκαλία) ⁹³. Se a filosofia é para poucos, a poesia, por sua vez, atrai muito mais público, porque seu caráter maravilhoso (θαυμαστόν) e prodigioso (τερατώδες) causa prazer, o que incita o aprendizado. Assim, a análise que Estrabão faz das aventuras de Odisseu constitui um processo no qual se busca extrair do mito o que é factual. Como Schenkeveld observa, contudo, a teoria de Estrabão apresenta problemas quando aplicada; afinal ele não explica de que modo estabelecer aquilo que é ιστορία e aquilo que é μῦθος nos poemas homéricos. Aparentemente, o critério é o próprio conhecimento do intérprete ⁹⁴.

Dessa forma, ao tomar Odisseu como seu guia em *Das Narrativas Verdadeiras*, podemos concluir que Luciano está evocando a autoridade de Homero para a criação de seu texto que, embora construído com alusões a diversos poetas, historiadores e filósofos, possui estrutura épica, ainda que uma epopéia prosificada; a narrativa se passa em um contexto essencialmente épico, principalmente no que a *Odisséia*, que é sobretudo um poema sobre viagens, compartilha com a historiografia: a $\theta \epsilon \omega p(\alpha)$, i.e. o conhecimento de terras e povos distantes e a descrição que se faz deles. Por outro lado, o autor anuncia a seus leitores que eles de forma alguma devem crer nos fatos por ele narrados: pois não há nada verdadeiro sob a aparência do fabuloso. Com isso, ele parece estar, por um lado, zombando não só dos historiadores e filósofos que seguiram o herói no uso abusivo do $\mu \nu \theta \omega \delta \epsilon \zeta$, mas também recusando-se a interpretar as narrativas de Odisseu na corte dos feácios como enigmas, encontrando nos episódios de suas aventuras verdades escondidas sob a forma de $\mu \nu \theta \omega \zeta$, seja essa uma verdade factual ou uma que revela conceitos éticos.

⁹³ Ideal de virtude também para os cínicos, Odisseu "résume admirablement l'attitude du sage stoïcien devant la douleur, qu'il méprise, devant le plaisir, qu'il méprise également". F. Buffière, *Les mythes d'Homere et la pensée grècque*. Paris, Les Belles-Lettres, 1973, p. 375. A imagem de Odisseu como sábio que resiste ao prazer e aos vícios foi utilizada por diversas escolas e é a idéia principal na interpretação alegórica das aventuras de Odisseu feita por Pseudo-Heráclito, *Quaest.Hom.*, 70-74. Cf. Buffière, idem, p.377ss. Sobre as leituras estóicas de Homero, cf. A. Long. "Stoic Readings of Homer". In: R. Lamberton & J. Keaney. *Homer's Ancient Readers*. Princeton: Princeton University Press, 1992. p.41-66.

⁹⁴ D.M. Schenkeveld. "Strabo on Homer". Mnemosyne, vol. 29, 1, 1976, p.52-64. Schenkeveld diferencia o método de Estrabão daquele dos alegoristas, chamando-o de "exegese histórica": "If Strabo adhered to allegorical interpretation he would have explained Odysseus' wanderings thus: Homer tell these in a poetical way, but essentially he describes physical phenomena or ethical concepts", p.59.

Afirma também Aristóteles que Homero ensinou os outros como se deve mentir – porque "τὸ δὲ θαυμαστόν ἡδύ", porque o maravilhoso é prazeroso⁹⁵. O uso do maravilhoso pela poesia não é, obviamente, considerado condenável por Luciano; para ele, o problema é que Odisseu acabou se tornando igualmente mestre daqueles que não deveriam mentir. Embora, no proêmio do texto, Luciano pareça não fazer distinção entre as mentiras contadas pelos poetas daquelas utilizadas por historiadores e filósofos, fica claro em *Como se deve escrever a História* e no próprio desenvolvimento de *Das Narrativas Verdadeiras* que Luciano não os julga igualmente reprováveis. Para o autor, os poetas, diferentemente dos historiadores, gozam de "liberdade absoluta" (ἄκρατος ἐλευθερίὰ, *Como se deve escrever a História*, 8) de imaginação e isso é expresso por Luciano em *Das Narrativas Verdadeiras*, ainda que indiretamente, quando o narrador encontra Odisseu, Homero e outros poetas na Ilha dos Bem-Aventurados, enquanto Heródoto e Ctésias de Cnido padecem na Ilha dos Ímpios. A mentira da poesia é permitida porque esse não é um gênero que possui compromisso com verdade, diferentemente da historiografia.

Luciano chama também atenção para o fato de que sequer a filosofia se privou da mentira. A censura que o autor faz aos filósofos permeia toda a sua obra. O ataque mais incisivo e recorrente é dirigido àqueles cuja prática é exatamente oposta ao que eles professam: os que dizem desprezar dinheiro, cobram por seus ensinamentos, e os que dizem refutar o prazer físico, a ele entregam-se sem medida⁹⁶. A questão principal de Luciano parece ser a de distinguir os verdadeiros filósofos dos charlatães e, para ele, é imprescindível que a prática dos filósofos seja coerente com aquilo que professam: "Como a história deve ser espelho fiel dos acontecimentos de que se ocupa, a vida dos filósofos deve espelhar também as doutrinas que se pregam. O que falta justamente ao filósofo típico, profissional e interesseiro, contra o qual Luciano investe impiedosamente, é essa coerência pragmática"⁹⁷.

O que Luciano parece dizer quando afirma, em *Das Narrativas Verdadeiras*, que mentir é algo comum "até para os que professam a filosofia", contudo, é que o fabuloso está indevidamente presente também no discurso filosófico, não só por meio de seus postulados

⁹⁵ Poética, 1460^a17-19.

⁹⁶ Em *Fugitivos*, a *Filosofia* queixa-se a Zeus das injúrias cometidas contra ela e os filósofos verdadeiros por homens que se assemelham a filósofos, mas que na realidade vivem em ignorância e indecência (4). Após ouvir as queixas, Zeus decide enviar a Filosofia, Hermes e Héracles para a Terra para distinguir os que de fato são filósofos dos que não são (22), com ordem de exterminar os últimos.

⁹⁷ J.L. Brandão. *A Poética do Hipocentauro*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p.52.

teóricos, mas também por meio dos mitos nele inseridos. Ao menos o que o escoliasta observa nessa passagem é que Luciano "provavelmente se refere a Platão, que contou mitos em toda a parte, mas sobretudo no livro décimo da República, em que discorre sobre o que há no Hades".

Laird argumenta, todavia, que ao menos na *República*, os interlocutores percebem, com relação às narrativas míticas, que os casos narrados são hipotéticos, de fato ficcionais, e que a suspensão da incredulidade é tão necessária para os debates filosóficos quanto é para a apreciação bem-sucedida da ficção⁹⁹. Portanto, é preciso que se compreenda o μῦθος como estratégia literária que serve, não (só) ao prazer, mas ao debate filosófico: a verdade ali contida está além do meramente narrado. As narrativas míticas utilizadas pela filosofia devem ser interpretadas, de modo que se encontre o seu segundo sentido, aquele que está sob a superfície do *pseudos*.

Por outro lado, em *Leilão de Filósofos*, o primeiro a ser posto à venda é um pitagórico cujas habilidades incluem aritmética, astronomia, geometria, música e a narrativa de prodígios (τερατεία). A metempsicose pitagórica é um tema favorito de Luciano, bem como as restrições alimentares da escola, que proibia a ingestão de favas e carne. O primeiro é explorado à exaustão em *O Galo*, diálogo no qual o filósofo Pitágoras tem a forma de um galo falante, após ter sido, em vidas anteriores, a cortesã Aspásia, o cínico Crates, um rei, um pobre, um cavalo, um sapo, entre muitas outras coisas (20). Questionado por Micilo, o seu dono, o galo afirma que o motivo pelo qual havia proibido a ingestão de carne e favas - quando estava na forma de Pitágoras - foi apenas o fato de que a criação de leis comuns não teria o mesmo efeito de uma inovação (καινοποιεῖν), e que ao não revelar sua causa, cada um iria supor uma coisa diferente, e todos ficariam atônitos como diante de um oráculo obscuro¹⁰⁰.

A frivolidade da resposta de Pitágoras-Galo serve à comicidade do diálogo e, em geral, a representação não só do filósofo, como de outras escolas filosóficas em Luciano, beira o charlatanismo. A própria multiplicidade de interpretações das diversas escolas às vezes se torna

_

⁹⁸ τάχα εἰς Πλάτωνα ἀποτείνεται πολλαχοῦ μ ν καὶ ἀλλαχοῦ μυθολογοῦντα, μάλιστα δ ἐν τῷ δεκάτῳ τῆς Πολιτείας [614 A σθ.] τὰ περὶ τῶν ἐν Ἅιδου διεξιόντα. Ο uso específico que a filosofia faz do *pseudos* é criticado também por Colotes, citado por Macróbio, para quem "nada do que é inventado" convém aos que professam a verdade: "Ait a philosopho fabulam non opportuisse confingi quoniam nullum figmenti genus veri professoribus conveniret". (In Somn.Scip., 12.3-5).

⁶⁹ "Ringing the changes on Gyges: Philosophy and the Formation of Fiction in Plato's Republic". Journal of Hellenic Studies, vol.121, 2001, p.12-29.

^{100 18.22-31:} Οὐδ ν ὑγι ς οὐδ σοφὸν ἢν, ἀλλ' ἑώρων ὅτι εἰ μ ν τὰ συνήθη καὶ ταὐτὰ τοῖς πολλοῖς νομίζοιμι, ἥκιστα ἐπισπάσομαι τοὺς ἀνθρώπους ἐς τὸ θαῦμα, ὅσφ δ' ἂν ξενίζοιμι, τοσούτφ σεμνότερος ἄμην αὐτοῖς ἔσεσθαι. διὰ τοῦτο καινοποιεῖν εἰλόμην ἀπόρρητον ποιησάμενος τὴν αἰτίαν, ὡς εἰκάζοντες ἄλλος ἄλλως ἄπαντες ἐκπλήττωνται καθάπερ ἐπὶ τοῖς ἀσαφέσι τῶν χρησμῶν. ὁρᾶς; καταγελᾶς μου καὶ σὸ ἐν τῷ μέρει.

motivo para Luciano desmecerer a filosofia¹⁰¹. Não se trata do problema de distinguir o falso filósofo do verdadeiro, mas também da tarefa praticamente impossível de verificar qual das escolas filosóficas detém a verdade em suas teorias, cujos postulados muitas vezes são inverificáveis. Veja-se por exemplo a quantidade de teorias acerca da Lua que Menipo encontra em *Icaromenipo* quando busca descobrir a verdade acerca do Cosmos, teorias essas das quais não se poderia dar qualquer prova e que, no diálogo, tanto irritam a Lua, que ela decide enviar a Zeus por meio de Menipo um pedido de extermínio de todos os filósofos da Terra¹⁰².

Assim, a mentira da filosofia, com sua multiplicidade de orientações, difere daquela da poesia – em que ela é permitida - e da história – que deve relatar apenas o verdadeiro tendo em vista sua utilidade futura - e é combatida porque pode atravessar o cotidiano; com efeito, em *Leilão de Filósofos*, o que se põe à venda são os diversos "modos de vida" filosóficos, ou seja, a maneira peculiar que cada um deles tem de interpretar a realidade, e cujo resultado muitas vezes nada difere de "hipocentauros, quimeras e górgonas e tantas outras coisas que sonhos, poetas e escritores criam, sendo livres, as quais nunca existiram nem podem existir" Com efeito, se Luciano recusa, no proêmio de *Das Narrativas Verdadeiras*, o caráter simbólico do relato de Odisseu na corte dos feácios, não encontrando nele nada de verdadeiro, ele recusa do mesmo modo o uso do fabuloso na filosofia, independente de que utilidade ele possa ter em seu discurso, caracterizando-o como mera βωμολοχία, ou seja, excessivo e inapropriado¹⁰⁴.

Ο βωμόλοχος, "bufão", na definição de Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1128^a), é aquele que se excede no uso do humor (οἱ μ ν οὖν τῷ γελοίῳ ὑπερβάλλοντες), ao fazer tudo para provocar o riso, sem evitar a incoveniência e a dor. Como a maior parte das pessoas, porém, gosta de zombarias mais do que deveria, ο βωμόλοχος às vezes é visto como espirituoso

-

¹⁰¹ Em *Hermótimo*, um diálogo entre Hermótimo e Licino, em que o último faz uma apologia da vida ἰδιωτής, em contraposição a uma vida orientada pela filosofia, afirma-se: "todos os que filosofam tentam descobrir o que é a felicidade, e cada um diz que ela é uma coisa: um diz que é o prazer, outro que é o belo, e todas as outras coisas que falam sobre ela" (66).

¹⁰² Icaromenipo, 7: "Επειτα δ κάκεῖνο πῶς οὐκ ἄγνωμον αὐτῶν καὶ παντελῶς τετυφωμένον τὸ περὶ τῶν οὕτως ἀδήλων λέγοντας μηδ νώς εἰκάζοντας ἀποφαίνεσθαι, ἀλλ' ὑπερδιατείνεσθαί τε καὶ μηδεμίαν τοῖς ἄλλοις ὑπερβολὴν ἀπολιμπάνειν, μονονουχὶ διομνυμένους μύδρον μ ν ε ναι τὸν ἥλιον, κατοικεῖσθαι δ τὴν σελήνην, ὑδατοποτεῖν δ τοὺς ἀστέρας τοῦ ἡλίου καθάπερ ἱμονιᾳ τινι τὴν ἰκμάδα ἐκ τῆς θαλάττης ἀνασπῶντος καὶ ἄπασιν αὐτοῖς τὸ ποτὸν ἑξῆς διανέμοντος.

¹⁰³ Hermótimo, 72: ἐπεὶ ο̈ γε νῦν ἔπραττες καὶ ἐπενόεις, οὐδ ν τῶν Ἱπποκενταύρων καὶ Χιμαιρῶν καὶ Γοργόνων διαφέρει, καὶ ὅσα ἄλλα ὄνειροι καὶ ποιηταὶ καὶ γραφεῖς ἐλεύθεροι ὄντες ἀναπλάττουσιν οὔτε γενόμενα πώποτε οὔτε γενέσθαι δυνάμενα.

¹⁰⁴ Cf. Como se deve Escrever a História, 17.11; De merc.24.16; Hermótimo, 58.1.

(εὐτράπελος), o "meio-termo" apropriado, embora claramente não o seja¹⁰⁵. Aristóteles diz ainda que divertimento (παιδία) do *pepaideumenos* (educado) difere daquele do *apaideutos* (não-educado) e que, enquanto algumas coisas são convenientes para um homem livre dizer e ouvir, o bufão diz coisas que uma pessoa de bom-gosto (ὁ χαρίεις) não diria, ou sequer ouviria.

Ora, o que Luciano faz em *Das Narrativas Verdadeiras* é nada mais do que tornar a βωμολοχία aceitável para o homem educado e refinado. Se o Odisseu falava aos incultos (tδιώτας) feácios, Luciano, ao imitá-lo na construção de sua narrativa fantástica, dirige-se àqueles que se dedicam aos discursos e deve, portanto, fazer com ela que lhes seja apropriada – algo que ele tenta demonstrar desde o início do proêmio. Ao retomar os temas fantásticos, que julga reprováveis quando utilizados por autores que deveriam relatar somente a verdade, Luciano transforma-os por sua abordagem refinada (θεωρία οὐκ ἄμουσον), que inclui alusão literária na forma de cômicos enigmas (οὐκ ἀκωμφδήτως ἡνίκται) e a garantia de que nada do que narra é verdadeiro, de modo que seus leitores possam se deleitar com a narrativa sem a incômoda questão de ter de distinguir o verdadeiro do falso. De fato, se Luciano menciona Ctésias e lâmbulo no proêmio, não é a Ilha do Sol ou a Índia que seu narrador afirma ter observado na viagem, confirmando assim a veracidade de seus relatos: é antes a Cuconuvolândia de Aristófanes, "homem sábio e sincero que, sem ser acreditado, sobre ela escreveu em vão" (I. 29).

Dessa forma, podemos entender o fato de Luciano elencar Ctésias de Cnido e Iâmbulo, dois historiadores, ao lado de Odisseu, personagem heróica, como culpados de mentir para suas audiências. Luciano está rejeitando duas formas de enxergar a verdade no fictício para construir o seu texto. Ao mencionar que Odisseu descreveu "escravidão dos ventos, seres de um olho só e comedores de carne crua", Luciano refere-se à narrativa do herói levando em consideração especificamente o ponto de vista dos feácios, sua audiência na economia interna do poema e que, de fato, toma todo o seu relato como verdadeiro e não o ponto de vista da audiência externa, que entende a passagem como criação do poeta Homero. Assim, me parece que Luciano abstém-se de

 $^{^{105}}$ 1128^a 4-7: οί μ ν οὖν τῷ γελοίῳ ὑπερβάλλοντες βωμολόχοι δοκοῦσιν ε ναι καὶ φορτικοί, γλιχόμενοι πάντως τοῦ γελοίου, καὶ μᾶλλον στοχαζόμενοι τοῦ γέλωτα ποιῆσαι ἢ τοῦ λέγειν εὐσχήμονα καὶ μὴ λυπεῖν τὸν σκωπτόμενον·

 $^{1128^{}a}12-14$: ἐπιπολάζοντος δ τοῦ γελοίου, καὶ τῶν πλείστων χαιρόντων τῆ παιδιᾶ καὶ τῷ σκώπτειν μᾶλλον ἢ δεῖ, καὶ οἱ βωμολόχοι εὐτράπελοι προσαγορεύονται ὡς χαρίεντες· ὅτι δ διαφέρουσι, καὶ οὐ μικρόν, ἐκ τῶν εἰρημένων δῆλον.

discutir a questão da veracidade do mito, com a qual a audiência dos poemas homéricos lidou com freqüência, seja vendo nele uma alegoria, como os estóicos fizeram, seja entendendo que

A tradição mítica transmite um núcleo autêntico que, no decurso dos séculos, se rodeou de lendas; apenas essas lendas criam dificuldades, mas não o núcleo 106.

Disso decorre, primeiramente, que Luciano opta, em *Das Narrativas Verdadeiras*, por não discutir o mito, reconhecendo no maravilhoso um núcleo verídico e vendo nele mais do que os feácios viram – ou veriam, se fossem menos ἀδίωτες (incultos): um relato mentiroso¹⁰⁷. Além disso, ele se afasta também do uso feito pela filosofia dos mitos, que se assemelha a esse, no qual a verdade deve ser encontrada sob a superfície do *pseudos*. Em segundo lugar, ele parece igualmente se opor ao fato de que o discurso historiográfico, bem como o filosófico, tomando a narrativa de Odisseu como paradigma, assuma características da mitologia e da poesia, tornando-se maravilhosa. As duas possibilidades são rejeitadas, no texto de Luciano, em favor de uma prosa fictícia que seja toda prazer, pois o autor deixa claro que nada daquilo que ele próprio narra possui um fundo verdadeiro.

Luciano demonstra, assim, no proêmio de *Das Narrativas Verdadeiras*, qual a melhor maneira de se fazer uso do maravilhoso. A única diferença entre Luciano e os autores que satiriza é o fato de que ele admite mentir antes mesmo de dar início à sua narrativa. Se nesse momento, o lugar da História está bem estabelecido e Luciano critica aqueles autores que não se limitam a ele, o da ficção em prosa era ainda um tanto incerto. Nessa inversão do tópos histórico (e épico) da garantia de veracidade, o autor está apenas estabelecendo o lugar de seu texto¹⁰⁸. De fato, por si só, não há nada de errado com uma narrativa fantástica e Luciano o demonstra ao delimitar o seu próprio uso do ψεῦδος: trata-se somente de se estar de acordo com o público de que nada do que é contado refere-se a algo verdadeiro.

¹⁰⁶ P. Veyne. Acreditavam os Gregos em seus Mitos? São Paulo: Brasiliense, 1984, p.26.

¹⁰⁷ Pode-se entender o mito de forma crítica, vendo nele uma verdade encoberta por invenções poética ou, como os estóicos, acreditar que "o mito é verídico, mas não no sentido figurado; não é a verdade histórica misturada com imposturas: é um alto ensinamento filosófico inteiramente verdadeiro, com a condição de que em vez tomá-lo literalmente, se veja uma alegoria". Idem, p.75

¹⁰⁸ Brandão (2001) e "A Narrativa do Romance Grego", In: M. Kopschitz & B.Guerra (org.) *Traditio/Reconstrução*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1997, p.33-56.

SEGUNDA PARTE

A Narrativa

Esta parte do estudo tratará da composição da narrativa de Luciano, feita pela alusão a antigos poetas, historiadores e filósofos. Por causa de seu caráter alusivo, para que a recepção do texto aconteça de maneira satisfatória, como observa Camerotto, a alusão não pode ser feita nem de maneira muito obscura, o que dificultaria o processo de identificação, nem muito clara, porque anularia o seu propósito¹⁰⁹. Com efeito, se em Luciano a intenção da paródia e a surpresa são claras¹¹⁰, Das Narrativas Verdadeiras, por sua vez, parece ter gerado estudos em que o Quellenforschung, a busca das fontes, se dá com excessiva interpretação. É inevitável que isso ocorra porque ao leitor moderno as alusões não podem, de fato, estar nítidas, uma vez que as fontes a que elas se referem foram perdidas ou são hoje muito menos conhecidas, mas o fato é que, a julgar por tais estudos, as intenções de Luciano em Das Narrativas Verdadeiras não são tão claras como costumam ser. Fusillo chega mesmo a afirmar que a declaração do autor de que cada umas das coisas que narra é uma alusão "não deve ser levada tão a sério" e que "poucos são os casos em que a narração 'alude' sem deixar dúvida a um autor particular", não só porque há registros insuficientes da literatura fantástica a que se alude, mas também pelas "hipérboles satíricas de Luciano, que têm um desenvolvimento narrativo próprio" 111.

Recentemente, porém, tem se tentado mostrar a proximidade de *Das Narrativas Verdadeiras* da filosofia. A. Georgiadou & D. Larmour, em seu comentário interpretativo do texto, publicado em 1998, retomaram a *Quellenforschung*, interpretando os fatos narrados por Luciano tendo sempre em vista a alusão, quase sempre muito velada, a tópicos filosóficos ¹¹². Para os comentadores, *Das Narrativas Verdadeiras* apresentaria-se ao leitor como uma alegoria da

¹⁰⁹ Sobre o uso dos "enigmas" por Luciano, Camerotto *Le Metamorfosi della Parola*. Pisa/Roma: Instituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 1998, p.295-302.

¹¹⁰ J. Bompaire. Lucien Écrivain. Paris: Boccard, 1958, p.559.

[&]quot;The Mirror of the Moon: Lucian's *A True Story* – From Satire to Utopia". In: S. Swain (ed). *Oxford Readings in Greek Novel*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p.351-81.

¹¹² Lucian's Science Fiction Novel Verae Historiae, Leiden: Brill, 1998. Infelizmente não se teve acesso ao também recente comentário de P. von Möllendorff, que de modo semelhante parece aproximar o texto da filosofia. Auf der Suche nach der verlogenen Wahrheit: Lukians Wahre Geschichten. Classica Monacensia, vol. 21. Tübingen: Gunter Narr, 2000.

busca do conhecimento filosófico. Na sua argumentação, contudo, é preciso admitir, com Morgan, que os dois "acumulam paralelos irrelevantes ao menor sinal de similaridade e constróem uma 'chave' interpretativa que possibilita criar explicações do nada para detalhes imprecisos", 113.

De fato, a única anedota registrada sobre Luciano por um de seus contemporâneos, Galeno, parece evidenciar algo com relação ao autor que torna contraditória a leitura de Georgiadou & Larmour. Luciano teria forjado um livro com ditos obscuríssimos e atribuído-o a Heráclito, levando-o então a renomados filósofos de seu tempo em busca de interpretação. Seu objetivo, evidentemente, era fazê-los passar ridículo. Ainda que apenas uma anedota, qualquer um familiarizado com a obra de Luciano sente que ela está de acordo com o seu ethos satírico. Poderia então nosso Luciano, que desmascara filósofos em sua busca da verdade de um texto que nada quer dizer, utilizar-se da alegoria como expediente literário em Das Narrativas Verdadeiras a tal ponto que os Pés-de-Cortiça, estranhos seres que os viajantes encontram correndo pelo Oceano, representem "almas que não afundam no elemento material" ou de modo que as couves que crescem nas nádegas dos habitantes da lua devam ser interpretadas como uma proteção contra queda porque seus argumentos filosóficos não são bem equilibrados? Ou ainda, que a baleia que engole os navegantes seja vista como um "peixe-filósofo enorme e monstruoso"? Supô-lo significa deixar o texto pouco luciânico – e fazê-lo perder a graça.

Se por um lado Georgiadou & Larmour consideram que as alusões de Luciano servem sobretudo para atacar os filósofos, por outro lado, em texto publicado em 2003, A. Laird supõe que Das Narrativas Verdadeiras "serve aos interesses do pensamento filosófico – e até mesmo o expressa diretamente", buscando demonstrá-lo pela relação que o texto manteria com a obra de Platão 114. Laird já estudou o uso dos mitos na obra do filósofo, de modo mais interessante do que faz ao buscar a resposta de Luciano a Platão em Das Narrativas Verdadeiras, uma vez que sua análise parece limitar a leitura do texto, em vez de contribuir para ela¹¹⁵.

O autor argumenta que os termos ψυχαγωγία e θεωρία evidenciam o projeto de Luciano de apresentar conteúdo filosófico na narrativa; conforme a discussão no capítulo anterior, o termo

^{113 &}quot;Review: Lucian's Science Fiction Novel True Histories. Interpretation and Commentary by A. Georgiadou; D. Larmour; Lucian". Journal of Hellenic Studies, vol.121, 2001, p.190-1.

^{114 &}quot;Fiction as a discourse of Philosophy in Lucian's Verae Historiae", In: S. Panayotakis, M.Zimmerman, W. Kuelen (eds.), The Ancient Novel and Beyond, Leiden/Boston: Brill, 2003, p.199.

^{115 &}quot;Ringing the changes on Gyges: Philosophy and the Formation of Fiction in Plato's Republic". The Journal of Hellenic Studies, vol.121, 2001, p.12-29.

θεωρία tem sentidos múltiplos; quanto ao termo ψυχαγωγία, ao afirmar que ele é com maior frequência usado com relação a discursos filosóficos, Laird ignora o fato de que Luciano afirma ser a ψυχαγωγία de seu texto obtida pelo "bom gosto" e pela "graça" do texto, dois aspectos que dizem respeito ao seu estilo, não ao seu conteúdo. A menção a Odisseu e Alcínoo, no proêmio do texto, é interpretada como possível ironia velada de Luciano, pelo fato de Platão, antes de dar início à narrativa do mito de Er, afirmar que ele não será um "Αλκίνου ἀπόλογοι", o que certamente é possível, mas o caráter fantástico do relato de Odisseu e sua narrativa em primeira pessoa são dois pontos definitivamente mais importantes a se levantar nessa menção ao herói feita por Luciano. Laird afirma também que "o narrador de Luciano, como o de Platão, usa descrição geográfica e movimento físico para arquitetar a sequência da história", mas tal estrutura parece ser a mais natural, uma vez que o que se faz no texto é uma narrativa de viagem. Por fim, o fato de Odisseu, personagem fictícia, ser tomado como exemplo de mentiroso ao lado de Ctésias e Iâmbulo, dois historiadores, no proêmio de Das Narrativas Verdadeiras, enquanto se diz que Platão vive na cidade que havia criado, usando a República e as Leis que havia escrito ou seja, em seu próprio mundo fictício -, leva Laird à conclusão de que "as especulações sobre as diferenças existenciais entre personagens históricas e fictícias, ou sobre a relação entre narrador e autor, só podem ser filosóficas". Parece que a comicidade não é, para Laird, motivo forte o suficiente para Luciano colocar Platão na cidade que ele mesmo havia concebido em suas obras, ainda que a comicidade seja anunciada pelo autor como um dos aspectos importantes do texto. Perde-se a piada, mas se ganha algo em troca?

A multiplicidade de interpretações dadas às alusões do texto fazem parte do jogo literário criado por Luciano, em que cada reconhecimento conta um ponto mais para o leitor, convidado pelo autor, no proêmio, a sentar-se à sua frente no lado oposto do tabuleiro. Assim, se um leitor acredita ter identificado uma alusão, é porque ele a encontrou no texto e não há, concretamente, como nem por que refutá-lo. Contudo, o problema maior, bem colocado por Whitmarsh em sua resenha do comentário de Georgiadou & Larmour, mas que eu estendo também ao texto de Laird, é "a implicação (fortemente normativa) de que essa 'chave interpretativa' pode desvendar os mistérios do texto e decodificá-lo de modo correto a um todo coerente e significativo" 116. Querer acreditar, com Laird, que Luciano "não está apenas envolvido de modo geral com a filosofia – ele trata especificamente da relação entre filosofia e ficção" ou, com Georgiadou & Larmour,

¹¹⁶ "Review: Lucian". The Classical Review, vol.49, n.2, 1999, p. 372-5.

que Luciano cria uma alegoria de da busca pela verdade filosófica talvez signifique limitar as possibilidades do texto. Não há por que imaginar que, ao parodiar filósofos, Luciano esteja fazendo filosofia – assim como não há por que defender que esteja fazendo história ou poesia épica, dois gêneros que estão muito mais presentes no texto.

Assim, uma vez que tentar identificar e analisar as diversas alusões pontuais que Luciano faz no texto tão facilmente poderia levar ao erro e à desmedida, pareceu-me que uma melhor abordagem do uso da tradição literária "fantástica" por Luciano em *Das Narrativas Verdadeiras* talvez devesse ter em vista não passagens pontuais do texto em que a alusão é clara e certa, ou mais freqüentemente obscura e duvidosa, mas o reconhecimento de que é a partir da combinação de características específicas da poesia, da história e da filosofia que se compõe a estrutura dessa obra.

Com efeito, o texto de Luciano guarda uma característica que Brandão observa como típica do romance¹¹⁷:

Parece que o romance não se define por uma ou outra influência particular, mas detém a característica de incorporar, com facilidade, temas e técnicas próprias de outros gêneros, transformando-os em romanescos, num autêntico processo gramatofágico.

De fato, em *Das Narrativas Verdadeiras*, é possível observar, por exemplo, uma apropriação do contexto narrativo da Épica, dos métodos de descrição e de garantia de credibilidade da História, das criaturas híbridas e monstruosas que fazem parte da temática de toda uma tradição de relatos maravilhosos. É essa apropriação temática e de técnica narrativa empreendida por Luciano que se busca analisar na segunda parte deste estudo.

¹¹⁷ A Invenção do Romance. Brasília: UNB, 2005, p.160.

Capítulo 1

A Viagem

Em *Das Narrativas Verdadeiras*, Luciano utiliza uma forma literária que pode ser reconhecida em gêneros diversos: trata-se da narrativa de viagem, cujo paradigma por excelência é o relato de Odisseu feito na corte dos féacios. No entanto, a forma torna-se nas mãos de Luciano objeto de paródia, devido ao uso inapropriado que, aos seus olhos, suas fontes freqüentemente fizeram do fabuloso. De que modo essas narrativas incorporam o fabuloso e de que maneira Luciano renova essa forma literária?

Ao iniciar-se ela própria a partir das Colunas de Héracles, avançando sobre o Oceano e chegando à Lua, a viagem empreendida por Luciano toca em um ponto essencial das narrativas que ele satiriza: a distância espacial. O autor reconhece que é sobretudo ela que permite que se relate, como verdadeiros, os fatos mais absurdos. Viajar até a Lua, como Luciano faz, é de fato um exagero que serve às intenções paródicas de seu texto; muitas vezes os autores que ele satiriza descrevem regiões que com o tempo se tornaram relativamente conhecidas dos gregos.

Escrever sobre a Índia como país de inumeráveis e incríveis maravilhas, por exemplo, torna-se desde cedo uma tradição. O país era ainda praticamente desconhecido quando o provável inaugurador dessa tradição, Cilax de Carianda¹¹⁸, narrou coisas incríveis a seu respeito, tal como a existência dos Μονόφταλμοι (caolhos), Σκιάποδες (pés de sombra), e dos Ἐκτράπελοι¹¹⁹ (Monstruosos), e assim permanecia quando Heródoto fez seu relato sobre país (III.98-106), que incluía a descrição das formigas do deserto, animais maiores que raposas que carregavam para fora dos formigueiros areia cheia de ouro (III.102)¹²⁰. Todavia, nem mesmo a expansão dos conhecimentos geográficos decorrente dos avanços de Alexandre sobre a Ásia tornou menos maravilhosas as narrativas feitas acerca do país; pelo contrário, multiplicaram-nas. Segundo Deímaco e Megastenes, dois autores que escreveram sobre o país tendo passado parte de suas vidas lá, a Índia não era apenas o local em que viviam os homens caolhos, conforme relatou

 ¹¹⁸ c.550-475 a. C. De acordo com Heródoto (IV.44), Cilax teria explorado o rio Indo a mando de Dario da Pérsia.
 119 Cf. Tzetzes, Chiliades, 7.629-36.

¹²⁰ Essa passagem é conhecida por Luciano, Cf. *O Galo*, 16; *Saturnalia*, 24. Megastenes também descreve as formigas, cf. Estrabão, 15.1.44 e Arriano, *Indica*, 15.

Cilax, mas onde também habitavam os homens de longas orelhas, os homens sem boca, os homens sem nariz, os homens de longas pernas e os homens cujos dedos são voltados para trás ¹²¹.

Gabba credita justamente ao maior conhecimento geográfico que ocorreu depois das conquistas de Alexandre a emergência de uma literatura que foi "especificamente e explicitamente paradoxográfica", graças "ao contato com povos distantes, a quem os mais estranhos customes poderiam ser atribuídos e com países antes desconhecidos, onde as histórias mais fantásticas poderiam ser situadas". Isso, de fato, parece ter se dado com relação à Índia. Gabba, contudo, defende que tais fatos eram aceitos como verídicos pelo público, pois "o problema da verdade ou da credibilidade dos fenômenos ou fatos simplesmente não era levantado, já que a questão da verdade não estava presente na mente dos leitores" 122.

A estratégia de se inventar maravilhas sobre regiões remotas era, porém, reconhecida, e já está enunciada em Homero. Com efeito, é preciso persuadir o público de que aquilo que é narrado não é uma mentira. Afinal, tanto em Ítaca como na Feácia, a situação em que Odisseu se encontra faz com que aqueles com que se relaciona vejam-no como possível mentiroso e não é sem a consideração de tal possibilidade que seu discurso é recebido, uma vez que os viajantes são vistos tanto por Eumeu quanto por Alcínoo como possíveis embusteiros, interessados somente naquilo que podem lucrar com suas histórias. O porqueiro, convencido de que seu senhor está morto, apresenta logo de início a sua desconfiança (xiv.122-36), ao mencionar as mentiras sobre o retorno de Odisseu contadas por viajantes que ali passaram. Alcínoo, por sua vez, menciona tal possibilidade para logo depois descartá-la no caso de Odisseu (xi.363-8):

ὧ 'Οδυσεῦ, τὸ μ ν οἴ τ σ' ἐ σκομεν εἰσορόωντες ἠπεροπῆά τ' ἔμεν καὶ ἐπίκλοπον, οἶά τε πολλοὺς βόσκει γαῖα μέλαινα πολυσπερέας ἀνθρώπους ψεύδεά τ' ἀρτύνοντας, ὅθεν κέ τις οὐδ ἴδοιτοσοὶ δ' ἔπι μ ν μορφὴ ἐπέων, ἔνι δ φρένες ἐσθλαί, μῦθον δ' ὡς ὅτ' ἀοιδὸς ἐπισταμένως κατέλεξας.

 $^{^{121}}$ Estrabão, 2.1.9: οὖτοι γάρ εἰσιν οἱ τοὺς ἐνωτοκοίτας καὶ τοὺς ἀστόμους καὶ ἄρρινας ἱστοροῦντες μονοφθάλμους τε καὶ μακροσκελεῖς καὶ ὀπισθοδακτύλους· 122 E. Gabba. "True History and False History in Classical Antiquity". The Journal of Roman Studies, vol. 71, 1981,

¹²² E. Gabba. "True History and False History in Classical Antiquity". The Journal of Roman Studies, vol. 71, 1981, p.53. Gabba defende que Tucídides e Políbio são exceções na historiografia grega, e que no período helenístico, houve um retorno às formas tradicionais de narrativa, de caráter mítico e lendário, perdendo o elemento político a sua posição central.

Odisseu, não presumimos, ao observar-te, que tu sejas um embusteiro e dissimulado, tal como muitos homens que a negra terra nutre espalhados, a tramar mentiras sobre o que ninguém poderia ver. Nas tuas palavras há beleza e teu espírito é nobre e, com conhecimento, como um aedo narraste tua história.

Demonstra-se pela reação de Alcínoo à narrativa das aventuras de Odisseu a postura crítica que a audiência assumia diante de um viajante que se punha a narrar os fatos mais prodigiosos ocorridos em regiões que lhe são inacessíveis. Porém, a forma que o herói dá ao seu discurso resulta em que ele seja recebido de maneira bem-sucedida e Alcínoo é acaba por entender como verídicas as aventuras de Odisseu¹²³. Assim, também as narrativas de viagem que se seguem ao modelo odisséico utilizam estratégias que visam persuadir o público de sua autenticidade. A narrativa de viagem, quando se entrega ao relato de "mentiras sobre o que ninguém poderia ver", deve recorrer a estratégias discursivas para que elas sejam consideradas dignas de credibilidade.

Via de regra, a narrativa de viagem é feita em primeira pessoa, como o modelo odisséico, um relato das experiências supostamente vividas durante a jornada, o que visa criar impressão de autenticidade 124 . Esse expediente é por Luciano contestado explicitamente no proêmio de seu texto, pelo menos no caso de Ctésias de Cnido, que teria narrado em primeira pessoa "coisas que nem viu, nem ouviu de alguém que dizia a verdade". Com isso, Luciano também reconhece duas outras das principais estratégias de construção da credibilidade de uma narrativa de viagem: a introdução da primeira pessoa na afirmação do conhecimento dos fatos descritos pela visão (ὄψις) – o "eu vi"- e pela audição (ἀκοή) – o "eu ouvi". Há ainda uma terceira estratégia, a γνώμη, ou juízo, que muitas vezes toma forma na narrativa por meio do "parece-me" (δοκεί μοι). As três são mencionadas por Heródoto (2.99.1):

¹²³ Para a relação entre aspecto formal e veracidade nessa passagem: cf. G. Walsh. *The Varities of Enchantment: Early Greek Views on the Nature and Function of Poetry.* London: Chapell Hill, 1984, p. 6-7; L. Pratt. *Lying and Poetry from Homer to Pindar: falsehood and deception in archaic greek poetics.* Ann Arbor: Michigan University, 1993, p. 68ss e M. Finkelberg. *The birth of literary fiction in Ancient Greece.* Oxford: Claredon Press, 1998. p.122-30.

¹²⁴ Sobre as estratégias de Heródoto em particular, Cf. F. Hartog. *O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a Representação do Outro*. Belo Horizonte, UFMG, 1999, p.273-31;. N. Luraghi. "Meta-historie: Method and Genre in the Histories". In: C. Dewald & J. Marincola. *The Cambridge Companion to Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p.76-91.

Μέχρι μ ν τούτου ὄψις τε ἐμὴ καὶ γνώμη καὶ ἱστορίη ταῦτα λέγουσά ἐστι, τὸ δ ἀπὸ τοῦδε αἰγυπτίους ἔρχομαι λόγους ἐρέων κατὰ [τὰ] ἤκουον·

Até este momento, a minha própria visão, juízo e exame narraram esses fatos; a partir de agora, vou falar das histórias egípcias segundo o que eu ouvi.

O fato de se afirmar ter visto aquilo que é narrado, a chamada αυτοψία, serve, portanto, à confiabilidade que o autor deseja inspirar em sua audiência: no espaço da narrativa, diz Hartog, é o olho que recorta as zonas mais ou menos críveis para o destinatário¹²⁵. Trata-se de um operador de crença, e o mais forte deles, importando sobretudo quando aquilo que é narrado ou descrito está além da experiência pessoal da audiência.

Quanto à informação que o narrador diz ter obtido pela audição (ἀκοή), já existe nela certo distanciamento de sua parte em relação àquilo que narra, embora a declaração envolva ainda a seleção da matéria que ele julga apropriada para o seu relato: "não vi, mas dizem que existe e, por isso, creio que tal fato é digno de ser contado". A ἀκοή traz ao conhecimento do público fatos que devido à distância, temporal ou espacial, o narrador não pôde observar ele próprio. Isso o obriga a distinguir entre os relatos dos que viram o que ele não viu, ou dos que ouviram dos que viram, ou ainda do que é dito sem se saber a origem do relato, aquilo que é mais preciso para inscrever em sua narrativa 126.

A própria escolha do que *não* deve ser relatado visa do mesmo modo garantir a credibilidade do narrador, pois ao declarar sua opção de não discorrer sobre determinado assunto, ele também se mostra capaz de distinguir o que é apropriado à sua narrativa. Heródoto se vale dessa técnica, sobretudo quando trata de questões religiosas ¹²⁷, bem como Ctésias, que segundo Fócio, "afirma que escreve apenas o que é verdade, acrescentando que ele próprio viu as coisas sobre as quais escreve, ou soube por aqueles que as viram, e que deixou de lado outros fatos ainda mais admiráveis por não lhe parecer certo escrever sobre coisas incríveis aos que não as

¹²⁵ Hartog. *O Espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: UFMG: 1999, p. 273-83.

¹²⁶ Cf. Heródoto, IV, 16: Τῆς δ γῆς τῆς πέρι ὅδε ὁ λόγος ὅρμηται λέγεσθαι, οὐδεὶς ο δε ἀτρεκέως ὅ τι τὸ κατύπερθέ ἐστι. Οὐδενὸς γὰρ δὴ αὐτόπτεω εἰδέναι φαμένου δύναμαι πυθέσθαιρ οὐδ γὰρ οὐδ ᾿Αριστέης, τοῦ περ ὀλίγω πρότερον τούτων μνήμην ἐποιεύμην, οὐδ οὖτος προσωτέρω Ἰσσηδόνων αὐτὸς ἐν τοῖσι ἔπεσι ποιέων ἔφησε ἀπικέσθαι, ἀλλὰ τὰ κατύπερθε ἔλεγε ἀκοῆ, φὰς Ἰσσηδόνας ε ναι τοὺς ταῦτα λέγοντας. ᾿Αλλ᾽ ὅσον μ ν ἡμεῖς ἀτρεκέως ἐπὶ μακρότατον οἶοί τε ἐγενόμεθα ἀκοῆ ἐξικέσθαι, πᾶν εἰρήσεται. Há outras ocasiões, porém, em que Heródoto afirma narrar um fato tão-somente porque ele lhe foi relatado: cf. II.123.1; III.9.2.

¹²⁷ Cf. II. 46, II.47.

viram"¹²⁸. Ao privar-se de narrar os fatos que o público talvez se recusasse a aceitar como verídicos, o narrador mostra-se criterioso na seleção de sua matéria, i.e. ele narra tão-somente o que é de fato digno de confiança.

Ora, mas o que acontece se a afirmação do conhecer por ter visto for mentirosa? E se de fato não se viu ou ouviu nada daquilo que é narrado? Em *Como se Deve Escrever a História* (29), Luciano relata o caso de um historiador da Guerra dos Partos que começa sua narrativa com a seguinte declaração: "os ouvidos são menos confiáveis do que os olhos¹²⁹. Escrevo, portanto, o que vi, não o que eu ouvi" (ὧτα ὑφθαλμῶν ἀπιστότερα. Γράφω τοίνυν ἄ είδον, ούχ ἄ ἤκουσα). Esse mesmo historiador, no entanto, diz sobre as serpentes dos Partos que elas eram animais enormes e que, soltos sobre os inimigos, devoravam-nos ou enrolavam-se ao seu redor até sufocá-los. A serpente dos partos, todavia, segundo Luciano informa, era apenas a maneira como eles nomeavam grupos de mil combatentes. Fato é, portanto, que a declaração de αυτοψία, nas mãos desses autores, é desprovida de veracidade e não deve ser levada a sério ¹³⁰.

É para expôr casos desse tipo que Luciano escreve também ele em primeira pessoa, utilizando em sua narrativa as mesmas estratégias de autenticidade dos autores que satiriza. "Aquele que não crê que os fatos assim se passaram, caso também ele próprio lá algum dia chegue, verá que digo a verdade", diz Luciano sobre o espelho que ele vê no palácio de Endímion, o rei da Lua, e que permitia que nele se observasse tudo o que acontecia na Terra (I, 26). Quando, por sua vez, ele faz o catálogo dos combatentes na guerra entre a Lua e o Sol, por não os ter visto, Luciano recusa-se a relatar as coisas incríveis que eram ditas sobre os Pardais-Glandes e o Cavalgagrous (I, 13), revelando-se um narrador criterioso. De modo semelhante, na sua descrição etnográfica da Lua, ele hesita antes de falar sobre os olhos de seus habitantes, dizendo temer que julguem que ele mente, dado o que há de fabuloso no fato (I, 25) - mas por fim acaba cedendo por ter, nesse caso, visto ele próprio os olhos removíveis dos Selenitas. Luciano também se vale da autoridade garantida pela ἀκοή, ao dizer sobre os Cometas que lá eram considerados belos os que tivessem cabelos longos, tendo tomado conhecimento desse fato porque "alguns lá estiveram presentes e falaram a seu respeito" (I, 23). Do mesmo modo,

-

¹²⁸ 49b-50a: Ταῦτα γράφων καὶ μυθολογῶν Κτησίας λέγει τἀληθέστατα γράφειν, ἐπάγων ὡς τὰ μ ν αὐτὸς ἰδὼν γράφει, τὰ δ παρ' αὐτῶν μαθὼν τῶν ἰδόντων, πολλὰ δ τούτων καὶ ἄλλα θαυμασιώτερα παραλιπεῖν διὰ τὸ μὴ δόξαι τοῖς μὴ τεθεαμένοις ἄπιστα συγγράφειν.
¹²⁹ Cf. Hérodoto, I.8.2; Luciano, De Domo, 20, Historia, 29 e De Salt.79.

 $^{^{130}}$ Do mesmo modo, em $\it O$ Amante das Mentiras, todos os relatos fabulosos criticados por Ticíades são acompanhados de um "eu mesmo vi".

Luciano imita também o uso da interpretação racional dos historiadores no juízo (γνώμη) que ele faz a partir de alguns fatos que observa, como, por exemplo, ao analisar a origem da palavra grega γαστροκνημία (barriga-da-perna), algo que ele faz ao notar que a gravidez dos Selenitas ocorria em suas pernas (I,22): "Parece-me que daí também para os gregos vem o nome barriga-da-perna, porque, entre eles, ela engravida no lugar da barriga".

Ao utilizar as mesmas técnicas discursivas dos autores que satiriza, Luciano está mais uma vez tornando evidente que a diferença principal entre ele e aqueles que o antecederam na narrativa de maravilhas é o fato de que apenas ele admite escrever sobre aquilo que não poderia existir, coisas que ele nem viu nem ouviu de alguém que dizia a verdade. Embora a maneira de Luciano tornar explícito o caráter fictício de seu texto possa hoje parecer desimportante, a defesa que o autor faz de sua utilidade no proêmio de *Das Narrativas Verdadeiras* sugere que nem a ficção fosse então bem aceita nem os limites entre o factual e o fictício estivessem bem estabelecidos.

Morgan, por exemplo, analisa como na Antigüidade os autores de romances deveriam manter a ilusão de realidade para conquistar a crença ficcional de seus leitores¹³². Nesse jogo literário, o leitor, por um lado, estava ciente do que aquilo que lia não aconteceu de fato, mas a narrativa, por outro lado, deveria manter-se dentro dos parâmetros de sua realidade para que a leitura se desse de maneira bem-sucedida.

Esse chamado "realismo" dos romances era construído com estratégias que aproximavam o gênero da historiografia ¹³³. Os seus títulos (*Aethiopica*, *Babyloniaca*, *Ephesiaca*), observa Morgan, poderiam nomear do mesmo modo obras de historiografia e os seus enredos com freqüencia se valiam de "lacunas" no conhecimento histórico para criar a impressão de

¹

¹³¹ I.22.9-11: δοκεῖ δέ μοι καὶ ἐς τοὺς Ἑλληνας ἐκεῖθεν ἥκειν τῆς γαστροκνημίας τοὔνομα, ὅτι παρ' ἐκείνοις ἀντὶ γαστρὸς κυοφορεῖ. Luciano aqui parece estar imitando Heródoto e os vários casos por ele mencionados de "empréstimos" que os gregos fazem de outros povos, sobretudo o egípcio com relação à religião. Cf. II.4; II.43, II.48-58; II.156.

^{132 &}quot;Make-Believe and Make Believe: the fictionality of the greek novels". In: C. Gill & T.P. Wiseman. *Lies and Fiction in the Ancient World*. Austin, University of Texas Press, 1993, p. 175-229. Morgan também demonstra que o prazer, diferentemente do que pregava Luciano, era considerado uma função legítima da historiografia, e que a diegesis mimética era utilizada para esse fim, o que pode ter servido para legitimizar a inclusão de artifícios narrativos na historiografia que depois vieram a caracterizar o romance. Sobre a presença de características do romance no Περσικά de Ctésias de Cnido, cf. A. Cizek. "From the historical truth to the literary convention: The life of Cyrus the Great viewed by Herodotus, Ctesias and Xenophon". L'Antiquité Classique 44, 1975.

[&]quot;Invented tales had to be cloaked in various historical guises in order to win acceptance, and their degree of sucess was largely dependent on how well they maintained these impostures". J. Romm. *The Edges of the Earth in Ancient Thought*. Princeton, 1994, p.174.

factualidade: o que se estava fazendo, portanto, era "ficção na forma de história" Cáriton de Afrodísias, autor do hoje considerado o mais antigo romance preservado, *Quéreas e Calírroe*, inicia seu texto com um proêmio que guarda semelhanças com o de Heródoto e Tucídides 135 e, entre as técnicas utilizadas pelos romancistas, pode-se mencionar ainda o fato de que a geografia romântica limitava-se estritamente aos países do Mediterrâneo, sobre os quais seu público certamente poderia obter informações 136. O perigo do romance residia justamente aí, argumenta Morgan, na confusão que ele poderia criar entre o que era real e o que era fictício 137.

Luciano, por um lado, também constrói seu texto de modo a que ele pareça crível, apesar da presença constante do fabuloso: essa mistura entre o real e o crível e o irreal e incrível é feita, como analisam Georgiadou & Larmour, tanto pelo estilo do texto, que se assemelha ao relato de uma testemunha dos fatos, quanto pelos detalhes realísticos incorporados à narrativa, tal como a preparação da viagem ou a descrição das constantes paradas que os viajantes fazem em busca de água ou comida¹³⁸. Por outro lado, o leitor é antes do início da narrativa avisado de que ela é definitivamente falsa, e é o próprio autor quem o declara; assim, se também Luciano se vale dos meios discursivos que visavam garantir a credibilidade de uma narrativa, ele o faz, todavia, expondo-os como falácias: sua subversão consiste em romper com a impressão de real e autêntico que a declaração de *autopsía* e suas demais estratégias narrativas visam a criar¹³⁹.

A utilização de Luciano em *Das Narrativas Verdadeiras* das estratégias que criam a impressão de autenticidade e realidade operam então como instrumentos de construção da coerência interna da narrativa; não se trata de, por meio delas, tentar inscrever o fabuloso dentro

Por exemplo, o herói de *Quéreas e Calírroe*, de autoria de Cáriton de Afrodísias, é filho de Aríston, provavelmente o herói siracusano mencionado por Tucídides (VI.39.2). O pai de sua heróina, Calírroe, chama-se, por sua vez, Hermocrates e o segundo esposo de Calírroe no romance chama-se Dioniso. Coincidentemente, Plutarco (Dion.3), afirma que o tirano Dioniso casou-se com a filha de Hermocrates, sem porém registrar o seu nome.

¹³⁵ Χαρίτων 'Αφροδισιεύς, 'Αθηναγόρου τοῦ ῥήτορος ὑπογραφεύς, πάθος ἐρωτικὸν ἐν Συρακούσαις γενόμενον διηγήσομαι.

γενόμενον διηγήσομαι.

¹³⁶ Morgan demonstra como Heliodoro usa obras de história, etnografia e geografia possivelmente conhecidas de seus leitores para criar a sua Etiópia. "History, romance and realism in the Aithiopika of Heliodoros". Classical Antiquity 1 (1982), 221-65.

Morgan, 1993, p. 198: "The problem is that novels are fictions couched in a form appropriate to and implying something else: factual history. What makes them dangerous is that they invite a confusion between what is and what is not real. It is not difficult to see what characteristics might promote this confusion: the narrative mode shared with history, and the use of prose for fiction".

¹³⁸ "Lucian and Historiography: 'De Historia Conscribenda' and 'Verae Historiae'". ANRW 2.34.2, 1994, p.1448-1509.

¹³⁹ "Luciano *purifica* a tradicional liberdade dos poetas, pintores e sonhos, livrando-a dos limites de uma determinada forma – definidora de certos gêneros de discurso – e libertando-a da regra de verossimilhança: não o que aconteceu, nem o que poderia ter acontecido, mas o que não pode, absolutamente acontecer". Brandão, *A Poética do Hipocentauro*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p.49.

da realidade, de modo a que ele se torne crível. Assim, se a ficção é um jogo, suas regras são em *Das Narrativas Verdadeiras* expostas por Luciano - interessa-lhe demonstrar como a ilusão é elaborada, mais do que mantê-la¹⁴⁰. E não há problema nisso, pois o leitor *pepaideumenos* a quem ele se dirige poderá reconhecer que a sua referência não é a realidade, mas a tradição literária, e deleitar-se muito mais com a leitura do texto.

Assim, construída como paródia das narrativas de viagem, Luciano com *Das Narrativas Verdadeiras* comprova tese de Romm, segundo a qual a descrição de maravilhas e dos costumes dos povos habitantes de regiões longínquas acabou por resultar nos experimentos de ficção mais radicais da Antiguidade, uma vez que ofereceram a possibilidade de se contornar a proximidade que a ficção precisava manter com a realidade de modo a ganhar aceitação do público¹⁴¹. Não por acaso, as Colunas de Héracles constituem o início de sua viagem bem como o único ponto em que a "geografia literária" de Luciano em *Das Narrativas Verdadeiras* encontra-se com a geografia factual: não tendo o autor nada visto que fosse digno de menção, ao dirigir sua embarcação para além dos limites conhecidos, sua viagem dá-se no território da tradição literária que ele toma como matéria.

Ao declarar, no entanto, sua opção pela mentira, é preciso que Luciano delimite qual seja a função da ficção, o que ele faz no proêmio de *Das Narrativas Verdadeiras*: trata-se de criar uma obra para os momentos de repouso de seu público, no qual o prazer (ψυχαγωγία) importa mais do que a aprendizagem (διδασκαλία). Assim, ao anunciar como sua motivação para escrever ficção o desejo de deixar algo à posteridade, Luciano parece estar evocando não sem ironia a opção anunciada de Tucídides de privar-se do fabuloso (μυθώδες), com o objetivo de criar uma "aquisição para a eternidade" (I.22.4):

καὶ ἐς μ ν ἀκρόασιν ἴσως τὸ μὴ μυθώδες αὐτῶν ἀτερπέστερον φανεῖται· ὅσοι δ βουλήσονται τῶν τε γενομένων τὸ σαφ ς σκοπεῖν καὶ τῶν μελλόντων ποτ αὖθις κατὰ τὸ ἀνθρώπινον τοιούτων καὶ παραπλησίων ἔσεσθαι, ἀφέλιμα κρίνειν αὐτὰ ἀρκούντως ἕξει. κτῆμά τε ἐς αἰεὶ μᾶλλον ἢ ἀγώνισμα ἐς τὸ παραχρῆμα ἀκούειν ξύγκειται.

¹⁴⁰ Cf. W. Hansen, p.313. "Strategies of authentication in ancient popular literature". In: S. Panayotakis, M.Zimmerman, W. Kuelen (eds.), *The Ancient Novel and Beyond*, Leiden/Boston: Brill, 2003, 301-14.

¹⁴¹ J. Romm. *The Edges of the Earth in Ancient Thought*, Princeton: Princeton University Press, 1994, p.174ss.

E para o auditório o caráter não fabuloso dos fatos narrados parecerá talvez menos atraente; mas se todos quantos querem examinar o que há de claro nos acontecimentos passados e nos que um dia, dado o seu caráter humano, virão a ser semelhantes ou análogos, virem sua utilidade, será o bastante. Constituem mais uma aquisição para sempre que uma peça para um auditório do momento¹⁴².

Em Como se Deve Escrever a História, Luciano indica o modelo tucididiano de historiografia como aquele a ser seguido pelos historiadores, que devem ater-se somente à verdade, pois a única tarefa da História é ser útil (ἕν γὰρ ἔργον ἱστορίας καὶ τέλος, τὸ χρήσιμον). Quanto ao prazer (τέρπνον), diz Luciano que ele mantém com a historiografia a mesma relação que a beleza possui com um atleta: é melhor se houver, mas desnecessária. Aquele que escreve a História, ele continua, não deve ter em vista o público presente, mas a audiência futura, e Luciano louva Tucídides por ter distinguido o que era vício (κακία) e o que era virtude (ἀρετή), ao ver Heródoto admirado ao ponto de ter tido os seus nove livros intitulados com os nomes das Musas (42). É evidente, portanto, que a presença do fabuloso (μυθῶδες) em uma narrativa justifica-se pelo prazer que ele causa à audiência e é justamente a distância espacial que torna tão propícia à narrativa de viagem a inclusão do maravilhoso.

Assim, ao afirmar que todos que escreveram sobre a Índia foram mentirosos (ψευδολόγοι) é também pelo prazer que Estrabão diz que esses autores incluiram mitos nos seus relatos, fingindo ignorância. Estrabão compreende a estratégia nos autores que escreveram sobre a Índia sem conhecê-la; contudo, ele critica Megastenes e Deímaco¹⁴³, que tendo de fato vivido no país, também se puseram a mentir sobre ele (2.1.9.16-20):

ἐπέμφθησαν μ ν γὰρ εἰς τὰ Παλίμβοθρα, ὁ μ ν Μεγασθένης πρὸς Σανδρόκοττον ὁ

- δ Δηίμαχος πρὸς ᾿Αλλιτροχάδην τὸν ἐκείνου υἱὸν κατὰ πρεσβείαν· ὑπομνήματα
- δ της αποδημίας κατέλιπον τοιαύτα, ύφ' ης δή ποτε αἰτίας προαχθέντες.

¹⁴² Tradução de Anna Lia de Almeida Prado. *História da Guerra do Peloponeso*: Livro I. São Paulo, Martins Fontes, 1999

Sobre os métodos de Megastenes: T.S.Brown. "The Realibity of Megasthenes". The American Journal of Philology, vol. 76, no.1, 1955, p.18-33.

Foram enviados para Palimbotra, Megastenes para Sandrocoto e Deímaco para o filho dele, Alitrocades. Mas deixaram esse tipo de registro de sua viagem, motivados por sabese lá qual causa.

É possível observar, no comentário de Estrabão, uma estranha oposição entre o conhecimento que a θεωρία pode engendrar e o relato que se faz dela. Talvez nada se tenha visto de fabuloso, mas a tendência de se provocar o prazer pelo discurso acaba por transformar a narrativa de viagem em uma τερατολογία, um relato repleto de prodígios. O próprio Estrabão resume essa tendência em uma passagem em que defende o conhecimento geográfico de Homero, que segundo ele teria dito que Faros, ilha bastante próxima a costa, estava localizada no altomar Para o geógrafo, Homero, conhecendo o fênomeno de aluviamento que teria trazido a antes distante ilha de Faros para perto da costa, teria feito Agamêmnon dizer que Faros está no alto-mar porque "todo aquele que narra a sua própria viagem se vangloria" (ἀλαζών δὴ πᾶς ὁ πλάνην αὐτοῦ διηγούμενος, I.2.23). Sequer Estrabão, com efeito, ao tratar ele mesmo da Índia, resiste à descrição de maravilhas, à qual ele cede fazendo catálogos detalhados daquelas mencionadas por seus predecessores mentirosos, em uma estratégia perspicaz de se incluir mitos em um texto que se propõe "científico": desmerecendo-os, mas narrando-os de qualquer forma 145 .

Essa técnica, aliás, explorada por Estrabão para ceder espaço ao fabuloso em seu texto, parece, todavia, ser uma constante nas narrativas de viagem e foi bem analisada por Hartog, que vê nela outra estratégia de dar autoridade à narrativa que se está fazendo 146:

Jamais uma narrativa é um aparecimento original. Ela é sempre tomada de uma outra narrativa, e o percurso da narrativa de viagem é também percurso de outras narrativas. (...) Essa narrativa anterior é uma peça entre as mãos do narrador, no jogo da persuasão. Com efeito, uma forma de fazer crer na própria narrativa é indicar o que, na narrativa do outro, é "incrível", "mentiroso" ou "mítico". (...) A mentira ou o mythos têm, pois, uma dupla função: são produtores de narrativas e permitem que as narrativas proliferem, na medida em que escrevo para denunciar a narrativa do outro. Fazem também crer, posto que designar a narrativa do outro como ficção é, ao mesmo tempo, da

¹⁴⁴ Cf. iv, 354. Na verdade, diz que a ilha está situada a um dia de navegação da costa, "πολυκλύστω ἐνὶ πόντω".

¹⁴⁵ Cf. J. Romm, *The Edges of the Earth in Ancient Thought: Geography, Exploration, and Fiction.* Princeton: Princeton University Press, 1994, p.98ss.

¹⁴⁶ F. Hartog. *O espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p.302ss.

parte do narrador, validar sua própria narrativa como séria: ele quer nos fazer crer que viu, mas eu sei muito bem que não viu nada, pois eu, sim, vi realmente; é, pois, em mim que vocês devem crer.

Se Luciano utiliza em *Das Narrativas Verdadeiras* as técnicas de persuasão relacionadas à αὐτοψία e à ἀκοή, também essa estratégia, a de denunciar o que há de incorreto em narrativas anteriores de modo a inspirar credibilidade, não lhe escapa. O escolhido para isso, por sua vez, é Homero. Na geografia "literária" do texto, o poeta é mencionado duas vezes. Quando visita Ogígia, Luciano encontra Calipso fiando a lã em uma gruta "tal qual o poeta a descreveu" (II.36), mas em sua visita à Ilha dos Sonhos (II.32-34), sobram correções à passagem da *Odisséia* na qual Penélope discorre sobre a natureza dos sonhos (xix.562-7):

δοιαὶ γάρ τε πύλαι ἀμενηνῶν εἰσὶν ὀνείρωναὶ μ ν γὰρ κεράεσσι τετεύχαται, αἱ δ' ἐλέφαντι.
τῶν οἳ μέν κ' ἔλθωσι διὰ πριστοῦ ἐλέφαντος,
οῖ ῥ' ἐλεφαίρονται, ἔπε' ἀκράαντα φέροντεςοῖ δ διὰ ξεστῶν κεράων ἔλθωσι θύραζε,
οἴ ῥ' ἔτυμα κραίνουσι, βροτῶν ὅτε κέν τις ἴδηται.

Existem duas portas dos sonhos débeis: uma, composta de chifre; de marfim a outra. Os sonhos que vêm através do marfim trabalhado, esses enganam, trazendo palavras vazias; mas os que saem dos chifres polidos, esses tornam-se verdade, quando os vê algum mortal.

Ao fazer uma descrição mais acurada da Ilha dos Sonhos, em vez de excluir o que no relato de Homero há de mítico, como muito fizeram os intérpretes dos poemas homéricos, buscando neles o que poderia haver de verdadeiro, Luciano procede ironicamente, ao fazer de sua correção ao poeta um relato muito mais repleto de maravilhas. Com efeito, Luciano afirma que as portas não são duas, como disse Homero, mas quatro: "duas voltadas para a Planície da Indolência, uma feita de ferro, outra de argila, das quais dizem partir os sonhos amedrontadores, sanguinários e obscenos; e duas voltadas para o porto e para o mar, uma de

chifre, e outra, pela qual nós passamos, feita de marfim" (II.33)¹⁴⁷. Os sonhos, por sua vez, têm naturezas e aspectos distintos, e são apresentados por Luciano como habitantes de um país que possui seus próprios templos e governantes, o qual se pode visitar e receber ritos de hospitalidade! Em vez de "racionalizar" o que havia de mítico na passagem da *Odisséia*, a correção de Luciano a Homero inclui uma série de detalhes muito mais fantásticos.

A técnica de persuasão descrita por Hartog é, por assim dizer, virada de ponta-cabeça por Luciano: a sua narrativa percorre o trajeto da anterior, corrigindo-a, sem ter em vista o conhecimento, mas o maior prazer de sua audiência, que aqui não se satisfaz apenas com o seu aspecto maravilhoso, mas também se deleita, caso seja capaz de reconhecê-las, com a alusão a Homero e as modificações inseridas por Luciano. O autor encontra, nos mitos de antigos historiadores, poetas e filósofos, motivos que o impulsionam na sua própria narrativa, que ele constrói por meio da alusão e da paródia, dando ao seu texto um caráter refinado só reconhecível se a recepção se der por um leitor que também esteja familiarizado com essa tradição literária. De fato, o que se observa é uma espécie de "jogo de emulação": trata-se de superar as suas fontes em matéria de invenções, por causa do caráter paródico e hiperbólico do texto, mas também porque ao estabelecer desde o início como mentirosa a narrativa de *Das Narrativas Verdadeiras*, qualquer invenção torna-se permitida a Luciano; além disso, ele não se põe no texto no limite entre o factual e o fictício, como os maus historiadores, mas entre a tradição literária e invenção.

Se sua anunciada motivação ao fazê-lo, "deixar algo à posteridade", era irônica por introduzir uma obra que, mais do que tudo, se vale do $\mu\nu\theta\omega\delta\epsilon\zeta$ para agradar a sua audiência, ao final ela se transformou em uma acertada previsão acerca do texto com que até hoje nos deleitamos.

1.1. Etnografia

Todos os autores que Luciano se permite nomear – sem comprometer os "enigmas literários" de *Das Narrativas Verdadeiras* – fizeram uso da descrição de costumes; não só

¹⁴⁷ πύλαι μέντοι ἔπεισιν οὐ δύο, καθάπερ Όμηρος εἴρηκεν, ἀλλὰ τέσσαρες, δύο μ ν πρὸς τὸ τῆς Βλακείας πεδίον ἀποβλέπουσαι, ἡ μ ν σιδηρᾶ, ἡ δ κεράμου πεποιημένη, καθ' ἃς ἐλέγοντο ἀποδημεῖν αὐτῶν οἴ τε φοβεροὶ καὶ φονικοὶ καὶ ἀπηνεῖς, δύο δ πρὸς τὸν λιμένα καὶ τὴν θάλατταν, ἡ μ ν κερατίνη, ἡ δ καθ' ἢν ἡμεῖς παρήλθομεν ἐλεφαντίνη.

Heródoto, mas também o Odisseu de Homero ao relatar suas aventuras, Ctésias de Cnido em sua obra sobre a Índia e Iâmbulo, que escreveu sobre a utópica Ilha do Sol. O relato dos costumes que esses autores fazem é certamente um dos principais alvos da sátira de Luciano; como ele imita e satiriza a presença da etnografia no relato desses autores?

A etnografia é, na narrativa de viagem, uma das principais fontes de fatos fabulosos. Afinal, a viagem possibilita, pelo contato com o desconhecido, a descrição de natureza, de costumes e de leis diferentes daqueles que formam a própria cultura do narrador e, via de regra, o etnógrafo conta sobre os outros países aquilo que parece incomum e estranho a si próprio e à sua audiência: essas diferenças constituem θαύματα, maravilhas¹⁴⁸. Não por acaso, se Heródoto não se demora na descrição dos costumes dos lídios, cujos νόμοι são parecidos com os dos gregos (cf. I.94 e II.93), ele se alonga em seu relato sobre o Egito: é porque em nenhum outro lugar há tantas maravilhas e, assim como o país tem um clima peculiar e um rio diferente de todos os outros, também os modos e costumes de seus habitantes são contrários aos dos outros homens¹⁴⁹.

Para Hartog, além do prazer que confere à audiência, o *thôma* (maravilha), quando se insere na narrativa de viagem em meio a um relato etnográfico, é um dos procedimentos que formam aquilo que o crítico nomeia "retórica da alteridade", operando na narrativa como um criador da realidade: a maravilha produz um efeito de credibilidade porque a audiência está justamente à sua espera, uma vez que supunha então que em países distantes a realidade fosse outra, bem diferente da que lhe era própria. "O thôma produz finalmente um efeito de realidade, como se dissesse: eu sou o real do outro" Essa expectativa do diferente é o que explica também, para Romm, a quantidade de maravilhas que se relatava acerca da Índia¹⁵¹.

A Deusa Síria, texto atribuído a Luciano e escrito em dialeto jônico, é um relato em primeira pessoa que descreve o templo de Atargatis em Hierópolis. Ele nao é discutido nesta dissertação porque aceito os argumentos de Caster, que o considera espúrio. Lucien et la pensée religieuse de son temps. Paris: Les Belles Lettres, 1937, p.360-4.
Heródoto, II.35.1: Ἔρχομαι δ περὶ Αἰγύπτου μηκυνέων τὸν λόγον, ὅτι πλεῖστα θωμάσια ἔχει [ἢ ἡ

¹⁴⁹ Heródoto, II.35.1: Ἔρχομαι δ περὶ Αἰγύπτου μηκυνέων τὸν λόγον, ὅτι πλεῖστα θωμάσια ἔχει [ἢ ἡ ἄλλη πᾶσα χώρη] καὶ ἔργα λόγου μέζω παρέχεται πρὸς πᾶσαν <ἄλλην> χώρην· τούτων εἵνεκα πλέω περὶ αὐτῆς εἰρήσεται. Αἰγύπτιοι ἄμα τῷ οὐρανῷ τῷ κατὰ σφέας ἐόντι ἑτεροίῳ καὶ τῷ ποταμῷ φύσιν ἀλλοίην παρεχομένῳ ἢ οἱ ἄλλοι ποταμοί, τὰ πολλὰ πάντα ἔμπαλιν τοῖσι ἄλλοισι ἀνθρώποισι ἐστήσαντο ἤθεά τε καὶ νόμους.

¹⁵⁰ F. Hartog. O Espelho de Heródoto. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p.246-51. Para Thomas, por sua vez, ainda que Heródoto tenha se entregue na maior parte das vezes ao relato dos thômata apenas pela sua curiosidade, o seu uso das maravilhas não se limita ao prazer. Com efeito, para a autora, que insere as Histórias de Heródoto em um contexto de diálogo com textos médicos e de filosofia natural, as partes mais remotas do mundo não seriam apenas descritas por serem exóticas e fascinantes, mas também pela possibilidade que oferecem ao estudo da natureza: assim, o maravilhoso poderia constituir um "fenômeno exótico" que se tentava explicar racionalmente, como parte do estudo da φύσις. R. Thomas. "The intellectual milieu of Herodotus". In: C.Dewald & J.Marincola. The Cambridge Companion to Herodotus. Cambridge University Press, 2006, p. 60-75. "Since it is the wonders which are out of the

Nesse sentido, analisando os trechos etnográficos de *Das Narrativas Verdadeiras* como a criação de um *monde à l'envers*, Fusillo observa que, neles, "a operação consiste apenas em uma amplificação do estranho", não havendo transformação paródica de textos isolados¹⁵². Em *Das narrativas Verdadeiras*, porém, é possível ao menos observar que o tema da etnografia insere-se no texto de duas maneiras distintas: ou ele integra-se à narrativa, constituindo parte de uma aventura, ou ele é tratado ao modo de Heródoto, em que a etnografia configura uma digressão no interior da narrativa, ficando suspenso o relato dos acontecimentos. O segundo caso é observado apenas na descrição dos costumes dos Selenitas e da Ilha dos Bem-Aventurados. Não por acaso, a seção etnográfica do episódio da Lua é a que mais se alonga no texto, talvez porque nenhum outro lugar seja tão distante e, portanto, tão repleto de maravilhas quanto o satélite¹⁵³.

A principal subversão de Luciano ao tratar do tema da etnografia, como bem constatou Saïd, é substituir a descrição do que se viu pela descrição do que foi escrito: "enquanto o etnógrafo escreve o que viu e seu relato não é senão a consequência de suas viagens, Luciano faz seu público viajar por meio dos relatos dos outros e a literatura torna-se causa e até mesmo o meio dos périplos de seus heróis em Âmbar, Das Narrativas Verdadeiras, Icaromenipo e Caronte" Com efeito, se a etnografia baseia-se no fato de que há originalmente algo a ser descrito, independentemente da acuidade com que isso seja feito, a questão de Luciano em Das Narrativas Verdadeiras é outra: trata-se não de narrar o que é diferente ou desconhecido, mas de narrar aludindo ao que é conhecido de sua audiência literariamente. Exemplar de sua técnica é a passagem de Luciano e seus companheiros pela floresta que encontram em pleno alto-mar, que havia sido plantado com árvores, a qual atravessam navegando sobre suas copas (II.42). Se o episódio faz Luciano-narrador lembrar-se dos verso de Antímaco ("τοῖσιν δ" ὑλήεντα διὰ

ordinary, their explanations would be part of the understanding of nature; the Nile flood, on one level a thôma, is also a test for successive writers to come up with a rational explanation, one explicable in terms of what was then thought about the workings of nature" (p.64).

¹⁵¹ J.Romm. "Belief and Other Worlds: Ktesias and the Founding of the 'Indian Wonders'". In: G. Slusser & E. Rabkin (eds.). *Mindscapes: The Geographies of Imagined Worlds*. Carbondale: Southern Illinois University, 1989. p.121-135. "Just as we modern readers expect visitors from other planets to assume various disorganized and monstrous shapes – indeed we would be incredulous if they appeared just like us – so the ancients imagined the furthest realms of the world to be inhabited by bizarrely malformed men and animals, not at all like their native varities", p.122.

¹⁵² M. Fusillo, p.362-5. "The Mirror of the Moon: Lucian's *A True Story* – From Satire to Utopia". In: S. Swain (ed). *Oxford Readings in Greek Novel*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p.351-81.

¹⁵³F. Hartog. *O Espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p.251: "A extensão da narrativa define-se em função da quantidade de thôma: quanto mais thôma há, mais minha narrativa será longa".

¹⁵⁴ S. Saïd. "Lucien Ethnographe". In: A.Billault (ed.). *Lucien de Samosate: Actes du Colloque International de Lyon*. Lyon: Diffusion de Boccard, 1994. p.149-170.

πλόον ἐρχομένοισιν"), é difícil dizer se não foi exatamente o verso de Antímaco que inspirou Luciano-autor em seu processo de criação. O episódio da visita a Lampadapólis, por sua vez, em que as lâmpadas são personificadas, lembra a personificação que esses objetos sofrem sobretudo nos epigramas eróticos helenísticos¹⁵⁵. Além disso, é possível observar uma série de alusões pontuais na etnografia lunar, que se concentra sobretudo na constituição física de seus habitantes, já que os Selenitas se dividem em duas raças não-humanas¹⁵⁶, e no seu modo de vida, ou διαίτα, passando por questões como vestuário, alimentação e hábitos sexuais¹⁵⁷.

Assim, se Ctésias (48b9-18) relata a existência na Índia de uma raça de homens que não possuem ânus e que, por isso, apesar de criarem muitos animais (vacas, cabras, ovelhas), eles se alimentam apenas de leite, depois vomitando ou urinando um líquido semelhante ao leite coalhado, os Selenitas de Luciano, por sua vez, que também "não urinam nem defecam e não têm ânus", não se alimentam senão do vapor que exala de rãs-voadoras no momento em que elas estão sendo grelhadas (I.23). É interessante notar, portanto, que mesmo no aglomerado de fatos fantásticos que formam a seção etnográfica, Luciano não deixa de observar, assim como Ctésias, a lógica interna do modo de vida dos povos que descreve¹⁵⁸. A diferença é que se os indianos de Ctésias urinam líquido semelhante ao leite por não possuírem ânus, os selenitas de Luciano suam leite – e dele fazem queijos! A etnografia da Lua, de fato, não se constrói menos cômica do que coerentemente¹⁵⁹.

¹⁵⁵ Cf. Asclépio, 9; Meleagro, 59. Também Luciano, Catapl.27.

¹⁵⁶ A constituição física dos habitantes da Lua lembra o hibridismo das raças da Índia, mas a sua aparência é muita mais bizarra: um selenita comum é monodáctilo, tem barba acima do joelho e uma couve acima das nádegas, sua barriga pode ser aberta e fechada como uma bolsa e suas orelhas são folhas de plátano. Um selenita dendrita é semelhante, exceto pelo fato de que tem orelhas de madeira e membros sexuais postiços.

¹⁵⁷ J. Redfield ("Herodotus Tourist". Classical Philology 80, no.2,1985, p.97-118) distingue na descrição da cultura dos povos feita por Heródoto três conceitos: diaita, ethea e nomoi. Diaita tem a ver com a cultura material, como, por exemplo, o que um povo come ou veste; ethea diz respeito ao grau de cultura do povo; enquanto os nomoi definemse mais como comandos ou proibições e seu relato vem acompanhado de uma explicação. p.98ss.

Outro breve relato etnográfico de Luciano também apresenta uma coerência "natural" na descrição de uma região remota. Em *Dipsades*, a descrição de uma maravilha da Líbia, a cobra dipsade, cuja picada provoca sede intensa que só aumenta caso sua vítima ingira água, é antecedida pela descrição física do país, caracterizado como um local extremamente árido e de calor insuportável. Desse modo, os únicos animais que ali vivem são aqueles capazes de suportar o calor intenso (asnos, macacos, avestruzes, elefantes) e os costumes dos Garamantes, o povo que habita a região, refletem sua necessidade de proteger-se do calor.

Uma passagem de *Hermótimo* (74.2-15) ajuda a iluminar os procedimentos poéticos de Luciano em *Das Narrativas Verdadeiras*, com relação à criação da verossimilhança: diz Hermótimo que caso se acredite no em um poeta que descreve um homem que tem seis braços e três cabeças, logo se terá que aceitar todos os outros detalhes que se seguirem, se forem apropriados: seis olhos, seis orelhas, três bocas, trinta dedos, três mãos segurando três escudos e três outras segurando um machado, uma lança, uma espada.

Por outro lado, a etnografia dos países que Luciano visita parece passar por temas que ele escolhe desenvolver em cada um dos episódios e a coerência de seu relato etnográfico fica então dele dependente. No caso da ilha das Mulheres-Vinhas, toda a ilha constrói-se com o motivo do vinho; em Queijosa, a coerência passa pelo nome da divindade a que o templo da ilha é dedicado - a ninfa Galatéia, cujo nome relaciona-se com γάλα, leite - e o de sua governante, Tiró, que lembra τύρος, queijo. E assim também nos episódios de Lampadapólis e da Ilha dos Sonhos. Na Lua, o tema, ainda que menos evidente, parece ser o do hibridismo que seus habitantes mantém com os vegetais.

Além da amplificação, outro procedimento poético que se pode observar na etnografia lunar de Luciano é o da chamada "concretização" de metáforas e mitos, que Fusillo reconhece, por exemplo, no mar de leite por onde os viajantes navegam, que poderia ser uma paródia do conceito pitagórico de um rio leitoso que levaria aos Campos Elísios 160. Georgiadou & Larmour, por sua vez, acreditam que o fato dos selenitas não morrerem, mas tornarem-se ar (I.23) parodia a crença de Epicuro de que "a alma composta de átomos era dissociada do corpo na morte e que sua unidade efêmera era destruída; ela era evaporada, arrebatada pelos ventos e então dissolvida no ar como névoa ou fumaça"161. Essa concretização, todavia, pode às vezes ter efeito satírico. De fato, não interessa à sátira de Luciano encontrar na Lua exatamente aquilo que os filósofos divagam haver no satélite em teorias como as expostas em Icaromenipo (20.7-16); uma delas é a de que a Lua seria um espelho¹⁶². Luciano procede, de fato, concretizando a idéia, mas ao torná-la material, acaba por produzir um efeito de rebaixamento no conceito filosófico. Quer dizer: de fato há um espelho da Terra na Lua, ele fica no palácio e eu, Luciano, o vi. A materialidade que se dá a um conceito filosófico, por meio da paródia, acaba por torná-lo motivo de riso.

¹⁶⁰ M. Fusillo, "The Mirror of the Moon: Lucian's A True Story – From Satire to Utopia". In: S. Swain (ed). Oxford Readings in Greek Novel. Oxford: Oxford University Press, 1999, p.372.

¹⁶¹ Lucian's Science Fiction Novel Verae Historiae. Leiden: Brill, 1998. p.131. Os olhos removíveis dos Selenitas forneceriam outro exemplo de concretização, ao ser interpretado como alusão ao mito de Lâmia. Cf. Fusillo, op.cit., p.372-4. ¹⁶² Sobre a Lua como um espelho, cf. Plutarco, *De Fac*.936d-937c.

Também não faltam em *Das Narrativas Verdadeiras* as comparações e analogias, cujo objetivo em narrativas de viagem é transfomar o desconhecido e inédito em familiar e apreensível para a audiência¹⁶³:

Na narrativa de viagem, funcionando como tradução, a comparação estabelece semelhanças e diferenças entre 'além' e 'aquém', esboçando classificações. Para que a comparação tenha efeito, convém que o segundo termo pertença ao saber compartilhado pelas pessoas a quem se dirige o viajante. Por exemplo: referindo-se à região do rio Araxes, além do qual habitam os massagetas, Heródoto precisa que muitas ilhas que balizam seu curso são 'comparáveis' (*paraplesíai*) pela dimensão, com Lesbo; em outro ponto, descrevendo o Nilo, ele informa que, além da cidade de Elefantina, seu curso é tão sinuoso *quanto* (*katáper*) o do Menandro.

De fato, Luciano opera a tradução do desconhecido em diversas passagens de seu texto: o vinho que corre no rio da Ilha das Mulheres-Vinhas é igual ao de Quios; as mulheres-vinhas são como as pinturas de Dafne se transformando em árvore; a Lua vista no ar parece uma ilha esférica; a muralha da Ilha dos Sonhos assemelha-se ao arco-íris. Contudo, mais interessante é observar o reconhecimento do familiar no que é diferente quando Luciano deixa de lado a analogia e insere em seu texto objetos familiares em contextos totalmente inesperados; é o caso, por exemplo, dos armamentos dos selenitas – talos de aspargo como lanças, cogumelos como escudos, fundas que lançam rabanetes – e também dos diversos tipos de navegação que Luciano tem a chance de observar ao longo da viagem: os navios dos Aboboropiratas não passam de "enormes abóboras, de trinta metros de extensão" (II.37) e os navios dos Noznautas eram "metades vazias de cascas de nozes, de quinze braças de extensão" (II.38).

Os tipos de navegação, aliás, formam o motivo que permite a Luciano subverter um outro elemento da etnografia tradicional. Primeiro, ele descreve o modo de locomoção dos Falonautas (II.45) - "de costas, deitados sobre a água, erguendo as partes pudentas – e as têm enormes –, nelas abrindo a vela e segurando os cabos com as mãos, navegam quando bate o vento" – e, em seguida, ele menciona outros navegantes, sentados sobre cortiças puxadas por golfinhos. De fato,

¹⁶³ F. Hartog. O Espelho de Heródoto. UFMG, 1999, p.240ss. Cf. T. Rood. "Herodotus and Foreign Lands". In: C. Dewald & J. Marincola. *The Cambridge Companion to Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 290-305.

seus modos de navegação, pelas diferenças, constituem θαύματα, maravilhas, dentro de sua narrativa. Em seguida, contudo, opera-se uma inversão de perspectiva, sendo incluída no relato não só a do narrador, mas também a desses mesmos navegantes: "admirados com o aspecto de nossa navegação, em tudo a examinaram". Como bem ressalta Saïd, essa mudança de perspectiva entre o "indígena" e o etnógrafo é uma constante em Luciano: "em vez de insistir em seu assombro e no de seus companheiros, ele ressalta ao contrário a admiração que o espetáculo de seu navio suscita nesses estranhos navegantes" 164. Com efeito, a perspectiva do assim chamado "bárbaro" sobre a cultura grega é explorada nos diálogos do autor em que se apresentam personagens citas, especialmente em Anárcasis, diálogo centrado na visão "inculta" do sábio cita acerca de um dos costumes mais gregos: o atletismo 165.

Por fim, há uma última subversão luciânica no relato etnográfico. Pode-se observar que os episódios de Lampadapólis e da Ilha dos Sonhos são desenvolvidos de maneira semelhante; em ambos os casos, apresenta-se personificado (de fato, transformados em povo) algo inusitado; nas duas ilhas oferecem-se ritos de hospitalidade – ainda que não se consiga descobrir quais as peculiaridades da hospitalidade das lâmpadas, já que os navegantes sentem medo e não a aceitam; em ambos os casos as ilhas são descritas como cidades, em contraposição, por exemplo, ao aspecto rústico da ilha das Mulheres-Vinhas ou da dos Bucéfalos. De fato, juntas, Lampadapólis e Ilha dos Sonhos possuem todas as instituições que Edwards afirma caracterizar a cidade na *Odisséia* e expressar seus poderes e preeminência: a muralha, o porto, a ágora, que conota a sua justiça e poder legal e moral, templos e casas de nobres, especialmente a do rei¹⁶⁶. É exatamente essa mistura entre o inusitado – sonhos e lâmpadas personificados – e o conhecido que torna a etnografia desses dois países algo peculiar. Não se narra, nesse caso, aquilo que é diferente; ao contrário, o que constitui θαύματα nesses dois episódios é a semelhança que esses povos guardam com a própria cultura do seu etnógrafo, Luciano.

1

¹⁶⁴ S.Saïd, "Lucien Ethnographe". In: A.Billault (ed.). *Lucien de Samosate: Actes du Colloque International de Lyon*. Lyon: Diffusion de Boccard, 1994. p.163.

¹⁶⁵ Cf. R. Branham. *Unruly Eloquence: Lucian and the comedy of traditions*. Cambridge/London: Harvard, 1989, p.88-91. "Lucian uses Anarchasis' comic bewilderment and naive vocabulary to establish what is otherwise inaccesible to this Greek audience – a culturally uninformed perspective from which to view a highly conventional behavior".

¹⁶⁶ A. Edwards. "Homer's ethical geography: country and city in the Odyssey". Transactions of the American Philological Association, vol.123, 1993, p.27-78. Lampadapólis possui porto, ágora, casas e magistrado; a Ilha dos Sonhos, não por acaso descrita por Homero, possui todas as instituições: porto, muralha, ágora, vários templos, palácio e oráculo.

1.2. Uma Viagem à Lua

Um dos principais debates críticos acerca de *Das Narrativas Verdadeiras* é o que questiona a sua dívida para com as Aπιστα ὅπερ Θούλην, ou *Coisas Incríveis de Além-Tule* ¹⁶⁷, de Antônio Diógenes, sobretudo em relação ao episódio da viagem à Lua. A *Apista*, obra em vinte e quatro livros, é conhecida apenas pelo relato de Fócio (cod. 166), que ao final de seu resumo, aponta o texto como precursor de diversas obras fictícias, entre as quais o texto de Luciano:

Έστι δ', ὡς ἔοικεν, οὖτος χρόνῳ πρεσβύτερος τῶν τὰ τοιαῦτα ἐσπουδακότων διαπλάσαι, οἶον Λουκιανοῦ, Λουκίου, Ἰαμβλίχου, ᾿Αχιλλέως Τατίου, Ἡλιοδώρου τε καὶ Δαμασκίου. Καὶ γὰρ τοῦ περὶ ἀληθῶν διηγημάτων Λουκιανοῦ καὶ τοῦ περὶ μεταμορφώσεων Λουκίου πηγὴ καὶ ῥίζα ἔοικεν ε ναι τοῦτο· οὐ μόνον δ ἀλλὰ καὶ τῶν περὶ Σινωνίδα καὶ Ῥοδάνην, Λευκίππην τε καὶ Κλειτοφῶντα, καὶ Χαρίκλειαν καὶ Θεαγένην, τῶν τε περὶ αὐτοὺς πλασμάτων καὶ τῆς πλάνης ἐρώτων τε καὶ άρπαγῆς καὶ κινδύνων ἡ Δερκυλλὶς καὶ Κήρυλλος καὶ Θρουσκανὸς καὶ Δεινίας ἐοίκασι παράδειγμα γεγονέναι.

Ele é, ao que parece, mais antigo no tempo do que aqueles que se ocuparam de inventar histórias desse tipo, como Luciano, Lúcio, Iâmblico, Aquiles Tácio, Heliodoro e Damáscio. Pois ele não apenas aparenta ser fonte e raiz de *Das Narrativas Verdadeiras*, de Luciano, e de *As Metamorfoses*, de Lúcio, mas também Dercile, Cerilo, Truscano e Dinias, para invenções sobre viagem, amores, rapto e perigos, parecem ter sido paradigmas de Sinonis e Rodanes, de Leucipe e Clitofonte, de Caricléia e Teágenes.

As Coisas Incríveis de Além-Tule não constituem exatamente uma narrativa de viagem, mas a forma literária parece estar presente em partes digressivas do romance. Com efeito, o texto de Antônio Diógenes apresenta uma complexa trama narrativa: Dinias narra a Cimbas, da Liga

¹⁶⁷ Segundo Romm, Tule pode identificar a Islândia, as Ilhas Shetland ou a Costa da Noruega. O autor analisa Tule como uma espécie de ilha visível que não se consegue alcançar (2.4.1). *The Edges of the Earth in Ancient Thought: Geography, Exploration, and Fiction.* Princeton: Princeton University Press, 1994, p.157.

Arcádia, o relato que ouviu de sua esposa, Dercile, o qual inclui fatos que ela soube por Astreu – que relata também coisas que ele ouviu de Filotis -; por último, no livro final, Fócio diz que Azulis assume a narrativa, e que o relato de Dinias a Cimbas inclui o que Azulis lhe contou. Todo esse relato a Cimbas é gravado, por fim, em tábuas de madeira.

Não com menos complexidade é descrita a transmissão dessas narrativas: (1) Antônio Diógenes escreve para Faustino dizendo que está compondo uma obra acerca das coisas incríveis de além-Tule para ser dedicada à sua irmã, Isidora; (2) ele também diz que compilou a obra de autores que o antecederam, que lhe dão autoridade na escrita de coisas incríveis e falsas (ἄπιστα καὶ ψευδή); (3) ele inicia sua obra com uma carta à sua irmã Isidora, dizendo que a obra é a ela dedicada; (4) mas então ele apresenta um certo Balágro enviando para sua esposa as transcrições das tábuas, descobertas por Alexandre, o Grande; (5) passa-se à transcrição das tábuas, tendo início o relato de Dinias para Cimbas.

O enredo das *Coisas Incríveis de Além-Tule* também não é menos rocambolesco, parecendo centrar-se na intriga que envolve Dercile, seu irmão Mantinias, seus pais e um feiticeiro chamado Paapis. Família nobre de Tiro, eles hospedam o feiticeiro egípcio, que acaba por fazer-lhes mal de alguma forma não reportada por Fócio; tendo assim sofrido por causa desse feiticeiro, os dois irmãos iniciam uma viagem que lhes rende várias aventuras. Dercile presencia coisas fantásticas por onde passa e chega mesmo a visitar o Hades (109a39)¹⁶⁸. O mesmo ocorre com Mantinias, mas Fócio não diz muito sobre a sua narrativa, afirmando apenas que ele muito teria vagado, vendo coisas incríveis com respeito aos homens e animais, ao sol e à lua, às plantas e ilhas¹⁶⁹. A certa altura da narrativa, Paapis reencontra Dercile e Mantinias e sobre os irmãos cria um feitiço que os faz morrer durante o dia e reviver apenas à noite. Em Tule, eles conhecem Dinias, que toma Dercile como esposa. No vigésimo-quarto e último livro da narrativa, eles encontram Azulis, que descobre como libertar os dois irmãos do feitiço, bem como seus pais, presos em um sono que se assemelhava à morte.

Esses parecem ser os fatos principais do enredo, porém, há muitas digressões no seu desenrolar; como o próprio Fócio observa, aliás, o título do texto não é exatamente apropriado,

¹⁶⁸ Fócio diz que Dercile visita Rodes, Creta, a Tirrênia, a Ciméria, a Ibéria, a Aquitania, a Itália, a Sicília, Régio, o Metaponto e a Trácia e que ainda passa um período entre os massagetas antes de se estabelecer em Tule. Ela ainda visita os Celtas.

^{169 110}a9-113: Μαντινίαν, δς πολλὰ πλανηθείς, καὶ πολλῶν ἀπιστοτάτων θεαμάτων περί τε ἀνθρώπους καὶ ἕτερα ζῷα περί τε αὐτὸν ἥλιον καὶ σελήνην καὶ φυτὰ καὶ νήσους μάλιστα ἐξηγητὴς.

uma vez que o relato das coisas incríveis de além-Tule é feito apenas no último dos vinte e quatro livros que compõem a obra. Quando Dercile e Mantinias viajam para libertar seus pais do feitiço de Paapis, Dinias, acompanhado de Carmanes e Menisco, decide empreender sua viagem para além Tule e é nessa ocasião que Fócio diz que eles observam a Lua (111a4-11):

καθ' ἣν πλάνην τὰ ὑπ ρ τὴν Θούλην ἄπιστα θεάσασθαι νῦν ἀπαγγέλλων εἰσάγεται Κύμβα, ἐκεῖνα λέγων ἰδεῖν ἃ καὶ οἱ τῆς ἀστροθεάμονος τέχνης σπουδασταὶ ὑποτίθενται, οἶον ὥς ἐστιν ἐνίοις δυνατὸν κατὰ κορυφὴν τὴν ἄρκτον ε ναι, καὶ τὴν νύκτα μηνίαιαν, καὶ ἔλαττον δ καὶ πλέον, καὶ ἑξαμηνιαίαν δέ, καὶ τὸ ἔσχατον ἐνιαυσιαίαν· οὐ μόνον δ τὴν νύκτα ἐπὶ τοσοῦτον παρατείνεσθαι, ἀλλὰ καὶ τὴν ἡμέραν ταύταις συμβαίνειν ἀνάλογον. Καὶ ἕτερα δ ἀπαγγέλλει ἰδεῖν ὅμοια, καὶ ἀνθρώπους δ ἰδεῖν καὶ ἕτερα τινὰ τερατεύεται, ἃ μηδεὶς μήτε ἰδεῖν ἔφη μήτε ἀκοῦσαι, ἀλλὰ μηδ φαντασίαις ἀνετυπώσατο. Καὶ τὸ πάντων ἀπιστότατον, ὅτι πορευόενοι πρὸς Βορρᾶν ἐπὶ σελήνην, ὡς ἐπί τινα γῆν καθαρωτάτην, πλησίον ἐγένοντο, ἐκεῖ τε γενόμενοι ἴδοιεν ἃ εἰκὸς ἦν ἰδεῖν τὸν τοιαύτην ὑπερβολὴν πλασμάτων προαναπλάσαντα.

Ele é apresentado relatando a Cimbas as coisas incríveis de além-Tule que viu durante essa viagem, dizendo ter visto aquilo que supõem os que se ocupam da arte de observar os astros, por exemplo, como é possível alguns viverem no pólo norte, e que a noite lá dura um mês, às vezes menos ou mais, seis meses e, no extremo, um ano; e que não apenas a noite se estende por tanto tempo, mas também ocorre algo análogo com o dia. E relata ter visto outros fatos semelhantes, fabulando sobre ter visto homens e outras coisas que ninguém diz nem ter visto nem ter ouvido, nem mesmo criado em imaginação. E relata o mais incrível de tudo, que marchou para o norte e da lua, que era uma terra completamente descampada, aproximaram-se, e que lá viram o que é natural ver alguém que cria suas ficções com tanto exagero¹⁷⁰.

Apesar do caráter assumidamente fictício e maravilhoso das *Apista*, Romm demonstra como também a narrativa de Antônio Diógenes se coloca no limite entre verdade e invenção¹⁷¹.

¹⁷⁰ O sentido de "γῆν καθαρωτάτην" é controverso; "terra brilhante", "terra sem vegetação", "versão pura da Terra" e "uma terra pura e simples" são sugestões de tradução, mas não há consenso se há ou não juízo moral na expressão de Antônio Diógenes (ou de Fócio).

¹⁷¹ "Novels beyond Thule: Antonius Diogenes, Rabelais, Cervantes". In: J. Tatum (ed.). *The Search for the Ancient Novel*. Baltimore/London: The John Hopkins University Press, 1994, p.101-16.

Isso se pode observar desde o título: embora apresente os elementos comuns do romance¹⁷², o seu título é semelhante aos de obras de paradoxografia, compilações do tipo "acredite se quiser", que implicavam o possível caráter verdadeiro das coisas incríveis nelas contadas. A própria escolha de Tule revela também essa ambiguidade: a existência da ilha, que foi primeiro relatada por Piteas de Massilia, era aceita por alguns, mas a veracidade do seu relato era por outros posta em dúvida¹⁷³. Por outro lado, o uso que Antônio Diógenes faz da literatura científica em alguns momentos parece reproduzir os conhecimentos daquele período: é o que acontece, segundo Romm, quando Dinias relata a existência de homens vivendo no pólo norte e de noites com duração de seis meses e um ano¹⁷⁴.

Entre os temas tratados por Antônio Diógenes e apontados por Fócio como "paradigmas" daqueles que vieram a se desenvolver na produção fictícia do período imperial, Luciano associase com *Das Narrativas Verdadeiras* sobretudo à viagem, i.e. a errância de Dercile, Mantinias e Dinias por diversos países, a sua descrição física e as do costumes de seus habitantes, o que deveria formar um conjunto paradoxográfico dentro de *As Coisas Incríveis de Além-Tule*, não-reproduzido por Fócio. O fato de Fócio ter afirmado que as *Apista* são "fonte e raiz" do texto de Luciano, porém, chegou a resultar na tentativa de reconstrução da obra de Antônio Diógenes por meio da leitura de *Das Narrativas Verdadeiras*¹⁷⁵, e a possibilidade de Luciano não ter tido como fonte o autor não foi levantada até o ano de 1985, quando Morgan argumentou que não havia evidência de que as *Apista* incluíssem uma viagem à Lua¹⁷⁶. Em primeiro lugar, argumenta Morgan, Dinias, que relata maravilhas sobre a Lua, poderia ter apenas se dirigido a uma região muito ao norte da Terra, onde seria possível observar a Lua perto o bastante para que se pudesse fazer um relato de coisas até então desconhecidas sobre ela¹⁷⁷. Por outro lado, Morgan acredita que Antônio Diógenes não poderia ser alvo da sátira de Luciano, cujo ataque se dirige aos que mentem fingindo dizer a verdade, uma vez que o autor não ocultaria a ficcionalidade de sua

¹⁷² O tema da viagem, perigos e intrigas amorosas, mas também a presença de figuras históricas.

¹⁷³ Piteas de Massilia é chamado por Estrabão de ψευδίτατος, 1.4.3.

¹⁷⁴ As fontes apontadas por Romm para tais fatos são, respectivamente, Estrabão.2.5.8; Plínio, *História Natural*, 2.71.187, 4.106.16, Geminus, *Eisgoge*.6.9.22 e Cosmas Indicopleustes 116d. Romm, p.114, n.26-28.

¹⁷⁵ K. Reyhl. *Antonio Diogenes: Untersuchen zu den Roman-Fragmenten der 'Wunder jenseits von Thule' und zu den 'Wahren Geschichten' des Lukian* (Diss.Tübigen, 1969). A tese de Reyhl é completamente refutada por G. Anderson. Cf. *Studies in Lucian's Comic Fiction*. Mnemosyne Suppl.43. Leiden: Brill, 1976. p.1-7.

¹⁷⁶ J.R.Morgan. "Lucian's True Histories and The Wonders Beyond Thule of Antonius Diogenes". Classical Quaterly, vol.35, 1985, p.475-490.

¹⁷⁷ Morgan menciona uma crença arcaica de que a região norte do mundo era literalmente mais alta do que a região sul. "Lucian's True Histories and The Wonders Beyond Thule of Antonius Diogenes". Classical Quaterly, vol.35, 1985, p. 478.

narrativa e seria, na verdade, tão parodista quanto Luciano, pelo menos no seu uso de preceitos pitagóricos¹⁷⁸.

Embora Morgan tenha o mérito de questionar a dívida de Luciano para com Antônio Diógenes, algo até então aceito prontamente, o fato é que apenas o relato de Fócio não permite que se avalie a existência dessa dívida, e quão significativa ela foi (ou não). Os textos, com efeito, não apenas compartilham temas, mas também chama atenção o fato de que Diógenes defenda o fato de inventar coisas incríveis e mentirosas por meio do testemunho dos antigos, que antes dele trataram dos mesmos assuntos¹⁷⁹; Diógenes chega mesmo a iniciar cada um dos livros de sua obra com o nome dos autores que teriam escrito sobre os assuntos neles tratados 180. A intenção de sua obra, contudo, não fica clara pelo resumo de Fócio, e não é possível afirmar que ela dê tratamento cômico ou satírico à tradição literária que Antônio evoca, como é o caso de Das Narrativas Verdadeiras, apesar de Antônio se chamar de "ποιητής κωμωδίας παλαιᾶς" 181. É possível que Diógenes e Luciano tenham apenas partido das mesmas fontes, com objetivos diferentes, para construír seus textos. Luciano para expô-los como mentirosos, Diógenes empenhando-se para criar uma ficção sobre uma região desconhecida (o extremo norte) de acordo com que então se supunha a seu respeito, mas incluindo em seu romance do mesmo modo fatos fabulosos compilados em obras de autores de menor comprometimento com a verdade, pela erudição que isso garantiria ao seu texto.

Por outro lado, apesar do fato de que os críticos quase sempre tiveram Luciano como devedor de Antônio Diógenes na viagem lunar de *Das Narrativas Verdadeiras*, ele também desenvolveu o tema no diálogo *Icaromenipo*. Nesse texto, as mentiras que filósofos e astrônomos contam sobre a Lua são desmascaradas quando Menipo, aparatado de asas - a direita tirada de uma águia, a esquerda de um abutre -, consegue primeiro voar até a Lua e, depois, até Zeus. Quando Menipo relata a seu amigo o que lhe aconteceu nos ares, cria-se uma espécie de narrativa de uma viagem espacial.

-

¹⁷⁸ Contra cf. G. Anderson. "Lucian's Verae Historiae". In: G. Schmeling (ed.). *The Novel in the Ancient World*. Leiden, Brill, 2003, p.555-62.

^{179 111}a34-38: Λέγει δ έαυτὸν ὅτι ποιητής ἐστι κωμφδίας παλαιᾶς, καὶ ὅτι εἰ καὶ ἄπιστα καὶ ψευδῆ πλάττοι, ἀλλ' οὖν ἔχει περὶ τῶν πλείστων αὐτῷ μυθολογηθέντων ἀρχαιοτέρων μαρτυρίας, ἐξ ὧν σὺν καμάτφ ταῦτα συναθροίσειε·

Sabe-se apenas de um: Antífanes de Berga, mencionada por Fócio, 112a5.

[&]quot;Comédia antiga" não foi entendida como uma maneira apropriada de se traduzir a expressão, levando-se em conta o período a que a obra de Antônio Diógenes provavelmente pertence; "narrateur d'une intrigue ancienne" é a opção de R. Henry, tradutor da edição da Belles-Lettres (*Bibliothèque*, tome II, 1965), e "author of an ancient story" a de G.N. Sandy, *Collected Ancient Greek Novels*, Berkeley, 1989.

A questão da veracidade é do mesmo modo posta no cerne do diálogo, e dessa vez os alvos são especificamente os filósofos. De início, Menipo diz que sem saber como o Cosmos surgiu, quem o fez, qual seu princípio e fim, e interessado principalmente na Lua, que lhe parecia em tudo "extraordinária", dirigiu-se aos filósofos, esperando que pudesse com eles aprender sobre tais assuntos. Ao fazer isso, porém, Menipo acaba por perceber que eles nunca concordavam entre si, mas cada escola o buscava convencer de seu argumento¹⁸². Em busca da verdade, Menipo então decide ir ele próprio até a Lua. Sua viagem é, portanto, uma viagem de exploração.

Ao relatar sua estada na Lua, porém, Menipo pouco informa sobre ela, a não ser o fato de que lá encontrou o filósofo Empédocles vivendo de orvalho 183. Em vez de revelar a verdade sobre os mistérios da Lua, como era de se esperar, Luciano decide utilizar um procedimento irônico: uma vez que não é possível distinguir entre tantas teorias sobre a Lua qual delas é a verdadeira, a *autopsía* de Menipo põe fim à questão, não porque ele próprio faz um relato preciso do que há na Lua, mas porque é a própria Lua, com uma voz feminina, quem exige que, na impossibilidade dos humanos estabelecerem a verdade, não divaguem sobre sua natureza, pedindo que Menipo reporte sua reclamação contra os filósofos a Zeus 184. Antes da Lua, é a Terra vista de cima que se descreve em *Icaromenipo*, com vistas à sátira da vanidade humana - e a verdade que Menipo descobre, não sobre o Cosmo, mas sobre a Terra, é a de que o mundo é essencialmente como Homero o descreveu no escudo de Aquiles. Se em *Icaromenipo*, Luciano quer distinguir-se da charlatanice dos filósofos, em *Das Narrativas Verdadeiras*, ele decide utilizar-se de seus métodos; é nessa obra que Luciano faz então o seu próprio relato das maravilhas lunares porque, nela, o seu comprometimento com a verdade é nulo.

1

¹⁸² Sobre as teorias lunares, o diálogo de Plutaco *Sobre a Face da Lua* guarda uma amostra das teorias às quais Luciano alude em *Icaromenipo*.

¹⁸³ Cf. Das Narrativas Verdadeiras, I, 11.

¹⁸⁴ 20.7-16: ἀπείρηκα γὰρ ἤδη, Μένιππε, πολλὰ καὶ δεινὰ παρὰ τῶν φιλοσόφων ἀκούουσα, οἶς οὐδ ν ἔτερόν ἐστιν ἔργον ἢ τἀμὰ πολυπραγμονεῖν, τίς εἰμι καὶ πηλίκη, καὶ δι' ἥντινα αἰτίαν διχότομος ἢ ἀμφίκυρτος γίγνομαι. καὶ οἱ μ ν κατοικεῖσθαί μέ φασιν, οἱ δ κατόπτρου δίκην ἐπικρέμασθαι τῆ θαλάττη, οἱ δ ὅ τι ἂν ἕκαστος ἐπινοήση τοῦτό μοι προσάπτουσι. τὰ τελευταῖα δ καὶ τὸ φῶς αὐτὸ κλοπιμαῖόν τε καὶ νόθον ε ναί μοί φασιν ἄνωθεν ἦκον παρὰ τοῦ Ἡλίου.

Capítulo II

Odisseu, Modelo Heróico

A motivação da viagem de Luciano em *Das Narrativas Verdadeiras*, a princípio afasta-se do motivo épico do νόστος, o retorno, sendo justificada pelo narrador pela "excessiva curiosidade do intelecto" (I.5), que o intrigava acerca do fim do Oceano e dos homens que habitam o seu outro lado. Essa é, de fato, a segunda causa declarada por Luciano. A primeira, feita no proêmio, é a própria narração e a possibilidade (irônica ou não) de com ela "deixar algo à posteridade"; o que se apresenta agora é a motivação de Luciano-personagem, não mais autor. No primeiro caso, o desejo de Luciano identifica-se com o κλέος, que Odisseu obtém com seu retorno e com as aventuras que o precedem; no segundo caso, com o desejo de conhecer que, se por um lado surge constantemente como motivadora de uma viagem no romance antigo¹⁸⁵, por outro lado aproxima a viagem de Luciano daquelas empreendidas por historiadores e filósofos, mas cuja motivação também parece já estar presente na *Odisséia*¹⁸⁶.

Há que se observar que se consideramos, como Luciano, Odisseu o guia e mestre do narrador de *Das Narrativas Verdadeiras*, pode-se afirmar que as alusões à *Odisséia* são bastante tênues. Parece haver na narrativa, porém, uma seleção de temas que aproximam a viagem de Luciano da de Odisseu, ainda que os paralelos não possam ser feitos de forma evidente. Um exemplo é o fato da própria motivação da viagem de Luciano transformar-se no meio do segundo livro, passando de exploração para νόστος quando, ao partir da Ilha dos Bem-Aventurados, Radamanto aponta o porvir para Luciano (II, 27), tal como o faz Tirésias a Odisseu (xi.100-137): "ele declarou que eu voltaria à minha pátria, mas que antes muito vaguearia e correria perigos.

Mal-Maeder. "Les détournements homériques dans l'Histoire vraie de Lucien: la rapatriement d'une tradition littéraire". Études de Lettres 2, 1992, p.127, n.17: "La motivation du voyage réside dans la curiositas, une donée fréquente dans le roman antique, notamment dans le roman comique: cf. Apul.Met.2,1 et 6; 9, 12 et 13, etc; Onos 4,15, etc; Iamboulos chez Diod. Sic. 2,55, 2 et Antonius Diogène chez Phot. Bibl.109a; mais certaines de désastreuses aventures d'Ulysse sont pareillemnt causées par sa curiositas: cf. Hom. Od.9, 87 sq et 173 sq".

¹⁸⁶ A curiosidade de Odisseu o leva a aventuras: cf. ix, 87ss; ix,173ss. "What makes the *Odyssey* such an engaging tale is the tension between the hero's desire to return home and both his curiosity about new peoples and places (e.g., his wish to explore the Cyclope's land) and his motivation to come home with a full cargo". C. Dougherty. *The Raft of Odysseus: the ethnographic imagination of Homer's Odyssey*. Oxford University Press, 2001, p.198, n.14.

E não quis determinar o dia de meu retorno". A partir daí, a motivação de sua viagem ganha uma "dimensão épica"¹⁸⁷.

Os sofrimentos que Luciano e seus companheiros têm de passar ao longo da viagem também parecem ecoar a viagem do herói. "Não há nada pior para os mortais do que a errância" (πλάγκτοσύνης δ' οὐκ ἔστι κακώτερον ἄλλο βροτοῖσιν, xv.343), afirma Odisseu. Se a princípio a motivação da viagem de Luciano é a curiosidade e o amor ao conhecimento, o objetivo de chegar ao continente oposto não é atingido sem que antes os viajantes corram perigos e sofram. Como o herói, Luciano vaga perdido, antes de chegar ao fim do Oceano, dependente da hospitalidade que nem sempre recebe entre os povos que encontra durante a sua jornada, e é exatamente dessa errância que resulta "conhecer as cidades e a mente dos homens" Afinal, a narrativa de Odisseu na corte dos feácios não é senão a narrativa de suas dores e sofrimentos (ix.11-14).

Assim como Odisseu enfrenta tempestades em sua errância, também uma tempestade dá início às aventuras de Luciano. O motivo épico da tempestade em *Das Narrativas Verdadeiras*, porém, é modificado pelo exagero, cujo objetivo é certamente a comicidade, durando exatos setenta e nove dias, período no qual os viajantes perdem completamente o comando da embarcação. A partir daí, a presença de perigos será uma constante no texto, tal como é nas aventuras de Odisseu. Essa é uma característica da *Odisséia* que Luciano tenta emular em *Das Narrativas Verdadeiras*. Já o primeiro episódio, o da ilha das sedutoras Mulheres-Vinhas (I.7-9), representa um risco a Luciano e seus companheiros e nele os viajantes sofrem suas primeiras baixas da tripulação. A aproximação entre Odisseu-Luciano, aliás, se dá desde o desembarque na ilha, quando ele escolhe vinte dos seus companheiros para investigá-la, permanecendo outros

.

¹⁸⁷ Mal-Maeder. "Les détournements homériques dans l'Histoire vraie de Lucien: la rapatriement d'une tradition littéraire". Études de Lettres 2, 1992., p. 133.

¹⁸⁸ O conhecimento de Odisseu está intrinsecamente ligado aos sofrimentos por que passou. Essa relação não ficou despercebida aos historiadores. Políbio, ao criticar Timeu (12.27), diz que é fácil compreender por que ele teria optado por escrever história sem experienciar os fatos: porque o faria sem riscos e sofrimentos. Diodoro Sículo, por sua vez, no proêmio de sua Bibliotheca Historica, diz que o mais experiente dos heróis, com muitos infortúnios, "viu as cidades dos homens e conheceu sua mente". A história, por sua vez, oferece a oportunidade de se entender os sucessos e fracassos alheios sem a experiência de males, Diod. Sic. I.1.2-3: ἡ μ ν γὰρ ἐκ τῆς πείρας ἑκάστου μάθησις μετὰ πολλῶν πόνων καὶ κινδύνων ποιεῖ τῶν χρησίμων ἕκαστα διαγινώσκειν, καὶ διὰ τοῦτο τῶν ἡρώων ὁ πολυπειρότατος μετὰ μεγάλων ἀτυχημάτων πολλῶν ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω· ἡ δ διὰ τῆς ἱστορίας περιγινομένη σύνεσις τῶν ἀλλοτρίων ἀποτευγμάτων τε καὶ κατορθωμάτων ἀπείρατον κακῶν ἔχει τὴν διδασκαλίαν.

trinta na embarcação; como observa Mal-Maeder, Luciano revela-se, com isso, "um chefe de expedição tão responsável quanto Ulisses" 189.

Essa forma híbrida mulher-planta, que Luciano encontra na ilha ao procurar a fonte do seu rio de vinho, uma criatura cujo corpo é formado por um tronco de árvore na parte de baixo e por mulheres na parte de cima (τὸ μεν γὰρ ἀπὸ τῆς γῆς, ὁ στέλεχος αὐτος εὐερνὴς καὶ παχύς, τὸ δὲ ἄηω γυναῖκες ῆσαν) pode, por outro lado, também aludir à descrição que Heródoto faz de uma mulher-cobra quando ele relata o mito que os gregos habitantes do Ponto contavam sobre a origem do país dos Citas (IV.8ss). Segundo essa versão, Héracles, procurando os seus cavalos, que tinham desaparecido enquanto ele dormia, teria encontrado em uma caverna uma criatura que era na parte superior uma mulher e na inferior, uma cobra (τῆς τὰ μέν ἄνω ἀπὸ τῶν γλουτῶν εἶναι γυναικός, τὰ δὲ ἔνερπθε ὄφιος). Essa mulher, que guardava os seus cavalos após tê-los encontrado, o obrigou a manter relações com ela em troca dos animais. Tendo dado à luz a três filhos de Héracles, o mais novo deles, Cites (Σκύθης), é quem dá origem ao povo cita.

A criação das mulheres-vinhas trata-se, certamente, de um dos enigmas do texto, ao qual podem se sugerir diversas soluções¹⁹⁰. No entanto, considerar a alusão a Heródoto nessa passagem permite que se observe como ela é transformada pelas mãos de Luciano em um motivo épico. As mulheres-vinhas eram sedutoras e traiçoeiras, algo que os exploradores não descobrem pela observação, mas somente quando perdem alguns membros da equipagem, que ao manterem relações com elas, ficam presos pelas partes pudentas e transformam-se eles próprios em seres híbridos, parte vinhas, parte humanos. Não por acaso, o escoliasta nota nesse trecho uma semelhança com um dos episódios das aventuras de Odisseu, o da visita ao país dos Lotófagos (ix.84-104)¹⁹¹, onde os companheiros do herói, depois de comerem o loto, passam a desejar somente continuar a comer o fruto, permanecendo ali, esquecidos do retorno¹⁹².

Semelhante a esse primeiro episódio é aquele que encerra a série de aventuras do Segundo Livro. Como as Mulheres-Vinhas, também as Pernas-de-Mula (II.46) apresentam-se como mulheres sedutoras que demonstram desejo de manter relações com os viajantes. Com efeito, nesse episódio Luciano parece apenas dar um novo desenvolvimento ao tema anteriormente

¹⁸⁹ Mal-Maeder, "Les détournements homériques dans l'Histoire vraie de Lucien: la rapatriement d'une tradition littéraire". Études de Lettres 2, 1992., p.130.

¹⁹⁰ Cf. G.Anderson. Lucian: Theme and Variation in the Second Sophistic, Leiden: Brill, 1976. p.27

¹⁹¹ εἰς "Ομηρον ἀποσκώπτει διὰ τοὺς λωτοφάγους 'Οδυσσέως ἑταίρους ταῦτα μυθοποιήσαντα. Scholia in Lucianum. Ed. H. Rabe, Stuttgart, Teubner, 1971.

¹⁹² Diferentemente de Luciano, porém, Odisseu toma seus companheiros e os coloca de volta no barco à força.

explorado no texto¹⁹³. Tal como a maior parte das Mulheres-Vinhas, as Pernas-de-Mula falam grego, e estendem suas mãos direitas para cumprimentar os viajantes assim que eles chegam. Bonitas e vestidas como cortesãs, essas mulheres usavam túnicas que desciam até os seus pés, escondendo sua natureza híbrida. Depois que cada um dos companheiros de Luciano é hospedado por uma dessas mulheres, ele, diferentemente do que ocorre no primeiro episódio de suas aventuras, desconfia de alguma coisa e age a tempo de impedir a morte de seus companheiros: após observar ossos e crânios pelo chão e ver os cascos de mula de uma das mulheres, Luciano a prende e interroga; ela, por sua vez, informa que, após embriagar e dormir com os viajantes que por ali passavam, as Pernas-de-Mula faziam-nos de alimento.

A perspicácia de Luciano não se revela útil apenas no episódio das Pernas-de-Mula, quando ele acaba por salvar os seus companheiros do perigo. A construção da personagem de Luciano como chefe perspicaz, tal qual Odisseu que, como o poeta é rapido em informar, torna-se um navegador solitário porque os companheiros perecem por sua própria ἀτασθαλία (i.6-9), se dá ao longo de todo o texto. No episódio dos Bucéfalos (II.44), por exemplo, sua natureza astuciosa rende-lhe provisões em um momento em que eles não mais as tinham. O encontro dos viajantes com esses seres, descritos como homens selvagens que tinham chifres como o Minotauro, se dá exatamente porque eles desembarcam na ilha em busca de água e alimento. Os Bucéfalos, sendo também eles seres canibais, quando os vêem, perseguem-nos e matam três dos companheiros de Luciano. No entanto, assim como as raças que habitam o interior da Baleia, os Bucéfalos desconhecem as armas. Desse modo, depois de armados, torna-se fácil aos viajantes vencer seus inimigos. Contudo, embora vencedores, a falta de alimento continuava a lhes ser um problema, que acaba por ser resolvido por Luciano quando ele se nega a acatar as sugestões de seus companheiros de executar os dois Bucéfalos feitos prisioneiros durante o combate, recebendo em troca de seu resgate "muitos queijos, peixes desidratados, cebolas e quatro cervos, cada um com três patas, duas atrás, ao passo que as da frente nasciam juntas, como uma só"194.

¹⁹³ Um dos aspectos da poética de Luciano é desenvolver diversas variações de um mesmo motivo. O procedimento foi estudado por G. Anderson. *Lucian: Theme and Variation in the Second Sophistic*. Mnemosyne Suppl.41. Leiden, Brill, 1976.

 $^{^{194}}$ II.44: τὰ λύτρα δ $^{\circ}$ ην τυροὶ πολλοὶ καὶ ἰχθύες ξηροὶ καὶ κρόμμυα καὶ ἔλαφοι τέτταρες, τρεῖς ἑκάστη πόδας ἔχουσα, δύο μ ν τοὺς ὅπισθεν, οἱ δ πρόσω ἐς ἕνα συμπεφύκεσαν.

Até agora os episódios analisados representaram perigos para Luciano e seus companheiros por tratarem de povos que desconhecem as regras de hospitalidade 195. Nisso também Das Narrativas Verdadeiras parece emprestar o tema de Homero. Afinal, como se pergunta Most - após demonstrar que o arranjo das aventuras narradas por Odisseu apresenta essencialmente dois perigos com relação à hospitalidade, o de permanecer além do que se deve em um lugar e o de ser comido vivo -, o que pode ser mais o oposto de alimentar seus hóspedes do que se alimentar de seus hóspedes? E o que pode ser mais o oposto de enviar seus hóspedes para longe quando eles desejam ir do que fazê-los permanecer para sempre?¹⁹⁶ Trata-se, com efeito, de duas maneiras distintas de se revelar um mau anfitrião.

Portanto, assim como na *Odisséia* os perigos não são só os que podem provocar a morte, mas também a desistência da viagem, ficando Odisseu sem retorno, do mesmo modo, por duas vezes apresentam-se em Das Narrativas Verdadeiras ocasiões em que a viagem de exploração é posta em risco por motivos mais amenos. No episódio da viagem à Lua, Endímion tenta convencer Luciano a permanecer na Lua, tomando parte da colônia que povoaria a Estrela-da-Manhã, comprometendo-se a dar a mão de seu filho para o viajante (I.21), pois na Lua não existem mulheres. Luciano, evidentemente, não se deixa persuadir, mas a passagem faz lembrar episódios em que Odisseu corre o risco de não retornar à Ítaca por decidir permanecer onde está; Alcínoo, de fato, diz explicitamente que não se importaria se o herói permanecesse na Feácia como seu genro, e que lhe daria riquezas, bem como um palácio¹⁹⁷.

Se o motivo épico é aí bem reconhecido, já ao enigma do episódio da Baleia talvez aluda de forma bem mais tênue a algumas passsagens literárias. A baleia, com efeito, embora não seja, evidentemente, a anfitriã do episódio - esse papel cabe a Cíntaro -, parece reunir em si várias espécies de perigo: a começar que ela, de fato, devora os viajantes com barco e tudo, como o próprio Luciano o afirma a Cíntaro (I.33), ou seja, eles são verdadeiramente comidos vivos. Por

¹⁹⁵ Em outras ocasiões, eles são recebidos de acordo com elas: em Lampadapólis, embora fiquem com medo de compartilhar os ritos de hospitalidade; no seu encontro com Cíntaro; na Ilha dos Bem-Aventurados; na Ilha dos sonhos e em Ogígia.

¹⁹⁶ G. Most. "The Structure and Function of Odysseus' Apologoi". Transactions of the American Philological Association, vol.119, 1989, p.15-30.

¹⁹⁷ *Odisséia*, vii.311-6: αὶ γάρ, Ζεῦ τε πάτερ καὶ ᾿Αθηναίη καὶ Ἦπολλον, τοῖος ἐών, οἶός ἐσσι, τά τε φρονέων ἅ τ' ἐγώ περ, παίδά τ' ἐμὴν ἐχέμεν καὶ ἐμὸς γαμβρὸς καλέεσθαι, αὖθι μένων ο κον δέ κ' ἐγὼ καὶ κτήματα δοίην, εἴ κ' ἐθέλων γε μένοις· ἀέκοντα δέ σ' οὔ τις ἐρύξει Φαιήκων μη τοῦτο φίλον Διὶ πατρὶ γένοιτο.

outro lado, após ter vencido em combate e liquidado as outras raças que ali viviam, Luciano e seus companheiros passam um ano e oito meses presos dentro do animal, passando o seu tempo no cultivo, na caça e em atividades físicas, "como boas-vidas vivendo em uma grande e inexpugnável prisão" (1.39). Não é à toa que Luciano chama a si próprio e a seus companheiros de "boas-vidas" (τρυφῶσι καὶ λελυμένοις), uma vez que a descrição do interior da Baleia evolui no episódio até revelar-se um ambiente bastante aprazível; dentro do animal, havia uma floresta e árvores por todos os lados, sobre as quais aves marítimas faziam seus ninhos; havia também uma fonte de água, que Cíntaro diz ser a mais bela e gelada; quanto aos alimentos, carne de todos os tipos de peixe estava à disposição e no banquete que Cíntaro oferece a Luciano são servidos verduras, frutas, nozes e vinho. Nesse sentido, essa estadia no interior da Baleia, a princípio perigosa, faz lembrar o longo período que Odisseu passa junto a Circe, até ser lembrado pelos seus companheiros da necessidade do retorno 198.

O episódio da baleia parece parodiar uma tradição mítica de encontro com monstros marinhos. O termo utilizado por Luciano, τ ò $\kappa \hat{\eta} \tau o \zeta$ não é específico para essa espécie, mas designa qualquer monstro marinho. O encontro de navegantes com esses "enormes peixes" deixava-os muito assustados; Nearco descreve um desses encontros, afirmando que os marinheiros deixaram cair os remos de suas mãos ao avistarem um grupo de baleias e fizeram-nas se afastar com gritos e soar de trombetas. Arriano informa que a maior das baleias pode ter até vinte e cinco côvados de comprimento (por volta de onze metros) e Estrabão afirma que o que mais aflige os navegantes é a aparição desses animais 199 .

Quanto aos mitos, o mais difundido parece ter sido o da ilha que de súbito submergia, por não ser exatamente uma ilha, mas o dorso de um enorme animal marinho, que parece estar registrado com mais detalhes no *Talmud*. Coulter acredita que tal mito tem origem Indo-Persa, mas o estudioso defende também que ele possui relação com um mito indiano, relatado por

-

¹⁹⁸ x. 467-475: ἔνθα μ ν ἤματα πάντα τελεσφόρον εἰς ἐνιαυτὸν ἤμεθα, δαινύμενοι κρέα τ' ἄσπετα καὶ μέθυ ἡδύ-ἀλλ' ὅτε δή ρ΄ ἐνιαυτὸς ἔην, περὶ δ΄ ἔτραπον ὧραι, [μηνῶν φθινόντων, περὶ δ' ἤματα μακρὰ τελέσθη, καὶ τότε μ' ἐκκαλέσαντες ἔφαν ἐρίηρες ἑταῖροι-'δαιμόνι', ἤδη νῦν μιμνήσκεο πατρίδος αἴης, εἴ τοι θέσφατόν ἐστι σαωθῆναι καὶ ἱκέσθαι ο κον ἐϋκτίμενον καὶ σὴν ἐς πατρίδα γαῖαν.'

¹⁹⁹ Tanto Arriano quanto Estrabão reportam o relato do encontro de Nearco com as baleias, cf. Arriano, *Indica*, 30 e Estrabão, XV.12. Aparentemente, esses animais eram descritos sobretudo por aqueles que viajavam para Índia.

Estrabão quando afirma que Nearco desmentiu uma antiga crença sobre uma ilha que fazia desaparecer qualquer um que nela desembarcasse²⁰⁰. Para Coulter, ao relatar como foi engolido por uma baleia, Luciano estaria "utilizando um motivo muito antigo e difundido (...), provavelmente antigo até mesmo quando o Livro de Jonas foi escrito"²⁰¹.

Ainda que lide com a tradição mítica, por outro lado, Georgiadou & Larmour analisam de que modo o episódio da Baleia pode aludir também ao mito da caverna de Platão e algumas de suas observações são interessantes²⁰². Como no mito de Platão aqueles que vivem na caverna são chamados "prisioneiros perpétuos" (τοῖς ἀεὶ δεσμώταις ἐκείνοις, 516e), também Luciano e Cíntaro consideram-se prisioneiros no interior da baleia. A descrição da batalha das ilhas como "o mais extraordinário dos espetáculos de todos que vi" (ἀπάντων ὧν ἐγὼ είδον θεαμάτων παραδοξότατον, I, 40), feita por Luciano, é relacionada, pelos dois críticos, à experiência vivida pelo prisioneiro que é levado para fora da caverna no mito de Platão: "De modo semelhante, a incredulidade inicial de Luciano ao ver homens navegando sobre enormes ilhas resulta em um relato detalhado da batalha naval. É apenas após terem visto a 'realidade' da luta entre as Ilhas que os viajantes decidem que devem sair da baleia. (...) O narrador é como o prisioneiro liberto que, tendo estado sob a luz do sol, suportaria qualquer coisa, exceto viver como prisioneiro (Rep.516e)"²⁰³.

A alusão ao mito da caverna de Platão é feita, contudo, de modo a se tornar um motivo de impedimento da continuidade da viagem. Trata-se, de fato, de estar preso ao lugar em que se vive, sem a possibilidade de satisfazer a "excessiva curiosidade do intelecto" e o desejo de θεωρία, de ver o mundo, novamente aguçada pela visão da fantástica batalha das ilhas. É então que Luciano e a seus companheiros decidem descobrir um meio de sair da baleia, o que ecoa especificamente as artimanhas de Odisseu para escapar de uma caverna, a do Ciclope Polifemo. As tentativas por eles feitas para escapar do seu interior, embora não sejam astuciosas como a de Odisseu, acabam dando certo: primeiro, eles decidem cavar um túnel, mas sem nada conseguir,

²⁰⁰ cf. XV.13. A ilha-baleia encontra-se também nas narrativas de *Sinbad*.

²⁰¹ C. Coulter. "The 'Great Fish' in Ancient and Medieval Story". Transactions of the American Philological Association, vol.57, 1956, p.32-50. Cf. J. Papadoulos & D. Ruscillo. "A ketos in early Athens: an archaeology of whales and sea monsters in the Greek world". American Journal of Archaeology, vol.106, n.2, 2002, p.187-227 e A. Waugh. "The Folklore of the Whale". Folklore, vol.72, n.2, 1961, p. 361-71.

²⁰² Embora eu não concorde com a sua interpretação geral de que "the whale represents the imprisonment of the soul in the body and the struggle to get out of it may be the struggle of the soul to emancipate itself from the material world and its passions: cf. Plut. De Gen.593D-594A. The prisioners in the stomach of the whale, then, represent the souls". p.158.

²⁰³ Lucian's Science Fiction Novel Verae Historiae, Leiden: Brill, 1998, p.159.

resolvem queimar a floresta que havia no interior do animal. O "toque" de astúcia fica, então, para a percepção de que eles corriam o risco de permanecer aprisionados dentro da baleia, caso não apoiassem seus dentes molares, de forma a não deixar a baleia morrer com a boca fechada.

Ao ser bem-sucedido em sua tentativa de escapar da baleia, contudo, Luciano acaba por esquecer no seu interior os presentes de hospitalidade que havia recebido do rei da Lua, Endímion: duas túnicas de vidro, cinco de cobre e uma armadura feita de tremoço (I.27). Do mesmo modo, também o novo poema de Homero, sobre a guerra entre os mortos da Ilha dos Bem-Aventurados e da Ilha dos Ímpios, é perdido por Luciano: "Homero escreveu também essa guerra e, quando parti, deu-me os livros para trazê-los para os homens de nosso país. Mas mais tarde também eles, com outras coisas, perdi"²⁰⁴. O fato de Luciano perder tudo aquilo que ganha em suas aventuras, ora na baleia, ora no naufrágio no fim do segundo livro, é significativo. Como observa Dougherty sobre Odisseu, "os bens trazidos de além-mares provam que ele realmente esteve lá e, desse modo, não apenas representam o valor potencial da narrativa, mas também documentam sua autenticidade"²⁰⁵. Diferentemente de Odisseu, cujas aventuras são verídicas, e que retorna à Ítaca com muitas riquezas que lhe deram os feácios, a Luciano não pode restar prova concreta de suas experiências²⁰⁶.

-

²⁰⁴ ΙΙ.24: ἔγραψεν δ καὶ ταύτην τὴν μάχην Θμηρος καὶ ἀπιόντι μοι ἔδωκεν τὰ βιβλία κομίζειν τοῖς παρ' ἡμῖν ἀνθρώποιςἡ ἀλλ' ὕστερον καὶ ταῦτα μετὰ τῶν ἄλλων ἀπωλέσαμεν.

²⁰⁵ C. Dougherty. *The Raft of Odysseus: the ethnographic imagination of Homer's Odyssey*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p.67.

²⁰⁶ J. Bompaire aponta outras semelhanças entre Luciano e o Odisseu: "le rencontres d'indigenes qui vous demandent si vous etes dieu ou homme; et vouz offrent une genereuse hospitalide avant que vous passiez au traditionnel recit (I, 33, a 123-4), les prieres pour retenir l'hote qui veut partir (I,21/ i 29,33), les cadeaux à celui qui s'en va, l'escorte qu'on lui donne pour l'honorer (I, 27/ i 212, 64ss)". *Lucien Écrivain*. Paris: Boccard, 1958, p. 669.

Capítulo III

A Guerra

O tema da guerra tem destaque no primeiro livro de *Das Narrativas Verdadeiras*, mas está quase totalmente ausente do segundo, no qual predominam os conflitos com povos hostis que Luciano-narrador e seus companheiros encontram em sua trajetória até o naufrágio "do outro lado do Oceano". Se o tema da viagem aproxima *Das Narrativas Verdadeiras* da *Odisséia*, a maneira como Luciano nele trata do tema da guerra torna evidente sua intenção de usar como fontes de paródia textos historiográficos, sobretudo o de Tucídides, como tão bem notaram os críticos²⁰⁷.

Embora estudos mais recentes tenham demonstrado que, em um exame mais cuidadoso, pode-se dizer que as diferenças entre o modo homérico de se fazer guerra e o modo do período clássico são pouco significativas, a narração que Homero faz da guerra diferencia-se daquelas dos historiadores porque seu foco é direcionado sobre os heróis individualmente, na chamada μονομαχία, o combate individual que travam dois guerreiros²⁰⁸. Não é esse tipo de combate narrado por Luciano, que prefere descrever a luta em massa, privando-se até mesmo de criar situações de *monomachía* quando muito brevemente relata a guerra que ocorre entre os Ímpios e os Bem-Aventurados (dos quais muitos heróis homéricos), no segundo livro de *Das Narrativas Verdadeiras* (II.23). Nada mais natural, uma vez que o fato serve de pretexto para o próprio Homero narrar mais uma guerra (II.24) e ele entrega o poema a Luciano, para que ele o torne conhecido – poema esse que acaba perdido no naufrágio dos navegantes (II. 47).

De fato, a descrição de combates individuais é tão constante, na *Ilíada*, que não permite sequer que se saiba, com certeza, como se dava o combate entre a massa de guerreiros, além

²⁰⁷ A última contribuição no estudo da relação entre *Das Narrativas Verdadeiras* e Tucídides foi dada por A. Bartley em "The implications of the reception of Thucydides within Lucian's 'Vera Historia'" (Mnemosyne, no.131, 2003, p. 222-234), artigo que reúne as descobertas anteriores de possíveis ecos tucídidianos no texto, feitas sobretudo por Stengel, Georgiadou & Larmour e von Möllendorff, mas no qual o autor também argumenta pela intenção de Luciano de narrar o conflito entre a Lua e o Sol ecoando o trecho de *A História da Guerra do Peloponeso* conhecida como *Pentekontaetia*.

²⁰⁸ A *monomachía*, porém, não era uma prática apenas heróica e nunca deixou de estar presente nos conflitos. Pritchett elenca diversos exemplos de *monomachía* relatados por historiadores. *The Greek State at War*, Part IV, Berkeley: University of California Press, 1985, p.17ss.

daquele travado pelos πρόμαχοι, os heróis que atuavam como guerreiros da linha de frente e que se movimentavam durante a luta, afastando-se do seu exército e aproximando-se dos inimigos²⁰⁹. São narrados alguns momentos em que há luta corpo-a-corpo e, com mais frequência, troca de mísseis entre os dois exércitos (cf. IV.446-9; VIII.60-5; XI.70-3, 84-5, 90-1), mas Homero prefere apresentar o combate entre a massa dos soldados valendo-se de símiles e descrevendo os corpos dos mortos durante a luta, como bem observa Griffin: "A luta e a matança em massa são mais difíceis de se representar em estilo heróico, mas o poeta usa símiles com esse objetivo, e também usa os corpos mortos. Os fatos ocorrem 'em uma clareira onde o chão aparecia entre os cadáveres', os guerreiros andam 'pela matança, pelos cadáveres, entre as armas e o negro sangue',"²¹⁰.

De certo, a épica e a historiografia compartilham coisas tais como a escolha da guerra como objeto de narração, catálogos formais das forças opostas e a introdução de discursos e conferências dramatizadas²¹¹. Contudo, a maneira como Luciano narra as batalhas que testemunha está de acordo com o que ele acredita ser o modo apropriado para um historiador narrá-las e é ele próprio quem afirma, em *Como se deve escrever a História*, que os estilos de um relato historiográfico e de um poema têm de ser distintos (8):

ἐκεῖ μ ν γὰρ ἄκρατος ἡ ἐλευθερία καὶ νόμος εἶς—τὸ δόξαν τῷ ποιητῆ. ἔνθεος γὰρ καὶ κάτοχος ἐκ Μουσῶν, κἂν ἵππων ὑποπτέρων ἄρμα ζεύξασθαι ἐθέλῃ, κἂν ἐφ' ὕδατος ἄλλους ἢ ἐπ' ἀνθερίκων ἄκρων θευσομένους ἀναβιβάσηται, φθόνος οὐδείς·

.

²⁰⁹ Há três elementos – luta entre os *promáchoi*, luta corpo-a-corpo e troca de mísseis – que aparecem combinados de maneira estranha no poema. Vários sugestões foram dadas para solucionar esse arranjo de formas distintas de luta: a) a *Ilíada* reuniria técnicas de batalha de diferentes épocas; b) apenas o combate entre as massas teria base histórica, sendo a luta entre os *promáchoi* uma licença poética; c) os três elementos representariam momentos distintos em uma mesma batalha, que se iniciaria com a troca de mísseis, depois avançaria com os *promáchoi* e, finalmente, com o combate corpo-a-corpo entre os exércitos; d) estariam representados, no poema, apenas a troca de mísseis e a luta entre os *promáchoi*, sendo a descrição das densas fileiras de combatentes uma representação deles mesmos. H. van Wees. "Homeric Warfare". In: I. Morris & B. Powell. *A New Companion to Homer*. Leiden: Brill, 1997, p. 679-80.

²¹¹ Discutindo a imitação operada por Heródoto dos poemas homéricos, J. Moles afirma: "the imitation reveals itself in such things as the choice of theme: war; the characterization of the theme; the mask or persona of the historian (a complex amalgam of epic poet, epic hero in general and Odysseus in particular, hence both 'outside' and 'inside' the narrative); the size of the work; the expansiveness and digressiveness of treatment; language, vocabulary, rhythms; introduction into the narrative of dramatized conferences and conversations; epic representation of battle scenes; formal 'catalogues' of opposing forces; direct divine input into human affairs; general moral and theological stance". "Truth and Untruth in Herodotus and Thucydides". In: C. Gill & C. & T.P. Wiseman. *Lies and Fiction in the Ancient World*. Austin, University of Texas Press, 1993, p.88-121.

No caso do último, a liberdade é absoluta e há uma única lei – o desejo do poeta. Inspirado e possuído pelas Musas, mesmo que ele queira jungir cavalos alados a um carro, mesmo que ele coloque outros para correr sobre água ou sobre espigas, não há nenhum impedimento.

A Luciano, importa que o historiador seja um "amigo da franqueza e da verdade, chamando, como o poeta cômico diz, um figo de figo, uma gamela de gamela" É essa postura que o narrador de Das Narrativas Verdadeiras adota quando da narração das batalhas, ainda que a formação do exército lunar e solar esteja repleta de seres híbridos e fantásticos – Luciano os descreve sem rodeios, sem se valer de metáforas ou comparações, a não ser quando elas ajudam a esclarecer que aspecto tinham os combatentes. Interessa nas passagens bélicas, portanto, observar como Luciano emprega o que julga ser o correto modo de se fazer uma narração historiográfica, de acordo com o que prescreve em Como se deve escrever a História (44.1-8)

Ώς γὰρ τῆ γνώμη τοῦ συγγραφέως σκοποὺς ὑπεθέμεθα παρρησίαν καὶ ἀλήθειαν, οὕτω δ καὶ τῆ φωνῆ αὐτοῦ εἶς σκοπὸς ὁ πρῶτος, σαφῶς δηλῶσαι καὶ φανότατα ἐμφανίσαι τὸ πρᾶγμα, μήτε ἀπορρήτοις καὶ ἔξω πάτου ὀνόμασι μήτε τοῖς ἀγοραίοις τούτοις καὶ καπηλικοῖς, ἀλλ' ὡς μ ν τοὺς πολλοὺς συνεῖναι, τοὺς δ πεπαιδευμένους ἐπαινέσαι.

Pois como estabelecemos franqueza e verdade como objetivos do juízo do historiador, assim também para a sua elocução, o primeiro objetivo é um só, demonstrar com clareza e expôr do modo mais transparente o fato, não por meio de palavras obscuras e fora de uso e nem por aquelas vulgares e comuns, mas com as palavras que a maioria compreenda, e os cultos elogiem.

E quais são os conflitos por ele relatados? Luciano observa ou participa de quatro batalhas: aquela entre as forças da Lua e do Sol (I.13-18), aquela dos Humanos contra as raças marinhas habitantes do interior da Baleia (I.36-9), a batalha naval entre as Ilhas (I.40-2), no fim do primeiro livro e, por último, a travada entre os Ímpios e os Bem-Aventurados (II.23). Além

²¹² Como se Deve Escrever a História, 41: παρρεσίας καὶ ἀληθείας φίλος, ὡς ὁ κωμικός φησι, τὰ σῦκα σῦκα, τὴν σκάφην δὲ σκάφην ὀνομάσων.

disso, há o episódio da perseguição dos heróis a Ciniras (II.25-6), em que se observa a utilização de vocabulário militar de Tucídides, os quais serão discutidos brevemente²¹³.

A guerra melhor detalhada por Luciano é, sem dúvida, aquela entre a Lua e o Sol, da qual ele expõe os motivos, a formação dos exércitos, os acontecimentos durante a batalha e as disposições gerais do tratado de paz. Nesse episódio, há forte presença de elementos míticos, sendo a própria guerra uma espécie de mito etiológico que explica a natureza incerta da Estrela-da-Manhã. Com efeito, Plínio descreve-a como um *aemulum solis ac lunae* que, ao surgir antes do amanhecer, é chamada de Lúcifer, porque aparenta ser um outro sol, enquanto quando brilha depois do anoitecer, é chamada de Vésper, prolongando a luz do dia, como uma espécie de substituta da lua²¹⁴.

Assim, a guerra pela colonização da Estrela-da-Manhã, que acaba sendo feita em conjunto pelos povos da Lua e do Sol, nada mais é do que uma explicação revestida de racionalidade, mas profundamente mítica, da natureza dessa estrela. A própria presença de Endímion como rei da Lua configura-se como uma variação do mito em que, na sua versão mais comum (e conhecida de Luciano), ele seria um amante de Selene, eternamente adormecido em uma gruta do monte Latmos, onde ela o visitava²¹⁵. Para Luciano e seus companheiros, Endímion diz que chegou à lua após ter sido raptado enquanto dormia – e só resta aos leitores supor, a partir de tais fatos, que tenha sido pela própria Selene. Também o fato de que Faetonte devasta – com fogo – o país dos fundeiros, que não comparecem para lutar ao seu lado no combate, como bem notam Georgiadou & Larmour, "é uma variação cômica do mito tradicional no qual Faetonte perde o controle do carro do Sol e acidentalmente incendeia a Terra"²¹⁶.

Os eventos na guerra entre a Lua e Sol podem assim ser descritos: disputa-se o direito de colonizar a Estrela-da-Manhã. Endímion e Faetonte posicionam seus exércitos para a batalha. Os

²¹³ A. Stengel (apud Mal-Maeder, D. "Les détournements homériques dans l'Histoire Vraie de Lucien: Le Repatriement d'une tradition littéraire". Études de Lettres 2, 1992, p.141) observa que os seguintes vocábulos ecoam o texto de Tucídides: ἐμιβάσας (cf. Tuc.II.90.3.); ὑπὸ προθυμίας (cf. IV.14.3, 7.76), καταλαμβάνουσι τοὺς προτέρους [...] ἄρτι ἡρηκότας (I.61.2).

²¹⁴ Plínio ainda diz que essa propriedade de Vênus foi uma descoberta de Pitágoras de Samos *Historia Naturalia*, 2.36: Infra solem ambit ingens sidus appellatum Veneris, alterno meatu vagum ipsisque cognominibus aemulum solis ac lunae. praeveniens quippe et ante matutinum exoriens luciferi nomen accepit ut sol alter diemque maturans, contra ab occasu refulgens nuncupatur vesper ut prorogans lucem vicemve lunae reddens. quam naturam eius Pythagoras Samius primus deprehendit Olympiade circiter XLII, qui fuit urbis Romae annus CXLII. iam magnitudine extra cuncta alia sidera est, claritatis quidem tantae, ut unius huius stellae radiis umbrae reddantur.

O mito do amor de Selene por Endímion é mencionado por Luciano em outras obras, cf. Musc.10, De Sacr.7, Deor.Conc.8, D.Deor.19.

²¹⁶ Lucian's Science Fiction Novel Verae Historiae, Leiden: Brill, 1998, p.111. Em Luciano, cf. Astrol.19; D. Deor.24.1; Tim.4.

Selenitas dividem-se entre o rei e os melhores na ala direita, os aliados no meio e os Asas-de-Alface à esquerda – esse combate será aéreo; por fim, sua infantaria posiciona-se sobre um campo tecido por aranhas entre a Lua e a Estrela-da-Manhã. Os heliotas, por sua vez, posicionam-se com Faetonte e os Cavaloformigueiros na extrema esquerda, ao lado dos Aeromosquitos, que são seguidos pelos Aerodançarinos e Cogumetalos (os primeiros infantes e, os segundos, hoplitas); por último, posicionam-se os Cães-Glandes.

Com o início do combate, a esquerda dos heliotas foge imediatamente, deixando a ala direita dos selenitas em vantagem; a direita dos heliotas inicia vencendo a esquerda selenita, mas logo se vê atacada por aqueles que vêm em socorro dos Asas-de-Alface e é obrigada a recuar. Acabada a perseguição, os selenitas erguem dois troféus: um, pelo combate áereo, sobre as nuvens; outro, pelo combate da infantaria, no campo tecido pelas aranhas. Porém, durante esse momento de dispersão dos exércitos, os Nuvocentauros, aliados de Faetonte que estavam atrasados para o combate, surgem atacando os selenitas, liderados pelo Arqueiro do Zodíaco (Sagitário). Ocorre então uma reviravolta na batalha, com os Nuvocentauros tombando os troféus, matando a maioria das aves dos selenitas e fazendo de prisioneiros Luciano e dois de seus companheiros. Os heliotas, então, erguem seus troféus e decidem não sitiar a Lua, mas constróem uma muralha feita de nuvem que provoca um eclipse artificial do satélite. Isso obriga Endímion a enviar uma embaixada suplicando um acordo.

Quanto ao combate entre os humanos e as raças marinhas, os fatos são os seguintes: o motivo da guerra é o não-pagamento do imposto que Cíntaro pagava anualmente aos Pés-de-Linguado pelo direito de habitar o interior da baleia; a primeira estratégia de Luciano e seus companheiros para derrotar os desarmados animais que ali viviam é fazer uma emboscada de vinte e cinco homens para surpreender os Pés-de-Linguado e os Sirinos quando eles atacassem. Nessa noite, vitoriosos, eles erguem um troféu. No dia seguinte, os animais ressurgem organizados: os Salmouros na ala direita, liderados por Serrajão; os Cabeça-de-Atum à esquerda e os Mãos-de-Caranguejo no meio; todos eles são soldados ligeiros e acabam novamente derrotados. Depois dessa vitória, há uma proposta de acordo, mas os humanos não o aceitam e voltar a atacar no dia seguinte, liquidando seus inimigos.

Brandão entende esse conflito como uma disputa não entre raças, mas entre cidades inimigas²¹⁷. Consideradas as reminiscências de Tucídides que se podem encontrar nesse episódio

_

²¹⁷ A Invenção do Romance. Brasília: UNB, 2005, p.233.

– sobretudo no que se refere à sua causa -, tal interpretação aproxima a batalha no interior da baleia ainda mais da matéria historiográfica, pois reconhecendo-a como uma disputa entre cidades, não mais se entende essa aventura como um conflito entre Luciano e povos inospitaleiros (como ocorre, por exemplo, no caso dos Bucéfalos, II.44). Passa-se de uma aventura "odisséica" à reprodução, em um contexto absolutamente fantástico, de uma situação diversas vezes vista em conflitos entre uma metrópole e sua colônia²¹⁸; não por acaso, Bartley observa que Tucídides usa quinze vezes o termo "φόρος" (imposto), todas elas em circunstâncias que precedem ou imediatamente se seguem a uma batalha²¹⁹.

Com relação à batalha das Ilhas, observada por Luciano do interior da baleia depois de viver em seu interior durante um ano e oito meses, o conflito se dá entre os homens de Agilcentauro e os de Beberrão-Marinho, por motivo de pilhagem, sendo o último acusado de roubar muitos rebanhos de golfinhos. O número de ilhas combatentes, as quais cento e vinte homens navegam como se fossem trirremes, é de cerca de seiscentas e, no combate, os homens de Agilcentauro acabam vencedores, fazendo submergir por volta de cento e cinqüenta ilhas inimigas e tomando outras três - apesar de terem também cerca de oitenta de suas ilhas afundadas durante a batalha. Depois de perseguir seus inimigos até o anoitecer, os homens de Agilcentauro erguem um troféu sobre a cabeça da baleia.

Como se pode observar, o tema da guerra é predominante no primeiro livro de *Das Narrativas Verdadeiras*. Essa forte presença é compensada, porém, por uma quase ausência no segundo livro: batalha há apenas uma, entre os Ímpios e os Bem-Aventurados, mas a menção a ela é feita rapidamente. Ao conseguir romper as correntes que os prendiam, os Ímpios avançam sobre a ilha dos Bem-Aventurados, liderados por Faláris, Busíris, o trácio Diomedes e os seguidores de Círon e Pitiocampte. Para combatê-los, os Bem-Aventurados posicionam-se na costa, liderados por Teseu, Aquiles e Ájax Telamônio. Sobre a batalha, Luciano só informa que os heróis foram os vencedores, destacando a participação de Aquiles e de Sócrates. Em seguida, Homero escreve um poema para essa guerra e os Bem-Aventurados celebram a vitória com uma

²¹⁸ Cf. Tucídides, I.99, quando trata da relação entre os atenienses e as cidades que lhe eram subordinadas: αἰτίαι δ ἄλλαι τε ἦσαν τῶν ἀποστάσεων καὶ μέγισται αἱ τῶν φόρων καὶ νεῶν ἔκδειαι καὶ λιποστράτιον εἴ τῷ ἐγένετο· "Entre outras, a principal causa das defecções era a falta de pagamento do fóros e da contribuição com os navios e, em alguns casos, a deserção". Tradução de A.L. de Almeida Prado. História da Guerra do Peloponeso – Livro I. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

²¹⁹ A. Bartley. "The implications of the reception of Thucydides within Lucian's 'Vera Historia'". Mnemosyne, no.131, 2003, p. 222-234.

grande comilança de favas. A descrição dessa batalha é feita de modo diferente das anteriores e

parece indicar que ela possui uma outra função no interior da narrativa.

3.1. A formação dos exércitos

Antes do início da batalha propriamente dita entre os exércitos da Lua e do Sol, Luciano

descreve os soldados, seu armamento e posição. Há aí certamente reminiscência dos catálogos

formais dos combatentes, cujo protótipo está obviamente no segundo canto da Ilíada, mas que se

apresentam também no interior de narrativas historiográficas²²⁰. É importante observar, contudo,

que apesar dos exércitos serem compostos por seres fantásticos, a descrição que Luciano faz é

bastante sóbria, naquele estilo que ele próprio resume como "chamar um figo de um figo" (Como

se deve escrever a História, 41). Tendo ouvido coisas maravilhosas, ele recusa-se até mesmo

falar a respeito dos Pardais-Glandes e dos Cavalgagrous (I.13), combatentes aliados de Endímion

que não comparecem para o embate, relembrando o leitor de seu compromisso com a verdade e

assim garantindo-lhe que tudo aquilo que narra é digno de credibilidade²²¹. Eis um quadro das

forças dos Selenitas e dos Heliotas:

Selenitas:

Cavalabutreiros (80 mil)

Asas-de-Alface (20 mil)

Lança-Milhos e Bate-Alhos (soldados ligeiros?)

Pulgarqueiros (30 mil - arqueiros)

Pés-de-Vento (50 mil: peltastes)

Infantaria (60 milhões)

Heliotas:

Cavaloformigueiros (50 mil)

Aeromosquitos (50 mil - arqueiros)

²²⁰ Georgiadou & Larmour (Lucian's Science Fiction Novel Verae Historiae, Leiden: Brill, 1998) e A. Bartley ("The implications of the reception of Thucydides within Lucian's 'Vera Historia'". Mnemosyne, no.131, 2003.) notam

possíveis influências de Tuc.4.93; 5.68; Xen.Na.1.8.4-9; Cyrop.7.1. ²²¹ Cf. Tuc.3.113; 5.68; Hdt.1.193.

127

Aerodançarinos (infantes e soldados ligeiros, em especial fundeiros) Cogumetalos (milhares – hoplitas) Cães-Glandes (5 mil)

O combate, como Luciano o descreve, é na maior parte aéreo (ἀερομαχία, I.18), o que está de acordo com a idéia de um combate travado no céu. Os Cavalabutreiros, Asas-de-Alfaces, Cavaloformigueiros e Cães-Glandes aparentam fazer às vezes de cavalarianos "alados" e, embora Luciano não o diga, os nomes "Lança-Milhos" e "Bate-Alhos" parecem indicar que esses são soldados ligeiros²²². Estão presentes no éxercito selenita, pela descrição de Luciano, os três tipos de equipamento no qual se poderia dividir a infantaria helena (cf. Arriano, *Tactica*, 3.1-4): o dos hoplitas (τὸ ὁπλιτικόν), o dos soldados ligeiros (τὸ ψιλόν) e o dos peltastes (τὸ πελταστικόν)²²³.

O humor na descrição dos combatentes advém, como em outras passagens do poema, em mesclar o que é "realístico" com o que é fantástico; a fantasia aqui diz respeito sobretudo a objetos e seres familiares apresentados em um contexto completamente diverso do que lhe é normal e às proporções que eles tomam. Curioso, no mínimo, é o que se pode dizer de dois exércitos que se enfrentam com equilíbrio quando um conta com algumas centenas de milhares e o outro, com uma infantaria de sessenta milhões de soldados!

Scarcella observa que o hibridismo desses seres que formam o exército é quase sempre criado ao se misturarem dois animais ou um animal e um objeto²²⁴, mas há que se observar que os legumes são estranhamente o objeto mais recorrente nessa descrição dos exércitos, principalmente suas armas: "o equipamento de todos era o mesmo: elmos de favas – entre eles, as

_

²²² As tropas ligeiras incluíam arqueiros tanto infantes quando montados, fundeiros, lanceiros e peltastes. M. Sage. Warfare in Ancient Greece. London: Routledge, 1996, p.40. Sua atuação, porém, não costumava ser decisiva nas batalhas, sendo útil principalmente no reconhecimento e no apoio às falanges hoplitas. Cf. M. Sage, op.cit., p.40-6; 141-7, 207, W. Pritchett menciona alguns casos em que as tropas ligeiras de dois exércitos embatiam-se antes do conflito entre os hoplitas. Esse combate não era considerado decisivo e logo que se encerrasse e o μεταίχμιον, o campo entre os dois exércitos, estivesse livre, as trombetas soavam anunciando o conflito hoplita, esse, sim, decisivo. The Greek State War – Part IV. Berkeley, University of California, 1985, p.51-4.

 $^{^{223}}$ O armamento dos hoplitas era o mais pesado e dava-lhes pouca agilidade, sendo constituído de couraça, escudo, espadas e lanças; os soldados ligeiros, por sua vez, não usavam couraças, escudos, capacetes e grevas, o que lhes dava grande mobilidade; quanto aos peltastes, eles utilizavam um equipamento intermediário, composto de um escudo menor (chamado $\pi \epsilon \lambda \tau \dot{\eta}$, em formato de lua crescente) e lanças mais leves do que aquelas dos hoplitas.

A. M. Scarcella: "I personaggi, clamorosamente fantastici, di queste VH, sono construiti, oseremmo dire, realisticamente. Essi nascono infatti dalla fusione di elementi sicuramente esistenti *in rerum natura*, ma esistenti di per sé, indipendentemente l'uno dall'altro. L'arguzia dello scrittore consiste nell'accoppiarli, in una commistione che è contraria non soltanto alle leggi della natura (il che per il 'lettore modello' di cultura greca doveva apparire comme il vertice dell'assurdità), ma anche alle leggi della logica elementare". "Luciano, le 'Storie Vere' e il *furor mathematicus*". Giornale Italiano di Filologia. Vol.37, 1985. p.249-57.

favas são enormes e resistentes – e couraças todas cobertas de tremoços, pois fazem couraças ao costurar juntas as cascas das favas dos tremoços – lá a casca da fava era inquebrável como um chifre. Escudos e espadas eram tais quais as gregas "225". Na ocasião da batalhas entre humanos e raças marinhas e da batalha das ilhas, por sua vez, as armas utilizadas estão de acordo com o contexto em que se realiza o conflito, estando as raças marinhas armadas de espinhas de peixe e os combatentes das ilhas com polvos (que faziam as vezes de arpéus), ostras do tamanho de um carro e esponjas de um pletro.

Pode haver na composição da mílicia selenita e heliota, com efeito, uma alusão ao poema *Batracomiomaquia*, no qual ratos e rãs se armam com pequenos objetos e vegetais para o combate, mas enquanto o poeta da *Batracomiomaquia* empenha-se em parodiar o estilo épico na descrição do armamento dos animais, Luciano imita os historiadores - gregos²²⁶. A descrição da formação dos exércitos ignora o modo romano de se fazer a guerra, com suas legiões de *velites*, *hastati*, *principes* e *triarii* e baseia-se, sobretudo, na milícia do período helenístico²²⁷.

Além da comicidade provocada pelo uso inusitado de objetos e animais cujo uso na Terra nada tem de bélico, Luciano consegue também engendrar humor pelas escolhas que faz: Ollier observa, por exemplo, que o tamanho diminuto dos grãos de milho torna-os cômicos se usados como projéteis pelos Lança-Milhos²²⁸. Os Nuvocentauros, por sua vez, cuja constituição difere de todos os outros combatentes, podem ser uma alusão velada à passagem da comédia *As Nuvens* na qual Sócrates pergunta a Estrepsíades se acaso ele vira uma nuvem parecida com um centauro (v.346)²²⁹.

_

²²⁵ Ι.14: σκευή δ πάντων ή αὐτής κράνη μ ν ἀπὸ τῶν κυάμων, μεγάλοι γὰρ παρ' αὐτοῖς οἱ κύαμοι καὶ καρτεροίς θώρακες δ φολιδωτοὶ πάντες θέρμινοις τὰ γὰρ λέπη τῶν θέρμων συρράπτοντες ποιοῦνται θώρακας, ἄρρηκτον δ ἐκεῖ γίνεται τοῦ θέρμου τὸ λέπος ὥσπερ κέραςς ἀσπίδες δ καὶ ξίφη οἶα τὰ Ἑλληνικά...

²²⁶ Eis como é descrito o armamento dos ratos (v..123-131): "Ares equipou-os, ocupado da guerra./ Primeiro ajustaram cnêmides bipartidas:/ frangiram favas verdes, cobriram coxas./ Eles mesmos, a postos, as roeram de noite./ Armaduras de couros cobertos de cálamo/ hábil preparam com pele de doninha./ O escudo, umbigo de lâmpada. A lança,/ aguda agulha, obra de Ares todo de bronze./ O Capacete na cabeça, casca de grão-de-bico". E o das rãs (v.161-165): "Folhas de malvas cobriram coxas,/ armaduras de belas acelgas verdes,/ bem elaboraram escudos, folhas de couves;/ cada uma ajustou longo agudo junco, lança;/ chifres de finos caramujos cobriam as cabeças". Tradução de Fabrício Possebon. Homero. *Batracomiomaquia*. São Paulo: Humanitas, 2003.

Para uma descrição detalhada do armamento do exército romano, cf. Políbio, VI.22-23.

²²⁸ Lucien. *Histoire Vraie* (édition, introduction et commentaire de F. Ollier). Paris: Presses Universitaires de France, 1962, p.20. Georgiadou & Larmour observam, porém, a existência de uma pedra bastante dura com o nome *cenchros*, da família das *adamas* (Plínio, HN.37.57). *Lucian's Science Fiction Novel Verae Historiae*, Leiden: Brill, 1998, p.102.

Também o encontro com Endímion aparenta ser composto em alusão à comédia *As Aves*: "in Ar.Av.92, Peiseitaros first meets Tereus, who is now a bird, but was formerly king of Thrace. Endymion is a man who used to live on earth but is now king of the Moonites. In each case, the figure first encountered provides a link between the

Para o combate entre os humanos e as raças marinhas no interior da baleia, não há exatamente um catálogo das forças opostas, pois as informações sobre os inimigos e seu armamento – espinhas de peixe – são dadas por Cíntaro a Luciano e seus companheiros (I.35). Além disso, o que contribui para a ausência do catálogo é o fato de que o conflito, que tem duração de três dias, inicia-se com uma emboscada, diferentemente do que acontece entre os guerreiros selenitas e heliotas, que seguem a conduta dos gregos na guerra, havendo uma batalha combinada que só tem início quando soam os avisos dos exércitos.

Quanto ao combate das ilhas, o que se tem não é um catálogo, mas uma descrição dos gigantes que navegam as ilhas e o seu modo de combate: cento e vinte homens navegando em ilhas de dezoito quilômetros de perímetro, sendo que quarenta deles lutavam, enquanto os demais remavam. Dessa batalha, Luciano participa apenas como observador maravilhado. Já sobre a guerra travada entre os Ímpios e os Bem-Aventurados, Luciano apenas informa quem eram os líderes de cada um dos lados - Faláris, Busíris, Diomedes, e os seguidores de Círon e Pitiocampte, dos Ímpios, e Aquiles, Ájax e Teseu pelos Bem-Aventurados. Luciano exalta ainda as participações de Aquiles e de Sócrates que, segundo Luciano, "posicionado à direita, também foi um dos melhores, muito mais do que, quando vivo, lutou em Délion, pois ao atacarem quatro inimigos, não fugiu, e sua expressão manteve-se inalterada"²³⁰.

Muitos falam acerca da bravura de Sócrates em Délion. Diógenes Laércio (2.22-3) diz que Sócrates salvou a vida de Xenofonte na batalha, assim como Estrabão (IX.2.7), e seu desempenho nela é elogiado também por Platão em Laques²³¹. Aliás, a atitude de Sócrates durante o combate em que luta ao lado dos Bem-Aventurados é exatamente aquela que Laques define como a de um homem corajoso (ἀνδρεῖος): permanecer em sua posição, enfrentando os inimigos, sem fugir²³². Ateneu (215C-216C), todavia, põe em dúvida esses relatos, afirmando que nenhum historiador, poeta ou orador menciona a participação de Sócrates na batalha de Délion²³³. Luciano, por sua vez, zomba da suposta bravura de Sócrates nos seus Diálogos dos Mortos (4).

human and heavenly realms". Georgidou & Larmour. Lucian's Science Fiction Novel Verae Historiae. Leiden: Brill, 1998, p.98.

 $^{^{230}}$ II. 23 : ἠρίστευσε δ καὶ Σωκράτης ἐπὶ τῷ δεξιῷ ταχθείς, πολὺ μᾶλλον ἢ ὅτε ζῶν ἐπὶ Δηλίῳ ἐμάχετο. προσιόντων γάρ τεττάρων πολεμίων οὐκ ἔφυγε καὶ τὸ πρόσωπον ἄτρεπτος ην

¹⁸¹Α: ἐν γὰρ τῆ ἀπὸ Δηλίου φυγῆ μετ' ἐμοῦ συνανεχώρει, κάγώ σοι λέγω ὅτι εἰ οἱ ἄλλοι ἤθελον τοιοῦτοι ε ναι, όρθη ἂν ήμῶν ή πόλις ην καὶ οὐκ ἂν ἔπεσε τότε τοιοῦτον πτῶμα.

 $^{^{232}}$ Laques, 190E· εἰ γάρ τις εθέλοι εν τῆ τάχει μένων ἀμύνεσθαι τοὺς πολεμίους καὶ μὴ φεύγοι.

²³³ Georgiadou & Larmour. *Lucian's Science Fiction Novel Verae Historiae*. Leiden: Brill, 1998, p.207.

É interessante observar, contudo, que ao destacar o filósofo como um dos melhores na batalha entre os Ímpios e os Bem-Aventurados, Luciano posiciona Sócrates à direita (ἐπὶ τῷ δεξιῷ ταχθείς). É também à direita que Luciano se coloca na batalha entre os selenitas e os heliotas, junto aos Cavalabutreiros e ao rei, que tinha "os melhores em torno de si" (I.15: τὸ μὲν δεξιὸν κέρας εἶχον οἱ Ιππόγυποι καὶ ὁ βασιλεὺς τοὺς ἀρίστους περὶ αὐτὸν ἔχων. καὶ ἡμεῖς εν τούτοιςσ ἡμεν). Essa indicação do arranjo das forças é feita detalhadamente na batalha entre a Lua e Sol e aparece também naquela entre os humanos e as raças marinhas no interior da baleia: os Salmouros ocupam a ala direita, liderados por Serrajão; os Cabeças-de-Atum, a esquerda, e os Μᾶοs-de-Caranguejo, o meio (I.38: τὸ μ ν δεξιὸν κέρας ἔχοντες οἱ Ταριχᾶνες – ἡγεῖτο δ αὐτῶν Πήλαμος – τὸ δ εὐώνυμον οἱ Θυννοκέφαλοι, τὸ μέσον δ οἱ Καρκινόχειρες). Mais do que repetir uma representação da ordem dos exércitos encontrada em obras historiográficas, Luciano está indicando com esse posicionamento, ao menos no caso dos Selenitas e dos Bem-Aventurados, quem está na posição de honra:

Quando se dava a ordem grega completa de uma batalha (*diatáxis*), a falange poderia estar dividida em três partes: o centro e duas alas (*kérata*). As três divisões eram normalmente chamadas *tò déxion*, *tò méson* e *tò euónymon*, com ou sem a palavra *kéras*. Asclepiodoto (3.1) diz que os homens mais corajosos eram postos na direita da ala direita, o segundo e terceiro grupos em ordem de valor na esquerda e direita, respectivamente, da ala esquerda e o quarto grupo na esquerda da ala direita. Na disputa entre Atenas e Tegea antes da batalha de Platéia, as duas cidades concordaram que a ala direita como posto de honra e perigo pertencia aos Lacedemônios (Her.9.26-7). De acordo com Plutarco (Aristides 16), a ala direita era a posição da liderança (τὴν ἡγεμονίαν παραδιδόντων)²³⁴.

É claro que está se falando aí do posicionamento de uma falange hoplita. Contudo, Luciano parece ter a intenção de representar nas batalhas que cria em *Das Narrativas Verdadeiras* essa relação entre posicionamento e excelência (ἀριστεία) no combate. Não por

²³⁴ W. K. Pritchett. *The Greek State at War – Part II*. Berkeley: University of California Press, 1975, p.190-1. Prichett informa ainda que outras passagens indicam a ala direita como posição de honra: Heródoto 6.111; Euripides *Supll*.657 e Aristóteles, *Constituição de Atenas*, 3.2. O autor faz ainda uma tabela com todas as indicações sobre o posicionamento nas batalhas dadas por historiadores.

acaso, a ala direita dos selenitas, na qual se encontra Luciano, inicia a batalha com vantagem, pois a ala esquerda dos Heliotas foge antes mesmo que aconteça o embate entre os exércitos²³⁵.

3.2. A descrição da batalha

Com relação à descrição de uma batalha, Luciano aconselha o historiador, em *Como se deve escrever a História*, a ser imparcial e a descrever a ação no conjunto, sem se deter no relato de μονομαχίας, batalhas individuais, a não ser que haja um herói em combate (49.1-13):

Καὶ ὅλως ἐοικέτω τότε τῷ τοῦ Ὁμήρου Διὶ ἄρτι μ ν τὴν τῶν ἱπποπόλων Θρῃκῶν γῆν ὁρῶντι, ἄρτι δ τὴν Μυσῶν—κατὰ ταὐτὰ γὰρ καὶ αὐτὸς ἄρτι μ ν τὰ Ῥωμαίων ἴδια ὁράτω καὶ δηλούτω ἡμῖν οἶα ἐφαίνετο αὐτῷ ἀφ' ὑψηλοῦ ὁρῶντι, ἄρτι δ τὰ Περσῶν, ε τ' ἀμφότερα εἰ μάχοιντο. καὶ ἐν αὐτῆ δ τῆ παρατάξει μὴ πρὸς ž ν μέρος ὁράτω μηδ ἐς ἕνα ἱππέα ἢ πεζόν—εἰ μὴ Βρασίδας τις εἴη προπηδῶν ἢ Δημοσθένης ἀνακόπτων τὴν ἐπίβασιν· ἀλλὰ ἐς τοὺς στρατηγοὺς μ ν τὰ πρῶτα, καὶ εἴ τι παρεκελεύσαντο, κἀκεῖνο ἀκηκούσθω, καὶ ὅπως καὶ ἦτινι γνώμῃ καὶ ἐπινοίᾳ ἔταξαν. ἐπειδὰν δ ἀναμιχθῶσι, κοινὴ ἔστω ἡ θέα, καὶ ζυγοστατείτω τότε ὥσπερ ἐν τρυτάνῃ τὰ γιγνόμενα καὶ συνδιωκέτω καὶ συμφευγέτω.

Em suma, que ele se pareça com o Zeus de Homero, ora olhando para a terra dos ginetes Trácios, ora para a dos Mísios – pois dessa mesma forma que também ele ora olhe para o lado dos Romanos por sua própria conta e demonstre-nos como a ele parecia, olhando-o de cima, ora para o lado dos Persas, se os dois estiverem lutando. E na batalha, que não olhe para uma só parte nem para um só cavaleiro nem para um só infante – se ele não for algum Brasidas ou Demóstenes repelindo um ataque. Mas que olhe primeiramente para os generais (e se fizerem alguma exortação, que ele a tenha escutado) e para como e com que intenção e plano posicionaram-se. Quando os exércitos embaterem-se, que sua observação

_

²³⁵ Pritchett enumera exemplos de fuga de soldados antes mesmo de se dar o contato entre os exércitos: Tuc.5.10.8; Xen.Anab.1.8.17-20; Herod.6.14; Xen.Anab.6.5.27; Xen.Hell.3.2.17; Hell.4.3.17; 4.8.38-9. *The Greek State at War – Part II.* Berkeley: University of California Press, 1975, p. 203.

seja imparcial, e que então pondere os eventos como em uma balança e tome parte na perseguição e na fuga.

É importante observar, portanto, que Luciano possui os seus próprios preceitos de como deve se realizar a descrição de uma batalha em um texto historiográfico. Ao criar batalhas fictícias e fantásticas em *Das Narrativas Verdadeiras*, estaria ele seguindo tais preceitos?

A batalha entre os Selenitas e os Heliotas começa com os primeiros tendo vantagem do lado direito, mas com seu lado esquerdo dominado, com os Aeromosquitos, soldados de Faetonte, avançando até a infantaria de Endímion. A reviravolta se dá quando os da esquerda selenita recebem auxílio: "eles então começaram a fugir daqueles que vinham em socorro, debandando, sobretudo depois que perceberam vencidos os da sua esquerda" (I.17: ἐνταῦθα δ κἀκείνων ἐπιβοηθούντων ἔφυγον ἐγκλίναντες, καὶ μάλιστα ἐπεὶ ἤσθοντο τοὺς ἐπὶ τῷ εὐωνύμῳ σφῶν νενικημένους). Nessa passagem, Luciano usa uma construção bastante comum nos historiadores gregos tardios:

O substantivo ἔγκλιμα com o significado de "debandada" é infrequente, mas o verbo εγκλίνω é frequentemente combinado com o verbo "fugir" (εγκλίναντας φεύγειν) para indicar o colapso geral de uma formação inteira. O sentido aí apresentado não é de rompimento da formação, mas de debandada completa. O uso militar não é encontrado em Heródoto ou Tucídides, mas ocorre na *Hellenika* de Xenofonte e torna-se comum em autores tardios (Políbio, Arriano e outros)²³⁶.

O que se segue é uma aparente derrota dos Heliotas, com muito sangue caindo sobre as nuvens, que então se tingem de vermelho. Nessa ocasião, Luciano deixa de narrar os eventos da batalha para fazer uma interpretação "racional" de uma passagem homérica: aquela na qual o

²³⁶ "Mauersberger, in the Polybios-Lexicon (p.611), lists twenty-two examples of \aleph γκλίνω in a military context, most frequently with ψεψγειν. Sometimes, the general rout took place after a lenghty struggle, as at Kaphyai (4.12.7). At other times, the formation in question did not wait for hand-to-hand fighting, but \aleph νέκλιναν, as at Kynoskephalai (18.25.7). The formation is never less than a wing, e.g. τὸ εὐώνυμον πᾶν in 5.84.10. The flight is disorganized (σποράδην)". Na batalha entre os humanos e as raças marinhas, o verbo usado para indicar a fuga ϵ τρέπουσιν). Ainda segundo Pritchett, "the word τροπή and τρέπω may be used for a rout. The noun occurs in a battle context twice in Herodotos and fifteen times in Thucydides. However, the two words, standing alone without ψεψγειν, do not always have the meaning of the English 'rout'. They may mean no more than the enemy turned about and withdrew only to renew the battle". W.K. Prittchett. *The Greek State at War*, Part II, Berkeley: University of California, 1975, p.69-71.

poeta diz que Zeus fez chover sangue pela morte de Sarpédon (xvi.458-61). O que Luciano faz então é semelhante ao que ele faz também quando descreve a Ilha dos Sonhos: ao "corrigir" Homero, em vez de oferecer uma versão desprovida de mitos, Luciano apresenta uma versão ainda mais fabulosa. Assim, o que em Homero é uma vontade de Zeus, em *Das Narrativas Verdadeiras*, é consequência de uma sangrenta batalha entre seres híbridos e gigantescos pelo direito de colonizar a Estrela-da-Manhã.

Em seguida, porém, novos fatos se sucedem, com o ataque surpresa dos Nuvocentauros, cuja quantidade Luciano não registra, uma vez que o considera inacreditável para o leitor. Aí também há uma alteração cômica nos métodos historiográficos. Tucídides, por exemplo, decide não mencionar o número de mortos ambraciotas na batalha em Idomene (3.113) por considerar as versões inacreditáveis com relação à importância da cidade. Não é esse o caso aqui. Luciano é testemunha ele próprio do ataque dos Nuvocentauros, privando-se de registrar o número de combatentes por considerar que era "muito para recear contá-lo, pelo menos a gente que viu pouco do mundo: porque esta, como viu pouco, também costuma dar pouco crédito ao muito que outros viram"²³⁷. Registrar o número de Nuvocentauros significaria colocar em risco a credibilidade do narrador no restante do seu relato.

Com o ataque surpresa dos Nuvocentauros, a reviravolta na batalha entre os selenitas e heliotas é completa: acreditando-se vencedores, os selenitas já haviam erguido dois troféus, quando são sobrepujados. A ação é assim descrita por Luciano:

ἐπεὶ δ ἤσθοντο τοὺς φίλους νενικημένους, ἐπὶ μ ν τὸν Φαέθοντα ἔπεμπον ἀγγελίαν αὖθις ἐπιέναι, αὐτοὶ δ διαταξάμενοι τεταραγμένοις ἐπιπίπτουσι τοῖς Σεληνίταις, ἀτάκτως περὶ τὴν δίωξιν καὶ τὰ λάφυρα διεσκεδασμένοις· καὶ πάντας μ ν τρέπουσιν, αὐτὸν δ τὸν βασιλέα καταδιώκουσι πρὸς τὴν πόλιν καὶ τὰ πλεῖστα τῶν ὀρνέων αὐτοῦ κτείνουσιν·

Quando perceberam que seus amigos haviam sido vencidos, enviaram a Faetonte a mensagem de que atacavam novamente; e eles, depois de se distruibuírem, caem sobre os perturbados Selenitas, desorganizadamente dispersos na perseguição e no espólio. Fazem todos voltarem, perseguem o próprio rei até a cidade e matam a maioria de suas aves.

²³⁷ Fernão Mendes Pinto. *Peregrinação*. Cap.XIV. versão de M.A. Menéres. Lisboa: Edições Afrodite, 1971.

O que se pode observar nessa passagem é que Luciano utiliza o chamado "presente histórico". Em duas outras situações de conflito, ele se vale dessa mesma técnica narrativa: na batalha das ilhas (I.42) e na perseguição a Ciniras, que havia partido da Ilha dos Bem-Aventurados depois de raptar Helena (II.26):

τέλος δ νικῶσιν οἱ τοῦ Αἰολοκενταύρου καὶ νήσους τῶν πολεμίων καταδύουσιν ἀμφὶ τὰς πεντήκοντα καὶ ἑκατόν· καὶ ἄλλας τρεῖς λαμβάνουσιν αὐτοῖς ἀνδράσιν·

Por fim, os de Ágilcentauro vencem e submergem cerca de cento e cinqüenta ilhas dos inimigos. E tomam outras três, com os homens.

οί δ ύπὸ προθυμίας ἐλαύνοντες περὶ μεσημβρίαν καταλαμβάνουσιν αὐτοὺς ἄρτι ἐς τὸν γαλακτώδη τοῦ ἀκεανοῦ τόπον ἐμβαίνοντας πλησίον τῆς Τυροέσσης.

Cerca de meio-dia, aqueles que os perseguiam com ardor prendem-nos no momento em que entravam em um local leitoso do oceano, perto de Queijosa.

Em todas as passagens citadas, a narração, que estava sendo feita em tempos passados, sofre uma mudança brusca, passando para o presente do indicativo. Em seguida, a narrativa volta a ser pretérita. Pouco se discutiu o presente histórico na Antiguidade, sendo de Pseudo-Longino a passagem mais conhecida (*Do Sublime*, XXV)²³⁸:

Όταν γε μὴν τὰ παρεληλυθότα τοῖς χρόνοις εἰσάγης ὡς γινόμενα καὶ παρόντα, οὐ διήγησιν ἔτι τὸν λόγον ἀλλ' ἐναγώνιον πρᾶγμα ποιήσεις. "πεπτωκὼς δέ τις" φησὶν ὁ Ξενοφῶν "ὑπὸ τῷ Κύρου ἵππῳ καὶ πατούμενος παίει τῇ μαχαίρα εἰς τὴν γαστέρα τὸν ἵππον· ὁ δ σφαδάζων ἀποσείεται τὸν Κῦρον, ὁ δ πίπτει." τοιοῦτος ἐν τοῖς πλείστοις ὁ Θουκυδίδης.

Quando representas fatos pertencentes ao passado como atuais e presentes, teu discurso não será uma narração, mas uma ação dramática. "Um soldado", diz Xenofonte, "tendo caído sob o cavalo de Ciro e sendo pisoteado, bate com sua espada o ventre do animal; o animal cabriteia e vira Ciro, que cai". Essa figura é muito freqüente em Tucídides.

²³⁸ Tradução de F. Hirata. Longino. *Do Sublime*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

O presente histórico é frequente em textos do período clássico, mas quase ausente na prosa historiográfica do período helenístico, voltando depois a ser utilizado, sob a influência do Aticismo. Sicking & Stork, analisando o que preferem nomear de presente diegético (em vez de "presente histórico") em autores do período clássico (incluídos Heródoto, Tucídides e Xenofonte), chegam à conclusão de que o que eles buscavam, ao utilizar-se do presente em uma narração de fatos passados, não era o efeito de dramaticidade. Os mesmos autores apontam, contudo, que o fato de Longino fazer tal afirmação, enquanto o retor Aristides diz que o recurso produz *aphéleia*, simplicidade, parece indicar que já neste período da antiguidade, a função original do presente diegético não era mais conhecida²³⁹.

Nas passagens de *Das Narrativas Verdadeiras* citadas, a função do presente histórico parece ser a de indicar o momento decisivo no qual um conflito se resolve. É o que acontece na batalha entre heliotas e selenitas, quando a ação dos Nuvocentauros determina a vitória dos primeiros. É também a vitória dos soldados de Agilcentauro o que se anuncia na passagem em presente histórico da batalha das ilhas. Quanto à última passagem, ela anuncia a resolução da crise provocada pelo rapto de Helena por Ciniras. O uso do presente histórico é feito com alguma frequência em *Das Narrativas Verdadeiras*, mas, no caso específico dos conflitos, destaca o seu momento de resolução.

Se, por um lado, a batalha entre os heliotas e selenitas segue a convenção de uma antiga batalha grega, sendo combinada e iniciada por sinais sonoros²⁴⁰, por outro, o conflito entre os humanos e as raças marinhas tem início com uma emboscada de vinte e cinco homens, preparada para surpreender os Pés-de-Linguado e os Sirinos quando eles atacassem Cíntaro. Interessante observar que primeiramente a palavra utilizada por Luciano para "emboscada" é λόχος (I.37.2: λόχον τινὰ προτάξαντες ἀνδρῶν πέντε καὶ εἴκοσι), pois, segundo observa Pritchett, o

-

²³⁹ C.M.J. Sicking & P. Stork. "The grammar of the so-called historical present in ancient greek". In: E., Bakker. (ed.). *Grammar as Interpretation: Greek Literature in its Linguistic Contexts*. Leiden: Brill, 1997, p.131-168. Sicking & Stork concluem que a função primária do presente diegético é "to lift out from their context those narrative assertions that are essential for what the speaker has stated to be his immediate concern" (p.165). Consideram esse uso como um fenômeno gramatical, antes de estilístico, que permite ao autor de uma narrativa organizá-la de forma a deixar evidente o que é de importância primária e o que é de importância secundária. Embora não rejeitem a idéia de que o presente histórico possa dar vivacidade a um texto, não acreditam que essa tenha sido sua primeira função.

²⁴⁰ Políbio resume essas convenções em XII.3.2-7, declarando que os antigos consideravam digno ganhar pelo dolo, que apenas a batalha corpo-a-corpo era decisiva, que a guerra era declarada, e a intenção da batalha era enunciada, bem como o local onde ela se daria.

substantivo λόχος, comum em Homero, Píndaro e nos tragediógrafos no sentido de "emboscada", é substituído nos historiadores depois de Tucídides pela palavra ενέδρα, que Luciano também utiliza nessa passagem, mais adiante (I.37.3: τοῖς ἐν τῆ ἐνέδρα)²⁴¹.

No combate travado entre os heróis homéricos, a emboscada não era incomum e considerava-se que, para participar dela, era necessário coragem²⁴². Idomeneu chega mesmo a afirmar que é na emboscada que o valor dos homens é melhor discernido (XIII.277: ἐς λόχον, ἔνθα μάλιστ' ἀρετὴ διαείδεται ἀνδρῶν). Com relação aos historiadores, porém, somente em Políbio é possível discutir que juízo se fazia da emboscada. Segundo seu testemunho, Aníbal era excelente nesse tipo de estratégia e as emboscadas foram decisivas nas batalhas ganhas pelos Cartaginenses (III.83.5, 84.1) e naquela em Gerônio (3.105). Contudo, observando a raridade do uso de emboscadas pelos gregos e romanos, Políbio parece caracterizar a emboscada como algo pouco honroso, ao afirmar, por exemplo, que os cretenses tanto por mar quanto por terra são irresistíveis em emboscadas, pilhagens, ataques noturnos e todo o tipo de operação que requeira dolo, mas são covardes e inseguros no combate corpo-a-corpo²⁴³. Políbio, além disso, caracteriza a emboscada como algo άδικως e άγεννῶς, feita sem justiça e sem honorabilidade. Para Pritchett, "um escritor como Políbio, ao discutir as convenções da guerra, deve ter ecoado o espírito do seu tempo e provavelmente das gerações anteriores também, quando ele faz uma distinção entre as batalhas gerais, que eram caracterizadas como $\delta\iota\kappa\alpha\iota\omega\zeta$ e $\gamma\epsilon\nu\nu\alpha\iota\omega\zeta$ e emboscadas que eram άδίκως e άγενναίως"²⁴⁴.

A conduta de Luciano, Cíntaro e seus companheiros não parece, de fato, estar de acordo com as convenções, ao surpreenderem os Pés-de-Linguado e os Sirinos sem uma declaração de guerra. Tal fato é significativo na construção do episódio, indicando que Luciano e seus companheiros se abstém de seguir uma conduta convencional por considerarem as raças marinhas selvagens e indignas. A essa conclusão pode-se chegar também ao se verificar de que modo, ao serem vitoriosos, eles decidem tratar os vencidos.

-

²⁴¹ W.K. Pritchett. The Greek State at War – Part II. Berkeley: University of California Press, 1975, p.178. "I have found no example of ἐνέδρα earlier than Thucydides and only scattered examples of λόχος with this meaning after Euripides and Herodotus" (p.178). Para a discussão sobre emboscadas, idem, p.177-189.

²⁴² cf. I.227; IV.392; XII.277; XXIV.779, xiv.217.

²⁴³ IV.8.11: Κρήτες δὲ καὶ κατὰ γῆν κατὰ θάλατταν πρὸς μὲν ἐνέδρας καὶ ληστείας καὶ κλοπὰς πολεμίων καὶ νυκτερινὰς ἐπιθέσεις καὶ πάσας τὰς μετὰ δόλου καὶ κατὰ μέρος χρείας ἀνυπόστατοι, πρὸς δὲ τὴν ἑξ ὁμολόγου καὶ κατὰ πρόσωπον φαλλαγγηδὸν ἔφοδον ἀγγενεῖς καὶ πλάγιοι ταῖς ψυχαῖς·

W.K. Pritchett. *The Greek State at War – Part II*. Berkeley: University of California Press, 1975, p.187.

Pode-se observar a partir da análise feita até aqui, que Luciano se empenha em representar na sua descrição das batalhas que ocorrem *em Das Narrativas Verdadeiras* um certo método historiográfico, ora ecoando expressões freqüentes em historiadores²⁴⁵, ora decidindo-se por não apresentar informação que poderia ser considerada indigna de crédito, e o tempo todo relatando a ação dos guerreiros como uma unidade, sem se deter em uma só parte, nem em um só cavaleiro nem em um só infante, o que configuraria o modo épico de se narrar a guerra. A comicidade dessas passagens resulta principalmente do fato de Luciano se valer de um tom narrativo baseado no método historiográfico para narrar uma matéria repleta de fantasia.

A batalha entre os Ímpios e os Bem-Aventurados, contudo, é relatada de forma muito sucinta, sem que Luciano mencione o posicionamento dos dois grupos conflitantes, suas armas e o desenrolar do combate. Esse conflito parece, portanto, apresentar-se no interior da narrativa com função diversa dos outros e Brandão resume o que acredito ser, de fato, o motivo pelo qual Luciano insere a batalha dos Bem-Aventurados em seu relato, sem desenvolvê-la²⁴⁶:

Nesse mundo dos mortos cada qual como que repete ciclicamente aquilo que de mais próprio fez em vida: disputando em concurso, Homero perde o primeiro lugar para Hesíodo, embora tenha sido o melhor; ocorrendo uma batalha entre os bem-aventurados e os condenados, que haviam escapado de suas prisões, Homero 'escreve também essa guerra' (...). Tersites, Ájax, Helena, Menelau, Aquiles – todos, reduzidos, como o poeta, a meras sombras – repetem ações cíclicas que são, elas também, sombras das que realizam nos contos homéricos.

Não por acaso, a ocorrência da batalha oferece a Luciano a possibilidade de dizer que Aquiles foi o melhor – confirmando o seu desempenho na *Ilíada* – e que Sócrates foi também um dos melhores, recebendo como prêmio a construção da Necracademia, onde convidava amigos para dialogar (II.23), repetindo *aquilo que de mais próprio* ele fizera em vida.

138

²⁴⁵ Outras ocorrências de vocabulário tucididiano observada pelos comentadores são: παρασκευή (I.11.1; I.91.7); τετάχατο (forma jônica, V.6.5); λαμπρός (I.49.7; 7.55.1); ατάκτως (II.91.4; III.108.3; V.9.3; VII.53.2); κατέδραμον (VIII.92.3); αἴτια δὲ τοῦ πολέμου (.I.99.1).

²⁴⁶ J.L. Brandão. *A Poética do Hipocentauro*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 245.

3.3. O tratamento dispensado aos vencidos

Tanto no episódio da batalha entre selenitas e heliotas quanto na batalha entre humanos e raças marinhas, Luciano relata quais foram suas consequências. Com relação à primeira, os selenitas enviam arautos aos heliotas suplicando a demolição do muro que impedia a passagem de luz até a Lua, com a promessa de tornarem-se aliados, pagar impostos e devolver os prisioneiros (I.19). Essa oferta é aceita pelos heliotas. Quanto às raças marinhas, vencidas em dois dias de luta, elas recolhem os corpos de seus mortos e propõem um acordo (I.39), mas essa proposta não é bem-recebida pelos humanos. Em ambos os casos, pode-se observar o respeito por duas convenções dos gregos com relação à guerra: a possibilidade dada aos vencidos de recolher os corpos de seus mortos e o respeito aos arautos, independente do fato da resolução do conflito ser pacífica ou não²⁴⁷.

É interessante observar como as disposições gerais do tratado de paz estão de acordo com os registros historiográficos. Como já foi dito anteriormente, os selenitas comprometem-se a tornarem-se aliados, a devolver os prisioneiros e a pagar impostos. Além disso, fica assegurado pelo tratado que eles não devem portar armas contra os heliotas, devem deixar livres os demais astros autônomos e devem dar dez mil de seus cativos aos heliotas; o imposto fica estabelecido em dez mil ânforas de orvalho. Por outro lado, os heliotas também cedem e decide-se que eles devem devolver os prisioneiros que fizeram durante a batalha após o pagamento de resgate por cada um deles e que farão com os selenitas a colonização da Estrela-da-Manhã. O imposto pago em orvalho é, como observa Ollier, bastante apropriado, uma vez que ele é produzido na ausência do sol²⁴⁸.

Os críticos, seguindo Stengel, em geral relacionam o tratado entre os habitantes da Lua e do Sol com aquele feito entre Atenienses e Lacedemônios e relatado por Tucídides (V.18-19). Bompaire, porém, sugere que os termos por Luciano utilizados são os mais gerais e que não haveria, de fato, necessidade de se estabelecer um paralelo entre os dois acordos: as disposições do tratado criado por Luciano seriam reminiscências reconhecidas por qualquer um familiarizado

.

²⁴⁷ J. Romilly resume assim as duas normas: "Il y avait, d'abord, la protection sacrée qui s'attachait à la personne des herauts. Ceux-ci étaient le symbole même de négociations possibles et de relations continues. Il était normal de les accueillir"; "Après chaque bataille, il était normal de laisser chaque camp reprendre ses morts afin de les ensevelir". "Guerre et paix entre cités". In: J.P.Vernant (ed.). *Problèmes de la guerre en Grèce ancienne*. Paris: École des hautes étudies en sciences sociales. Paris: 1999, p.273-90.

²⁴⁸ Lucien. *Histoire Vraie* (édition, introduction et commentaire de F. Ollier). Paris: Presses Universitaires de France, 1962, p.27.

com a historiografia do período clássico²⁴⁹. A diferença fica por conta, certamente, da decisão dos astros de realizar conjuntamente a colonização da Estrela-da-Manhã. A paz selada pelos heliotas e selenitas é total e importa para a conclusão do mito etiológico que Luciano cria no episódio: para que a natureza dúbia da Estrela-da-Manhã seja justificada, é preciso que sua colonização se dê em conjunto pelos habitantes do Sol e da Lua.

Por sua vez, o conflito entre os humanos e as raças marinhas no interior da baleia concluise com um massacre completo dos últimos. O próprio início da guerra, com uma emboscada, como dito anteriormente, escapa às convenções gerais. Ducrey observa que os gregos distinguiam os inimigos justos dos injustos, dando aos vencidos tratamentos diferentes, de acordo com o juízo que faziam de seu caráter. Um tratamento mais severo – no extremo, apresentando-se como escravização e massacre - não era considerado de modo algum ἀδίκως no caso dos inimigos serem injustos²⁵⁰. Ducrey afirma ainda que os conflitos que escapavam das proibições religiosas, jurídicas e morais eram aqueles entre os gregos e os bárbaros e que "todas as violências são permitidas na guerra contra povos não-gregos"²⁵¹.

Assim, o massacre das raças marinhas no interior da baleia é justificado pelo caráter desses animais, descritos por Cíntaro como "excessivamente difíceis e grosseiros, pois são selvagens e não se misturam" (I.35). De fato, os Tritãbodes, considerados por ele menos injustos que os outros, não se aliam nem aos humanos nem às raças marinhas no conflito, sendo poupados do massacre, mas deixando todo o interior da baleia livre para os humanos, ao escaparem pelas brânquias do animal²⁵².

²⁴⁹ J. Bompaire. *Lucien Écrivain*. Paris: Boccard, 1958, p.640. Algumas das disposições podem também ser reconhecidas em Políbio, sobretudo em XV.18, mas também em III.22, 25, 27.

²⁵⁰ P. Ducrey. "Dans un dialogue relaté par Xénophon, Socrate établit des distinctions qui permettent de pénétrer plus avant dans notre analyze de l'idée de ἀδικία, à propos des lois de la guerre. Le philosophe estime qu'un chef militaire qui, après l'avoir prise d'assaut, 'asservit une ville injuste ey ennemie', n'agit pas contrairement au droit, mais δικαίως". "Aspects juridiques de la victoire et du traitement des vaincus". In: J.P.Vernant (ed.). *Problèmes de la guerre en Grèce ancienne*. Paris: École des hautes étudies en sciences sociales. Paris: 1999, p. 303-20. ²⁵¹ Idem, p.307.

²⁵² G. Anderson faz uma observação que explica o caráter pacífico dessas criaturas: "the late Winkler had notet that these creatures are to be seen not as weasels in the lower half but as swordfish, but he seem to misinterpret the sexual implications of this oddity. If creatures are thus compounded the sword part of the swordfish will be so positioned as to serve as the erect phallus of the new creature. This give us a means of inferring why they should have been less unjust than their fellows: they were making love not war". 'Lucian's Verae Historiae". In: G. Schmeling (ed.). *The Novel in the Ancient World*. Leiden, Brill, 2003.

Capítulo 4

O Mundo dos Mortos

A visita que Luciano e seus companheiros empreendem ao Mundo dos Mortos constitui o episódio mais divertido de suas narrativas verdadeiras – ao menos para os leitores modernos. Nele, Luciano se vale de um expediente por ele explorado também na sua obra mais conhecida, *Os Diálogos dos Mortos*, divertindo os leitores ao pôr em cena – e mortos - célebres personagens míticos ou históricos que fazem parte da cultura grega.

O Hades luciânico dos *Diálogos dos Mortos*, contudo, é bem diverso do mundo dos mortos apresentado pelo autor em *Das Narrativas Verdadeiras*. A começar pelo fato de que, se o Hades dos Diálogos é o reino da isotimia²⁵³, em que todos são iguais e vivem sob as mesmas condições independentemente do modo como se portaram quando vivos, aqui se pode passar o pós-vida em locais muito distintos: ou na Ilha dos Bem-Aventurados ou na Ilha dos Ímpios, sendo que a estada em uma ou outra depende principalmente do que se fez quando vivo.

É evidente que Luciano lida com tradições míticas distintas nas duas obras. Griffiths afirma que o mito da Ilha dos Bem-Aventurados tem origem egípcia, entrando na cultura grega por meio de Creta. De acordo com Vermeule, "maakheru" é uma das poucas palavras certamente egípcias emprestadas pelos gregos, embora exista uma questão etimológica: "Maakheru descrevia o morto que havia passado pelo julgamento no mundo dos mortos e que pronunciara as fórmulas apropriadas para o juiz, sendo portanto 'justificado por uma voz diante de deus, feliz, abençoado"²⁵⁴. No entanto, μακάριος em grego teria sido a princípio um termo usado apenas em referência aos deuses; é só posteriormente que ele vem a englobar também aqueles

²⁵³ Cf. J. Brandão. *A Poética do Hipocentauro*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 159-62.

²⁵⁴ E. Vermeule. *Aspects of Death in Early Greek Art and Poetry*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1984, p.73.

que de alguma forma têm a possibilidade de compartilhar com os deuses seu modo de vida²⁵⁵. O Hades, por sua vez, representaria a concepção do pós-morte típica dos gregos ²⁵⁶.

Por se caracterizar desde o início da narrativa como viagem de exploração e pelo fato da narrativa se afirmar herdeira do relato das aventuras de Odisseu, a visita ao mundo dos mortos seria uma tema, digamos, quase obrigatório em *Das Narrativas Verdadeiras*. A busca do conhecimento passa, na tradição literária grega, pelos mortos e é natural que Luciano os encontre em sua exploração. Contudo, o fato de Luciano ter optado por situá-los não no Hades, como em outras obras, mas na Ilha dos Bem-Aventurados pode ser explicado, primeiramente, pela localização tradicional da Ilha que, como se verá adiante, é sempre posta nos "πείρατα γαίης", nos limites da Terra, para além da fronteira delimitada pelas Colunas de Héracles, que Luciano e seus companheiros empreendem visitar. Além disso, é possível que a visita à Ilha dos Bem-Aventurados permita ao autor aludir aos prosadores que, de alguma forma, mencionaram locais "utópicos" distantes do mundo conhecido, que guardam um *habitat* propício e um *modus vivendi* feliz, cujos costumes em muitos aspectos diferem dos seus próprios²⁵⁷.

Assim como no demais episódios da narrativa, também na construção da Ilha dos Bem-Aventurados é possível observar que Luciano retoma elementos da mitologia e da épica, da historiografica e da filosofia para criar seu jogo literário. Como bem observa Bompaire, ao analisar o tema do Hades em Luciano, o autor cria nos seus mundos dos mortos um "verdadeiro mosaico, que não ilusão da erudição moderna, mas produto consciente do ecletismo escolar" 258. Se o Hades de Luciano é assim constituído, esse "ecletismo escolar" também pode ser percebido na composição da Ilha dos Bem-Aventurados.

Mas não só: pela presença – e ausência notável – de filósofos e historiadores em uma ou outra ilha das duas que compõem esse mundo dos mortos, pode-se também perceber algo do juízo que Luciano fazia a respeito dos representantes tanto de um quanto de outro campo. Além

²⁵⁵ West afirma que μακάρες, provavelmente não mais em Hesíodo, mas originalmente se referia aos deuses e que essa era, portanto, a sua ilha, na qual alguns mortais excepcionais eram aceitos. *Hesiod: Works and Days*. Oxford, 1978, p.193

²⁵⁶ In search of the isles of the Blest. Greece & Rome, vol.16. n.48, 1947, p.122-6. Vermeule também faz paralelos entre a Ilha dos Bem-Aventurados e a concepção egípcia do pós-morte. E. Vermeule. Aspects of Death in Early Greek Art and Poetry. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1984, p. 72ss.

²⁵⁷ Plutarco (*Sertório*, VIII) afirma que Sertório encontrou alguns navegantes que haviam voltado das Ilhas Atlânticas, que afirmavam ser duas ilhas muito próximas uma da outra e dez mil estádios distantes da Líbia. Ainda de acordo com esses navegantes, as boas condições climáticas, o solo rico e a abundância de um fruto específico teriam feito gregos e bárbaros imaginar que aquele era o Campo Elísio.

²⁵⁸ J. Bompaire. *Lucien Écrivain*. Paris: Boccard, 1958, p. 365.

disso, a maneira como o narrador descreve sua recepção na ilha – é só neste momento, por exemplo, que Luciano-autor se identifica como Luciano-narrador – parece querer indicar ao leitor que Luciano considera esse texto central em sua obra. Esse, portanto, não é somente o episódio mais divertido, mas também o mais complexo e importante da viagem empreendida em *Das Narrativas Verdadeiras*.

4.1. As Ilhas

Se a Ilha dos Bem-Aventurados é tradicionalmente um local onde os heróis passam a viver depois de imortalizados, no texto de Luciano, ela não deixa de ser uma "utopia" localizada nos confins da Terra, onde os viajantes desembarcam – vivos -, ao se aventurar pelo Oceano, esse "limite simbólico que delimita luz e trevas, vida e morte" O mito, contudo, é central na criação da Ilha dos Bem-Aventurados de Luciano e, na poesia grega arcaica, ela é apresentada de maneira bastante uniforme, pois a localização e a descrição da ilha são semelhantes nas fontes. Ainda que obras historiográficas ou filosóficas possam influenciar detalhes da composição da Ilha dos Bem-Aventurados criada pelo autor, nesse caso específico não se trata apenas de distância física separando o mundo conhecido do narrador desse "outro mundo", mas de um local que se pode habitar por mérito após a morte, descrito de forma semelhante em obras diversas, e é evidente que Luciano as toma em consideração em sua própria descrição da ilha.

Hesíodo menciona as ilhas quando descreve a quarta das raças, a dos heróis que, mais justa e mais corajosa (δικαιότερον καὶ ἄρειον), pereceu em Tebas e em Tróia, sendo então enviada por Zeus para lá (*Os Trabalhos e os Dias*, v.169-173)²⁶⁰:

Ζεὺς Κρονίδης κατένασσε πατὴρ ἐς πείρατα γαίης. καὶ τοὶ μ ν ναίουσιν ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες ἐν μακάρων νήσοισι παρ' Ὠκεανὸν βαθυδίνην, ὅλβιοι ἥρωες, τοῖσιν μελιηδέα καρπὸν τρὶς ἔτεος θάλλοντα φέρει ζείδωρος ἄρουρα.

²⁵

²⁵⁹ G. Nagy. *Phaeton, Sappho's Phaon, and the White Rock of Leukas*. Harvard Studies in Classical Philology, vol. 77, 1973, p. 150.

²⁶⁰ Trad. M. Lafer. *Os Trabalhos e os Dias*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

Zeus Cronida pai <u>nos confins da terra</u> os confinou. E são eles que habitam de coração tranquilo a Ilha dos Bem-Aventurado, <u>junto ao oceano</u> profundo, heróis afortunados, a quem doce fruto traz três vezes ao ano a terra nutriz.

Em Homero, por sua vez, encontra-se a afirmação de que Menelau será enviado para o Campo Elísio quando morrer, porque é genro de Zeus. Segundo West, embora se mencione o Campo Elísio nessa passagem, ele não se distingue das Ilhas dos Bem-Aventurados (*Odisséia*, iv.561-9)²⁶¹:

σοὶ δ' οὐ θέσφατόν ἐστι, διοτρεφ ς ὧ Μενέλαε, "Αργει ἐν ἱπποβότῳ θανέειν καὶ πότμον ἐπισπεῖν, ἀλλά σ' ἐς Ἡλύσιον πεδίον καὶ πείρατα γαίης ἀθάνατοι πέμψουσιν, ὅθι ξανθὸς Ῥαδάμανθυς, τῷ περ ῥη στη βιοτὴ πέλει ἀνθρώποισιν οὐ νιφετός, οὔτ' ἄρ χειμὼν πολὺς οὔτε ποτ' ὄμβρος, ἀλλ' αἰεὶ ζεφύροιο λιγὰ πνείοντος ἀήτας Ὠκεανὸς ἀνίησιν ἀναψύχειν ἀνθρώπους, οὕνεκ' ἔχεις Ἑλένην καί σφιν γαμβρὸς Διός ἐσσι.

Mas quanto a ti, Menelau, descendente de Zeus, o Destino não determina morreres em Argos, nutriz de cavalos; para as campinas do Elísio, <u>limite da terra</u>, te enviam os imortais, onde está <u>Radamanto</u>, de louros cabelos, e onde a existência decorre feliz para todos os homens. Lá não cai neve, nem longo é o inverno, nem chove o ano todo, mas de contínuo o de Zéfiro sopro de ruído sonoro manda <u>o oceano</u>, para reanimar os homens,

²⁶¹ West menciona Ps-Arist. *Peplos* 3, em que há um epitáfio para Menelau baseado nesse trecho da *Odisséia* em que se diz que o herói está ἐν μακάροις νήσοις. *Hesiod: Works and Days.* Oxford, 1978, p.193. Luciano também utiliza os termos como sinônimos. Cf. M. Caster. *Lucien et la pensée religieuse de son temps*. Paris: Les Belles Lettres, 1937.

visto de Helena marido tu seres e, assim, de Zeus genro²⁶².

Há também a descrição feita por Píndaro que, diferentemente de Hesíodo, menciona a ilha no *singular* em sua *Segunda Olímpica* (67-79), como faz também Luciano:

... ἔνθα μακάρων νᾶσον ἀκεανίδες αὖραι περιπνέοισιν· ἄνθεμα δ χρυσοῦ φλέγει, τὰ μ ν χερσόθεν ἀπ' ἀγλαῶν δενδρέων, ὕδωρ δ' ἄλλα φέρβει, ὅρμοισι τῶν χέρας ἀναπλέκοντι καὶ στεφάνους βουλαῖς ἐν ὀρθαῖσι Ῥαδαμάνθυος, ὂν πατὴρ ἔχει μέγας ἑτοῖμον αὐτῷ πάρεδρον, πόσις ὁ πάντων Ῥέας ὑπέρτατον ἐχοίσας θρόνον.

...lá as brisas do oceano sopram ao redor da Ilha dos Bem-Aventurados; flores de ouro incandescem, algumas, de esplêndidas árvores, no solo, e outras a água nutre. Com correntes feitas dessas flores, entrelaçam mãos e guirlandas, sob os justos decretos de Radamanto, ao lado de quem o grande pai tem pronto seu assento, marido de Réia, deusa que ocupa o trono mais elevado de todos.

O relato de Píndaro sobre a Ilha dos Bem-Aventurados prossegue e o poeta menciona a presença de Peleu e Cadmo e também a de Aquiles, levado até a ilha pela mãe (v.80).

Como se pode observar, a partir dessas três descrições é possível dar forma a uma ilha que guarda muitas semelhanças com aquela visitada por Luciano. Como visitante e, portanto, "testemunha ocular" dos eventos que se passam na Ilha, de Luciano espera-se que ela seja descrita em detalhes nos quais os poetas não se demoram, com "maior acuidade", como ele o faz também ao narrar sua visita à Ilha dos Sonhos (II.32-33), em uma passagem já discutida. Mas já os poetas haviam falado dos heróis nela imortalizados, da sua localização especificamente nos confins da Terra, da delimitação da ilha pelo Oceano, da sua natureza generosa e do vento suave

²⁶² Tradução de C. A. Nunes, com alteração no verso 568, que ele traduz como "manda o oceano, que os homens com branda bafagem refresque", eliminando a idéia de retorno à vida. São Paulo: Edição Melhoramentos, s/d.

que sopra sobre ela. Além disso, tanto em Píndaro quanto em Homero, também se menciona o governo de Radamanto, o juiz que acaba por aceitar a presença de Luciano e seus companheiros na Ilha (II.10)

É certo que as benesses do lugar são exageradas por Luciano por propósitos cômicos. Por exemplo, se Hesíodo afirma que, nessa ilha, os frutos dão três vezes por ano, Luciano dirá que as vinhas produzem doze vezes por ano, as árvores frutíferas, treze, e que as espigas dão "pão pronto como se fossem cogumelos" (II.13). Por outro lado, quando diz que lá é sempre primavera e que o Zéfiro é o único vento que sopra sobre a ilha (II.12), Luciano evoca a descrição de Homero, que afirma que no Campo Elísio não há inverno longo, neve ou tempestade, que não há, em suma, "tempo ruim", mas que o Zéfiro sopra contínuo. Essa temperança no clima da ilha é, entretanto, estendida em Das Narrativas Verdadeiras a um detalhe mais peculiar: "nem há noite ou dia muito claro - como o crepúsculo pouco antes da aurora, não tendo ainda se levantado o sol: tal é a luz que espalha-se pela terra"²⁶³. As fontes existentes na ilha são multiplicadas com furor por Luciano: há trezentas e sessenta e cinco de água, mesmo número das de mel e quinhentas de perfume. Além disso, lá existem sete rios de leite e oito de vinho – sem contar o rio de perfume de cinquenta quilômetros de largura (II.11-13).

Se a Ilha dos Bem-Aventurados possui uma tradição bem definida na cultura grega, a Ilha dos Ímpios, sua contrapartida em *Das Narrativas Verdadeiras*, é em princípio uma invenção de Luciano. Sua natureza – ou ausência dela -, realmente infernal, é criada por oposição à da Ilha dos Bem-Aventurados e as punições são suas "atrações turísticas", imaginadas possivelmente em relação aos castigos eternos que sofrem figuras mitológicas como Prometeu, Sísifo e Tântalo.

É possível, porém, que Teopompo tenha sido uma influência na criação da Ilha dos Ímpios. Eliano (*Varia Historia*, 3.18) afirma que Teopompo escreveu sobre um continente no qual havia duas cidades opostas, Machimos e Eusebes. Segundo o relato de Eliano, o povo da segunda cidade passava a vida em paz e prosperidade, colhendo frutos gerados de forma espontânea, sem nunca adoecer. Até os deuses os visitavam²⁶⁴. Já os habitantes da cidade Machimos, em contraposição, eram extremamente bélicos e, soberanos sobre muitas nações,

-

 $^{^{263}}$ II.12: οὐδ ἡμέρα πάνυ λαμπράρ καθάπερ δ τὸ λυκαυγ ς ἤδη πρὸς ἕω, μηδέπω ἀνατείλαντος ἡλίου, τοιοῦτο φῶς ἐπέχει τὴν γῆν.

²⁶⁴ Εὐσεβεῖς ἐν εἰρήνη τε διάγειν καὶ πλούτῳ βαθεῖ, καὶ λαμβάνειν τοὺς καρποὺς ἐκ τῆς γῆς χωρὶς ἀρότρων καὶ βοῶν, γεωργεῖν δ καὶ σπείρειν οὐδ ν αὐτοῖς ἔργον ε ναι. καὶ διατελοῦσιν (ἢ δ' ὸς) ὑγιεῖς καὶ ἄνοσοι, καὶ καταστρέφουσι τὸν ἑαυτῶν βίον γελῶντες εὖ μάλα καὶ ἡδόμενοι. οὕτω δ ἀναμφιλόγως εἰσὶ δίκαιοι, ὡς μηδ τοὺς θεοὺς πολλάκις ἀπαξιοῦν ἐπιφοιτᾶν αὐτοῖς.

estavam "sempre em estado de guerra, sempre no processo de suprimir seus vizinhos" ²⁶⁵. Embora a cidade de Machimos pouco ou nada tenha a ver com a Ilha dos Ímpios de Luciano, é possível que idéia de duas ilhas de características contrastantes tenha sido tomada de Teopompo²⁶⁶.

4.2. A Bem-Aventurança

Passamos agora à breve análise de algumas passagens literárias em que são descritos povos felizes, abençoados com riqueza e natureza generosa. No que constitui sua felicidade? Em princípio, todas essas descrições parecem tornar mais próxima a vida dos homens da vida dos deuses.

Homero aproxima o Campo Elísio do Olimpo por meio do clima, pois a morada dos deuses "nunca é abalada por ventos nem inundada por chuva nem dela se aproxima a tempestade"²⁶⁷. A idéia de que na Ilha os homens passam a ter uma vida semelhante a dos deuses encontra-se também em Hesíodo, como se pode observar nas fortes semelhanças entre a Raça dos Heróis e a chamada Raça de Ouro, de homens que viviam como deuses (v.112, ώς τε θεοὶ δ' èζωον). A ambas as raças é dada a possibilidade de uma existência sem penas e dores (ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες, v.112 e v.170), algo impossível aos homens e que, por isso mesmo, por eles é imaginada como algo distante, temporal ou espacialmente. Ainda que a raça dos heróis habite a ilha após ter perecido em Tebas e Tróia, quando Hesíodo afirma que a ilha está localizada nos "confins da Terra", ele a dispõe no "mundo dos vivos", embora em uma região considerada inacessível.

Com efeito, Brown argumenta que a idéia de uma raça de ouro, como apresentada por Hesíodo em Os Trabalhos e os Dias (v.106-126), insere-se em um padrão de "outros mundos", utópicos e escatológicos. A menção de Hesíodo à Ilha dos Bem-Aventurados, no poema, englobaria dois princípios: "que as condições da raça de ouro, apesar de completamente perdidas para o mundo em geral, ainda estão preservadas em algum lugar e que indivíduos

 $^{^{265}}$ οἱ δ τῆς Μαχίμου πόλεως μαχιμώτατοί τέ εἰσι καὶ αὐτοὶ καὶ γίνονται μεθ' ὅπλων, καὶ ἀεὶ πολεμοῦσι, καὶ καταστρέφονται τοὺς ὁμόρους, καὶ παμπόλλων ἐθνῶν μία πόλις κρατεῖ αὕτη.

²⁶⁶ Eliano, ao fim do seu relato, não deixa de emitir sua opinião: para ele, Teopompo parece um formidável contador de fábulas (3.18).

²⁶⁷ Odisséia.vi.43-4: οὔτ' ἀνέμοισι τινάσσεται οὔτε ποτ' ὄμβρφ δεύεται οὔτε χιὼν ἐπιπίλναται.

extraordinários, celebrados em mitos heróicos, não morreram simplesmente" ²⁶⁸. A idéia de que "em algum lugar", um povo vive em felicidade completa parece ser um tema comum em narrativas de viagem.

Assim, Odisseu, o viajante-explorador por excelência, é ele o primeiro a conhecer povos cuja existência parece idílica. A imagem de uma natureza generosa, que provém aos homens abundância de alimentos, sem que eles precisem cultivá-los, é observada claramente na descrição do palácio dos feácios (vii.114ss):

ὄγχναι καὶ ἡοιαὶ καὶ μηλέαι ἀγλαόκαρποι συκέαι τε γλυκεραὶ καὶ ἐλαῖαι τηλεθόωσαι. τάων οὔ ποτε καρπὸς ἀπόλλυται οὐδ' ἀπολείπει χείματος οὐδ θέρευς, ἐπετήσιος· ἀλλὰ μάλ' αἰεὶ ζεφυρίη πνείουσα τὰ μ ν φύει, ἄλλα δ πέσσει.

Vêem-se pereiras, romeiras, macieiras, de frutos esplêndidos, mais oliveiras viçosas e figos mui doces ao gosto.

Nelas jamais faltam frutos, nem nunca tais frutos se estragam; já no verão, já no inverno, durante o correr do ano todo,

Zéfiro faz que us madurem, enquanto crescendo vão outros.

Uma natureza quase tão generosa Odisseu só observa quando visita os Ciclopes que, não por acaso, possuem estreita e estranha relação com os Feácios; também os Ciclopes, como os feácios, recebem frutos espontaneamente gerados pela terra. A natureza é propícia não só na região continental habitada por eles, mas especialmente em uma ilha próxima dali.

Parece estranho que criaturas tão incivilizadas como os Ciclopes possam viver em meio a natureza tão generosa, sobretudo se a afirmação de que desprezam os deuses for levada em consideração. No entanto, Odisseu parece justamente utilizar o fato para enfatizar que os Ciclopes são incivilizados e "não só não cuidam de os campos lavrar, como não plantam nada" (ix.109), afirmação que faz para logo depois mencionar que eles também não conhecem leis, que vivem em grutas e que cada um deles é senhor de sua própria família. Em seguida, passa-se à descrição da ilha de natureza muito propícia (ix.116-124), mas que os Ciclopes não aproveitam,

²⁶⁸ A. S. Brown. "From the Golden Age to the Isles of the Blest". Mnemosyne, vol.51, n.4, 1998. p.385-410.

pois ela se mantém não-habitada pelo fato de eles não dominarem a técnica de navegação. Assim, após sua descrição, imagina-se também como homens civilizados poderiam tirar proveito dessa mesma ilha "capaz de gerar todos os frutos" (ix.130-41)²⁶⁹.

Além da natureza generosa, a Feácia certamente compartilha outras características que tornam a Ilha dos Bem-Aventurados de Luciano um local de perpétua felicidade. Na longa descrição do palácio de Alcínoo (vii.83-131), por exemplo, há abundância de metais preciosos. Sua soleira e seus muros são de bronze, sua porta é de ouro e suas traves, de prata; há também de cada um dos seus lados, dois cães, um de prata e outro de ouro. A descrição prossegue, mas a partir desses elementos, pode-se observar que a passagem ecoa na descrição da cidade que Luciano observa na ilha, toda de ouro, com profusão de outros materiais nobres, como marfim e pedras preciosas: "O pavimento da cidade e a região no interior dos muros, por sua vez, são de marfim. Os templos de todos os deuses são construídos com berilo e seus altares são grandes monólitos de ametistas"²⁷⁰. A riqueza da ilha é aqui representada da maneira como Homero a representa na Feácia: a cidade é em parte construída com metais e pedras preciosas, daí a inferência imediata de sua abundância no local²⁷¹.

Se o país dos Feácios e o dos Ciclopes são terras longínquas visitadas por Odisseu, Homero também menciona aqui e ali povos distantes que são bastante felizes, em especial os Etíopes, que parecem viver em eterno banquete, recebendo até deuses como convivas²⁷². Os Etíopes são caracterizados por Homero como homens longínquos, "os últimos homens" da terra, que vivem no Oceano e, embora Menelau afirme tê-los visitado (iv.84), em outros trechos o país dos Etíopes parece distante a ponto de ser acessível apenas aos deuses²⁷³.

Em Heródoto, também os Etíopes são caracterizados como um povo feliz, dessa vez com um pouco mais de detalhe. O historiador relata um encontro dos Etíopes com Ictiófagos, enviados até eles pelos Persas. Nesse encontro, bem analisado por Romm como sátira²⁷⁴, os etíopes desdenham de todos os presentes enviados por Cambises, que planejava invadir seu país – uma

²⁶⁹ R. Mondi discute a controvérsia a respeito da morada idílica dos Ciclopes em "The Homeric Cyclopes: Folktale, Tradition and Theme". Transactions of the American Philological Association, 1983, vol.113, p.17-38.

²⁷⁰ ΙΙ.11: τὸ μέντοι ἔδαφος τῆς πόλεως καὶ ἡ ἐντὸς τοῦ τείχους γῆ ἐλεφαντίνηἑ ναοὶ δ πάντων θεῶν βηρύλλου λίθου ἀκοδομημένοι, καὶ βωμοὶ ἐν αὐτοῖς μέγιστοι μονόλιθοι ἀμεθύστινοι.

Brown acredita que o ouro identifica uma proximidade com os deuses. "From the Golden Age to the Isles of the Blest". Mnemosyne, vol.51, n.4, 1998. p.385-410.

²⁷² Bem como os Feácios, Od.vii.200-3.

²⁷³ Cf. Ilíada, I.424-5; XXIII.205ss; Odisséia, i.22ss, iv.84.

²⁷⁴ Cf. J. Romm. *The Edges of the Earth in Ancient Thought*. Princeton: Princeton University Press, 1994, p.54ss. M. Hadas. "Utopian Sources in Herodotus". Classical Philology, vol.30, no.2, 1935, p.113-121.

túnica púrpura, jóias de ouro e mirra -, com exceção do vinho. Todos os presentes, bem como o alimento principal dos persas (o pão) são rejeitados pelos etíopes como produtos artificiais e desnecessários, uma vez que seu próprio alimento consistia em carne e leite; a fonte em que se banhavam deixava seus corpos levemente ungidos; os seus prisioneiros eram acorrentandos com correntes de ouro e eles ainda possuíam A Mesa do Sol, sobre a qual todo tipo de carne era posta durante a noite, para que qualquer etíope pudesse recolhê-la pela manhã²⁷⁵. Heródoto afirma que os relatos diziam que a produção era espontânea (III.17ss)²⁷⁶.

Essa descrição feita por Heródoto parece aproximar os Etíopes da raça de ouro no sentido em que "o propósito principal da raça de ouro é estabelecer que nada é melhor do que uma existência agricultural tranquila – o estado ideal do homem não envolve luta ou navegação, por exemplo"²⁷⁷. De fato, não fossem os Feácios tão exímios navegadores, talvez sua felicidade fosse eterna, diferentemente do que parece se insinuar na *Odisséia*.

No entanto, se Luciano mantém a mesma generosidade natural que caracteriza a Ilha dos Bem-Aventurados em Homero e Hesíodo na sua Ilha, seus habitantes não abandonam nem a navegação e nem a guerra, causadora de muitas dores - e da morte - de diversos dos heróis ali presentes²⁷⁸. Ainda assim, sua felicidade parece ser completa. Dessa forma, convém avaliar que outros elementos constituem a felicidade na ilha.

Se os banquetes são eternos na ilha dos Bem-Aventurados de Luciano, como parece ser também aos Feácios, Etíopes e Hiperbóreos, a música é aí central²⁷⁹. A felicidade sobre-humana dos Hiperbóreos é descrita por Píndaro na *Décima Pítica*: trata-se de um povo que vive em eterno banquete, com o qual o próprio deus Apolo se deleita, e que não conhece nem doença, nem velhice mas que, longe das penas e da guerra, vive seguro da Nemesis. Os Hiperbóreos também

_

²⁷⁵ Talvez não seja por acaso que as espigas dão "pão pronto como se fossem cogumelos" na Ilha dos Bem-Aventurados de Luciano.

²⁷⁶ Quando Cambises decide invadir a Etiópia, seu exercíto inicia uma marcha que parece infindável; ele fica sem provisões e a situação vai se degradando até que os soldados são obrigados a cometer canibalismo; Cambises então desiste do ataque. De fato, ainda que tenham recebido os Ictiófagos, os Etíopes de novo parecem ser "os últimos homens" da terra, inalcançáveis.

Brown, p.397. "From the Golden Age to the Isles of the Blest". Mnemosyne, vol.51, n.4, 1998. p.385-410.

²⁷⁸ A descrição de Horácio das é igualmente centrada em sua natureza generosa. *Epodo* 16, 39ss.

²⁷⁹ cf. Od.ix.5-10; Diod.Sic.2.47.3. "It is not to be expected that the idealization of primitive tribes will include much in the way of culture; the preoccupation of the Utopian philosophers with education is quite absent from these more popular writers. But there is some account of a natural talent for music". J. Ferguson. *Utopias of the Classical World*. Ithaca: Cornell University Press, 1975, p.21.

conhecem os dons das Musas: "por toda a parte (...) os sons agudos das liras e das flautas"²⁸⁰. Na Ilha dos Bem-Aventurados de Luciano, também a música é constante: cantam-se sobretudo os versos de Homero. Luciano não põe em cena próprio poeta entoando seus versos, preferindo descrever o coro (composto de meninos e meninas, mas também de cisnes, andorinhas e rouxinóis), que canta Eunônomo, Árion, Anacreonte e Estesícoro (II.15). Mas não só: a própria agitação dos galhos das árvores produz "cantos agradáveis e constantes, parecidos com som de flauta" (I.5).

Os jogos, outro tema de origem homérica, também fazem parte dos costumes da Ilha e têm o nome de Thanatousía. As modalidades são luta, pugilato, corrida e poesia e Luciano faz personagens históricos enfrentarem os mitológicos nas disputas. A vitória de Hesíodo sobre Homero, na poesia, alude ao *Certamen Homeri et Hesiodi*, em que Hesíodo vence, embora a audiência julgasse Homero o merecedor²⁸¹. A alusão imediata dessa passagem é à Feácia (viii.104-235) e aos jogos funerários de Pátroclo (XXIII.257-897), mas a idéia dos jogos como algo essencialmente grego, definidor dessa cultura, é desenvolvida por Luciano em *Anárcasis*, em que o sábio cita questiona Sólon sobre um costume que aos seus olhos bárbaros parece tolo²⁸². Daí sua presença no local onde estão reunidos tantos gregos célebres.

A idéia apresentada na *Odisséia* de um local naturalmente favorecido, como o país dos Ciclopes ou, além disso, rico e civilizado, como no caso da Feácia, foi também posteriormente explorada por prosadores, como se pode observar sobretudo no relato de Iâmbulo. Se Luciano toma essencialmente do mito a idéia da Ilha dos Bem-Aventurados, nesse episódio ele parodia também o testemunho ocular daquele narrador que é levado pelas circunstâncias a visitar uma

-

 $^{^{280}}$ Pind.Pit.X.37-44: Μοΐσα δ' οὐκ ἀποδαμεῖ / τρόποις ἐπὶ σφετέροισι· παντῷ δ χοροὶ παρθένων / λυρᾶν τε βοαὶ καναχαί τ' αὐλῶν δονέονται· / δάφνᾳ τε χρυσέᾳ κόμας ἀναδήσαν- / τες εἰλαπινάζοισιν εὐφρόνως. / νόσοι δ' οὔτε γῆρας οὐλόμενον κέκραται / ἱερῷ γενεῷ· πόνων δ καὶ μαχᾶν ἄτερ / οἰκέοισι φυγόντες / μπέρδικον Νέμεσιν.

Heródoto declara que "se há hiperbóreos, também existem hipernotos" (εἰ δέ εἰσι ὑπερβόρεοί τινες ἄνθρωποι, εἰσὶ καὶ ὑπεργότιοι ἄλλοι 4.36), i.e. se há um povo do extremo norte, há também um do extremo sul. Tal declaração é entendida por alguns como cética: não há hipernotos, portanto também não há hiperbóreos. Outros vêem nela apenas uma suposição lógica. Sobre essa discussão, cf. J. Romm. "Herodotus and mythic geography: the case of the Hyperboreans". Transactions of the American Philological Association, 1989, p.97-113.

²⁸¹ A idéia de que os dois poetas enfrentaram-se em disputa em Cálcis parece remontar ao século VI. Georgiadou & Larmour, *Lucian's Science Fiction Novel Verae Historiae*. Leiden: Brill, 1998, p.205. Se no *Certamen*, Hesíodo vence por falar de paz e agricultura, enquanto Homero canta sobre guerra, em Luciano o motivo não é outro senão a alusão ao episódio.

²⁸² Cf. S.Said. "Lucien Ethnographe" In: A. Billaut. (ed.). *Lucien de Samosate: Actes du Colloque International de Lyon*. Lyon: Diffusion de Boccard, 1994. p.149-170. S. Goldhill. "Becoming Greek, With Lucian". In: *Who needs greek?* Cambridge University Press, 2002, p.60-107.

utopia. Nesses relatos, há descrição de uma natureza aprazível, mas a organização social dos locais parece influenciar tanto quanto ela na felicidade dos povos visitados.

O próprio Luciano menciona Iâmbulo no proêmio de *Das Narrativas Verdadeiras* e a sua descrição da Ilha do Sol (Diodoro Sículo, II.55-60) é um ótimo exemplo de uma utopia, exemplo esse que Luciano considera "interessante" (I.3, οὐκ ἀτερπῆ)²⁸³. A descrição da natureza da ilha, onde os homens vivem felizes (Diodoro Sículo, II.55 μακαρίως ζήσεσθαι) guarda alguma relação com a Ilha dos Bem-Aventurados: o clima é temperado, não sofrendo os habitantes da Ilha do Sol "nem com frio nem com calor" (II.56), as frutas amadurecem lá o ano todo, a produção é espontânea e há numerosas fontes de água quente e fria. Além da natureza da ilha, o que constrói a imagem do povo da Ilha do Sol como feliz é a constituição física desses habitantes, como já foi anteriormente discutido.

Igualmente importante, porém, é a organização social do povo, um fator essencial à sua felicidade, sobretudo no que é distinto dos costumes gregos. Também Luciano descreve os costumes dos Bem-Aventurados e é interessante observar que eles compartilham um mesmo costume: os habitantes da ilha do Sol não se casam e as crianças são criadas em comum, sem que as mães reconheçam quem são os seus filhos. Na Ilha dos Bem-Aventurados, "As mulheres são comuns a todos os homens e ninguém inveja o próximo, mas são a respeito disso especialmente platonicíssimos. E os meninos permitem o intercurso a quem quer que desejem, sem se opor a nada"²⁸⁴. Luciano, aliás, vai além ao afirmar que "tanto mulheres quanto com homens as relações são em público, às vistas de todos, e de modo algum isso lhes parece torpe"²⁸⁵.

O primeiro costume, como o próprio Luciano indica, parece relacionar-se sobretudo com as idéias expostas na *República* de Platão e é um dos motivos pelo qual se supôs que a obra de Iâmbulo tenha sido um "romance utópico", no qual o autor apresentaria um modelo de constituição política que considerava viável²⁸⁶. Em Luciano, trata-se evidentemente de uma piada. Há, além disso, alguns relatos acerca do comunismo sexual dos bárbaros, a princípio

_

²⁸³ Outro exemplo conhecido por Diodoro Sículo é da narrativa de Evêmero sobre a Pancaia (Diodoro Sículo, 5.41-46).

 $^{^{284}}$ II.19: αί δ γυναῖκές εἰσι πᾶσι κοιναὶ καὶ οὐδεὶς φθονεῖ τῷ πλησίον, ἀλλ' εἰσὶ περὶ τοῦτο μάλιστα Πλατωνικώτατοιρ καὶ οἱ παῖδες δ παρέχουσι τοῖς βουλομένοις οὐδ ν ἀντιλέγοντες.

 $^{^{285}}$ II.19: μίσγονται μὲν ἀναφανδὸν πάντων ὁρώντων καὶ γυναιξὶ καὶ ἄρρεσι, καὶ οὐδαμῶς τοῦτο αὐτοῖς ἀισχρὸν δοκεῖ. Cf. Xenofonte, Anab.5.4 e Estrabão, 15.1.56.

²⁸⁶ Rohde apud N. Holzberg, "Utopias and Fantastic Travel: Euhemerus, Iambulus". In: G. Schmeling (ed.). *The Novel in the Ancient World*. Leiden, Brill, 2003. p.621-8.

imaginado pelos gregos como um costume cita²⁸⁷. Com relação ao segundo costume, associado a povos bárbaros, o fato de que os Bem-Aventurados tenham relações em público, para além da comicidade que a inversão da norma cria em tal contexto, parece também manter alguma relação com o cinismo. Corriam histórias de que Crates e Hipárquia, o casal cínico, mantinham relações em público²⁸⁸.

Há ainda algo que influencia na felicidade dos habitantes da ilha dos Bem-Aventurados de Luciano que pode remontar ao relato de Teopompo (Eliano, *Varia Historia*.3.18) que, quando descreve uma conversa entre Midas da Frígia e Sileno, diz que na região habitada por um certo povo chamado Meropis, havia dois rios em um local chamado Sem Retorno (Ανοστον): um de Prazer (ήδονή) outro de Dor ($\lambda \nu \pi \dot{\eta}$)²⁸⁹. Esse motivo talvez tenha influenciado naquilo que Luciano afirma ser o que os habitantes da Ilha dos Bem-Aventurados têm de principal para sua felicidade (II.16): "há duas fontes ao lado do banquete, uma de riso, outra de prazer. De cada uma delas, todos bebem no começo da festa e passam o resto do tempo deleitando-se e rindo" 290.

Por fim, observa-se que Radamanto é mencionando por Homero e Píndaro na Ilha. É ele o principal encarregado da justiça na Ilha dos Bem-Aventurados, outro fator que compõe a felicidade do local. Como mantenedor da justiça, Luciano coloca-o comicamente resolvendo conflitos criados por "incongruências mitológicas", um dos seus temas cômicos favoritos. Assim, Radamanto decide em favor de Menelau, que tanto havia sofrido por Helena, na disputa de sua esposa com Teseu. Mas mais do que isso: é Radamanto quem preside o conselho que decide quem é ou não é aceito na ilha. Tanto em Homero quanto em Hesíodo, a Ilha dos Bem-Aventurados é destino daqueles favorecidos pelos deuses: Menelau, na *Odisséia*, porque é genro

-

²⁸⁷ Cf. D. Dawson. Cities of the Gods: Communist Utopias in Greek Thought. New York: Oxford University Press, 1992. p.18ss.

²⁸⁸ "More interesting, and probably closer to truth, is the tradition that Hipparchia was a wholly liberated woman who shared Crates' interests and did not differ in her public behavior from her husband. On the conventional view of a Greek woman's proper place, that will have counted as a shocking example of sexual exhibitionism". A. Long. "The Socratic Tradition: Diogenes, Crates and Hellenistic Ethics". In: R. Branham & M. Goulet-Cazé. *The Cynics*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1996. p.28-46. Além disso, Há uma anedota de que Diógenes, ao ser repreendido se masturbando na ágora, teria dito que gostaria de poder satisfazer também sua fome acariciando a barriga. Cf. Diógenes Laércio, 6.46.

²⁸⁹ Nas margens dos dois rios, cresciam árvores frutíferas; aquele que provava o fruto do rio de Dor, imediatamente começava a se lamentar e a chorar e, por fim, morria; o que provava o fruto do rio de Prazer, de súbito parava de desejar o que quer fosse, mesmo que antes o amasse loucamente; então começava a rejuvenescer até que afinal desaparecia.

²⁹⁰ μέγιστον δ δὴ πρὸς εὐφροσύνην ἐκεῖνο ἔχουσινἡ πηγαί εἰσι δύο παρὰ τὸ συμπόσιον, ἡ μ ν γέλωτος, ἡ δ ἡδονῆςἡ ἐκ τούτων ἑκατέρας πάντες ἐν ἀρχῆ τῆς εὐωχίας πίνουσιν καὶ τὸ λοιπὸν ἡδόμενοι καὶ γελῶντες διάγουσιν.

de Zeus; a raça dos heróis em *Os Trabalhos e os Dias* porque Zeus assim quis²⁹¹. Em Luciano, a seleção é feita por outros critérios e também garante a manutenção da felicidade da ilha. É por isso que, tendo levado à ilha alguém que perturba a tranqüilidade de seus habitantes – Ciniras, que rapta Helena -, Luciano e seus companheiros acabam expulsos de lá.

4.3. Os Habitantes

Aparentemente, a *Segunda Olímpica* de Píndaro contém a primeira passagem literária em que a recompensa pós-morte depende da observação da justiça, estando aí presente a idéia de que alguns, os ἐσθλοί, têm um destino livre de dores, enquanto os injustos sofrem dores terríveis (v.66-9), sendo a Ilha dos Bem-Aventurados o lar daqueles que tiveram três vidas irrepreensíveis. Na *República* de Platão, a ilha já é vista como destino dos bons cidadãos (540c). *Das Narrativas Verdadeiras* parece abrir três possibilidades aos mortais: o Hades, a Ilha dos Bem-Aventurados e a Ilha dos Ímpios.

O catálogo dos habitantes da ilha inclui gregos e bárbaros, personagens históricos e mitológicos, notáveis como Jacinto ou outros nem tanto, como Hila. Com relação aos filósofos, a presença ou ausência (notada pelo narrador) de representantes de determinadas escolas filosóficas parece representar o próprio conceito que Luciano possuía a seu respeito – com exceção de Platão, que é posto pelo autor na cidade que ele próprio havia imaginado na *República* e nas *Leis* (II.17), provavelmente pela comicidade que isso implica.

Os filósofos povoam a obra de Luciano, a maior parte das vezes representados como objetos de censura, mas também de modo favorável, de tal forma que às vezes a postura do autor com relação a eles parece incongruente. De fato, aos seus ataques à filosofia parece se contrapor os textos *Vida de Demônax* e *Nigrino*, de modo que alguns levantaram a hipótese de que Luciano se converteu à filosofia em algum momento de sua vida, o que não parece ser muito provável²⁹². Deve-se lembrar que Luciano não é filósofo e que sua representação dos filósofos serve muitas vezes aos propósitos cômicos de seu texto: assim, se Pitágoras é ridicularizado em *O Galo* ou

²⁹¹ Cf. Brown. "The Hyperboreans and Nemesis in Pindar's 'Tenth Pythian'". Phoenix, vol.46, n.2, 1992, p.95-107. ²⁹² Para um apanhado geral da história da crítica luciânica, cf. J. Brandão. *A Poética do Hipocentauro*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p.11-31 e M. Macleod. "Lucianic Studies since 1930 with a chapter on Byzantine imitations of Lucian by B. Baldwin". ANRW II. 34.2. 1994. p. 1362-1421.

chamado de charlatão em *Leilão de Filósofos*, ainda assim ele é aceito na Ilha dos Bem-Aventurados.

Para Hall, a unica visão consistente de Luciano sobre a filosofia é a de que ela só é útil quando contribui em alguma coisa com relação à boa conduta da vida e que, de outra forma, ela de nada serve²⁹³. É por isso que o ponto central dos ataques de Luciano aos filósofos é o contraste entre doutrina e prática e seu alvo favorito são os estóicos, cuja almejada retidão moral é, para Luciano, quase sempre uma mentira. Assim, a *Vida de Demônax* relataria a vida de um filósofo ideal de Luciano, que seria coerente com sua doutrina - ou alguém "cuja doutrina vem a ser uma prática de vida"²⁹⁴.

Quanto aos filósofos aceitos na Ilha, são eles: Sócrates, Pitágoras, Diógenes, Aristipo e Epicuro. Não por acaso, Demônax, o filósofo ideal de Luciano, afirma "Sócrates eu reverencio, Diógenes eu admiro, Aristipo eu amo"²⁹⁵. Em Dupla Acusação, Zeus afirma que os filósofos, sobretudo o filho de Sofronisco, haviam demonstrado que a justiça é o maior bem (5). Já o cínico Diógenes, presente em outras obras de Luciano, na ilha evidencia o favor que a escola tinha junto ao autor; é a sua peculiar função de denúncia que atrai Luciano, como bem demonstrado por Brandão²⁹⁶.

Aristipo e Epicuro, por sua vez, são descritos como "agradáveis, corteses e os melhores convivas" (II.18). Tal descrição casa-se bem com outras passagens da obra de Luciano em que o autor menciona os dois filósofos: em *Leilão de Filósofos* (12), Hermes descreve Aristipo como "σοφιστὴς ἡδυπαθείας", um professor da boa-vida, alguém de convivência agradável, bom para acompanhar seu senhor quando ele se diverte com uma flautista²⁹⁷. O epicurismo é, aparentemente, a escola filosófica que mais recebe a simpatia de Luciano. Em *Alexandre*, o *Falso Profeta*, ele descreve Epicuro como um "homem que observa a natureza das coisas e único que conhece sua verdade"²⁹⁸. Com esse "mestre da incredulidade", como o chama Caster, Luciano

²⁹³ J. Hall apud A. Alexiou. *Philosophers in Lucian*. Tese apresentada para obtenção do título *de Doctor of Philosophy*. New York: Fordham University, 1990.

²⁹⁴ Brandão, *A Poética do Hipocentauro*, Belo Horizonte: UFMG, 2001, p.59.

²⁹⁵ Vida de Demônax, 62: ἐγὼ δ Σωκράτη μ ν σέβω, θαυμάζω δ Διογένη καὶ φιλῶ ᾿Αρίστιππον.

²⁹⁶ Brandão, *A Poética do Hipocentauro*, Belo Horizonte: UFMG, 2001, p.51-64.

²⁹⁷ Leilão de Filósofos, 12: Τὸ μ ν ὅλον, συμβιῶναι δεξιὸς καὶ συμπιεῖν ἱκανὸς καὶ κωμάσαι μετὰ αὐλητρίδος ἐπιτήδειος ἐρῶντι καὶ ἀσώτῳ δεσπότηἑ τὰ ἄλλα δ πεμμάτων ἐπιστήμων καὶ ὀψοποιὸς ἐμπειρότατος, καὶ ὅλως σοφιστὴς ἡδυπαθείας. Επ Α Dupla Acusação, Aristipo é disputado pela Virtude '(Αρετή) e pela Boa-Vida (Τρυφή).

 $^{^{298}}$ Alexandre, 25: Ἐπικούρῷ ἀνδρὶ τὴν φύσιν τῶν πραγμάτων καθεωρακότι καὶ μόνῷ τὴν ἐν αὐτοῖς ἀλήθειαν εἰδότι. O louvor fica ainda mais forte no fim do texto (61): ἀνδρὶ ὡς ἀληθῶς ἱερῷ καὶ θεσπεσίῷ

parece se associar contra a Providência estóica, contra o misticismo e a favor de uma filosofia de ordem prática: "para assegurar que a filosofia seja uma arte do viver, Epicuro voluntariamente limitou a atividade do espírito e recusou a virtuosidade lógica, assim como as solicitações da imaginação metafísica"²⁹⁹.

Luciano também chama atenção para algumas ausências na Ilha, como para declarar algumas escolas filosóficas não dignas da Bem-Aventurança eterna. Assim, pode-se considerar ausentes na ilha por motivo de não-merecimento: os estóicos, os acadêmicos, Crisipo, Empédocles e Periandro.

Em seu estudo sobre Luciano e o pensamento religioso de seu tempo, Caster afirma que o estoicismo é a escola filosófica mais hostilizada pelo autor³⁰⁰. Zomba-se, em sua obra, de diversos aspectos da escola: certamente, dos silogismos³⁰¹, da Providência³⁰², da fantasia³⁰³, mas é sobretudo sua declarada busca da virtude que é ridicularizada por Luciano³⁰⁴. É muitas vezes um filósofo estóico barbudo, careca e charlatão que prega uma coisa e faz outra na prática que Luciano desmascara em seus textos³⁰⁵. Por isso, em *Das Narrativas Verdadeiras*, se diz que eles "ainda subiam o íngreme cume da virtude" e não haviam conseguido chegar à Ilha dos Bem-Aventurados. Nem sequer Crisipo é aceito na ilha antes de tomar quatro vezes o heléboro, aparentemente uma alusão ao fato de que Crisipo teria tomado o heléboro, usado no tratamento contra loucura, três vezes quando vivo – e aí Luciano insinua que de nada isso havia adiantado³⁰⁶.

Com relação aos filósofos da Academia, Luciano diz que (II.18)

τὴν φύσιν καὶ μόνῳ μετ' ἀληθείας τὰ καλὰ ἐγνωκότι καὶ παραδεδωκότι καὶ ἐλευθερωτῆ τῶν ὁμιλησάντων αὐτῷ γενομένῳ.

²⁹⁹ M. Caster. *Lucien et la pensée religieuse de son temps*. Paris: Les Belles Lettres, 1937, p.98-9.

³⁰⁰ Idem

³⁰¹ Cf. O Pescador, 41; Leilão de Filósofos, 22; Diálogo dos Mortos, 1.

³⁰² Principalmente em Zeus Confundido.

³⁰³ Sobretudo em Hermótimo. Cf. Leilão de Vidas, 21.

³⁰⁴ "In spite of their pretensions of tranquility and superiority to passion, they are quarrelsome and sordid. They proclaim the vanity of wealth, but immediately come begging, and grow abusive when they meet with a refusal. They talk of community of goods, but when a friend needs help, their philosophy has flown. (...) Professing to eschew pleasure, they secretly follow it (...) They assert that bodily affections are a matter of indifference; yet they themselves cannot endure pain. (...) They practised fetishism, and believed in ghosts, and in the power of spells and charms". O resumo de Tackaberry da representação dos estóicos na obra de Luciano é precisa. *Lucian's Relation to Plato and the Post-Aristotelian Philosophers*. Toronto: The University of Toronto Press, 1930, p.21.

³⁰⁵ Timon; Diálogos dos Mortos, XX; Pescador; Hermótimo; Simpósio; Leilão de Filósofos, etc.

³⁰⁶ Em *Leilão de Filósofos* (23), um estóico diz que um homem não pode se tornar um sábio sem ter bebido heléboro três vezes.

desejavam ir para lá, mas ainda detinham-se e examinavam a questão, pois dizia-se que nem ainda isto tinham concluído: se alguma ilha tal existe. Por outro lado, creio, temiam o julgamento de Radamanto, já que eles haviam abolido os critérios de julgamento. Disseram que muitos, tendo se posto em movimento, seguindo os que lá chegavam, por causa de sua morosidade eram deixados para trás, sem nada entender, e voltavam no meio do caminho³⁰⁷.

"Acadêmicos" nessa passagem parece referir aos céticos. Tackaberry demonstra como Luciano usa os argumentos dos céticos para desmerecer as escolas filosóficas, defendendo uma suspensão do juízo com relação ao conhecimento (como em *Hermótimo*, o que leva Licino/Luciano a aconselhar uma vida comum'). Contudo, diz Tackaberry que "enquanto Pirro levava sua indecisão e apatia para a vida prática, Luciano pregava a atividade enérgica na sociedade" por isso que, apesar de Luciano compartilhar alguns preceitos céticos, ele não permite que os filósofos da escola vivam na Ilha dos Bem-Aventurados: são apáticos demais para merecê-lo.

Periandro, um dos sete sábios, é provavelmente excluído da ilha dos Bem-Aventurados por ter sido tirano em Corinto. Empédocles também é retratado por Luciano como um charlatão e, ao chegar com o corpo todo queimado na ilha, é rejeitado, embora muito suplicasse por sua aceitação (II.21). Seu suicídio no Monte Etna é descrito nos *Diálogos dos Mortos* (por Menipo, Dial.Mort.VI) como um ato de "vanglória, vaidade e enorme tolice" (κενοδοξία καὶ τῦφον καὶ πολλὴ κόρυζα).

A presença ou ausência de filósofos no catálogo dos habitantes notáveis da ilha pode dar alguma indicação da avaliação que Luciano fazia das escolas mas, no geral, pode-se concluir que a filosofia não tem lugar na Ilha dos Bem-Aventurados. Nela, Luciano concretiza o ideal da "vida comum", que não é guiada por preceitos filosóficos, que ele proclama em *Hermótimo* e *Menipo*³⁰⁹. Com efeito, Sócrates é constantemente ameaçado de expulsão por Radamanto, por

³⁰⁷ ΙΙ.18: τοὺς δ ᾿ΑκαδημαΖ΄ κοὺς ἔλεγον ἐθέλειν μ ν ἐλθεῖν, ἐπέχειν δ ἔτι καὶ διασκέπτεσθαι· μηδ γὰρ αὐτὸ τοῦτό πω καταλαμβάνειν, εἰ καὶ νῆσός τις τοιαύτη ἐστίν. ἄλλως τε τὴν ἐπὶ τοῦ Ῥαδαμάνθυος, ο μαι, κρίσιν ἐδεδοίκεσαν, ἄτε καὶ τὸ κριτήριον αὐτοὶ ἀνηρηκότες. πολλοὺς δ αὐτῶν ἔφασκον ὁρμηθέντας ἀκολουθεῖν τοῖς ἀφικνουμένοις ὑπὸ νωθείας ἀπολείπεσθαι μὴ καταλαμβάνοντας καὶ ἀναστρέφειν ἐκ μέσης τῆς ὁδοῦ.

³⁰⁸ W. Tackabery, *Lucian's Relation to Plato and the Post-Aristotelian Philosophers*. Toronto: The University of Toronto Press, p.54.

³⁰⁹ Menipo, 21: ὁ τῶν Ἰδιωτῶν ἄριστος βίος.

causa de sua tagarelice e por não querer deixar a ironia, em vez de desfrutar da ilha (II.17). Quando Pitágoras chega até lá, fica-se em dúvida a respeito de como nomeá-lo, por ter ele tido, de acordo com suas próprias teorias, sete vidas. Além disso, por seguir o preceito de não se alimentar de favas, Pitágoras não pode participar da grande festa que os Bem-Aventurados realizam após derrotar os Ímpios em combate (II.24)³¹⁰. Diógenes de Sinope, o cínico, outrora um inimigo proclamado dos casamentos, torna-se tão diferente na ilha a ponto de casar-se com a cortesã Laís - ainda que haja na ilha comunhão de mulheres³¹¹. Como se pode observar, caso queiram aproveitar por completo sua estada na Ilha dos Bem-Aventurados, os filósofos ou deixam ou são pressionados a deixar de lado sua filosofia, qualquer que ela tenha sido.

Com relação aos heróis, Luciano afirma que todos estão lá, com exceção de Ájax Lócrio, castigado na Ilha dos Ímpios. Até mesmo Tersistes está na ilha e move um processo contra Homero por tê-lo ridicularizado no poema (II.20). Embora a tradição posterior pareça ter entendido a Ilha dos Bem-Aventurados como morada de todos os heróis, a questão não é muito bem resolvida na épica. Em Homero, menciona-se o Campo Elísio apenas como destino de Menelau³¹². Por sua vez, a autenticidade do verso 166 de *Os Trabalhos e os Dias* é controversa e West acredita que Hesíodo não afirmaria que *toda* a raça dos heróis foi transportada para a Ilha, pois "a épica está constantemente nos dizendo que eles foram para o Hades; o Elísio é apenas para aqueles especialmente favorecidos, como Radamanto e Menelau"³¹³. De fato, na *Odisséia*, não são todos os heróis que estão na Ilha dos Bem-Aventurados, como se sabe pelo episódio da catábase de Odisseu. Nagy, contudo, argumenta contra West, em favor da idéia de que todos os heróis poderiam habitar a Ilha³¹⁴. O autor demonstra que a épica lida com dois conceitos de imortalização dos heróis que não estão em oposição. Aquele da *Ilíada*, em que Aquiles perece, mas possui sobrevida eterna na "épica que o glorifica" e aquele presente n'Os Trabalhos e os

_

³¹⁰ Tanto a transmigração quanto o fato dos pitagóricos não ingerirem favas são dois dos temas favoritos de Luciano, explorados especialmente em *O Galo*.

Diógenes Laércio, 6.54: ἐρωτηθεὶς ποίφ καιρῷ δεῖ γαμεῖν, ἔφη, "τοὺς μ ν νέους μηδέπω, τοὺς δ πρεσβυτέρους μηδεπώποτε."

³¹² Luciano parece entender a Ilha dos Bem-Aventurados como destino dos heróis em *Zeus Confundido*, 17.

³¹³ Hesiod: Works and Days. Oxford: Clarendon Press, 1978, p.192.

³¹⁴ *The Best of Achaeans*. Baltimore/London: The John Hopkins University Press, 1979, p.164ss. Cf. F. Solmsen, "Achilles on the Islands of the Blessed: Pindar vs. Homer and Hesiod". The American Journal of Philology, vol.103, n.1, 1982, p. 19-24.

Dias, no qual o herói também perece, mas posteriormente é imortalizado na Ilha dos Bem-Aventurados³¹⁵.

Ao analisar aspectos do culto desses heróis, o autor chega à conclusão de que os dois conceitos não são contraditórios - o próprio nome Μακάρων Νήσοι, Ilhas dos Bem-Aventurados, seria apropriado para um local de culto³¹⁶. Nada impediria que um herói imortalizado fosse cultuado ou mesmo tivesse uma sepultura³¹⁷. A presença de Aquiles e outros heróis no Hades, por sua vez, poderia ser entendida como um estado transitório entre a vida e a posterior imortalização. No Hades, corpo e psykhé estariam separados e, no Elísio ou na Ilha dos Bem-Aventurados, eles se reintegrariam quando Zéfiro soprasse a partir do Oceano, pois Homero afirma que o Zéfiro "reanima os homens" (ἀναψύχειν ἀνθρώπους, iv.568).

Com efeito, no escólio 894P citado abaixo, o uso do aspecto perfeito em "ου τέθνηκας" indicaria que o estado presente de Harmódio não é a morte, mas que isso não significa que o herói não tenha morrido:

> φίλταθ' Αρμόδι', οὔ τί που τέθνηκας, νήσοις δ' ἐν μακάρων σέ φασιν είναι, ίνα περ ποδώκης ' Αχιλεύς Τυδείδην τέ φασι τὸν ἐσθλὸν Διομήδεα

Caríssimo Harmódio! De modo algum estás morto, mas dizem que estás nas Ilhas dos Bem-Aventurados, lá onde está Aquiles de pés velozes e dizem que também o valoroso Diomedes, filho de Tideu.

Se a morte, a passagem pelo Hades e a posterior imortalização na Ilha dos Vem-Aventurados não são conceitos contraditórios, por outro lado, Nagy afirma que "obviamente, mitos sobre a imortalização de um herói implicam a regeneração de seu corpo, como se pode observar na aplicação da palavra autós, 'ele próprio', ao Héracles imortalizado que vive no Olimpo (Odisséia.xi.602)".

³¹⁵ Em *Aithiopis*, Aquiles também é imortalizado, transportado para ilha Leuké após sua morte por Tétis (Proclo,

³¹⁶ Nagy, *The Best of Achaeans*. Baltimore/London: The John Hopkins University Press, 1979, p.189ss. idem, p.207ss.

A Ilha dos Bem-Aventurados desses poetas, portanto, difere em alguns aspectos da ilha de Luciano porque representam essencialmente o local de imortalização dos heróis, no sentido estrito da expressão: eles são "ressuscitados". Os habitantes da Ilha dos Bem-Aventurados de Luciano, por sua vez, não têm seus corpos regenerados:

αὐτοὶ δ σώματα μ ν οὐκ ἔχουσιν, ἀλλ' ἀναφεῖς καὶ ἄσαρκοί εἰσιν, μορφὴν δ καὶ αίνουσιν, καὶ ἀσώματοι ὄντες ὅμως συνεστᾶσιν καὶ κινοῦνται καὶ φρονοῦσι καὶ φωνὴν ἀφιᾶσιν, καὶ ὅλως ἔοικε γυμνή τις ἡ ψυχὴ αὐτῶν περιπολεῖν τὴν τοῦ σώματος ὁμοιότητα περικειμένη· εἰ γοῦν μὴ ἄψαιτό τις, οὐκ ἄν ἐξελέγξειε μὴ ε ναι σῶμα τὸ ὁρώμενον· εἰσὶ γὰρ ὥσπερ σκιαὶ ὀρθαί, οὐ μέλαιναι.

Eles não têm corpos, e são impalpáveis e descarnados; mostram apenas sua forma e aparência e, embora sejam incorpóreos, são bem constituídos, movem-se, pensam, falam e de todo a alma nua parece revolver-se envolvida pela semelhança do corpo. De fato, se ninguém os tocasse, não se poderia provar que não tinham corpo visível. Pois são como sombras eretas, não negras.

Fica claro, pela descrição acima citada, que Luciano, compondo seu mosaico paródico, descreve a constituição física daqueles que estão na Ilha de acordo com a descrição que se faz das almas no Hades, onde Odisseu tenta abraçar sua mãe, mas não consegue por seu estado ser ali incorpóreo (*Odisséia*, xi.204-8), pois lá os mortos são todos "sombras" (x.495), como "as sombras eretas, não negras" de Luciano.

Essa questão, no entanto, pouco importa e serve apenas aos propósitos paródicos de Luciano, que talvez esteja no trecho aludindo não apenas ao Hades homérico, mas também a Platão³¹⁸. Com efeito, os heróis de Luciano *só* se encontram na Ilha dos Bem-Aventurados porque imortalizados pela tradição, pois é ela que verdadeiramente define quem se encontra nas duas ilhas que compõem o mundo dos mortos de *Das Narrativas Verdadeiras*, ainda que alguns tornem-se imortais apenas para sofrer castigos eternos na Ilha dos Ímpios. Até mesmo o "simples" cidadão ateniense Telo está entre os Bem-Aventurados, aquele ateniense que Sólon menciona a Creso como o homem mais feliz que conheceu, em uma das passagens mais célebres da obra de Heródoto (I.30-2).

_

 $^{^{318}}$ Crátilo, 403B: ἡ ψυχὴ γυμνὴ τοῦ σώματος παρ' ἐκεῖνον ἀπέρχεται.

Isso posto, há que se considerar o fato de que é na Ilha dos Bem-Aventurados e graças a Homero que Luciano-autor finalmente se revela Luciano narrador de suas próprias aventuras fantásticas (II.29):

Λουκιανὸς τάδε πάντα φίλος μακάρεσσι θεοίσιν ε δέ τε καὶ πάλιν ἦλθε φίλην ἐς πατρίδα γαῖαν.

"Luciano, querido dos deuses bem-aventurados, tudo isso viu e novamente se foi para a querida terra pátria".

O dístico, composto pelo "Homero de Luciano", marca a filiação do autor ao poeta e talvez isso explique a ausência mais notável da ilha – a de Tucídides. Ainda que Luciano "emule" o estilo de Tucídides em diversas passagens de *Das Narrativas Verdadeiras* e o louve em *Como se Deve Escrever a História*, deslocá-lo para a Ilha dos Bem-Aventurados implicaria inseri-lo em um mundo fictício, de completa liberdade poética, que Luciano associa a Homero, filiando-se a ele³¹⁹. Também não há lugar para Tucídides na Ilha dos Ímpios, onde Luciano coloca Ctésias e Heródoto sob acusação de mentir, não sem afirmar que se sentia tranquilo com relação ao porvir pois "tinha consciência de que nenhuma mentira havia contado" (I.31), salvo que está pela declaração feita no proêmio do texto de que contará somente mentiras e de que os leitores não devem acreditar nelas.

A assinatura de Luciano em um texto é algo raro; seu nome encontra-se, de fato, em apenas cinco textos dos mais de oitenta atribuídos a ele³²⁰. Com efeito, o fato de Luciano se identificar, no texto, não apenas como seu autor mas também como herói e narrador de suas aventuras, está relacionado à paródia do discurso odisséico, bem como do discurso historiográfico, mas ao assinar *Das Narrativas Verdadeiras*, Luciano parece também querer indicar a importância capital desse texto em sua obra. Com a revelação de que Luciano-autor é também o narrador-personagem que vive todas as aventuras do texto, a viagem literária empreendida por ele, em que cada uma das coisas - não narradas, mas antes vistas e sofridas - é

٠.

³¹⁹ Na obra de Luciano, Homero representa mais de 40% das alusões, citações e reminiscências a outros autores. Cf. F.Householder. *Literary quotation and allusion in Lucian*. New York: King's Crown, 1941.

³²⁰ Carta a Nigrino; Peregrino; Alexandre ou o Falso Profeta; Das Narrativas Verdadeiras, Epigrama 1. Cf. Brandão. A Poética do Hipocentauro, Belo Horizonte, UFMG, 2001, p.249ss. S. Goldhill também discute esse fato. "Becoming Greek, with Lucian". In: Who Needs Greek? Cambridge University Press, 2002, p.60-107.

uma alusão a antigos poetas, historiadores e filósofos, atinge seu ponto mais alto, eternizada que passa a ficar em versos homéricos.

CONCLUSÃO

Difícil tarefa a de discutir com seriedade um texto tão divertido como *Das Narrativas Verdadeiras*; há sempre o receio, por um lado, de ignorar seu humor e de se perder em discussões que não levam em consideração a proposta principal de Luciano: oferecer um momento de prazer ao seu leitor. Há, além disso, também o receio de, admitindo o humor do texto, apenas explicar suas piadas, fazendo-o assim perder a graça. Ao embarcar nessa complicada tarefa e ao tentar desvendar os locais visitados pela nau luciânica, que singra pela tradição literária grega ao longo de todo o texto de *Das Narrativas Verdadeiras*, tentou-se encontrar um meio caminho.

Primeiramente, buscou-se demonstrar, pela análise do proêmio, que a proposta do texto, para além da comicidade, encerrava um debate crítico acerca de técnicas literárias empregadas por autores que, na visão de Luciano, fizeram mau uso da ficção. Também se discutiu como são expostas, no início de *Das Narrativas Verdadeiras*, os expedientes utilizados na composição do texto, cuja sofisticação faz dele uma leitura apropriada para o leitor educado.

Sendo a alusão a "antigos poetas, historiadores e filósofos" o expediente literário principal empregado por Luciano, passou-se à segunda parte do estudo, na qual se tentou identificar de que forma essa alusão é feita. De modo algum se tentou dar conta de todas as alusões e reminiscências presentes no texto, o que seria tarefa impossível, mas se buscou avaliar de que modo o autor empresta temas e técnicas de outros gêneros na estruturação de sua narrativa de viagem fictícia. As alusões presentes no texto podem ser sentidas e reconhecidas pelos leitores, que com elas se deleitam, mas ao estudioso cabe, além disso, analisá-las, esperando, com essa tentativa, acrescentar algo à leitura do texto.

Assim, tentou-se demonstrar que Luciano não empreende uma imitação simples desses temas e técnicas, mas antes realiza uma paródia, subvertendo-os de alguma forma. Tome-se como exemplo o tema Ilha dos Bem-Aventurados. Trata-se de uma Ilha descrita por Homero e Hesíodo, morada de alguns heróis privilegiados, de natureza propícia, localizada nos confins da Terra e delimitada pelo Oceano. Essas características encontram-se presentes também no texto de Luciano, mas as benesses da natureza ganham traços hiperbólicos, os seus habitantes são muitos outros além dos heróis e a Ilha ganha um oposto, que a complementa — a Ilha dos Ímpios -, onde, por sua vez, se pode passar a eternidade sofrendo castigos terríveis e onde Luciano observa

Heródoto ser punido por suas mentiras. Tal dicotomia permite ao autor eleger, na tradição, aqueles que merecem a bem-aventurança eterna.

Outro exemplo da técnica narrativa de Luciano é o fato de que ele empresta da historiografia estratégias discursivas que visam persuadir o leitor da veracidade da narrativa, narrando, porém, os fatos mais absurdos, por ele declarados falsos mesmo antes do início de seu relato; assim, é possível ao leitor observá-lo fazendo as vezes de historiador irrepreensível na narração da batalha travada entre os fantásticos habitantes da Lua e do Sol e perceber o tom irônico e os elementos satíricos do episódio.

A identificação de Luciano-personagem-narrador com o "Odisseu de Homero", por sua vez, sobretudo no que se refere às aventuras narradas pelo herói aos feácios, realiza-se pela errância cheia de perigos e pelo sofrimento que Luciano e seus companheiros têm de enfrentar antes de chegar aonde querem — o outro lado do Oceano -, e daí retornar para sua pátria. A estruturação do texto ganha, com essa identificação e seleção de temas, contornos essencialmente épicos, ainda que no relato da viagem se entrelacem técnicas e motivos de gêneros diversos, nos quais a fantasia se insere, segundo Luciano, de modo legítimo — no caso da poesia — ou ilegitimo — no caso do discurso historiográfico e filosófico.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Edições/Traduções de Luciano:

ALARCÓN, A.E. *Obras*. Traducción y notas. Madrid: Editorial Gredos, 1981 (v.I), 1988 (v.II). BOMPAIRE, J. *Oeuvres*. Texte établi et traduit. Paris: Les Belles-Lettres, t. I (1993), t.II (2003), t. III (2003).

HARMON, A. M. *Lucian with an english translation*. (v.I-V); KILBURN, K. (v.VI); MACLEOD, M. (v.VII-VIII). London/Cambridge: W.Heinemann/Harvard University Press, 1927-1967, 8 vol (Loeb Classical Library).

MACLEOD, M. *Opera*. Recognovit brevique anotattione critica instruxit. Oxford: Oxford University Press, 1972 (t.1), 1974 (t.2), 1980 (t.3), 1987 (t.4).

MAGUEIJO, C. *Uma História Verídica*. Prefácio, tradução e notas. Lisboa: Editorial Inquérito, s/d.

REARDON. *A True Story*. Translated by. In: Reardon, B.P. (ed.) *Collected Ancient Greek Novels*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1989.

VIGO, P. Come si debba scrivere la storia (con introduzione e note). Livrno: Raffaello Giusti, 1914.

Autores Antigos:

ALLEN, T. W. & MONRO, D. Homerus: *Opera*. Recognovit brevique adnotatione critica instruxerunt. Oxford: Clarendon Press, 1958-62, 5 vol.

BROADIE, S. & ROWE, C. Aristotle: *Nicomachean Ethics*. Translation, introduction and commentary. Oxford: Oxford University Press, 2002.

BURNET, J. *Platonis Cratilo*. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit. *Opera*, t. I. Oxford Clarendon Press, 1900 (repr.1967, TLG cd-rom).

_____. *Platonis opera*, vol. 3. Oxford: Clarendon Press, 1903 (repr. 1968, TLG cd-rom). BUETTNER-WOBST, T. (ed.). Polybius: *Historiae*. Stutgart: Teubner, 1964-1967 (t.1-5).

BYWATER, I. Aristoteles: *Ethica Nicomachea*. Recognovit brevique anotattione critica instruxit. Oxford: Oxford University Press, s/d.

CELESTINO, A. P. & SEABRA, A. Cícero: *Retórica a Herênio*. Tradução. São Paulo: Hedra, 2005.

CHANTRAINE, P. Arrien: L'Inde. Texte établi et traduit. Paris: Les-Belles Lettres, 1952.

CHERNISS, H. & HEMBOLD, W. Plutarch: *Moralia*. Edited with an English Translation. Cambridge/London: Harvard University Press, vol. XII, 1957.

CHIAPPETA, A. Cícero: Dos Deveres. Tradução. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

FISCHER, C.T. (ed.) Diodorus Siculus: Bibliotheca Historica (t.4-5). Stutgart: Teubner, 1964.

HENRY, R. Photius: *Bibliothèque*. Texte établi et traduit. Paris : Société d'édition les Belles lettres, tome I, II, III, IV, 1965; tome V, 1967; tome VI, 1971; tome VII, 1974; tome VIII, 1977.

HERCHER, R. Claudii Aeliani de natura animalium libri xvii, varia historia, epistolae, fragmenta, vol. 2. Leipzig: Teubner, 1866 (repr. 1971, TLG cd-rom).

HIRATA, F. Longino: *Do Sublime*. Tradução. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JONES, H. L. Strabo: *The Geography*. Edited with an English translation. Cambridge: Harvard University Press, 1954 (vol. 3-5), 1959 (vol.8), 1960 (vol.1-2), 1961 (vol.7).

LAFER, M. Hesíodo: Os Trabalhos e os Dias. Tradução e notas. São Paulo: Iluminuras, 1996.

LEGRAND, P.E. Herodote: *Histoires*. Texte établi et traduit. 11 vol. Paris: Les Belles-Lettres, 1932-1954.

LOUIS, P. Aristote: *Histoire des Animaux*. Texte établi et traduit. Paris: Les Belles-Lettres, 1964 (t.1), 1968, (t.II), 1969 (t.III).

LUCAS, D.W. Aristotle: *Poetics*. Introduction, commentary and appendixes. Oxford: Claredon Press, 1972.

LUKINOVICH, A. & MORAND, A. Aelian: *Histoire Variée*. Traduit et commentée. Paris: Les Belles-Lettres, 1991.

NUNES, C. A. Homero: *Odisséia*. Tradução. ão Paulo: Edição Melhoramentos, s/d.

PATILLON, M. Aelius Théon: *Progymnasmata*. Texte établi et traduit. Paris: Les Belles-Lettres, 1997.

PATON, W. R. Polybius: *The Histories*. Edited with an English translation. Cambridge: Harvard University Press,

PERRIN, B. Plutarch: *Lives*. Edited with an English Translation. Cambridge/London: Harvard University Press, 1954-62.

POSSEBON, Homero: Batracomiomaquia. Tradução. Homero. São Paulo: Humanitas, 2003.

PRADO, A. L. de A. Tucídides: *História da Guerra do Peloponeso*: Livro I. Tradução. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

PUECH, A. Pindare: Olympiques. Texte établi et traduit. Paris: Les Belles-Lettres, 1951.

. Pindare: *Pythiques*. Texte établi et traduit. Paris: Les Belles-Lettres, 1951.

RABE, H. (ed.) Hermogenes: *Progymnasmat*a. Leipzig: Teubner. 1913 (reproduzido por *Thesaurus Linguae Graecae*).

RACKHAM, H. Pliny: *Natural History*. vol.1. Edited with an English translation. Cambridge: Harvard University Press, 1958.

ROSS, W. D. Aristoteles: *Ars Rhetorica*. Recognovit brevique anotattione critica instruxit. Oxford: Oxford University Press, 1982.

SANDY, G. N. Photius: *Bibliotheca cod.166*. Translated. In: Reardon, B.P. (ed.) *Collected Ancient Greek Novels*, Berkeley, 1989.

SLINGS, S. R.. *Platonis Rempublicam*. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit. Oxford: Oxford University Press, 2003.

USHER, S. ISOCRATES. *Isocrates' Panegyricus and To Nicocles*. Edited with a translation. Aris & Phillips: Warminster, 1990.

VOGEL, F. (ed.) Diodorus Siculus: Bibliotheca Historica. (t.1-3). Stutgart: Teubner, 1964.

WEST, M. L. Hesiod: *Works and Days*. Edited with prolegomena and commentary. Oxford: Clarendon Press, 1978.

WINTERBOTTOM. M. Quintilianus: *Institutio Oratoria*. Recognovit brevique anotattione critica instruxit. Oxford: Oxford University Press, 1989 (t.1), 1990 (t.2).

Outros Autores:

ALEXIOU, A. *Philosophers in Lucian*. Tese apresentada para obtenção do título *de Doctor of Philosophy*. New York: Fordham University, 1990.

ANDERSON, G. Lucian: Theme and Variation in the Second Sophistic. Mnemosyne Supp.41. Leiden: Brill, 1976.

	. Studies in Lucian's Comic Fiction. Mnemosyne Suppl.43. Leiden: Brill, 1976.
	. "The pepaideumenos in action: sophists and their outlook in the Early Roman
Empire". ANRW	33.I, 1989, p.79-208.
	. The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the roman empire. London:
Routledge, 1993.	
	. "Lucian's Verae Historiae". In: G. Schmeling (ed.). The Novel in the Ancient
World. Leiden, B	rill, 2003.
BALDWIN, B. S	tudies in Lucian. Toronto: Edgar Kent Publisher, 1973.
BARTLEY, "The	e implications of the reception of Thucydides within Lucian's 'Vera Historia'".
Mnemosyne, no.1	31, 2003, p. 222-234.
BOMPAIRE, J. I	ucien Écrivain. Paris: Boccard, 1958.
·	"Comment lire les Histoires Vraies de Lucien?" In: D. Porte & J-P. Néraudau.
Hommages à Her	nri Le Bonniec. Latomus, vol.201, 1988, p.31-9.
BRANDÃO, J. I	L. "A Narrativa do Romance Grego", In: Kopschitz, M. & Guerra, B. (org.)
Traditio/Reconstr	rução. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1997, p.33-56.
	A Poética do Hipocentauro. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
	A Invenção do Romance. Brasília: UNB, 2005.
BRANHAM, R.	Unruly Eloquence: Lucian and the comedy of traditions. Cambridge/London:
Harvard, 1989.	

BROWN, A.S. "From the Golden Age to the Isles of the Blest". Mnemosyne, vol.51, n.4, 1998. p.385-410.

BROWN, T.S. "The Realibity of Megasthenes". The American Journal of Philology, vol. 76, no.1, 1955, p.18-33.

BUFFIÈRE, F. Les mythes d'Homere et la pensée grècque. Paris, Les Belles-Lettres, 1973.

CABRERO, M. La ficcionalidad fantástica de las Narrativas Verdaderas de Luciano de Samósata, Baía Blanca, Universidad del Sur, tese de doutoramento, 2004.

CAMEROTTO, A. *Le Metamorfosi della Parola*. Pisa/Roma: Instituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 1998.

CASSIN, B. O Efeito Sofístico. São Paulo: Editora 34, 2005.

CASTER. M. Lucien et la pensée religieuse de son temps. Paris: Les Belles Lettres, 1937.

CIZEK, A. "From the historical truth to the literary convention: The life of Cyrus the Great viewed by Herodotus, Ctesias and Xenophon". L'Antiquité Classique 44, 1975, p.531-52.

CHANTRAINE, P. Dictionnaire Etymologique de la Langue Grècque. Paris: Klincsieck, 1968.

COULTER, C. "The 'Great Fish' in Ancient and Medieval Story". Transactions of the American Philological Association, vol.57, 1956, p.32-50.

DAWSON, D. Cities of the Gods: Communist Utopias in Greek Thought. New York: Oxford University Press, 1992.

DOUGHERTY, C. The Raft of Odysseus: the ethnographic imagination of Homer's Odyssey. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DUCREY, P. "Aspects juridiques de la victoire et du traitement des vaincus". In: Vernant, J.P. (ed.). *Problèmes de la guerre en Grèce ancienne*. Paris: École des hautes étudies en sciences sociales. Paris: 1999, p. 303-20.

EDWARDS, A. "Homer's ethical geography: coutry and city in the Odyssey". Transactions of the American Philological Association, vol.123, 1993, p.27-78.

FERGUSON, J. Utopias of the Classical World. Ithaca: Cornell University Press, 1975.

FINKELBERG, M.. *The birth of literary fiction in Ancient Greece*. Oxford: Clarendon Press, 1998. p.122-30.

FREDERICKS, S.C. "Lucian's True History as Science Fiction". Science Fiction Studies, n.8, vol.3, 1976.

FRIEDMAN, R. "Location and Dislocation". In: Dewald, C. & Marincola, J. *The Cambridge Companion to Herodotus*. Cambridge, 2006.

FUSILLO, M. "The Mirror of the Moon: Lucian's *A True Story* – From Satire to Utopia". In: Swain, S. (ed). *Oxford Readings in Greek Novel*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p.351-81.

GABBA, E.. "True History and False History in Classical Antiquity". The Journal of Roman Studies, vol. 71, 1981.

GEORGIADOU, A. & LARMOUR, D. "Lucian and Historiography: 'De Historia Conscribenda' and 'Verae Historiae'". ANRW 2.34.2, 1994, p.1448-1509.

_____. Lucian's Science Fiction Novel Verae Historiae.

Leiden: Brill, 1998.

GOLDHILL, S. Who needs greek? Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

GRANT, M. Ancient Rhetorical Theories of the Laughable. Madison: University of Wiscosin Studies, 1924.

GRIFFIN, J. Homer on life and death. Oxford: Oxford University Press, 1980.

GRIFFITHS, J.G. "In search of the isles of the Blest". Greece & Rome, vol.16. n.48, 1947, p.122-6.

GRONINGEN, B.A. van. "General literary tendencies in the second century a.D." Mnemosyne, vol.18, 1965, p.41-56.

HADAS, M. "Utopian Sources in Herodotus". Classical Philology, vol.30, no.2, 1935, p.113-121.

HANSEN, W. "Strategies of authentication in ancient popular literature". In: Panayotakis, S. & Zimmerman, M. & Kuelen, W. (eds.), *The Ancient Novel and Beyond*, Leiden/Boston: Brill, 2003, 301-14.

HARTOG, F. *O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a Representação do Outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

. A História de Homero a Santo Agostinho. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

HOLZBERG, N. "Ctesias". In: Schmeling, G. (ed.). *The Novel in the Ancient World*. Leiden: Brill, 2003. p.629-632.

______. "Utopias and Fantastic Travel: Euhemerus, Iambulus". In: Schmeling, G. (ed.). *The Novel in the Ancient World*. Leiden: Brill, 2003. p.621-8.

HOUSEHOLDER, F. Literary quotation and allusion in Lucian. New York: King's Crown, 1941.

HUNTER, R. "Homer and Greek Literature". In: Fowler, R. (ed.), *The Cambridge Companion to Homer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 235-253.

JONGE, C. de. "Demosthenes: asteios or agroikos? Ancient rhetoricians and literary critics on Demosthenes' (lack of) 'urbanity'". Artigo inédito.

JONES, C.P. Culture and Society in Lucian. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

LAIRD, A. "Ringing the changes on Gyges: Philosophy and the Formation of Fiction in Plato's Republic". Journal of Hellenic Studies, vol.121, 2001, p.12-29.

______. "Fiction as a discourse of Philosophy in Lucian's Verae Historiae", In: Panayotakis, S. & Zimmerman, M. & Kuelen, W. (eds.), *The Ancient Novel and Beyond*. Leiden/Boston: Brill, 2003.

LONG, A. "Stoic Readings of Homer". In: R. Lamberton & J. Keaney. *Homer's Ancient Readers*. Princeton: Princeton University Press, 1992. p.41-66.

LURAGHI, N. "Meta-historie: Method and Genre in the Histories". In: Dewald, C. & Marincola, J. *The Cambridge Companion to Herodotus*. Cambridge, 2006, p.76-91.

MACLEOD, M.D. "Lucianic Studies since 1930 with a chapter on Byzantine imitations of Lucian by B. Baldwin". ANRW II. 34.2, 1994. p. 1362-1421.

MAL-MAEDER, D. "Les détournements homériques dans l'Histoire Vraie de Lucien: Le Repatriement d'une tradition littéraire". Études de Lettres 2, 1992, p.123-46.

MARINCOLA, J. "Odysseus and the historians". Artigo inédito.

MARSH. D. Lucian and the Latins: Humor and Humanism in Early Renaissance. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2001.

MAUERSBERGER, A. Polybios-Lexikon. Berlin: Akademie-Verlag, 1956.

MERKLE, S. "The truth and nothing but the truth: Dictys and Dares". In: Schmeling, G. (ed.). *The Novel in the Ancient World.* Leiden: Brill, 2003, p.563-80.

MOLES, J. "Truth and Untruth in Herodotus and Thucydides". In: Gill, C. & Wiseman, T.P.. *Lies and Fiction in the Ancient World*. Austin: University of Texas Press, 1993, pp.88-121.

MÖLLENDORFF, P. von. Auf der Suche nach der verlogenen Wahrheit: Lukians Wahre Geschichten. Classica Monacensia, vol. 21. Tübingen: Gunter Narr, 2000.

MONDI, R. "The Homeric Cyclopes: Folktale, Tradition and Theme". Transactions of the American Philological Association, 1983, vol.113, p.17-38.

MONTIGLIO, S. "Wandering Philosophers in Classical Greece". Journal of Hellenic Studies, vol. 120, 2000, pp.86-105.

MORGAN, J. R. "History, romance and realism in the Aithiopika of Heliodoros". Classical Antiquity 1, 1982, 221-65.

______. "Lucian's True Histories and The Wonders Beyond Thule of Antonius Diogenes". Classical Quaterly, vol.35, 1985, p.475-490.

"Make-Believe and Make Believe: the fictionality of the greek novels". In: Gill,
C. & Wiseman, T.P. Lies and Fiction in the Ancient World. Austin: University of Texas Press,
1993, p. 175-229.
"Review: Lucian's Science Fiction Novel True Histories. Interpretation and
Commentary by A. Georgiadou; D. Larmour; Lucian". Journal of Hellenic Studies, vol.121,
2001, p.190-1.
MOST, G. "The Structure and Function of Odysseus' Apologoi". Transactions of the American
Philological Association, vol.119, 1989, p.15-30.
NAGY, G. "Phaeton, Sappho's Phaon, and the White Rock of Leukas". Harvard Studies in
Classical Philology, vol. 77, 1973, p.137-77.
The Best of Achaeans. Baltimore/London: The John Hopkins University Press, 1979
PAPADOULOS, J. & RUSCILLO, D. "A ketos in early Athens: an archaeology of whales and
sea monsters in the Greek world". American Journal of Archaeology, vol.106, n.2, 2002, p.187-
227
PINTO, F. M. <i>Peregrinação</i> . Versão de M.A. Menéres. Lisboa: Edições Afrodite, 1971.
PRATT, L. L. Lying and Poetry from Homer to Pindar: falsehood and deception in archaic
greek poetics. Ann Arbor: Michigan University, 1993.
PRITCHETT, W. K. The Greek State at War, Part II. Berkeley: University of California, 1975.
The Greek State at War, Part IV. Berkeley: University of California, 1985.
RABE, H. (ed). Scholia in Lucianum. Stuttgart: Teubner, 1971.
RAMAGE, E.S. Urbanitas: Cicero and Quintilian, a contrast in attitudes. American Journal of
Philology, vol.84, n.4, 1963. p. 390-414.
REARDON, B.P. Courants Littéraires Grecs des IIe e IIIe siècles après J.C. Paris: Les Belles-
Lettres, 1971.
Collected Ancient Greek Novels. Berkeley, 1989.
REDFIELD, J. "Herodotus Tourist". Classical Philology, vol. 80, no.2,1985, p.97-118.
REGO, E.S. O Calundu e a Panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição
luciânica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

ROMILLY, J. "Guerre et paix entre cités". In: Vernant, J.P. (ed.). Problèmes de la guerre en

Grèce ancienne. Paris: École des hautes étudies en sciences sociales, 1999, p.273-90.

ROBINSON, C. *Lucian and His Influence in Europe*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1979.

ROMM, J. "Belief and Other Worlds: Ktesias and the Founding of the 'Indian Wonders'". In: Slusser, G. & Rabkin, E. (eds.). *Mindscapes: The Geographies of Imagined Worlds*. Carbondale: Southern Illinois University, 1989. p.121-135.

_____. "Herodotus and mythic geography: the case of the Hyperboreans". Transactions of the American Philological Association, 1989, p.97-113.

_____. *The Edges of the Earth in Ancient Thought: Geography, Exploration, and Fiction.*Princeton: Princeton University Press, 1994.

_____. "Novels beyond Thule: Antonius Diogenes, Rabelais, Cervantes". In: Tatum, J. (ed.). *The Search for the Ancient Novel*. Baltimore/London: The John Hopkins University Press, 1994, p.101-16.

ROOD, T. Rood. "Herodotus and Foreign Lands". In: Dewald, C. & Marincola, J. *The Cambridge Companion to Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 290-305.

RUTHERFORD, I. "Theoria and Darsan: Pilgrimage and Vision in Greece and India", Classical Quarterly, vol.50, n.1, 2000, p.133-146.

SAGE, M. Warfare in Ancient Greece. London: Routledge, 1996.

SAÏD, S. "Lucien Ethnographe". In: Billaut, A. (ed.). *Lucien de Samosate: Actes du Colloque International de Lyon*. Lyon: Diffusion de Boccard, 1994. p.149-170.

SCARCELLA, A.M. "Luciano, le 'Storie Vere' e il *furor mathematicus*". Giornale Italiano di Filologia. Vol.37, 1985. p. 249-57.

SCHENKEVELD, D.M. "Strabo on Homer". Mnemosyne, vol. 29, 1, 1976, p.52-64.

SICKING, J. & STORK, P.. "The grammar of the so-called historical present in ancient greek". In: Bakker, E. (ed.). *Grammar as Interpretation: Greek Literature in its Linguistic Contexts*. Leiden: Brill, 1997, p.131-168.

SOLMSEN, F. "Achilles on the Islands of the Blessed: Pindar vs. Homer and Hesiod". The American Journal of Philology, vol.103, n.1, 1982, p. 19-24.

SWANSON, R. "The true, the false and the truly false: Lucian's philosophical science fiction". Science Fiction Studies, n.3, vol.10, 1976.

TACKABERRY, W.H. Lucian's Relation to Plato and the Post-Aristotelian Philosophers.

Toronto: The University of Toronto Press, 1930.

THOMAS, R. "The intellectual mileu of Herodotus". In: Dewald, C. & Marincola, J. *The Cambridge Companion to Herodotus*. Cambridge University Press, 2006, p. 60-75.

VAN WEES, H. "Homeric Warfare". In: Morris.I & Powell, B. (eds.). *A New Companion to Homer*. Leiden: Brill, 1997, p. 659-80.

VERDENIUS, W. J. "AINO Σ ". Mnemosyne, IV, 15, 1962, p.389.

VERMEULE, E. *Aspects of Death in Early Greek Art and Poetry*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1984.

VEYNE, P. Acreditavam os gregos em seus mitos? São Paulo: Brasiliense, 1984.

WALSH, G. The Varities of Enchantment: Early Greek Views on the Nature and Function of Poetry. London: Chapell Hill, 1984.

WAUGH, A. "The Folklore of the Whale". Folklore, vol.72, n.2, 1961, p. 361-71.

WHITMARSH, T. "Review: Lucian". The Classical Review, vol.49, n.2, 1999, p. 372-5.

______. *Greek Literature and the Roman Empire. The Politics of Imitation.* Oxford: Oxford University Press, 2004.

ZEITLIN, F. "Visions and revisions of Homer in the Second Sophistic". In: Goldhill, S. (ed.). *Greek identity in the Second Sophistic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 195-266.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

<u>Baixar</u>	livros	de	Adm	<u>inis</u>	tra	ção

Baixar livros de Agronomia

Baixar livros de Arquitetura

Baixar livros de Artes

Baixar livros de Astronomia

Baixar livros de Biologia Geral

Baixar livros de Ciência da Computação

Baixar livros de Ciência da Informação

Baixar livros de Ciência Política

Baixar livros de Ciências da Saúde

Baixar livros de Comunicação

Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE

Baixar livros de Defesa civil

Baixar livros de Direito

Baixar livros de Direitos humanos

Baixar livros de Economia

Baixar livros de Economia Doméstica

Baixar livros de Educação

Baixar livros de Educação - Trânsito

Baixar livros de Educação Física

Baixar livros de Engenharia Aeroespacial

Baixar livros de Farmácia

Baixar livros de Filosofia

Baixar livros de Física

Baixar livros de Geociências

Baixar livros de Geografia

Baixar livros de História

Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura

Baixar livros de Literatura de Cordel

Baixar livros de Literatura Infantil

Baixar livros de Matemática

Baixar livros de Medicina

Baixar livros de Medicina Veterinária

Baixar livros de Meio Ambiente

Baixar livros de Meteorologia

Baixar Monografias e TCC

Baixar livros Multidisciplinar

Baixar livros de Música

Baixar livros de Psicologia

Baixar livros de Química

Baixar livros de Saúde Coletiva

Baixar livros de Serviço Social

Baixar livros de Sociologia

Baixar livros de Teologia

Baixar livros de Trabalho

Baixar livros de Turismo